



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Faculdade de Comunicação Social

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM

Carmelo Dutra da Silva

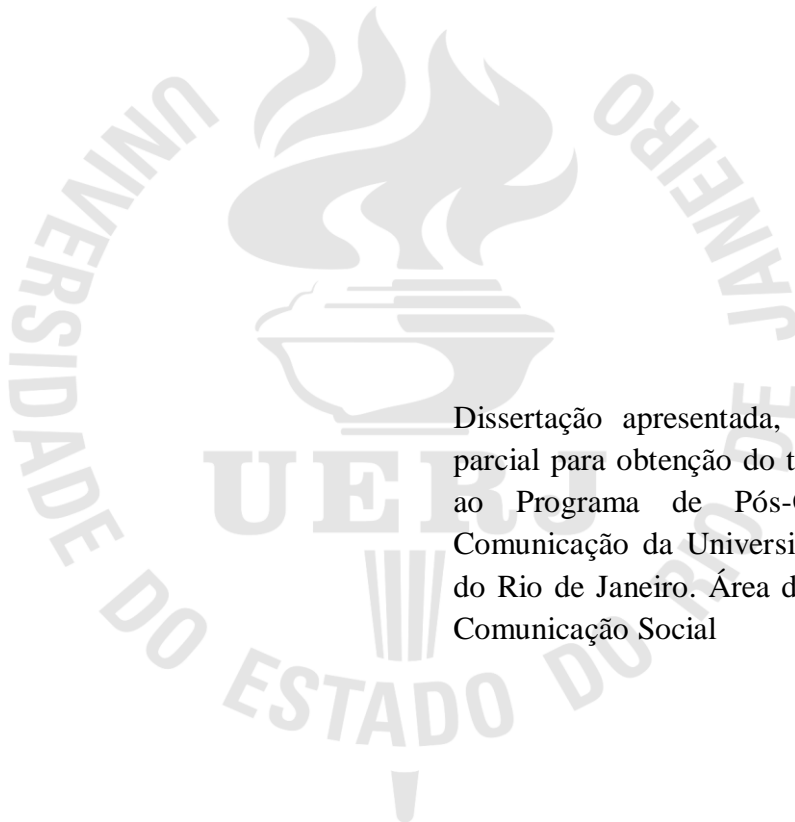
***Hell de Janeiro: a imagem da cidade construída na mídia
através dos folhetins urbanos.***

Rio de Janeiro

2010

Carmelo Dutra da Silva

***Hell* de Janeiro: A imagem da cidade construída na mídia através dos folhetins urbanos**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Comunicação Social

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo George Helal

Rio de Janeiro

2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S586 Silva, Carmelo Dutra da.
Hell de Janeiro : a imagem da cidade construída na mídia através dos folhetins urbanos / Carmelo Dutra da Silva. – 2010. 227 f.
Orientador: Ronaldo George Helal.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Comunicação Social.

1. Jornais – Aspectos sociais – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 2. Violência – Aspectos sociais – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 3. Medo – Aspectos sociais - Teses. 4. Sensacionalismo nos jornais – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. I. Helal, Ronaldo George. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. III. Título.

dc

CDU 070(815.3)

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Carmelo Dutra da Silva

***Hell* de Janeiro: A imagem da cidade construída na mídia através dos folhetins urbanos**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Comunicação Social

Aprovada em 1º de Julho de 2010.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ronaldo George Helal (Orientador)
Faculdade de Comunicação Social da UERJ

Prof. Dr. Ricardo Ferreira Freitas
Faculdade de Comunicação Social da UERJ

Prof. Dr. Paulo Roberto Vaz
Escola de Comunicação da UFRJ

Rio de Janeiro

2010

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado à saudosa memória de minha sempre querida mãe, Luiza Dutra da Silva (☆25/03/1938 - †14/10/2008), falecida no decurso de meu mestrado. A senhora, mãe, sempre demonstrou que me amava muito e que eu era a pessoa mais importante de sua vida. Enquanto forças teve, dedicou a mim e à família sua vida. Sinto que talvez toda minha dedicação, vinte e quatro horas por dia, durante toda a vida ainda não seria suficiente para retribuir o que fez por mim. Dedico à sua memória esse trabalho, com todo meu carinho e a certeza de uma saudade eterna. A senhora viverá para sempre em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus, pois sem Ele nada seria possível; À minha família, que sempre me apoiou em todos os momentos; Ao meu orientador, bem como a todo o corpo docente e discente da UERJ, pelas dicas, a colaboração inestimável e suporte em momentos críticos; Aos funcionários da Faculdade de Comunicação Social, pela prontidão e presteza que sempre me dispensaram. Aos pesquisadores que estudaram esse assunto anteriormente, pois o conhecimento é uma construção que se dá aos poucos e consecutivamente: cada ser humano que vem antes deposita um tijolo nessa grande obra. Espero estar colaborando com mais um tijolinho. Ainda que modesto, é fruto de muita dedicação, pesquisa e observação. A todos vocês que me ajudaram nessa caminhada, muito obrigado.

**Não conversamos mais – confundimos uns aos outros com fatos e teorias provenientes da
leitura superficial de jornais, revistas e artigos condensados.**

- Henry Miller, 1945 –

A vida rural, de tão baixo valor para aqueles frios e inanimados seres, embotados pelo luxo das cidades, esturricados por sua corrupção, que não conhecem da sociedade senão as dores e as minúcias [...] Aquelas exalações tenebrosas que carregam a atmosfera das grandes cidades maculam igualmente o coração dos infelizes cativos que se condenam a não deixar os seus muros.

- Donatien Alphonse François, 1800 –

RESUMO

A questão principal para essa pesquisa é a impressão de que é grande a quantidade de notícias “ruins” divulgadas sobre a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. A percepção inicial é a de que os noticiários preferiam sempre destacar as mazelas, os problemas. Assim, considerando a necessidade de uma investigação mais profunda sobre o assunto, empreende-se o presente estudo, que tem por finalidade, através da análise dos jornais impressos, verificar que tipo de representações sociais estão sendo criadas sobre a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Procura-se sobretudo, identificar, nas matérias publicadas sobre a cidade, a existência do que vários autores conceituam como “Cultura do Medo”, “Indústria do Medo” e “Discurso do Medo”. A pesquisa apóia-se em resultados empíricos previamente encontrados por outros pesquisadores bem como em estatísticas oficiais, visando principalmente à demonstração de que a cidade tem uma sobre exposição de seus problemas e conflitos, o que acaba contribuindo para uma imagem distorcida no imaginário popular.

Utilizando várias edições de quatro veículos impressos de grande circulação publicados na capital carioca, em um grande espaço de tempo (edições alternadas em 2007, 2008 e 2009), buscou-se verificar, através de análise quantitativa e qualitativa o que foi publicado sobre a cidade.

Palavras-chave: Jornais, Violência, Medo, Sensacionalismo, Rio de Janeiro.

ABSTRACT

The major question in this research is the impression that the amount of “bad” news published about the city of São Sebastião do Rio de Janeiro is significant. The first impression is that the news services would prefer to show up the blemishes, the problems. Thus, considering the need of a deeper investigation about this subject, we decided to undertake the present study, which has as goal, through the analysis of the printed newspapers, to verify what types of social representations are being created about the São Sebastião do Rio de Janeiro city. The major goal is to identify, in the news about the city, the existence of what many authors had named as “Culture of Fear”, “Industry of Fear” and “Discourse of Fear”. The research study is based on previously empirical findings by other researchers besides the official statistics, aiming principally the demonstration that the city has an overexposure of its problems and conflicts, which at the end, contribute to a distorted image in the popular imaginary.

Utilizing many editions of four printed vehicles of high circulation rates published in the “carioca” capital in a long period of time (alternated editions in 2007, 2008 and 2009), we pursued to verify, through the quantitative and qualitative analysis, what was published about the city.

Keywords: Newspapers, Violence, Fear, Sensacionalism, Rio de Janeiro.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA	TÍTULO	PÁGINA
Figura 1	Capa do jornal O Globo de 18/04/2007	21
Figura 2 a	O Voyeurismo dos populares	38
Figura 2 b	O Voyeurismo dos populares	38
Figura 2 c	O Voyeurismo dos populares	38
Figura 2 d	O Voyeurismo dos populares	38
Figura 2 e	O Voyeurismo dos populares	38
Figura 2 f	O Voyeurismo dos populares	38
Figura 2 f	O Voyeurismo dos populares	38
Figura 3	Capa do jornal O Dia de 04/03/2010	50
Figura 4	Capa do jornal Meia Hora de 06/01/2009	59
Figura 5	Capa do jornal Extra de 26/02/2010	81
Figura 6	Capa do jornal O Globo de 23/04/2008	88
Figura 7	Capa do jornal Meia Hora, 20/12/2008	103
Figura 8	João Buracão	118
Figura 9	Nos Tempos do Lampião	119
Figura 10	Publicidade, bancas e capas de jornal	121
Figura 10 a	Banca de jornais	121
Figura 10 b	Banca de jornais	121
Figura 10 c	Publicidade do jornal O Dia	121
Figura 10 d	Banca de jornais	121
Figura 10 e	Capa do jornal O Dia, 24/10/2009	121
Figura 10 f	Capa do jornal Extra, 19/12/2008	121
Figura 11	Várias capas de jornais cariocas	132
Figura 11 a	Capa do jornal O Dia, 04/03/2009	132
Figura 11 b	Capa do jornal Extra, 17/10/2009	132
Figura 11 c	Capa do jornal O Dia, 18/10/2009	132
Figura 11 d	Capa do jornal O Dia, 1º/06/2008	132
Figura 11 e	Capa do jornal Meia Hora, 12/12/2008	132
Figura 12	Várias capas de jornais cariocas	146
Figura 12 a	Capa do jornal O Dia, 16/04/2009	146
Figura 12 b	Capa do jornal O Dia, 30/10/2009	146
Figura 12 c	Capa do jornal Extra, 08/10/2009	146
Figura 12 d	Capa do jornal Meia Hora, 25/06/2009	146
Figura 13	Capa do jornal Meia Hora, 17/12/2008	167
Figura 14	Rio de Janeiro	217

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico	Título	Página
Gráfico 1	The Kindness of strangers	54
Gráfico 2	Mercado de jornais populares – Abril de 2006	114
Gráfico 3	Mercado de jornais diferenciados – Abril de 2006	114
Gráfico 4	Venda de jornais por assinatura no RJ em 2008	116
Gráfico 5	Venda avulsa (em bancas) de jornais no RJ em 2008	116
Gráfico 6	Circulação total de jornais no RJ – Jan a Set/2009	117
Gráfico 7	Capa do jornal O Dia edição de 02/06/2008	135
Gráfico 8	Demonstração gráfica (%) da capa do jornal O Dia, 04/06/2008	135
Gráfico 9	Demonstração gráfica (cm ²) capa do jornal O Dia, 04/06/2008	136
Gráfico 10	Ocupação (cm ²) da capa do jornal O Dia, 08/07/2008	136
Gráfico 11	Matérias de capa, Jornal O Dia, 30/05/2008	138
Gráfico 12	Matérias internas, jornal O Dia, 30/05/2008	139
Gráfico 13	Capa do jornal O Dia, sexta – feira, 03/04/2009	153
Gráfico 14	Conteúdo do jornal O Dia, sexta – feira, 03/04/2009	155
Gráfico 15	Matérias de capa do jornal O Dia, 05/04/2009	162
Gráfico 16	Matérias internas do jornal O Dia, 05/04/2009	165
Gráfico 17	Capa do jornal Meia Hora, 02/04/2009	172
Gráfico 18	Gráfico 18, jornal O Globo, 24/05/2008	183
Gráfico 19	Matérias internas, jornal O Globo, 24/05/2008	184
Gráfico 20	Capa do jornal O Globo, 19/04/2009	188
Gráfico 21	Matérias internas jornal O Globo, 19/04/2009	191
Gráfico 22	Capa do jornal O Globo, 20/04/2009	191
Gráfico 23	Matérias da página 2 do jornal O Globo, 20/04/2009	192
Gráfico 24	Matérias da página 4 do jornal O Globo, 20/04/2009	193
Gráfico 25	Matérias da página 5 do jornal O Globo, 20/04/2009	194
Gráfico 26	Matérias da página 6 do jornal O Globo, 20/04/2009	195
Gráfico 27	Matérias da página 8 do jornal O Globo, 20/04/2009	195
Gráfico 28	Matérias internas do jornal O Globo, 20/04/2009	196
Gráfico 29	Capa do jornal Extra, 02/03/2007	199
Gráfico 30	Área total do jornal Extra, 02/03/2007	203
Gráfico 31	Capa do jornal Extra, 03/03/2007	205
Gráfico 32	Matérias das páginas 3 e 4 do Jornal Extra, 03/03/2007	205

LISTA DE TABELAS

Tabela	Título	Página
Tabela 1	Taxas de homicídio dos municípios brasileiros, 1998 – 2002	55
Tabela 2	Taxas de homicídio dos municípios brasileiros, 1998 – 2002	55
Tabela 3	Cidades com maior incidência de homicídios (2006)	57
Tabela 4	As dez cidades mais perigosas do mundo (CNN, 2010)	61
Tabela 5	IDH dos Estados brasileiros (PNUD – 2000)	63
Tabela 6	IDH-M das capitais brasileiras (PNUD – 2000)	64
Tabela 7	Gastos públicos com Segurança (% da receita estadual, 1995 – 2000)	66
Tabela 8	Gastos com públicos Segurança (em Reais por habitante, 1995 – 2000)	66
Tabela 9	Lista dos 10 homens mais ricos do mundo	86
Tabela 10	Lista dos 10 brasileiros mais ricos	87
Tabela 11	Lista dos jornais e edições analisados na pesquisa	123
Tabela 12	Capa do jornal O Dia, 02/06/2008	133
Tabela 13	Matérias internas do jornal O Dia, 30/05/2008	139
Tabela 14	Ocorrência de palavras, jornal O Dia, 11/03/2009	144
Tabela 15	Ocorrência de palavras, jornal O Dia, 18/03/2009	148
Tabela 16	Ocorrência de palavras, jornal O Dia, 02/04/2009	153
Tabela 17	Capa jornal O Dia sexta – feira, 03/04/2009	154
Tabela 18	Matérias internas do jornal O Dia sexta – feira, 03/04/2009	155
Tabela 19	Ocorrência de palavras, jornal O Dia, 03/04/2009	160
Tabela 20	Matérias de capa do jornal O Dia, 05/04/2009	162
Tabela 21	Matérias internas do jornal O Dia, 05/04/2009	162
Tabela 22	Capa do jornal Meia Hora, terça-feira, 21/04/2009	172
Tabela 23	Capa do jornal Meia Hora, quarta-feira, 19/08/2009	179
Tabela 24	Capa do jornal O Globo, sábado, 24/05/2008	183
Tabela 25	Matérias internas do jornal O Globo, sábado, 24/05/2008	184
Tabela 26	Capa do jornal O Globo de 19/04/2009	188
Tabela 27	Matérias internas do jornal O Globo, 19/04/2009	189
Tabela 28	Capa do jornal O Globo de 20/04/2009	192
Tabela 29	Matérias da página 2 do jornal O Globo, 20/04/2009	193
Tabela 30	Matérias da página 3 do jornal O Globo, 20/04/2009	193

Tabela 31	Matérias da página 4 do jornal O Globo, 20/04/2009	194
Tabela 32	Matérias da página 5 do jornal O Globo, 20/04/2009	194
Tabela 33	Matérias da página 7 do jornal O Globo, 20/04/2009	195
Tabela 34	Matérias da página 8 do jornal O Globo, 20/04/2009	195
Tabela 35	Matérias do jornal Extra, 02/03/2007	199
Tabela 36	Matérias do jornal Extra, 03/03/2007	204
Tabela 37	Matérias da página 3 e 4, Jornal Extra, 03/03/2007	205

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	14
1	VIOLÊNCIA. MEDO. CRIMINOLOGIA	
1.1.	Conflitos entre os indivíduos.....	22
1.1.1.	<u>Conceituando violência.....</u>	23
1.2.	<u>A Violência no Brasil.....</u>	29
1.3.	<u>Criminologia Crítica.....</u>	33
2	MEDO E CONTROLE SOCIAL	
2.1	Cultura do Medo e Indústria do Medo.....	40
2.1.1.	<u>O Medo da cidade do Rio de Janeiro.....</u>	41
2.1.2.	<u>A Vila e a Fobópole.....</u>	46
2.1.3.	<u>Tocquevilleanos.....</u>	51
2.1.4.	<u>A gentileza dos estranhos.....</u>	53
2.2.	Números.....	54
2.2.1.	<u>Expectativa de vida.....</u>	61
2.2.2.	<u>Índice de desenvolvimento humano (IDH) e IDH-M</u>	62
2.2.3.	<u>A economia do Medo.....</u>	64
2.3.	A cidade através do tempo. Representações Sociais sobre São Sebastião do Rio de Janeiro e seu papel no cenário brasileiro e internacional	67
2.3.1.	<u>A Teoria das Representações Sociais.....</u>	67
2.3.2.	<u>Uma cidade.....</u>	68
2.3.3.	<u>A “Cidade Maravilhosa”.....</u>	73
2.3.4.	<u>Um pouco de História e as representações sobre a cidade.....</u>	73
2.4.	Doxa.....	76
2.5.	Violência Simbólica.....	79
2.6.	Controle Social e <i>Status quo</i>.....	82
2.7.	O Estado intervencionista: Atenuação das desigualdades sociais.....	83
2.7.1.	<u>Lista dos 10 homens mais ricos do mundo.....</u>	86
2.7.2.	<u>Lá como cá: Os brasileiros mais ricos.....</u>	87
3	CARTA AOS CEGOS: Mídia e Discursos sobre a violência.	
3.1.	Mídia e poder ou O poder da mídia.....	89
3.2.	Teoria do Controle Social.....	90
3.3.	Teoria do Pânico Moral.....	91
3.4.	Indústria cultural e agressividade.....	93
3.5.	A vítima virtual.....	95
3.6.	Mídia e violência.....	96
3.7.	Mediando a Mensagem.....	99
3.8.	O outro lado: os leitores.....	104

3.9.	Estudos anteriores envolvendo Jornais	105
3.10.	Jornalismo, Publicidade e Propaganda	108
3.11.	Objetividade	111
3.11.1.	<u>Critérios de noticiabilidade</u>	111
3.11.2.	<u>A Penny Press carioca</u>	112
3.12.	O “Buracão” e o “Lampião”	117
4	A PESQUISA	
4.1.	Amostragem	122
4.2.	Capas	123
4.3.	Metodologia	124
4.3.1	<u>Procedimento de Coleta e Análise de dados</u>	124
4.3.2	<u>Categorias de Análise</u>	126
4.4.	Dados e procedimentos de Análise	127
4.4.1	<u>À guisa de exemplo: Capa de duas edições do jornal O Dia</u>	127
4.4.2	<u>Análise qualitativa de conteúdo dos jornais cariocas</u>	133
5	CONCLUSÕES E COMENTÁRIOS FINAIS	
	REFERÊNCIAS	224

Introdução

O presente estudo tem por finalidade analisar a construção da imagem da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, especialmente focando nas formas em que se delineia a “indústria do medo” e a “cultura do medo”¹, principalmente a ameaça e a insegurança projetadas pela divulgação da incidência de crimes e violência nas páginas dos jornais cariocas. Através de pesquisa e acompanhamento nas páginas dos próprios jornais, impressos e eletrônicos, tentaremos visualizar a imagem que se constrói da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro na mídia. Nossa impressão inicial, e que compõe o ponto de partida, é que a imagem formada a partir da mídia, seja impressa, falada, televisada, ou mesmo eletrônica, não é “boa”, positiva, no sentido de que a cidade “midiática”² é um local de enfrentamentos armados, caos e violência generalizada, beirando a guerra civil. Mais que “apenas” o destaque dado à violência urbana, as próprias instituições governamentais e seus representantes, quando retratados, o são pelos aspectos “negativos”, de omissão, incompetência, irresponsabilidade. O receptor de tais discursos muitas vezes pode se ver perdido diante de uma cidade caótica e sem ter a quem recorrer.

O imaginário do medo, portanto, é construído, mais do que pela experiência direta, sobretudo através do contato mediado com as práticas criminosas e seus resultados chocantes. Os veículos midiáticos, assim, têm servido, mais do que para informar os indivíduos, para incutir-lhes uma insegurança constante que começa a permear todas as práticas sociais, comprometendo ainda mais a já instável alteridade no seio das metrópoles do século XXI.

As ameaças à estabilidade vêm de todos os lados: os cidadãos se vêem cercados por problemas econômicos, desemprego, falência do Estado e suas instituições e, somando-se a tudo isso, a ameaça mais concreta e direta: aquela que visa sua propriedade e sua integridade física. O medo, então, instaura-se facilmente. O medo da perda. Acreditamos que a maioria dos indivíduos, graças ao instinto de auto-preservação, não gosta de perder: tempo, reputação, dinheiro, liberdade, saúde, entes queridos, ou a própria vida. São muitas as perdas a se temer. A sociedade nos inspira o tempo todo a competir para vencer, ser um *winner* (vencedor), não um *loser* (perdedor), conceitos apreendidos de nossa *celula-mater* cultural contemporânea, os anglo-saxões. Destaque-se, porém, que essas mudanças e adaptações culturais não são

1 Ambos os termos referem-se à sensação de insegurança, principalmente nas cidades a partir do séc XX e estão inter-relacionados.

2 Jesus Martin-Barbero, no artigo “Comunicação e Cidade: entre Medos e Meios” (1998) fala de uma “Nova cidade” construída nas representações sociais criadas a partir da mídia.

primazia brasileira, mas ocorrem em vários países, especialmente os que foram colônia e agora sofrem os efeitos do imperialismo ³.

Dessa forma, o que estamos argumentando neste estudo é: o conflito está presente onde quer que hajam seres vivos; os indivíduos tendem a temer a perda; a indústria cultural se aproveita desse temor para amplificar a sensação de insegurança, visando atrair a atenção e vender seus produtos.

De todas as ameaças, a ameaça mais concreta, que se nos é apresentada diariamente toma a forma de assaltos, assassinatos, latrocínios, sequestros, destruição de bens, violação corporal, mutilação, entre outros. Se essas práticas nada têm de novas, já que roubos, assassinatos e suas combinações existem desde a antiguidade, o que há de novo com o advento dos meios de comunicação de massa é o relato pormenorizado e com imagens dessas práticas aterrorizantes. Se antes o medo só se dava ao tomar conhecimento do delito através do testemunho ocular ou do relato de fonte fidedigna, como um parente ou indivíduo próximo, com a indústria cultural e seus produtos diários, o medo agora se faz presente em várias formas e conteúdos, trazendo como substituto da confiança antes depositada nos próprios olhos ou na pessoa próxima, as leituras dos textos produzidos por veículos midiáticos com os quais se trava contato. Como disse uma personagem do filme “O quarto poder” (Costa Gravas, 1997): “É verdade! Acabo de ver na TV”. Para não ficar apenas no campo da dramatização e do ficcional, a seguir, a mesma afirmativa agora corroborada por acadêmicos. Para o sociólogo e professor da PUC-RS, Pedrinho Alcides Guareschi:

A realidade hoje é socialmente construída pela mídia, estou falando em termos sociológicos. Uma coisa hoje existe ou deixa de existir, se é ou não mediada. A partir daí, o público e o privado trocam de nome. Antigamente, o público era o que estava na rua. Agora, o público é onde o olho grande da mídia incide, podem ser as cenas mais secretas, íntimas, dentro de quatro paredes, mas, se o olho grande da mídia está ali, aquilo se torna uma grande realidade pública.

Se algo não está na mídia, para a grande maioria da população, não existe. Mas você pode fazer uma reunião com cinco pessoas e, se o olho grande da mídia está em cima, todo o Brasil, todo o mundo fica sabendo, e fica sabendo sobre o assunto várias vezes. (GUARESCHI, 2007, p. 333)

Outro sociólogo, Muniz Sodré, também corrobora essa ideia dos discursos midiáticos produzirem a “realidade social”, através das representações socialmente construídas:

Os *mass-media* hoje constituem o lugar fundamental de construção do real da sociedade moderna para o consumo da vida cotidiana [...] A 'gramática' ontológica do fato social é hoje dada pelos veículos de massa. (SODRÉ, in SERRA, 1997, p. 12)

3 Para detalhes sobre o tema imperialismo, dominação e aculturação ver *Império*, de Michael Hardt e Antônio Negri (2001).

Outro a dissertar sobre este assunto foi o sociólogo J.B.Thompson, que diz em seu livro *A mídia e a modernidade – Uma teoria social da mídia*:

I argue that many of our traditional ways of thinking about social and political matters are shaped by a certain model of public life which stems from the ancient world, from the *agora* of classical Greece and which envisions the possibility of individuals come together in a shared place to discuss issues of common concern. But this traditional model of publicness as co-presence bears little resemblance to the practical realities of the late XX century world. Today we need to reinvent the idea of publicness in a way that reflects the complex interdependency of the modern world and in a way that reflects the growing importance of forms of communication and interaction which are not face-to-face in character.

[Eu defendo que muito de nossa forma de pensar sobre os assuntos sociais e políticos são moldadas por um certo modelo de vida pública proveniente do mundo antigo, da *agora* da Grécia clássica e supõe a possibilidade de indivíduos se reunirem em um lugar para discutir assuntos de interesse comum. Porém, esse modelo tradicional de público como co-presença guarda pouca semelhança com as práticas do fim do século XX. Precisamos reinventar a ideia de público de uma forma que reflita a complexa interdependência do mundo moderno e de uma que reflita a importância crescente dos meios de comunicação e de interação que não ocorrem pessoalmente, cara- a cara.] (THOMPSON. 1996, p. 6). Tradução própria.

Mais que apenas mudar a forma de participação política e social, o desenvolvimento histórico da mídia estaria “reestruturando as formas com que os indivíduos se relacionam consigo mesmo e com os outros”. (THOMPSON, *op cit*, p. 11).

Jesús Martin - Barbero, em entrevista ao programa “Roda Viva”, também falou sobre o tema, abordando ainda o medo difundido pelos meios:

Não é exatamente a mídia que é o espaço público, mas essa comunidade que se forma por meio da mídia e que leva as pessoas, ao se encontrarem, a falar da mesma coisa, protestar contra a mesma coisa e ficar com medo da mesma coisa. Por exemplo, estamos convencidos de que a mídia multiplica por 10 a insegurança real das cidades. A sensação é que o problema é 10 vezes mais grave. Nesse sentido, é um espaço público em que as pessoas tanto se liberam quanto aumentam seu fardo⁴.

A violência e suas nuances estão assim, representadas e onipresentes no cotidiano midiático urbano brasileiro. Especialmente, esta é nossa impressão, no que tange às representações sobre a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Seja de maneira noticiosa, informativa ou ficcional, o que parece ser importante para muitos veículos é evidenciar os aspectos negativos da cidade, suas mazelas, especialmente os atos criminosos que, como em qualquer metrópole, em maior ou menor grau, acontecem diariamente. Analisando por esse viés, o de comparação com outras metrópoles, percebemos que nas cidades brasileiras temos uma grande vantagem em relação a outros lugares do mundo: não existe guerra declarada, nem ocupação militar, como no Haiti, Timor Leste, Afeganistão, Iraque, e outros lugares, e

4 Martin-Barbero, J. Entrevista ao programa “Roda Viva”, da Rede Cultura de Televisão – São Paulo. Programa exibido em 03/02/2003, e disponível em <http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/programa/pgm0834>

tampouco ações terroristas, como no Oriente Médio e nos países “desenvolvidos”, onde o medo de grupos terroristas é concreto. No Brasil os meliantes, não tão organizados quanto se pensa, agem em proveito próprio, apenas visando o lucro através de práticas ilícitas, principalmente de crimes contra a propriedade privada e do comércio de entorpecentes.

Apesar da inexistência destes tipos mais complexos de ameaças internas, como ação de grupos terroristas e franco-atiradores, as políticas de segurança Estatais têm se mostrado ineficazes para combater uma das principais causas da violência urbana no Brasil: o tráfico de drogas.

Iremos argumentar, baseados em estudos anteriores, que a violência na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro é menos generalizada do que propaga a mídia, e está intrinsecamente conectada ao comércio e consumo de entorpecentes.

Todos são afetados por essa imagem da cidade. Desde os cidadãos amedrontados, elevando sistematicamente as “defesas” de suas residências, seus aparatos de segurança e precauções de rotina⁵, até o alto escalão administrativo, que planeja seus orçamentos considerando altos gastos com segurança, visando principalmente mostrar a este cidadão que “está trabalhando”, que algo está sendo feito na tentativa de combater os ladrões e traficantes e garantir os direitos dos cidadãos. No meio desse processo acaba-se gerando mais violência, que estampa as páginas dos folhetins, as telas de televisão e os monitores, invadindo os lares e escritórios, gerando mais insegurança, num círculo vicioso *ad eternum*.

Este estudo pretende abordar a forma como se propaga esse medo, principalmente em relação à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Visando entender essa divulgação, começamos investigando, no capítulo 1, as origens dos conflitos entre os indivíduos. Entendemos, assim como vários autores, que a competição e os conflitos são inerentes à vida, e não uma primazia brasileira, ou carioca. Daí a necessidade de apoiar nossa análise. Buscamos também um conceito possível para o termo “violência”. Para situar a cidade num contexto maior, procuraremos as causas primárias da violência, e sua evolução recente. Introduzimos ainda as ideias da Criminologia Crítica, da *Teoria do Etiquetamento* e o conceito de *criminalização*.

No capítulo 2, iniciamos a discussão a respeito do medo, e inserimos o conceito de Cultura do Medo, conforme colocados por vários autores. Ainda no mesmo capítulo começamos a apoiar nossa argumentação. Baseando-nos em dados estatísticos oficiais,

5 Sobre este assunto, “Enclaves fortificados”, fortificação de residências, ver: CALDEIRA, Teresa. Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo. Ed. 34/EDUSP. São Paulo, 2000.

mostraremos que a cidade, a despeito de toda a propaganda negativa, não é a mais violenta, sequer da região sudeste, muito menos do Brasil, apesar da exposição midiática fazer crer o contrário. Colocamos o posicionamento de alguns autores sobre o comportamento dos indivíduos no meio urbano e do panorama formado pela interação entre os urbanóides. Inserimos os conceitos de *doxa* e de *violência simbólica*, conforme colocados pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, conceitos sob os quais pretendemos desenvolver nossa análise. O capítulo mostra também a necessidade de haver controle social e, diante da argumentação amplamente difundida de que a maior causa da violência no Brasil é a enorme desigualdade social, o “abismo” entre ricos e pobres, adentramos o sombrio terreno das desigualdades, apenas visando algum entendimento sobre esse principal componente da sociedade capitalista.

No capítulo 3 começamos a adentrar os discursos e o papel da mídia propriamente ditos. Colocamos a visão de outros autores e suas teorias, como a *Moral Panic Theory* e a *Social Control Theory*, além da ideia de vitimização virtual. Sob o tópico “Mídia e Violência”, objetivamos uma melhor compreensão do campo jornalístico e suas nuances. Seguimos, aqui os preceitos de tentar entender o Campo Social e o mercado jornalístico através do conteúdo mediado. Como adendo, elencamos os estudos que encontramos sobre o assunto, e a cujos autores, mais uma vez, somos gratos. Tecemos um comentário sobre a objetividade e os “critérios de noticiabilidade”: o que leva alguns fatos a serem noticiados em detrimento de outros. O capítulo termina com uma “nova – velha” prática jornalística: a *penny press* e os fenômenos popularescos “João Buracão” e “Lampião” (*sic*).

A partir daí é a pesquisa de jornais. O capítulo 4 é o espaço dedicado para indicar ao leitor os passos que nos guiaram, a metodologia empregada e os dados encontrados. Desde o começo que um comentário de nosso orientador, professor Ronaldo Helal, esteve a nos guiar: Em sua experiência em bancas, percebera que muitas dissertações e teses acadêmicas eram cheias de teoria e, na parte prática, a pesquisa, que era “o que importa”, era tão pequena que virara um “apêndice” do texto. Tentamos evitar isso. Não por acaso a pesquisa ocupa parte substancial e a dissertação é bem extensa. Explicamos em detalhes a escolha dos veículos, a metodologia e os passos da pesquisa. Os pressupostos teóricos que nortearam essa trajetória são também aqui colocados. A título de demonstração, iremos analisar o conteúdo de vários veículos impressos esboçando o perfil delineado através destes.

No capítulo 5 apresentamos as conclusões da pesquisa e tecemos nossos comentários finais.

Começamos do princípio desta pesquisa. O “estalo”, a ideia inicial para esse trabalho, surgiu no ano de 2005, quando uma experiência pessoal nos fez perceber a avidez por informações que os humanos apresentam. Isso se deu ao ver uma fila numa banca de jornal, onde pessoas carregavam pães, leite e aguardavam ansiosamente a compra de seus jornais diários. Naquele instante ficou claro que elas têm em igual medida a busca por alimento (pão e leite) e informação (jornal). Roland Barthes em seu livro *A câmara clara* (1984), diz que certas imagens *existem* para o observador, enquanto outras são banais, causam indiferença ⁶. Essa imagem, de um homem de meia idade, na fila, com leite e pão nas mãos e esperando pelo jornal, ficou marcada em minha mente. Aquela imagem *existe para mim*. Por que essa avidez por informações jornalísticas, notadamente as de cunho violento?

Posteriormente viemos a ter contato com o estudo de Antônio Serra envolvendo o jornal *O Dia* (1977). Em tal estudo o autor também expressa seu espanto em relação ao assunto:

O tema me apaixonou: como se pode, ao longo dos anos, todo dia, imprimir e vender, fazer ler e pesar publicamente um texto que escamoteia as verdades essenciais e acidentais das pessoas que o compram? Ao mesmo tempo sendo os únicos textos que se dirigem a elas, que falam de sua vida, que cortejam seus valores e atitudes. E continuar vivo e atuante. O que me enraivece é que de nada adianta escrever sobre isto. Nem as pessoas enganadas lerão o que escrevo (pois não escrevo para elas, quem o faz é 'O Dia') e se lessem não gostariam. Nem 'O Dia' leria ou gostaria. (SERRA. 1980, p. 15).

Essa mesma sensação de estranhamento também nos perseguiu. Acontece que, ao começarmos a investigar o assunto, percebemos que era muito mais que isso. Não se tratava apenas de um veículo, de um meio ou mesmo da mídia de forma geral. Notamos a existência de todo um sistema sócio-econômico baseado no discurso do risco e do medo.

É própria do ser humano a busca por informações. Necessitamos conhecer o mundo que está além do alcance de nossos cinco sentidos. Nos primórdios essa busca de informações estava relacionada com a própria autodefesa e o instinto de sobrevivência (era imperativo saber que uma enchente se aproximava ou que um ataque de animais selvagens estava ocorrendo na região, por exemplo). O conceito de “hostilidade instintiva”, qual seja, o medo de que um fator externo possa nos prejudicar de alguma forma ⁷, vem a ter uma grande importância neste estudo.

Outras experiências diretas que vieram a influenciar esta pesquisa foram várias perguntas de estrangeiros, indivíduos que jamais haviam visitado o Brasil, a respeito da

6 BARTHES, Roland. *A câmara Clara*. Rio de Janeiro: ed. Nova fronteira, 1984. p. 14.

7 Trata-se de um dos diversos tipos possíveis de fobia. O medo da perda de uma condição sustentada. Um sentimento de oposição inata. Para Edward Alansworth Ross (1866-1951), um dos pais da criminologia: “There is a natural spirit of opposition” (Ross, Edward Alansworth. *Principles of Sociology*. 3ª ed. Appleton-Century, New York, 1938, p. 158).

violência e da “insegurança constante” na cidade. Cito, mais especificamente, a pergunta de um turista polonês, um jornalista esportivo que viria à cidade cobrir as finais da Superliga Masculina de Voleibol, prestes a viajar, nos contatou por meio eletrônico e fez a seguinte indagação ⁸:

“- É possível andar, de dia, nas ruas do Rio de Janeiro, sem ser assaltado?”

Esta pergunta, assim como a imagem do senhor na fila da banca de jornal, ajudou a compor um quadro perturbador que se nega a desaparecer:

Como pode ser possível que alguém que nunca esteve no Rio tenha uma ideia pré-concebida tão “ruim” acerca da cidade? A partir de onde se formam estas percepções?

Parecia inadmissível que alguém prestes a vir para o Brasil, ao invés de perguntar sobre o clima, o calor, as praias, o samba, carnaval e o futebol tivesse como interesse único a violência urbana. A sensação foi, como a de um caso inverso, ao conversar com um universitário chinês, residente em Hong Kong ⁹, perguntamos sobre a existência de trabalho escravo, execuções sumárias e censura ditatorial em seu país e ele respondeu:

- “Vocês pensam que nós vivemos no inferno?”

⁸ A referida conversa ocorreu por meio do fórum de discussões virtual [tripadvisor.com](https://www.tripadvisor.com), no qual o autor desta dissertação é participante e declarado “especialista” (*Destination Expert*) sobre a cidade do Rio de Janeiro.

⁹ Idem.

A GUERRA DO TRÁFICO

Um Rio refém das balas

Tiroteio de 10 horas no Centro deixa 13 mortos e 3 feridos; ruas, túnel e até cemitério são fechados



VIOLÊNCIA APÓS A MORTE: o PM em posição de tiro diante do corpo que era velado numa das capelas do Cemitério do Catumbi, tomadas por policiais e traficantes em fuga. Sete foram presos no local



DIANTE DE dois policiais detidos, um PM escolta os pedestres que tentam se proteger dos tiros

Uma guerra entre duas facções rivais de traficantes no Morro da Mineira, no Catumbi, parou ontem o Centro e parte da Zona Sul do Rio. O tiroteio de dez horas por balas perdidas (um deles era passageiro de um ônibus), fechou ruas, lojas, escolas, o Túnel Santa Bárbara — que liga o Centro a Laranjeiras — e até o Cemitério do Catumbi. A PM interveio e acabou participando do confronto que levou pânico a moradores e pedestres. Onze traficantes foram presos, sete deles no cemitério, onde as pessoas foram obrigadas a abandonar os corpos de seus parentes, que eram velados. A PM já tinha informações de que poderia haver um ataque de facção rival, mas preferiu não ocupar o morro. O governador Sérgio Cabral lamentou as mortes e esclareceu que as Forças Armadas não participaram de confrontos em favelas, como o de ontem. Páginas 12 a 17

O QUE ACONTECEU

1. Traficantes acusados de matar o jornalista e o jornalista da Mídia, dominância a um túnel.
2. Algumas horas depois, um acidente com oito veículos fecha uma das pistas do Túnel Santa Bárbara.
3. Após a chegada da polícia, começa a troca de tiros e uma pessoa é atingida por uma bala perdida. O túnel é completamente fechado.
4. O túnel é reaberto. A polícia procura por bandidos no Cemitério São Francisco de Paula, onde sete deles são presos.
5. Traficantes fogem e túnel se reabre, inclusive dentro do cemitério São João, o túnel volta a ser fechado, onde outra pessoa é atingida por uma bala perdida. A confusão só termina no meio da tarde, deixando 13 mortos.



CARRÓCET

Montadoras evitam que peças cheguem às lojas.

SEGUNDO CADERNO

Autor de pesquisa sobre o 11 de Setembro fala do livro que ganhou o Pulitzer.

OBITUÁRIO



Nair Belo, atriz, aos 75 anos, após cinco meses de internação. Página 19

Edição Metropolitana
Fico até amanhã no Café do Rio de Janeiro
R\$ 2,00
Circulação em esta edição: Circulação: 1.200.000

PF investiga doação do bicho a Maggessi

Um relatório reservado da Polícia Federal informa que o grupo ligado ao bicheiro Ailton Guimarães, o Capitão Guimarães, fez doações para a campanha eleitoral da deputada federal Marina Maggessi (PPS-RJ), inspetora licenciada da Polícia Civil do

Rio. Trechos do documento, aos quais O GLOBO teve acesso, mostram que os pagamentos teriam sido intermediados por dois policiais civis. Um deles já trabalhou com Maggessi. A deputada negou ontem que tenha recebido dinheiro de qualquer or-

ganização criminoso para financiar a sua campanha eleitoral. Ela disse que a sua campanha foi "pau-d'água". Página 18



EUA: obsessão levou a massacre

Sul-coreano deixa nota atacando meninos ricos e depravação

A obsessão por uma jovem teria levado o sul-coreano Cho Seung-hui, de 23 anos, a matá-la antes de fuzilar as demais 31 vítimas no campus da Virgínia Tech University, no maior massacre da história dos EUA. Estudante de literatura inglesa, ele morava desde os 8 anos no país e era bastante solitário. Seus textos eram tão perturbadores que chegou a ser encaminhado por professores a um terapeuta. Cho deixou uma nota, em que atacava "meninos ricos", "depravação" e "charlatões enganosos". "Vocês me levaram a isso", teria escrito.

O prefeito da cidade japonesa de Nagasaki, Itcho Ito, foi assassinado a tiros ontem, em plena campanha eleitoral para sua reeleição. Páginas 29 a 33

Atirador mata jovem no RS

Uma jovem de 19 anos foi morta a tiros num ponto de ônibus em Viamão (RS). Duas outras pessoas foram feridas. O zelador de uma igreja evangélica apaixonado por ela admitiu participação no crime. Até a noite, ameaçava se matar no templo, cercado pela PM. Página 11

Figura 1. Capa do jornal O Globo de 18/04/2007

1 CONFLITOS, VIOLÊNCIA E MEDO

1.1 Conflitos entre os indivíduos

Buscando compreender como e por que é divulgada a violência, pesquisamos o que vem a ser essa violência e suas motivações. Não há consenso entre os estudiosos do assunto. Não existe uma definição para o termo violência que atenda a todas as abordagens sobre o tema. Assim, antes de passarmos ao estudo das notícias de violência em si, tentaremos esboçar um conceito possível de violência, quais seus entendimentos na atualidade e seus desdobramentos.

A abordagem biológica compreende que a violência e a agressividade são naturais, próprias dos animais, principalmente em seu caráter “intra-espécie”. (LORENZ, 1974), (MICHAUD, 1989), (PINKER, 1997). Tal compreensão forma a base da Etologia¹⁰ e da Sociobiologia¹¹.

O sociólogo Norbert Elias (1897-1990), no artigo “Civilização e Violência”, segue a mesma linha de Lorenz, ao questionar o estranhamento acerca de práticas violentas entre os indivíduos:

Normalmente, na hora de investigar o problema da violência, as análises seguem um enfoque errado. Pergunta-se, por exemplo, como é possível que os seres humanos dentro de uma sociedade cometam assassinatos ou se convertam em terroristas, quando, na realidade, a pergunta deveria ser enfocada de outra maneira, de maneira oposta: Como é possível que tantas pessoas convivam de maneira – relativamente – tão pacífica, tal como ocorre em nossa época nas grandes sociedades dos Estados da Europa, América, China e Rússia? Isto é digno de atenção porquê é insólito; é o que se deveria explicar.

Nunca antes na história da humanidade tantas pessoas, milhões de pessoas, haviam convivido desta maneira tão pacífica – quer dizer, excluindo a violência – que podemos observar nos grandes Estados e cidades de nossos dias. O primário é que, entrando-se em conflito, quando se enfrenta alguém, odiando profundamente uma pessoa, os seres humanos agridam uns aos outros, que se ataquem ou até mesmo que se matem. (ELIAS. 1997, p. 160).

Dessa forma, o que estes estudiosos entendem é que os seres vivos, principalmente os animais estariam quase sempre em estado de conflito latente, em busca da satisfação de suas necessidades imediatas. Entraremos nesse assunto, a satisfação de necessidades, mais adiante. Por enquanto continuemos em busca do conceito de violência.

10 Ramo da ciência que trata do estudo do comportamento animal, Também conhecido como *Behaviorismo Animal* ou *Psicologia Animal*.

11 Campo científico em desenvolvimento que estuda as bases biológicas do comportamento social dos animais.

1.1.1 Conceituando violência

Como há sempre várias formas diferentes de se abordar um assunto (antes de um ato ser comunicacional, ele é biológico, sociológico, etc) sempre vai se recair na clássica problemática da “raposa e o porco-espinho”, especialização *versus* generalismo¹². Tentamos balizar nossa análise de uma forma mais ampla. Sobre a especialização, diz o psicólogo canadense e professor de Harvard, Steven Pinker:

At this high altitude there is little difference between a specialist and a thoughtful layperson because nowadays, we, specialists can not be more than laypeople in most of our own disciplines, let alone neighboring ones.

[A esta altura, existe pouca diferença entre um especialista e um leigo, porque atualmente, nós, especialistas, não podemos ser mais que leigos em várias áreas de nossas próprias disciplinas, sem falar nas disciplinas próximas]

(PINKER. 1997, p. x) Tradução própria.

Assim, vimos a necessidade de abarcar, de cercar o nosso objeto de estudo por vários ângulos diferentes, sem, contudo, perder nosso foco, que são as notícias de jornal, conforme veremos na pesquisa propriamente dita. Sobre a violência, inicialmente, fomos buscar os conceitos entre os estudiosos da sociedade. A Sociologia evita o uso da palavra “violência”, preferindo falar de “agressividade”. Um dos conceitos possíveis de violência seria “O uso de força física que causa danos a outros. Danos podem ser entendidos como abalos psicológicos e depredação de propriedade”¹³. Alguns outros conceitos foram encontrados, sendo que a maioria liga violência à ideia de agressão a outrem, conforme veremos adiante.

Já no campo dos estudos de Comunicação, em artigo a respeito dos efeitos da mídia sobre a agressividade, James Potter diz que:

Violence is rarely classified in a definitive way on the media literature. **Instead, it is dealt as a primitive term, that is, the authors presume that all of us know what it is and we all share the same definition.** This lack of a clear conceptualization has led to a big number of directions. Though we can conceptualize a lot of different kinds of violence, this variety can be synthesized to illustrating purposes into two categories: physical and verbal forms. In the content analysis, the violence is frequently limited to the physical acts (ex. Gerbner, Gross, Signorelli, Morgan & Jackson-Beeck, 1979; National Television violence study, 1996). Other studies include verbal aggression.

[A violência raramente é conceituada de forma definitiva na literatura de mídia. Ao invés disso, **é tratada como um termo primitivo, ou seja, os autores assumem que todos nós sabemos o que é a violência e compartilhamos a mesma definição.** Essa falta de uma conceitualização clara levou a um grande número de direcionamentos. Embora passamos

12 Essa alegoria está explicada em detalhes no item 2.1.1 desta dissertação (p. 36 e 37).

13 Lorenz, Konrad. *A agressão: uma história natural do mal*. Moraes editores, Lisboa, 1974, p. 37.

conceitualizar muitos tipos diferentes tipos de violência, essa variedade pode ser simplificada para propósitos de ilustração em duas categorias: formas físicas e formas verbais. Na análise de conteúdo, a violência é geralmente limitada aos atos físicos (ex. Gerbner, Gross, Signorelli, Morgan & Jackson-Beeck, 1979; National Television violence study, 1996). Outros estudos incluem agressão verbal] (POTTER. 1997, p. 228) Tradução própria, Grifos nossos.

Tentamos fugir do problema apontado por Potter em estudos de mídia. Queríamos saber o que é a violência, já que têm sido tão associada ao Rio de Janeiro. Por isso empreendemos a tentativa de encontrar uma definição.

A agressividade é própria dos animais. Todos os animais, em maior ou menor grau se utilizam deste expediente para alcançar seus objetivos primários: alimentação, reprodução e território (o território representa, no reino animal, o que a propriedade privada é para os seres humanos). Nos primórdios a agressividade funcionou como uma ferramenta do instinto adaptativo: Os mais fortes, os mais adaptados ao meio, sobrevivem e propagam a espécie. Nunca se deve esquecer o fato óbvio que o ser humano é um animal. Hegel e Sartre concordam que há uma força inata de confronto que estrutura a vida. Observamos, a partir da industrialização, agrupamentos humanos em comunidades cada vez maiores. O tamanho da comunidade, aliado a uma exaltação do individualismo, aumenta a distância entre os indivíduos e as possibilidades de erros de comunicação. A cultura, que seria uma forma de integrar os membros de uma sociedade e apaziguá-los, não consegue dominar completamente seus instintos primitivos. Cria-se um hiato entre o filtro biológico (conflito, competição) e o filtro cultural (convivência harmônica). Assim, sob o viés antropológico, a agressividade e a violência humana não podem ser consideradas falhas da evolução. Nosso antepassado, o *Homo Erectus* era bem menos civilizado que muitas espécies animais existentes na natureza, já que era prática do *Homo Erectus* caçar e comer seus semelhantes. Mesmo em tempos mais recentes ainda há relatos de antropofagismo, seja de forma socialmente aceita, como em rituais tribais, ou em casos de “desvios” extremos.¹⁴

Durante certo tempo, dominou no pensamento ocidental a crença de que haveria povos que viviam em total harmonia, sem traço algum de violência ou conflitos. Essas ideias serviram para apoiar o mito do “bom selvagem”.

O dogma do bom selvagem é geralmente associado ao filósofo francês Jean Jacques Rousseau (1712-1778), mas surge, originariamente na obra *The Conquest of Granada*, de John Dryden (1670). O convívio dos europeus com os povos indígenas na América teria

¹⁴ Entre os casos mais famosos: Os índios tupinambás, relatados por Hans Staden em sua viagem ao Brasil (1552-1557), Fritz Harmann (Alemanha, 1924), Albert Fish (EUA, 1925), Andrei Chikatilo (Rússia, 1980), Armim Meiwes (Alemanha, 2001).

ajudado a alimentar a crença num estado anterior à civilização, na qual os seres humanos seriam altruístas, generosos, pacíficos e tranquilos. Coisas como cobiça e violência seriam produtos da civilização. Essa corrente de pensamento seria corroborada por Rousseau em 1755, em sua obra *Discurso sobre a Origem e a extensão da desigualdade entre os homens*. (PINKER, S. 2002, p. 6).

O psicólogo Steven Pinker assim se posiciona sobre o assunto:

O bom selvagem é um mito. Todos os estudos quantitativos existentes mostram que o homicídio existia antes das sociedades organizadas por leis e que a taxa de violência nessas sociedades mais antigas é bem maior do que as das sociedades industriais modernas. As descrições de Margaret Mead sobre os nativos da Nova Guiné, amantes da paz e dos sexualmente displicentes samoanos, basearam-se em pesquisas superficiais e se revelaram quase perversamente erradas. Como documentou posteriormente o antropólogo Derek Freeman, os samoanos podem espancar ou matar as filhas se elas não forem virgens na noite de núpcias. (PINKER, entrevista ao Jornal O Estado de SP, 16/05/2004)

Zygmunt Bauman nos fala da limitação das paixões humanas e da agressividade natural em prol de uma ordem social:

“A civilização se constrói sobre uma renúncia ao instinto”. Especialmente – Assim Freud nos diz – a civilização (leia-se modernidade) impõe grandes sacrifícios à sexualidade e à agressividade do homem. “O anseio de liberdade, portanto, é dirigido contra formas de exigências particulares da civilização ou contra a civilização como um todo”. E não pode ser de outra maneira. Os prazeres da vida civilizada, e Freud insiste nisso, vêm num pacote fechado com os sofrimentos, a satisfação com o mal-estar, a submissão com a rebelião. A civilização – a ordem imposta a uma humanidade naturalmente desordenada – é um compromisso, uma troca continuamente reclamada e para sempre instigada a se renegociar. O princípio de prazer está aí reduzido à medida do princípio de realidade e as normas compreendem essa realidade que é a medida do realista. “O homem civilizado trocou um quinhão das suas possibilidades de felicidade por um quinhão de segurança”. Por mais justificadas e realistas que possam ser as nossas tentativas de superar defeitos específicos das soluções de hoje, “talvez possamos também familiarizar-nos com a idéia de que há dificuldades inerentes à natureza da civilização que não se submeterão a qualquer tentativa de reforma” (BAUMAN, 1998, p. 8).

No fundo, segundo Bauman, o que a sociedade busca é a pureza e a beleza. Acaba havendo um inevitável confronto com os interesses individuais que são os de maximização do prazer e minimização da dor, conforme colocado pela *Teoria das Sensações* (CONDILLAC, 1754).

Nessa obra, *Traité des Sensations* (1754), partindo das idéias de Thomas Hobbes (1588 –1679) e John Locke (1632-1704) (*Teoria do Conhecimento*), Etienne Bonnot de Condillac (1715 – 1780) argumenta que todo o comportamento é orientado pelas sensações. Na base do comportamento estariam os ideais de evitação da dor e maximização do prazer.

O ser humano busca liberdade e a sociedade lhe oferece segurança, bens muitas vezes incompatíveis. A liberdade, em sua forma mais ampla, pode ser entendida como “O direito dos indivíduos de agir como quiserem”¹⁵. Como tal liberdade impossibilitaria a vida em grupo, impõem-se limitações, restrições à liberdade individual. Ao invés da almejada liberdade, a sociedade lhe oferece segurança, pela qual lhe cobra um preço. Fica um confronto latente entre os interesses “coletivos”, representados pelo Estado e os individuais, privados, na pessoa do cidadão. Essa divergência faz a ordem social, que torna a sociedade e a convivência possíveis, uma linha tênue, equilibrada no “fio da navalha”, e precisando de cuidados, manutenção e ajustes ininterruptamente.

Azeitar as engrenagens, corrigir os desvios, punição e banimento são rotinas diárias no sentido de “varrer a sujeira”, eliminar as ameaças à ordem estabelecida. Aqui encontramos respaldo para essa colocação nos pressupostos da Criminologia Crítica, que apresentaremos adiante.

A vida em sociedade requer segurança, existência de rotinas e de alguma previsibilidade, e os indivíduos sentem-se co-responsáveis pela manutenção da ordem: (e, segundo Aristóteles e Platão, que eram “anti-individualistas”, só existem homens quando em sociedade. Para eles a *polis* é auto-suficiente e o homem é um ser social. Sem o agrupamento social não há homens, mas apenas “um ser bruto e irracional”). Dessa forma, não fazer aos outros o que não se gostaria que fosse feito consigo, ou em outros termos “amar ao próximo como a ti mesmo”, passa a ser uma referência direta para o convívio social “pacífico”. O que torna a sociedade possível. Nem sempre isso é tão fácil de ser atingido.

Bauman explica a necessidade de certo ornamento social:

O interesse pela pureza e o associado interesse pela “higiene” (isto é, manter a sujeira longe) tem uma relação mais do que acidental com a fragilidade da ordem; com uma situação em que sentimos não poder confiar na ordem cuidando dela própria, não poder esperar que a ordem sobreviva à nossa complacência, à nossa inteira inação a esse respeito, conforme o seu próprio impulso. “Ordem significa um meio regular e estável para os nossos atos”; **um mundo em que as probabilidades dos acontecimentos não estejam distribuídas ao acaso, mas arrumadas numa hierarquia estrita – de modo que certos acontecimentos sejam altamente prováveis, alguns virtualmente impossíveis. Só um meio como esse nós realmente entendemos.** Só nessas circunstâncias (segundo a definição de Wittgeinstein da compreensão) podemos realmente “saber como prosseguir”. Só aí podemos selecionar apropriadamente os nossos atos – isto é, com uma razoável esperança de que os resultados que temos em mente serão de fato atingidos. (BAUMAN, 1998, p. 17, Grifos nossos).

15 Na língua inglesa há uma distinção entre os vocábulos Freedom e Liberty, ambos traduzidos para o português como “liberdade”.

Não é por acaso o que se lê na bandeira nacional brasileira: “ordem e progresso”, um dos lemas do positivismo. Por esse entendimento, somente a ordem possibilitaria o progresso.

Sobre a violência, a pesquisadora da UERJ Alba Zaluar, diz o seguinte: “A violência é inteiramente relacional e inter-relacional. É o resultado de uma interação na qual o mais forte não tem simpatia, empatia ou compaixão diante do sofrimento da vítima”.¹⁶

Uma tentativa de entender o conceito de violência foi feita por Alex Eduardo Gallo, em artigo de 2004. Revisando parte da vasta bibliografia existente sobre violência e agressividade, o autor chegou a algumas “encruzilhadas” conceituais, no fim, cedendo e considerando violência como um sinônimo de agressão: “Segundo uma extensa revisão, elaborada por Williams (2002), a definição de violência está relacionada à definição de agressão. [...] Não existe um consenso na definição de violência”.

Percebe-se que ambos, agressão e violência são termos de difícil entendimento. Gallo continua, revisando Williams (2002), Parke e Sawin (1997), para quem a agressão “Não é um comportamento, mas um rótulo cultural de padrões de comportamento, sendo resultado de um julgamento social por parte do outro”. Encontramos aqui o que a Criminologia Crítica chama de etiquetamento e criminalizações.

No mesmo sentido concordam ainda as visões de Michel Misse e Gilberto Velho. Misse fala sobre a “Construção Social do Crime”, que divide em quatro níveis analíticos (MISSE, 1999). Velho diz, sobre os desvios, que não existem desvios e desviantes (VELHO, 1985). Nessa concepção, que veremos em detalhes no capítulo 3, o que existem são formas de interação entre grupos que “se acusam”. Gallo, em sua tentativa de definir a violência, traz ainda a conceituação de outros autores, como Marilena Chauí:

Uma outra definição de violência foi apresentada por Chauí (1985), sendo a violência uma realização determinada de relações de força, tanto em termos de classes sociais, quanto em termos interpessoais. Sidman (1989) e Andery e Sério (1997) definem a violência como sinônimos de coerção. Além dessas dificuldades de definição, o campo jurídico trabalha com conceitos de doloso e culposos. O que diferencia doloso de culposos é a intenção em praticar a infração. Como intenção é um constructo subjetivo, determiná-la torna-se uma tarefa propícia a enganos. **Considerando os diversos conceitos de violência e as dificuldades de definição, neste trabalho, violência será considerada como sinônimo de agressão.** (GALLO. 2004,p. 12, grifos nossos).

A “solução” encontrada por Gallo e outros não nos parece suficiente. Isto porque, em nosso entendimento, o termo “agressão” também carrega em si a mesma indefinição e subjetividade que o termo violência. Pode-se, em linhas gerais, tentar argumentar que

16 Zaluar, Alba. Youth, violence and drug trafficking in Rio de Janeiro, 2008.
http://www.epi2008.com.br/programacao/arquivos_download_22.php (p. 2)

violência e agressão se distinguem pela intenção. Por exemplo: um acidente automobilístico pode ser violento, mas nunca agressivo, ou não seria um acidente. Apenas para se ter uma ideia, uma referência no assunto, o estudo de Moyer (1968), classifica sete diferentes tipos de agressão: predatória, intra-machos, induzida pelo medo, irritável, territorial, maternal e instrumental (MOYER, 1968). Percebe-se que recorrer à agressão não é a saída, mesmo no campo acadêmico.

Voltamos ao ponto inicial. Precisávamos de outra opinião. O mais inicial possível seria dar o primeiro passo. Recorremos então ao livro *O que é a violência*, da coleção “primeiros passos”. Trata-se de uma coleção de livros introdutórios sobre vários assuntos. Coube a Nilo Odalia tentar explicar o que é a violência. Lá ele agrega outra percepção do conceito de violência: a violência como privação. O autor reitera ainda que os atos violentos não são de forma alguma primazia do homem contemporâneo:

A violência está de tal modo arraigada em cada um dos passos e gestos do homem moderno que não se pode deixar de indagar se ela é um fenômeno típico de nossa época; se é um traço essencial que individualiza nosso tempo. Isto é, será a violência, em nossos dias, um elemento estrutural que permite diferenciar nosso estilo de vida, nossas condições de viver em sociedade, daquelas que vigiram há cem, duzentos ou trezentos anos atrás? Resuma-se a questão: a violência hoje é um modo de ser do homem contemporâneo? **O viver em sociedade foi sempre um viver violento.** Por mais que recuemos no tempo, a violência está sempre presente, ela sempre aparece em suas várias faces. (ODALIA, 1983, p.13, Grifos nossos).

Odalia reconhece ainda um dos mais antigos relatos de violência da história da humanidade, a própria *Bíblia Sagrada*:

Que melhor documento, porém, da violência do que a Bíblia? Ela é um repositório incomum de violências, um abecedário completo e variado, que vai da violência física à violência sutil e maliciosa, do estupro ao fratricídio, do crime passional ao crime político. A Bíblia pode nos dar uma tipologia completa da violência. Ela se inicia por uma violência – a expulsão de Adão e Eva do Paraíso (*Op cit*, p.19).

O autor distingue as seguintes formas de violência: institucionalizada, social, política e revolucionária. Continuemos em busca do conceito.

Vemos algumas soluções possíveis, dada a dificuldade de se delimitar o objeto, definindo o que vem a ser essa violência que se pretende estudar. Edílson Almeida, em artigo preliminar, parte de sua tese de doutorado, “O Jornalismo e a construção social da realidade” (UFF, 2006), assim escolheu o conceito utilizado:

Apesar de não pretender discutir a noção de “violência”, tampouco utilizá-la como operador analítico, é preciso salientar que, sociológica e historicamente, ela tem ensejado as interpretações mais diversas. Pode-se afirmar que, como tantas outras, não se trata de uma noção que obedeça a qualquer acordo semântico ou ético-cultural. Cumpre observar, assim, que **o emprego do termo far-se-á aqui a despeito de sua polissemia e das implicações enredadas pelo uso, muitas vezes generalizante, vago e impreciso, que o senso comum e mesmo o meio acadêmico acabam por lhe conferir .**

(ALMEIDA, 2005, p.122 Grifos nossos).

Já outra autora, Beatriz Sanchez, em dissertação de mestrado, *A construção da criminalização no jornal: uma abordagem discursiva* (UERJ, 2006), também analisando a violência e mídia impressa, escolheu uma forma mais simples e direta para essa conceituação: Baseou-se no Código Penal Brasileiro para definir o que são os “crimes” em seu estudo¹⁷.

Apesar de acreditarmos que ter algo em que se apoiar é uma forma mais correta de se ter um estudo científico, e que um regulamento como o Código Penal, que é oficial, nacional, resultado de profundas discussões políticas e de demandas da sociedade, ser uma saída possível, viemos, devido ao contato com as ideias da Criminologia Crítica, a entender que o universo dos delitos é bem mais amplo que os criminalizados pelo sistema e que as leis nem sempre são aplicadas indistintamente. Desistimos portanto, de nossa ideia inicial, de apoiar nosso entendimento sobre o que é violência no Código Penal Brasileiro. Além disso, a legislação não cobre certos atos que podem ser entendidos como o que Pierre Bourdieu chamou de “violência simbólica”, um dos conceitos que veremos adiante. Desta forma, violência, para os efeitos práticos desta pesquisa vêm a ser, além dos delitos previstos na legislação, todas as outras formas de agressão ou atos que possam ser entendidos como tal, sempre tendo em vista sua repercussão sobre a imagem da cidade.

1.2 A Violência no Brasil

Acreditamos que todos os agrupamentos sociais têm suas especificidades, porém que a experiência brasileira em nada difira do vivenciado em outras sociedades. Apesar disso, passaremos a expor a seguir os entendimentos daqueles que mais de perto estudam o assunto violência e criminalidade no Brasil.

Em artigo intitulado “Uma interpretação do Brasil para contextualizar a violência” (2000), Luís Eduardo Soares, apoiando-se em ideias desenvolvidas por Roberto da Matta,

17 Sanchez, Beatriz. *A construção da criminalização no jornal: Uma abordagem discursiva*. UERJ, 2006.

Gilberto Freyre e Eric Hobsbawn, defende que, no Brasil, instituições como o “jeitinho”¹⁸, a glamourização da malandragem e do “bom bandido” combinadas com a imagem de um paraíso tropical propagada pela mídia, fez do Brasil um paradoxo no qual, enquanto se defende os ideais liberais burgueses de Lei, Ordem, Progresso, Igualdade, Liberdade e Fraternidade, ao mesmo tempo se valoriza a figura da malandragem, “A criatividade adaptativa e a predominância da especificidade das circunstâncias e das relações pessoais sobre a frieza reducionista e generalizante da lei, cuja aplicação mecânica, às vezes produz efeitos perversos e desrespeita singularidades que fazem toda a diferença”. Essa imagem do bandido social “tão bem descrita por Hobsbawn”, continua o autor, entra em declínio com a abertura política e a inserção do país no tráfico internacional de armas e drogas. Atrelados a um contexto maior, globalizado e a uma lógica industrial de distribuição, os marginais passaram a se impor pelo terror (SOARES, 2000, p. 25).

A academia também sofreria de certo paradoxismo, uma vez que viveria ligada a ideais esquerdistas, com leituras marxistas ou revolucionárias, porém apoiando o *status quo* e as instituições liberais que o sustentam:

E atenção, não pedimos essas leituras aos estudantes apenas porque é preciso que eles conheçam todas as posições relevantes no campo intelectual. Pedimos porque freqüentemente nos identificamos com as posições desses autores, ainda que não inteiramente [...] muitos de nós, intelectuais de formação socialista, convertidos à democracia, [...] ainda concordamos com a tese de que o sujeito se identifica a partir de processos combinados de interpelação institucional, em cujos termos o sujeito toma como seu o discurso do outro, o discurso hegemônico na sociedade, politicamente comprometido, o qual se pode alterar e emendar apenas na margem. Ao mesmo tempo, esses mesmos intelectuais, que compram em parte o pacote laciano-althusseriano, descartam a noção de ideologia, ou a despolitizam, tomando-a como sinônimo de cultura (SOARES. 2000, p.28).

Esta dificuldade acadêmica esbarraria ainda na impotência Estatal, na incapacidade do Estado de desempenhar satisfatoriamente suas obrigações constitucionais. Isso não seria primazia brasileira, já que na maior parte da periferia do capitalismo e mesmo em alguns pontos centrais se identifica esse sintoma da exclusão social generalizada. O autor chama esta dificuldade analítica de “hibridismo intelectual” (*Op cit.* Pg 31.)

Para ele, o grande entrave ao desenvolvimento pleno da sociedade brasileira reside no pacto social estabelecido entre as oligarquias. Cita que essa tese é defendida por Otávio Velho, no livro *Capitalismo autoritário e campesinato* (1975), que havia identificado a “via

¹⁸ "Jeitinho" pode ser entendido como um modo de agir usado para driblar normas e convenções sociais. Para um estudo acadêmico sobre o assunto, ver Livia Barbosa, *O Jeitinho brasileiro*, Rio de Janeiro, ed. Campus, 1992.

autoritária de desenvolvimento do capitalismo”, também chamada de “modernização conservadora”. Trata-se de um acordo tácito entre os poderosos para se perpetuar no poder. Tal acordo se daria entre as oligarquias rurais e as urbanas: “O pacto entre as elites sempre exclui as classes subalternas”(Idem).

A forma como se deu essa modernização e a rápida transição de economia agrária exportadora para país urbano industrializado, com um êxodo rural tal que “em menos de duas décadas um país que tinha 70% de sua população no campo transferiu-se em massa para as cidades, de modo caótico”, trouxe problemas que aos poucos foram se agravando e se tornando estruturais (Ibidem).

O autor sustenta que no contexto brasileiro “**parece até absurdo associar violência apenas com criminalidade**” (Ibidem), cita o “jeitinho”, as práticas de pistolão, relações pessoais, apadrinhamento e o “você sabe com quem está falando?” Como formas de *violência simbólica*¹⁹. Este é um dos conceitos que estamos utilizando neste estudo.

Assim, o individualismo exacerbado, aliado a práticas arraigadas na sociedade brasileira, leva a um desgaste do tecido social, em que os indivíduos ficam divididos entre a duplicidade de mensagens que lhes são enviadas, todos são iguais, mas ao mesmo tempo, desiguais, já que a lei não se aplica a todos, muitos estando acima da lei, dependendo, para essa compreensão, de que cada um conheça sua posição na hierarquia social. Chegamos novamente aos pressupostos da Criminologia Crítica.

Apesar disso, os indivíduos, desde a mais tenra idade, recebem, em todas as sociedades capitalistas, um enorme estímulo para consumir, uma “convocação ao consumo” (*opcit*, p. 37). Os excluídos sociais, incapazes de responder a essa convocação têm sua existência frustrada, já que a própria sociedade lhes imputa a culpa pelo seu fracasso, através da meritocracia²⁰, onde cada indivíduo tem a recompensa e os resultados segundo sua capacidade e seu mérito individual: “Nos termos dessa linguagem não se deve ser paternalista no mundo igualitário da competição individual” (*opcit*, pg 33).

Diante do quadro acima exposto, o autor situa sua análise da violência, classificando os desvios criminais em três níveis, por ordem decrescente de impacto social:

1. Corrupção e assalto ao patrimônio público.
2. Tráfico de drogas e assaltos.
3. Crimes em domicílios.

¹⁹ Para uma conceituação de violência simbólica ver o item 2.5.

²⁰ Termo cunhado por Michel Young, em 1958, no livro *Rise of Meritocracy*. De conceituação ampla e não consensual, pode ser entendido como um sistema organizacional baseado no mérito individual.

Para concluir, Soares coloca suas impressões sobre a criminalidade no país, com a qual concordamos:

O novo padrão de criminalidade e da vitimização no Brasil, principalmente nas grandes metrópoles, tende a ordenar-se em torno de um eixo crescentemente central: o **tráfico de armas e de drogas**. O padrão envolve controle territorial despótico de áreas pobres das cidades, modificando redes tradicionais de relações e alterando dinâmicas comunitárias. **Estudos que realizei com vários colegas, sobre o Rio de Janeiro mostram que, na maioria dos crimes de morte, as vítimas estavam envolvidas de algum modo, com os circuitos e as redes sociais do tráfico** (SOARES. Opcit, p.46, grifos nossos).

Ou seja, a percepção de criminalidade generalizada, propagada pela mídia não se confirma, na medida em que a esmagadora maioria dos atos criminosos que afetam a integridade física ocorre em áreas periféricas e está direta ou indiretamente ligada ao consumo e comércio de entorpecentes.

Nessa mesma linha de pensamento, porém já trazendo a questão para o papel desempenhado pela mídia no processo, outra autora, Elizabeth Rondelli, em seu artigo intitulado “Imagens da violência e práticas discursivas” (2000), reforça o que dissemos na introdução deste estudo, de que os “bandidos” brasileiros não têm motivação política ou um ideal que os guie:

No Brasil, ao contrário dos Estados Unidos, por exemplo, pouco se discute a respeito da influência dos programas de conteúdo violento sobre os telespectadores, e há pouca pesquisa para se desvendar os efeitos mais propriamente psicológicos da veiculação pela mídia. [...] No Brasil, além de se exibir uma violência banalizada, corriqueira e trivial, tem sido também mostrada a violência policial praticada, muitas vezes, de forma ilegal ou ilegítima. [...] Também não se discutem as causas propriamente políticas da violência, pois de modo diferente do que ocorre em alguns países europeus, por exemplo, **aqui os criminosos podem até ser poderosos, mas não lutam por nenhum ideal político, étnico ou religioso, nem são portadores de nenhum discurso articulado sobre suas ações, táticas e objetivos**. (RONDELLI. 2000, p.145)

Diante desse quadro composto pela mídia, formam-se as imagens e as representações sobre a cidade e o país. Interessante notar que, no artigo a autora cita seis crimes que receberam grande destaque por parte da imprensa. Destes, a metade ocorreu em terras cariocas. A importância dada por veículos noticiosos a esses fatos contribui para a formação da imagem da cidade.

Mais do que meras imagens postas ao voyeurismo popular, estas imagens da violência ganham relevo e emergem como fatos de interesse por exporem publicamente para a opinião, reflexão e julgamento um certo caráter sociocultural das nossas práticas violentas – menos psicológica, política e ideologicamente fundadas. Nestas imagens densas e particulares, que passam a ficar cunhadas num imaginário coletivo, visibilizam-se os conflitos, marcadamente sociais, crônicos e quase insolúveis. (RONDELLI. 2000, p.46)

É o que já comentamos na introdução deste texto: assassinatos, roubos e suas combinações existem desde os primórdios. O que há de diferente, de “recente”, são os veículos da indústria cultural, dando maior ou menor destaque a esses acontecimentos, conforme seus interesses.

1.3 Criminologia Crítica

*Com cinco anos não tive mais carinho,
Um muro fechou meu caminho,
a razão não sei e nem o porquê.
Hoje, depois de homem formado,
continuo encarcerado,
isso assim não é viver.*

- Bezerra da Silva, 1988 -

O estudo da violência e dos delitos era, no início deste percurso, uma área completamente desconhecida para nós. Dessa forma, foram importantes as contribuições apresentadas pela professora Vera Malaguti, através de quem tivemos contato com as ideias da Criminologia Crítica. Esta vem a ser uma teoria criminológica concebida pelo italiano Alessandro Baratta (1933 - 2002) com base na teoria do etiquetamento (*labelling approach*), que vê nas instituições Estatais, como o Sistema Penal, formas de distinção entre os indivíduos, funcionando como um meio de controle social. Todo este aparato jurídico-penal, dessa forma, estaria a serviço de uma sociedade desigual, visando, principalmente a manutenção das desigualdades. Neste sentido, concorda com as ideias de Pierre Bourdieu e seu conceito de *violência simbólica*. Ao invés de combater a criminalidade, estes dispositivos criam a criminalidade e a mantêm. Uma das prerrogativas principais seria a chamada “cifra oculta”, ou seja, a constatação de que há muito mais condutas desviantes do que o sistema penal tem condições de investigar e processar. Isso significa que muitos cometem crimes, mas apenas alguns serão ditos criminosos.

O foco do ato delituoso, segundo esse prisma, sai do delito em si, e recai sobre o indivíduo desviante. Mais importante, então, que o crime e suas motivações, é a pessoa de seu autor, que posição esse indivíduo ocupa na hierarquia social. Para a Criminologia Crítica, o desvio e a criminalidade são “rótulos” ou “etiquetas” atribuídos a certos indivíduos ou grupos.

Por essa razão, os seguidores dessa corrente evitam falar em criminosos e criminalidade, preferindo usar o termo “criminalização”. A “criminalização” viria a ser uma prática operada pelo sistema jurídico-penal e apoiada pela sociedade e seus representantes. Para essa linha de pensamento, não importa “quem é o criminoso”, e sim “quem é definido como desviante”, “quem o define como tal”, “em que circunstâncias?”.

Diante do fato óbvio de que há muito mais pobres, proporcionalmente, do que ricos na cadeia (não apenas no Brasil, mas na maioria dos países), chega-se à mesma conclusão que o criminalista Jeffrey Reiman, autor do livro *The rich get richer, and the poor get prison* (1ª ed. 1978): se você tiver dinheiro suficiente, não importa se é culpado de crimes ou não, você ficará livre (REIMAN, 1995). Outro autor que chegou às mesmas conclusões foi o francês Lôic Wacquant, que escreveu um livro sobre o sistema penal dos Estados Unidos, chamado “Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos”(2001). No fundo da questão está a incapacidade Estatal de manter o *welfare state*, (Estado do bem-estar social) e a realidade do mercado que precisa cada vez menos de mão-de-obra, principalmente a não-especializada. Essa combinação de fatores fez surgir o Estado punitivo, que visa o enfrentamento e o confinamento dos indivíduos considerados nocivos. Há, entre as duas publicações, a de Reiman e a de Wacquant, um hiato de duas décadas, o que nos mostra que não se trata de algo novo e conjuntural.

Gilberto Velho foi outro autor que escreveu a esse respeito, em *Estudo do comportamento desviante* (1985). Para esse autor:

Não existem desviantes, mas sim uma relação entre atores (indivíduos, grupos), que acusam outros atores de estarem, consciente ou inconscientemente, quebrando, com seu comportamento, limites e valores de uma determinada situação sociocultural. Trata-se portanto, de um confronto entre acusadores e acusados (VELHO. 1985, p.23).

Velho também discorda do uso do termo “classe” para se referir a grupos sociais. Nos alinhamos a essa forma de pensar: utilizamos grupos, ou “camadas”, nunca nos referindo a “classe social”, por pensar que tais classes não existem, ainda.

Os desvios e conseqüentemente os desviantes, são criados pelos grupos sociais, “ao estabelecer as regras cuja infração constitui desvio e ao aplicá-las a pessoas particulares, marcando-as como *outsiders*”(VELHO. 1985, p.24).

O “bandido”, “marginal”, o “desviante”, é alguém que tem valores diferentes, que pensa de maneira divergente do grupo social que estabelece as regras. Como em qualquer grupo social há poder, vão haver conflitos e “desviantes”:

O desviante é um indivíduo que não está fora de sua cultura, mas que faz uma leitura divergente. Ele poderá estar sozinho ou fazer parte de uma minoria organizada. Ele não será sempre desviante. Existem áreas de comportamento em que agirá como qualquer cidadão “normal”. Mas em outras áreas, divergirá, com seu comportamento, dos valores dominantes. Estes podem ser vistos como aceitos pela maioria das pessoas ou como implementados e mantidos por grupos particulares que têm condições de tornar dominantes seus pontos de vista. (VELHO. 1985, p.27).

Assim, a prática de desvios não seria suficiente para rotular alguém como criminoso, pois o etiquetamento depende de outros fatores além do desvio. Para além do desvio em si; da descoberta desse ato por parte do sistema (já que crimes não descobertos não são julgados nem há condenados); há ainda a necessidade de o desviante preencher certos requisitos ou classificar-se dentro de certos parâmetros que irão definir a criminalização ou não de sua conduta. O sistema penal, ao contrário de sua função punitiva e ressocializadora, estaria, por essa ótica, cumprindo um papel de manter afastados do meio social, sem nenhuma chance de voltar à sociedade de forma digna, aqueles indivíduos classificados como diferentes. No fundo de toda essa ação está a existência de desigualdades, estereótipos e estigmas que marcam a sociedade.

A existência de grupos socializadores, como a família e a religião têm fundamental importância no desenvolvimento. Esses grupos funcionam como limitadores do individualismo exacerbado. Ao inculcar no ser humano valores como a solidariedade e o companheirismo, criam a necessidade de aprovação e o receio da reprovação dos membros dos grupos. Esses valores são internalizados e seguem durante a vida do indivíduo pela crença de que agir de outra maneira seria moralmente condenável. Os que crescem fora desses grupos, ou que não conseguem internalizar esses valores não se sentem inibidos pela condenação moral do grupo, sentindo-se mais livres para desenvolver atividades “criminosas”. Ou seja, o desvio é apenas uma convenção social. Neste sentido, destacamos as ideias de Luís Antônio Machado sobre a *sociabilidade violenta*.²¹

Já trazendo essa visão da Criminologia Crítica para nossa área de pesquisa, qual seja, a Comunicação Social, percebemos que esse etiquetamento ou rotulação acontecem de forma explícita no Brasil. Enquanto em países “desenvolvidos” se cumpre ou tenta-se cumprir a lei

21 Para detalhes sobre o conceito *sociabilidade violenta* ver pgs 95 e 96 desta dissertação.

que diz que “o acusado é inocente até que se prove o contrário”, no Brasil, de forma velada, parece operar uma ideia contrária. Os acusados são culpados, a menos que consigam provar sua inocência. Uma evidência nesse sentido são as manchetes policiais na mídia. São mostrados os acusados em posições e fotografias vexatórias, constringendo muitas vezes aos acusados e seus familiares, mesmo antes de um julgamento. Nos Estados Unidos da América, pra citar apenas um caso, o jornal *Chicago Tribune* publica, junto com as fotos do noticiário policial o seguinte aviso:

CHICAGO TRIBUNE WARNING

Mugs in the news

These arrest and booking photos are provided by law enforcement officials. Arrest does not imply guilt, and criminal charges are merely accusations. A defendant is presumed innocent unless proven guilty and convicted.

[AVISO: **Rostos no noticiário** Estes presos e suas fotos são fornecidos pelas autoridades legais. A prisão não implica culpa, e acusações criminais são apenas acusações. Um acusado é presumidamente inocente até que seja provada sua culpa e que seja condenado.] Tradução livre.

Em nossa pesquisa encontramos vários exemplos desse rotulamento, principalmente com os veículos tentando fazer conhecidos os nomes e apelidos dos desviantes. Para ficar apenas num exemplo, porém bem sintomático, o jornal Extra, em sua edição de sexta-feira, 21 de Agosto de 2009, publicou a matéria “Lindo Olhar na cadeia” (pg 11). Além da dispensável tentativa de criar um trocadilho com a alcunha do preso, a notícia sobre a prisão do suspeito de tráfico de drogas no Morro da Formiga, Tijuca, serve bem para demonstrar a teoria do etiquetamento e da Criminologia Crítica: O indivíduo conhecido como “lindo olhar”, após cumprir uma pena de 15 anos de reclusão, e estando em liberdade há 30 dias, teria, segundo os policiais, “retomado o controle do tráfico de drogas na região”.

Esse é apenas mais um caso, dentre outros, que ilustra a ineficácia do sistema penal como fator ressocializante, e o etiquetamento de certos indivíduos ou grupos dentro da sociedade. Em sua dissertação de mestrado “Discurso e mídia: de tramas, imagens e sentidos: um estudo do Linha Direta” (UFF, 2001), Kléber Mendonça percebeu as mesmas práticas:

As virtudes das vítimas são apresentadas a partir de histórias de família e amigos, das fotos de infância, de seus momentos de conquistas e vitórias. Em suma: as vítimas têm sempre passado [atestado nos álbuns de família]. Em contrapartida, o acusado nunca. Os únicos acontecimentos anteriores de sua vida a serem mostrados são ou os antecedentes criminais que contribuem para construir o terreno para o crime, ou problemas de conduta que, de certa forma, predizem a má índole do criminoso, bem como a predisposição para o crime. O acusado, em geral, não tem família. Quando esta aparece, é apenas no contexto atual (após o crime) e acaba sendo colocada também no papel de vítima. (MENDONÇA. 2001, p.70)

Ou seja, o indivíduo retratado pela mídia passa da condição de “detido”, “acusado” ou procurado, para o estado de culpado, após passar pelo julgamento público da mídia. Existem inclusive programas que se fazem passar literalmente por júris, como o “linha direta”, da rede Globo de Televisão, objeto de estudo do autor:

O interessante a acrescentar é que, algumas vezes, a emissora apresenta casos ainda não solucionados, isto é, quando não há provas suficientes para condenar os suspeitos, mas que, mesmo assim, a emissora conclama o espectador a ajudar na procura de provas e fatos que permitam solucionar esses crimes. Daí se desenrola todo um trabalho de condução favorável a confirmar o suspeito como culpado. (ibidem)

Nilo Batista e Eugênio Zaffaroni, dois expoentes da Criminologia Crítica, chegam a dizer que a mídia funciona como parte integrante do sistema penal:

Uma das constatações do presente trabalho sinaliza para a **ultrapassagem da mera função comunicativa por parte da mídia**, e nesse sentido falaremos da *executivização* dessas agências de comunicação social do sistema penal. [...] O compromisso da imprensa – cujos órgãos informativos se inscrevem, via de regra, em grupos econômicos que exploram os bons negócios das telecomunicações – com o empreendimento neoliberal é a chave da compreensão dessa especial vinculação mídia-sistema penal, incondicionalmente legitimante. Tal legitimação implica a constante alavancagem de algumas crenças, e um silêncio sorridente sobre informações que as desmintam. O novo *credo* criminológico da mídia tem seu núcleo irradiador na própria idéia de pena: antes de mais nada, crêem na pena como rito sagrado de solução de conflitos. (BATISTA. 2003, p.3)

Com a atuação das empresas de comunicação, tentando aparecer, criar notícias a todo custo, estaria havendo mesmo uma “minimização do Poder Judiciário”²², e o que observamos são os jornalistas ocupando-se de áreas de outros segmentos da sociedade, querendo, por exemplo, não apenas criticar, mas fazer o trabalho da polícia e dos magistrados:

Quando o jornalismo deixa de ser uma narrativa com pretensão de fidedignidade sobre a investigação de um crime ou sobre um processo em curso, e assume diretamente a função investigatória ou promove uma reconstrução dramatizada do caso – de alcance e repercussão fantásticamente superiores à reconstrução processual –, passou a atuar politicamente. (*Op cit*, p.6).

Nossa observação nos leva a essa mesma conclusão, de que os meios de comunicação estariam tentando “desempenhar o papel” de outros setores da sociedade. Não apenas o da Justiça, conforme destaca Nilo Batista, mas também o da polícia, dos fiscais municipais, estaduais e federais, das instituições de caridade e serviço social. Quem fará então o trabalho da mídia?

22 *Op cit*, pg. 4.

O Voyeurismo dos populares
(Imagens feitas pelo autor deste estudo)



Figura 2a



Figura 2b



Figura 2c



Figura 2d



Figura 2e



Figura 2f

2 MEDO E CONTROLE SOCIAL

*A PM na rua, nosso medo de viver,
O consolo é que eles vão nos proteger.
A única pergunta é
'Nos proteger de quê?'*

-Proteção, Plebe Rude, 1987-

O medo não é uma aberração ou algo criado artificialmente, nem pela mídia nem por qualquer outro processo social. É um instinto natural presente em todos os animais. A autopreservação se alimenta dos cuidados provenientes do medo. A audácia e a exposição a riscos de forma desnecessária poderiam por em risco a integridade dos indivíduos de um grupo, e, dependendo do tamanho do grupo, poderia causar até mesmo sua extinção. O medo, portanto, funciona como um limitador natural, coibindo atos que ameacem o indivíduo e o grupo, sendo um importante fator na contenção dos impulsos e anseios derivados dos instintos. Serve de maneira otimizada aos propósitos de controle, seja num grupo pequeno, como uma companhia de soldados, num de tamanho médio, como os membros de uma seita, ou no maior grupo imaginável, o dos seres vivos, ou o dos seres humanos. Como diz Bauman, “Vivemos de novo numa era de temores” (BAUMAN, 2008, p. 9).

O medo é um sentimento conhecido de toda criatura viva. Os seres humanos compartilham essa experiência com os animais. [...] Todos, como no caso dos seres humanos ao enfrentar uma ameaça, oscilam entre as alternativas da fuga e da agressão. Os humanos, porém, conhecem algo mais além disso: uma espécie de medo de “segundo grau”, um medo social e culturalmente “reciclado” ou um “medo derivado” que orienta seu comportamento (tendo primeiramente reforçado sua percepção de mundo e as expectativas que guiam suas escolhas comportamentais) **quer haja ou não uma ameaça imediatamente presente**. O medo secundário [...] se torna um fator importante na modelagem da conduta humana mesmo que não haja mais uma ameaça direta à vida ou à integridade (BAUMAN, 2008, P 29, grifo nosso).

O papel da indústria cultural na difusão do medo também não passa despercebido ao autor:

O fato de tais medos não serem absolutamente imaginários pode ser confirmado pela autoridade dominante na mídia, que defende - visível e tangivelmente - uma realidade que não se pode ver nem tocar sem a ajuda dela. [...] Diferente dos intermediários humanos, as câmeras “não mentem”, “dizem a verdade” (ou pelo menos é o que fomos treinados a acreditar) (BAUMAN, 2008, p. 29).

Assim, o medo está presente em todos os seres vivos, serve aos propósitos de controle e é reforçado pela indústria cultural.

2.1. Cultura do Medo e Indústria do Medo

Os conceitos de Cultura do Medo e de Indústria do Medo estão inter-relacionados. A idéia básica por trás desses conceitos vem do linguista estadunidense Noam Chomsky, citado primeiramente em artigo de 1996²³, e nos remete ao alarmismo e ao pânico que são propagados, principalmente pelos meios de comunicação de massa, mas não somente, e que, obviamente, servem a interesses. Chomsky atribui a autoria do termo ao professor Piero Gleijeses (Johns Hopkins University), nos seguintes termos:

In the traditional "culture of fear," Latin American scholar Piero Gleijeses writes, peace and order were guaranteed by ferocious repression, and its contemporary counterpart follows the same course: "Just as the Indian was branded a savage beast to justify his exploitation, so those who have sought social guerrillas, or terrorists, or drug dealers, or whatever the current term of art may be." The fundamental reason, however, is always the same: the savage beast may fall under the influence of "subversives" who challenge the regime of injustice, oppression and terror that must continue to serve the interests of foreign investors and domestic privilege²⁴.

[Na tradicional "cultura do medo", escreve o acadêmico latino - americano Piero Gleijeses, paz e ordem são garantidas por repressão feroz, e sua contraparte contemporânea segue o mesmo curso: "Assim como os índios foram rotulados como bestas selvagens para justificar sua exploração, também os que foram vistos como guerrilhas sociais, terroristas, traficantes de drogas ou qualquer que seja o termo atual" A razão principal, porém, é sempre a mesma: a besta selvagem pode cair sobre a influência de "subversivos" que desafiam o regime de injustiça, opressão e terror que deve continuar a servir aos interesses de investidores estrangeiros e aos privilégios domésticos] (CHOMSKY, 1996, p. 2, tradução própria).

Dessa forma, na gênese do conceito de cultura do medo, estão os temas "paz, ordem, repressão, garantia, interesses e privilégios".

Apesar de servir a interesses e muitas vezes despertar o medo, a cobertura não é homogênea, e alguns veículos têm mais cuidados que outros na apresentação de suas notícias. Segundo alguns autores, por exemplo, o jornal *The New York Times* seria um destes veículos diferenciados, que, ao mesmo tempo em que noticia um crime em uma escola, adverte o seu leitor, na mesma página, dizendo que se tratam de exceções e que "a violência escolar não está aumentando". Apesar disso, ALTHEIDE (2009), cita que achou, em seu estudo, vários

23 Chomsky, Noam .The Culture of Fear. in Javier Giraldo, *Colombia: The Genocidal Democracy*. Common Courage Press, July, 1996.

24 Ibidem.

exemplos de *pânico moral* ²⁵ neste veículo. Vários veículos, mesmo nos Estados Unidos, fazem questão de alarmar o leitor e apelar para certo sentimentalismo. Alguns dos citados nesse quesito são os jornais *Washington Post* e *USA Today* ²⁶. Em um caso específico, um latrocínio cuja vítima era um soldado recém chegado de Bagdá, o *Post* dedicou a matéria de capa, insinuando que *Conley Street* estava mais violenta que o Iraque (The Washington Post, March 19, 1991) ²⁷.

Esse é o tipo de cobertura que leva a opiniões distorcidas e cria ou amplifica o medo que assola os receptores dessas notícias.

2.1.1. O Medo da cidade do Rio de Janeiro

Em sua tese de doutorado (UERJ, 2003), posteriormente publicada em livro intitulado “O medo na cidade do Rio de Janeiro”, Vera Malaguti Batista analisa historicamente o medo difundido na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, comparando sua disseminação em duas épocas distintas. O livro conta com um prefácio do sociólogo francês Löic Wacquant, depois publicado isoladamente e que versa sobre “o medo do outro na sociedade urbana”. Ela usa conceitos que também foram adotados em nosso estudo, como o de violência simbólica. Compactuamos, ademais, com sua hipótese primária:

A hipótese central deste trabalho é de que a hegemonia conservadora na nossa formação social trabalha a difusão do medo como mecanismo indutor e justificador de políticas autoritárias de controle social. O medo torna-se fator de tomadas de posição estratégicas, seja no campo econômico, político ou social (MALAGUTI, 2003, p. 23).

Assim como Bauman, ela identifica, citando Michel Vovelle, que o medo da morte é onipresente e tem um papel fundamental nas estratégias de controle. Esse medo é reforçado constantemente através de demonstrações: “Sociedades rigidamente hierarquizadas precisam

25 Conceito criado por Stuart Hall (1978) e desenvolvido posteriormente. Uma interpretação possível: “A condition, episode, person or group emerges to become defined as a threat to social values and interests; Its nature is represented in a stylized and stereotypical fashion by the mass media. The moral barricades are manned by editors, bishops, politicians, and other right thinking people; Socially accredited experts pronounce their diagnosis and solutions” [Uma condição, episódio, pessoa ou grupo é definida como ameaça aos valores e interesses sociais; Sua natureza é representada de forma estilizada e estereotipada pela mídia de massa. As barricadas morais são capitaneadas por editores, bispos, políticos e outros membros de direita; Especialistas com boa reputação]. pronunciam seus diagnósticos e soluções”] (Cohen, 1980, p. 9, tradução própria).

26 Um dos jornais de maior circulação dos EUA, com sede na Virgínia.

27 “*Soldier back from golf war is slain at mother's house*”. Disponível em <http://www.encyclopedia.com/doc/1P2-1055026.html>

do cerimonial da morte como espetáculo de lei e de ordem”²⁸. Ela cita ainda alguns momentos históricos brasileiros fundamentais, em seu entendimento, para o estabelecimento da “cultura do medo” em terras tupiniquins: A revolta dos malés (Salvador, 1835); A chegada dos ibéricos à América e massacre indígena (choque cultural – medo do outro, 1472 em diante); Além do papel desempenhado pela Igreja. Cita também Gislene Neder, sobre essa herança ibérica (também já identificada por Euclides da Cunha em “os Sertões”) como fator de diferenciação e da intolerância em “sociedades autoritárias e desiguais fundadas na violenta hierarquização, que não suportam o encontro com o outro”²⁹. Utiliza, para a construção de seu referencial teórico, Mikhail Bakhtin e Félix Guattari, agora destacando a importância da indústria cultural na difusão do medo:

Com a *mass media*, a irrupção de fatores subjetivos estaria no primeiro plano da atualidade histórica. As transformações tecnológicas e o controle da indústria da mídia resultariam numa tendência à homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade. É por isso que afirmamos que a grande política social da contemporaneidade neoliberal é a política penal. A qualquer diminuição de seu poder, os meios de comunicação de massa se encarregam de difundir campanhas de lei e ordem que **aterrorizam a população** e aproveitam para se 'reequipar' para os novos tempos. Os meios de comunicação de massa, principalmente a televisão, são fundamentais para o exercício do poder de todo o sistema penal, seja através de novos seriados, seja através da fabricação de realidade para a produção de indignação moral, seja pela fabricação do estereótipo do criminoso (MALAGUTI, 2003, p.33, Grifo nosso).

Desta forma, os meios de comunicação estariam no centro dessa construção, reforçando o estranhamento do outro, seu caráter de inimigo em potencial, a hostilidade gratuita. Esse convencimento é deveras facilitado pelos fatores que vimos no capítulo anterior: todos os seres vivos estão em constante competição pela sobrevivência diante de um mundo onde os bens necessários são escassos.

Continua, agora citando Guattari e Rolnik, sobre o caos e a ordem: O caos seria entendido como avesso da ordem e portador da destruição e “O encontro com o outro como fator da perda da ordem. O sujeito moderno seria tutelado então, pelo terror ao estranho” (MALAGUTI, 2003, p. 34). No Brasil, diz a autora:

A transição da ditadura para a democracia (1978 – 1988) levou à percepção do deslocamento do inimigo interno para o criminoso comum, o que permitiu que se mantivesse intacta a estrutura de controle social e mais investimentos na “luta contra o crime”. (MALAGUTI, 2003, p. 35).

28 Malaguti, 2003, p. 32.

29 Ibidem.

Esses dois pontos, o “controle social” e a “luta contra o crime”, são de fundamental importância nesta pesquisa, por conta do espaço dedicado pela indústria cultural às criminalizações, e principalmente, pelo nosso entendimento, junto com a *Social Control Theory*, de que essa visibilidade serve aos interesses e aos propósitos de controle social e manutenção do *status quo*.

Buscando investigar as raízes do medo e do controle, ela chega ao individualismo, através da leitura de Ginzburg, para quem “a questão da centralidade maior ou menor da individualidade levaria a dois caminhos:” conhecimento do individual através do conhecimento científico ou à generalização.

É uma idéia que também freqüentemente nos aflige, mesmo neste estudo: especialização ou generalismo. Não é uma questão nova. O assunto remete ao soldado e poeta grego Archilochus (sécVII a.c.), considerado o primeiro poeta lírico grego, e que condensou a questão em uma simples frase: “A raposa conhece muitas coisas, mas o porco-espinho, apenas uma”.

Assim, é impossível ao homem, ou a qualquer outro ser conhecido, saber, compreender tudo. A partir dessa impossibilidade estabelece-se a compartimentalização, a especialização: sabe-se muito (nunca tudo, claro) sobre determinado assunto. Malaguti identifica a criação da *Encyclopédie* (DIDEROT *et all*, 1751-1772), como “o símbolo e o instrumento central” da ofensiva burguesa, que passa a concentrar, além da riqueza e dos meios, o domínio sobre o saber cultural. Paradoxalmente, o mentor da enciclopédia, Denis Diderot (1713 - 1784), é um dos inspiradores de nossa dissertação, pela influência de seus livros *Carta aos cegos* (1749) e *Considerações sobre o Belo* (1752). Há que ser dito em sua defesa que Diderot foi muito perseguido em sua época. Seu gigantesco trabalho, principalmente a enciclopédia, foi censurado e proibido, e ele teve que fugir e escrever secretamente. Apesar de toda essa perseguição, ainda conseguiu ser conselheiro da monarca “Catarina, a grande”, da Rússia e foi um dos mais influentes pensadores iluministas na Europa. Sua biografia, nesse ponto, da volumosa produção e persistência inabalável, guarda certa semelhança com outro autor por nós admirado, *monsieur* Donatien Alphonse François (1740 – 1814). Desnecessário comentar a importância do conceito “enciclopédia” para a humanidade.

Na seqüência, Malaguti fala da identificação dos indivíduos como forma de controle dentro de um grupo social. A instituição das impressões digitais (que já eram usadas pelos antigos chineses e assírios), sistematizada pelo médico Tcheco Johannes Evangelista Purkinje,

em 1823, tornou-se rapidamente a mais difundida forma de controle social e criminalização em todo o mundo. A identificação e criminalização de certos subgrupos, porém, continua Malaguti, é bem mais antigo, e remete aos cultos antigos de fertilidade e à caça às bruxas. O desviante, o diferente, o exótico tende a ser marginalizado, perseguido, preso, assassinado, etc. Segundo ela, “a idéia de trabalhar o medo na cidade do Rio de Janeiro se ancora no papel constitutivo desse sentimento, desse afeto, na formação social brasileira” (MALAGUTI, 2003, p. 19).

Um outro conceito trazido por Malaguti, o dos *consumidores falhos*, nos pareceu interessante. Numa sociedade baseada no poder de compra, na capacidade de consumo, onde cada um “vale o que tem”, a idéia de um consumidor “incompleto”, ou “falho”, pois incapaz de atender aos chamados de anunciantes e modelos a seguir, é muito coerente:

A “colocação em ordem”, tem que dar conta das “novas anormalidades”, tratando de identificar, traçar e criar constantemente fronteiras para os “novos estranhos”. O caráter aterrador dos novos estranhos faz com que eles se transformem no centro das preocupações com a organização, num mercado totalmente organizado em torno da procura do consumidor, e numa sociedade interessada em manter essa procura permanentemente insatisfeita, os *consumidores falhos* são os novos impuros, já que o novo critério de pureza, ou de reordenamento, é a aptidão e a capacidade de consumo (MALAGUTI, 2003, p. 79, grifo nosso).

Identificamos certa profecia na antecipação, pela autora, dos mecanismos de funcionamento das “políticas de segurança do tipo *tolerância zero*”. Ela faz referência aos atos instituídos pelo então prefeito da cidade de Nova York, Rudolph W. Giuliani, que previa um rigor total contra todos os atos desviantes, seja assassinato, ultrapassar sinal vermelho, ou mesmo urinar em local público. A respeito das leis novaiorquinas de Giuliani, Malaguti cita estatísticas e, diz que o modelo teria “versões miméticas tupiniquins” Assim dizia a autora: “As políticas de “tolerância zero” e suas versões miméticas tupiniquins são prova disso, na busca da ordem urbana contra a impureza dos camelôs, flanelinhas e mendigos”³⁰. Continua, com a idéia de que o conceito de “crime” é contextual e varia de acordo com os interesses. Alinha-se, desta maneira aos conceitos reinantes na Criminologia Crítica, como o de *criminalizações*:

Tudo pode ser estigmatizado como crime; há uma tendência a estigmatizar a precariedade, deslocando tudo o que é público para o penal e reinstitucionalizando o direito penal pós-moderno na estratégia da purificação e do sacrifício. Os projetos de “tolerância zero” são exemplos dessa política, ao criminalizar os pequenos delitos, geralmente associados à

30 MALAGUTI, 2003, p. 80.

pobreza. Os primeiros efeitos dessa política em Nova York fizeram com que em um só trimestre de 1994 subisse em 38% o número de prisões de mendigos, bêbados e limpadores de pára-brisas. A partir da constatação de que a segurança pública tem um sentido mais amplo, os republicanos, ao invés de favorecerem intervenções urbanas contra a pobreza, promoveram um colossal arrastão punitivo contra a prostituição, a mendicância, as festas de rua, os flanelinhas (MALAGUTI, 2003, p. 98).

A política agressiva de Giuliani se baseou na *Teoria das Janelas Quebradas (Broken Windows Theory)*, Cujos pressupostos básicos se encontram no artigo de James Q. Wilson & George L. Kelling, *Broken Windows* (1982). A teoria argumenta que, se pequenos delitos não forem combatidos, acabam se tornando “normais”, e se generalizando. Posteriormente as idéias foram estendidas e deram origem ao livro *Fixing Broken Windows: Restoring order and reducing crime in our communities* (Kelling & Coles, 1996).

No ano de 2009, o recém eleito prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes receberia grande espaço na mídia, ao implementar uma “versão tupiniquim” do modelo nova-iorquino. Criou-se uma nova secretaria de governo para tratar do assunto. Com o nome de “Choque de Ordem”, teve tanta visibilidade que nos vimos obrigados a criar uma categoria especial para a análise desta ação e sua repercussão nos jornais. O jornal O Dia assim destacou a iniciativa:

03/01/2009 21:47:00

Choque de ordem no Rio começa amanhã

Prefeitura vai desencadear ações em vários bairros. GM espera armas

Rio - Principal bandeira de campanha do então candidato à Prefeitura do Rio Eduardo Paes, o esperado choque de ordem urbana começa com força total amanhã. Serão sete ações distintas em todas as regiões da cidade. Secretário municipal de Ordem Pública, Rodrigo Bethlem estará à frente de contingente que pode chegar a 2 mil servidores. As ações são apenas o primeiro passo; para provocar impacto, uma espécie de cartão de visitas do que está por vir — garantem as autoridades municipais.

O convênio assinado entre a atual administração e o Ministério da Justiça para aquisição de armamento não letal para a Guarda Municipal (GM) mostra que será estabelecido novo patamar para operações de reordenamento da cidade. Ainda que demore algumas semanas entre a aquisição do equipamento, o treinamento dos agentes e a utilização do armamento nas ruas, a iniciativa evidencia a radicalização no combate às pequenas infrações que tomaram conta da cidade. (O DIA *ONLINE*, 03/01/2009)

Para terminar nossa breve explanação sobre as idéias de Vera Malaguti, citamos um trecho de sua autoria:

A difusão do medo é mecanismo indutor e justificador de políticas autoritárias de controle social. A partir da decisão de trabalhar o problema numa perspectiva diacrônica, uma história do medo na corte imperial e a onda contemporânea de pânico na cidade, tento entender as rupturas e permanências desses processos. Como disse anteriormente, **quero compreender no campo simbólico dos discursos, mensagens e representações (alegorias) e suas funções ideológicas e políticas.** É no campo simbólico e na ação prolongada de inculcação que se desenvolvem relações de concorrência pelo monopólio do exercício legítimo da violência simbólica. O importante aqui não é o que os discursos, mensagens e representações proclamam, mas principalmente o que escondem. (MALAGUTI, 2003, p. 5, grifos nossos.)

Essa é também a nossa motivação, o que nos move neste estudo.

2.1.2. A Vila e a Fobópole

Em artigo apresentado na UERJ, no ano de 2009³¹, Marcelo Alonso Morais faz um comparativo entre a ideia central numa obra de ficção, o filme “A Vila”³², e o medo nas grandes cidades. *A mão invisível* Smithiana (SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações*, 1776) certamente funcionou neste caso, pois foi muito “casualmente” que tivemos acesso ao referido texto. Já tínhamos assistido ao filme, que voltamos a ver posteriormente, visando um melhor entendimento do paralelo.

No filme, um grupo de cidadãos de meia idade, das camadas médias em uma metrópole ocidental, chocados com a convivência diária com a violência urbana, resolve se embrenhar numa floresta e construir um “novo – velho” modo de vida, uma sociedade isolada, baseada na fraternidade entre os indivíduos, sem as comodidades da vida urbana, porém também, esperavam, sem as suas mazelas. Para convencer os membros do grupo (os mentores e seus descendentes) a ficar, não se aventurando jamais a voltar à cidade, criam um mito que os amedronta: criaturas que habitam o bosque e atacam os que entram na mata. O convencimento é reforçado através de fantasias e de animais destroçados, demonstrando aos descrentes a “veracidade” daquela “história”. Assim o grupo dominante consegue impor sua vontade sobre os amedrontados moradores.

Morais compara os moradores da “Vila”, aos assustados cariocas, e metropolitanos em geral, que vivem enclausurados em seus condomínios, prédios e casas, com medo de um inimigo selvagem que os pode atacar a qualquer momento, e cuja prova de existência é reforçada a todo o instante através de “histórias” e imagens midiáticas.

Há muitas propostas sendo discutidas, atualmente, acerca da necessidade de enfrentamento dos problemas diários de violência na cidade do Rio de Janeiro, como as invasões de morros por grupos de narcotraficantes rivais e/ou policiais (milícias), os estupros e seqüestros que, **destacados quase sempre de forma sensacionalista pela mídia**, têm levado a sociedade carioca a refletir e buscar soluções para a “desordem” do espaço urbano da metrópole. Encontramos, em nossa sociedade, tanto defensores de posturas mais rígidas como solução exclusiva para a violência, até aqueles que procuram discutir as questões sociais na cidade do Rio de Janeiro de forma mais ampla e reflexiva.

Diante dessa faceta da realidade carioca, parte expressiva da população da cidade se vê obrigada, muitas vezes, a se enclausurar. **O isolamento é um ato de extrema violência**, pois o cerceamento da liberdade é incompatível com a sociedade moderna que defende, mesmo

31 O Medo da (na) Metrópole: Uma breve análise da violência urbana à luz do filme “A Vila”, de Night Shyamalan. Anais do 2º Simpósio o Rural e o Urbano no Brasil. UERJ, Rio de Janeiro, 2009.

32 *A Vila (The Village)*, de Night Shyamalan, USA, 2006.

que somente através do discurso, a fluidez e a capacidade de ir e vir como inerentes na busca pela felicidade (MORAIS, 2009, p. 2, Grifo nosso).

Citando Bauman (2008), o autor reconhece que a violência é um fenômeno mundial, e que a vida na metrópole é banalizante e facilita a mercantilização e a superficialidade das relações sociais. Nesse sentido, concorda com as idéias de Simmel, G. (*A Metrópole e a vida mental*, 1903), Toffler, A. (*A Terceira Onda*, 1980) e Park, R. (*A Cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*, 1916). Continua com Anthony Giddens e a idéia de que o ser humano é guiado pela diminuição do sofrimento e a busca pelo prazer.

Mais uma vez encontramos ideias que seguem a linha desenvolvida por Condillac na *Teoria das Sensações*. O embrião desse pensamento pode ser identificado nos escritos do filósofo francês Claude Adrien Helvétius (1715 – 1771), que em sua obra *De l'esprit* (1758), disse que “Nossas idéias são as consequências necessárias da sociedade em que vivemos” e ainda que: “Todo o comportamento humano é baseado no interesse: o impulso para maximização do prazer e minimização da dor”. Apesar disso, Helvétius admitia que, através da educação, os homens poderiam vir a se tornar menos individualistas e pensar antes na coletividade.

Essa fuga do urbano e o retorno ao bucólico e ao rural também não tem nenhuma novidade. Há tempos que, seja por vontade própria (auto segregação) ou forçados, os cidadãos têm de alguma maneira fugido da sociedade desenvolvida e tentado montar “vilas” isoladas, paralelas. Exemplos mais claros seriam a Vila de Bello Monte, de Antônio Conselheiro (1830 – 1897), segundo o próprio Conselheiro inspirada na *Utopia*, de Thomas Morus (1478 – 1535); e o Khmer Vermelho, de Pol Pot (1925 – 1998), que pregava um retorno à vida rural baseada na agricultura e o isolamento do Camboja como formas de se atingir os áureos tempos do reino Angkor (séc IX – XV). Ambos não obtiveram sucesso em suas empreitadas.

Quanto aos “aldeões” do filme, não se sabe se tiveram sucesso, pois a ocorrência de um crime, um assassinato, nos limites de sua “utopia”, perpetrado por um dos próprios habitantes, nascido na vila, veio demonstrar que a artificialidade isolada de sua comunidade talvez não fosse garantia de paz.

A contradição é identificada por Moraes em sua comparação:

Contraditoriamente ao desejado pelos mentores do espaço fictício, o medo é o recurso de coerção, manipulação e convencimento utilizado por eles para controlar os habitantes da vila.

O medo que levou o grupo ao isolamento é utilizado por eles para a manutenção da comunidade rural, supostamente democrática. Se fizermos um paralelo com a realidade da cidade do Rio de Janeiro, é comum o mesmo tipo de postura por parte expressiva da “sociedade esclarecida” que defende posturas rígidas e autoritárias para o estabelecimento da “ordem” e do “progresso”, privatizando espaços em nome da segurança, **ao mesmo tempo em que gera lucro à chamada “indústria do medo” e votos aos candidatos** da política local que defendem a “militarização” da questão urbana. É importante ressaltar a contradição que permeia esses discursos. (MORAIS, 2009, p. 7, Grifo nosso).

Uma constatação feita pelo autor no tocante à cor utilizada como meio de amedrontar os habitantes da “vila”, nos remeteu a outro fato: Se na vila fictícia a cor vermelha devia ser evitada, pois atrairia os “monstros” (no filme, era proibido falar o nome das criaturas. Referem-se a elas como “aqueles que não devemos mencionar”), É notório que, nas favelas do Rio de Janeiro dominadas por bandos de traficantes que são inimigos da facção “Comando Vermelho”, o uso de vestimentas dessa cor também é vetada aos moradores do morro. A arte imita a vida.

Esta assertiva a respeito da cor vermelha é apoiada por alguns autores. Dentre eles citamos o livro do antropólogo inglês Luke Dowdney, “Crianças do Tráfico” (2003), Um estudo empírico empreendido pelo autor estrangeiro em favelas cariocas:

As regras e punições não têm sempre o pretexto de manter a ordem social ou o 'apoio mútuo'. As regras podem se relacionar explicitamente com o simples domínio territorial. Por exemplo, em alguns territórios do *Terceiro Comando*, os moradores não podem usar roupas vermelhas, a cor do *Comando Vermelho*. A desobediência pode levar à execuções. (DOWDNEY, 2003, p. 70).

Em artigo de 2001, Marco Marrafon também cita a prática de evitar a cor vermelha. Essa prática, porém, se dá da mesma forma que a “lei do silêncio” ou “lei do tráfico”, sendo de difícil comprovação. Segundo Marrafon: “Recentemente, os moradores do Rio de Janeiro que freqüentavam o *piscinão de Ramos* foram proibidos de vestir qualquer peça de roupa vermelha para não fazer alusão ao grupo comando vermelho, rival do grupo de traficantes que controla aquela área” (MARRAFON, 2001, p. 326).

Outro ponto que nos chamou a atenção no artigo de Moraes (2009) foi o conceito citado de *fobópole*³³. Ainda que não se apresente uma conceituação clara e explícita, o trecho a seguir nos diz muito a respeito do termo:

Num estudo recente sobre o medo nas metrópoles, principalmente no Rio de Janeiro, SOUZA (2008) nos apresenta o termo *Fobópole* para enfatizar **a situação de uma cidade dominada pelo medo provocado, principalmente, pela criminalidade violenta**. O autor argumenta

33 SOUZA, M.L. *Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana*. Rio de Janeiro: Ed Bertrand Brasil, 2008.

que os riscos, apesar de generalizados, não atingem a todos da mesma forma, além de levar em conta que **muitos indivíduos se beneficiam do medo**, desvelando os conflitos na *Fobópole*. Assim como os gestores da vila utilizam o medo para manter o controle sobre os habitantes e, conseqüentemente, garantir a reprodução das relações de poder e o controle do território, na cidade do Rio de Janeiro carros blindados, condomínios exclusivos, ruas com guaritas, grades ao redor das praças, prédios e janelas, câmeras e firmas de segurança, sem contar o comércio de armas, são exemplos que comprovam o senso de oportunidade do mercado diante da necessidade de segurança. O medo é apropriado por segmentos sociais que garantem a reprodução do modelo de crescimento econômico vigente que se expressa na organização desigual do espaço urbano carioca. Numa análise muito cuidadosa, o autor deixa clara **a ingenuidade de alguns discursos que lutam para eliminar, totalmente, a criminalidade violenta**, já que questões psicológicas, raciais, étnicas e religiosas, por exemplo, sempre irão existir. (MORAIS. 2008, p. 8, Grifo nosso.)

Esse também o nosso entendimento. Ao se perseguir o dinheiro, começa-se a compreender melhor o processo. Não à toa essa técnica é utilizada em investigações criminais desde sempre.

CERTIFICADO DE AUTORIZAÇÃO CEF Nº 6-1150/2009. IMAGENS MERAMENTE ILUSTRATIVAS

QUASE MEIO MILHÃO DE REAIS EM PRÊMIOS

PROMOÇÃO **O DIA da Sorte**

>>> **COMEÇA DOMINGO**

CONCORRA A UM APARTAMENTO DE R\$146 MIL!

SORTEIOS SEMANAIS! MAIS CHANCES DE GANHAR 4 CARROS NOVO GOL 3 MOTOS YAMAHA

MAIS DETALHES NAS PÁGS. 18, 19 E 32

O DIA

R\$1,20

ARY CARVALHO (1934-2003) | QUINTA-FEIRA, 4/03/2010 | ANO 59 | Nº 21.078 | 2ª EDIÇÃO | www.odia.com.br

FOTOS ALEXANDRE VIEIRA

FLAGRANTE MOSTRA O SUMIÇO DE ARMAS



FAROESTE NA BRASIL TEVE PM E BOMBEIRO

Policiais da Delegacia de Homicídios descobriram que dois agentes da lei estão envolvidos no tiroteio flagrado por equipe de O DIA na tarde de terça-feira, na altura de Guadalupe. Os nomes e as patentes são mantidos em sigilo. De acordo com as investigações, o morto no confronto na Avenida Brasil tinha acabado de assaltar cliente de banco em Marechal Hermes. Polícia investiga se os homens que aparecem nas fotos atuam como seguranças na região. **P. 2 E 3**

RIO DE JANEIRO > P. 6 E 7

Polícia prende acusado de incêndio a ônibus na Cidade de Deus

automania

BMW X1 É COMPACTO E MUITO POTENTE

ECONOMIA & PAÍSES > P. 22

Câmara aprova piso salarial de R\$ 3.500 para policiais e bombeiros

ATAQUE

Vascão vence o Bangu por 2 a 0 e Mengão bate o Madureira: 2 a 0

Figura 3. Capa do Jornal O Dia, 04/03/2010

2.1.3. Tocquevilleanos

É atribuída ao analista político, escritor e deputado francês Alexis de Tocqueville (18059 – 1859) a análise mais antiga e profunda sobre a vida nos Estados Unidos. Essa observação externa da vida de uma sociedade vem de tempos antigos, da época das viagens do mercador veneziano Marco Polo (1254 - 1324), por exemplo.

A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro é um dos principais destinos turísticos do planeta. Isso tem sido um pouco afetado pela imagem negativa da cidade no Brasil e no exterior. Em nossos contatos com estrangeiros, tanto através da rede mundial de computadores, como pessoalmente, percebemos que as informações que lhes chegam sobre o Brasil e o Rio (principalmente através da mídia) são as “piores” possíveis. Isso lhes causa medo da cidade (*fobópole*), alguns chegando mesmo a desistir da viagem. Os que persistem, apesar das ameaças midiáticas, e aqui chegam, mudam completamente de opinião, passando a ter uma visão “positiva” da cidade e do país. Selecionamos alguns relatos de estrangeiros a esse respeito. Abaixo, estritamente por falta de espaço, explicitamos apenas dois:

*Gringos's impressions about Rio*³⁴:

I need to know once and for all **if Rio is a safe place to go for vacation**. We have a trip planned with another couple and they now want to cancel because **they keep reading that Rio is NOT safe** and is **extremely dangerous**. Our friend's brother travels internationally for business and claims **he would NEVER travel to Rio due to kidnappings, robbery, etc**. We all have kids and don't want to take unnecessary risks. However, I hear the city is amazing and don't want to live with unnecessary **fear**.

Any advice? **Should we go?** Thanks for any info. -Mike in Ohio.

[Preciso saber de uma vez por todas se o Rio é um lugar seguro para passar férias. Temos uma viagem planejada com outro casal e eles agora querem cancelar porque estão lendo que o Rio NÃO é seguro e é extremamente perigoso. O irmão de nosso amigo faz viagens internacionais a negócios e diz que ele NUNCA viajaria para o Rio por causa de sequestros, assaltos, etc. Temos filhos e não queremos que corram riscos desnecessários. Entretanto, ouço dizer que a cidade é incrível e eu não quero viver com um medo desnecessário. Algum conselho? Devemos ir? Grato por qualquer informação].

(mike schadek, Columbus, Ohio, 08/05/2009)

I feel so depressed now. My boyfriend and I have booked a trip to Brazil in January and now I wish we were not going. We fly into Sao Paulo and have one night there, then we are going to the Amazon for 5 nights and then Rio de Janeiro for 7 nights and the Buzios for 4 nights. **I realised that there was a lot of poverty and crime in Rio** and we were prepared to dress down, take no valuables/wear jewellery etc but I didn't realise that it is odds on that at some point you will held at **gun/knife** point. I am a streetwise person but the thought of this **terrifies me**. I look Brazilian (many people think I am) but my boyfriend is blonde with blue eyes. We are staying on Copacabana beach which really does sound **like a warzone**. It sounds as if it is impossible to relax anywhere. I dont mean in the chilled sense I mean constantly looking over your shoulder for some **mugger/murderer**. Do you think I should try and extend our stay in Buzios **and not entertain Rio?** We dont want to be banished to our hotel

34 http://www.tripadvisor.com/ShowForum-g303506-i1199-Rio_de_Janeiro_State_of_Rio_de_Janeiro.html
(Tradução própria, maiúsculas no original, grifos nossos).

every night at 9pm. Any help would be much appreciated. I know I am going to have **nightmares** tonight.

[Fiquei tão deprimida agora. Meu namorado e eu planejamos uma viagem para o Brasil em Janeiro e agora eu preferia não ir. Voamos para São Paulo e ficamos lá uma noite. Então, iremos para a amazônia por 5 noites, Rio por 7 noites e Búzios por 4 noites. Eu **descobri que há muita pobreza e crimes no Rio**, e nos preparamos para usar roupas simples, nenhuma jóia ou objetos valiosos etc. Mas eu não sabia que é mais que isso e que você pode ser ameaçado com uma arma/faca. Sou uma pessoa que conhece as ruas, mas esse pensamento **me aterroriza**. Pareço brasileira (muitos acham que eu o sou), mas meu namorado é louro de olhos azuis. Ficaremos na praia de Copacabana, que realmente **parece ser uma zona de guerra**. Parece ser impossível relaxar em qualquer lugar. Não quero dizer em termos de ser inamistoso, digo que se tem que estar olhando constantemente para os lados, por causa de **ladrões / assassinos**. Vocês acham que eu deveria estender a estadia em Búzios e **não ir ao Rio**? Não queremos ficar confinados no hotel toda noite após às 21 hs, Qualquer ajuda será muito bem-vinda. Sei que terei **pesadelos** essa noite. (Nena, Londres, UK, 7/12/2008).

Após alguns conselhos sobre o que seria um comportamento “de segurança” no Brasil, qual seja: evitar ostentação, não se vestir como turistas, evitar falar idiomas estrangeiros na rua, há argumentações de que tais comportamentos seriam “bizarros” e comprovariam a diferença do Rio em relação a outras cidades do mundo. Um nova-iorquino que vem constantemente ao Rio afirma que há cidades e lugares nos Estados Unidos tão ou mais violentos que o Rio de Janeiro³⁵:

Se você acha que não há lugares em NY onde se sugere o uso de roupas simples e evitar jóias e/ou levar dinheiro, então eu simplesmente te sugiro que há partes da cidade de NY que você sequer chegou perto. Mesmo no que parece ser a sua cidade, tente andar em certos locais. Muitas gangues e atividades do tipo. Não há carência de criminalidade armada com motivação juvenil. Eu estudei lá no ginásio e, acredite, esqueça Nova York. **Existem partes das ‘cidades gêmeas’* tão perigosas quanto o Rio**. Apenas a minha opinião, claro. Mulheres usam bolsas, andam bem vestidas e usam jóias o tempo todo no Rio. Acho que isso é mais comum em locais sem tanto turistas, daí esse tipo de discussão. Sim, há perigos no Rio. Existe violência e crime. Minha questão é apenas que **esta violência e crime existem na maioria das cidades e também podem ser evitados lá**. Se você quer usar o argumento de que o Rio seria diferente em virtude de ocorrer crimes em áreas turísticas, vamos dar uma olhada no Yankee Stadium. Uma atração turística comum para muitos. Agora vamos olhar a seção NY do TA e ver quantos especialistas recomendam atravessar o sul do Bronx todo bem vestido. No momento, esta área tem um dos mais altos índices de violência de todo o país. E aumentou. Não digo que é uma área ruim, mas é um local turístico com fama de ser violento. Estou certo de que há exemplos semelhantes.

*As ‘cidades gêmeas’, *The twin cities* é o apelido dado às cidades de Saint Paul e Minneapolis, Nos EUA. (NT)

Como se percebe pelos depoimentos, (e poderíamos continuar citando muitos outros com o mesmo teor) a percepção de vários estrangeiros antes de vir ao Brasil é a pior possível, porém essa impressão muda ao vivenciar a cordialidade do povo brasileiro e a beleza do país.

Pode-se perguntar: Mas como, se seu trabalho é sobre mídia impressa, distribuída internamente, no Brasil, em português, “para brasileiros”, o que teria a ver com isso as impressões de estrangeiros a respeito desse assunto? Bem, Não apenas os brasileiros lêem

35 Relato colhido através de entrevista com Gianni, 38 anos, residente em Long Island, NY, em 29 de março de 2009.

esses jornais. Praticamente todos os jornais “antigos” (baseados em papel) ou, “*dead-tree newspapers*”, têm, atualmente uma versão eletrônica disponibilizada para o mundo inteiro via rede mundial de computadores. O idioma pode ser alguma barreira, mas existem ferramentas de tradução gratuitas, e as imagens não precisam de legenda. Além disso, não se perca de vista que há correspondentes estrangeiros em todos os países, inclusive no Brasil, e que a percepção desses correspondentes é, em grande parte, baseada no que a mídia local fala sobre a cidade. Um dos estrangeiros citados acima chegou a confessar que assiste, em sua casa nos Estados Unidos, a novelas brasileiras, com a intenção de aprender português. Como se percebe, tudo está conectado, ou “dominado”.

2.1.4. A Gentileza dos estranhos

Como estamos falando de violência, lugares e pessoas violentas, e acabamos de citar impressões reais de indivíduos que nunca tinham visitado o Brasil, mas não de forma cientificamente coletada, com pesquisas de opinião, e procedimentos similares, trazemos em seguida o mesmo tipo de informação, qual seja, a de que a maioria dos cariocas são gentis (ao contrário do imaginário violento), agora corroborada pela revista *American Scientist*, através de um estudo empírico realizado em 23 grandes cidades ao redor do mundo.

Na pesquisa *The Kindness of Strangers* (2003)³⁶, o psicólogo Robert Levine viajou por vários continentes realizando um experimento sobre a gentileza, a generosidade, a “bondade” que os estranhos apresentam ao ver um indivíduo em dificuldade. Levine vêm estudando a gentileza e o altruísmo desde 1990. Para surpresa de muitos, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro foi o lugar onde as pessoas se mostraram mais gentis e solícitas. Por outro lado, lugares como Nova York, Roma e Amsterdã ficaram entre os últimos colocados. A pesquisa consistiu em mostrar publicamente indivíduos representando pessoas em situação de dificuldade, e observar a reação dos transeuntes no espaço público. A “tão violenta” cidade do Rio de Janeiro, mostrou-se neste experimento, ser um lugar de pessoas mais gentis que todas as outras cidades pesquisadas. Apenas para efeito de comparação, esta é a lista das cidades em que foi feita a pesquisa, com os resultados apontando o Rio em primeiro e Kuala Lumpur (Malásia) em último:

36 *American Scientist*, vol 91, n.3, p226, may-jun 2003. disponível em: <http://www.americanscientist.org/issues/feature/2003/3/the-kindness-of-strangers/1>

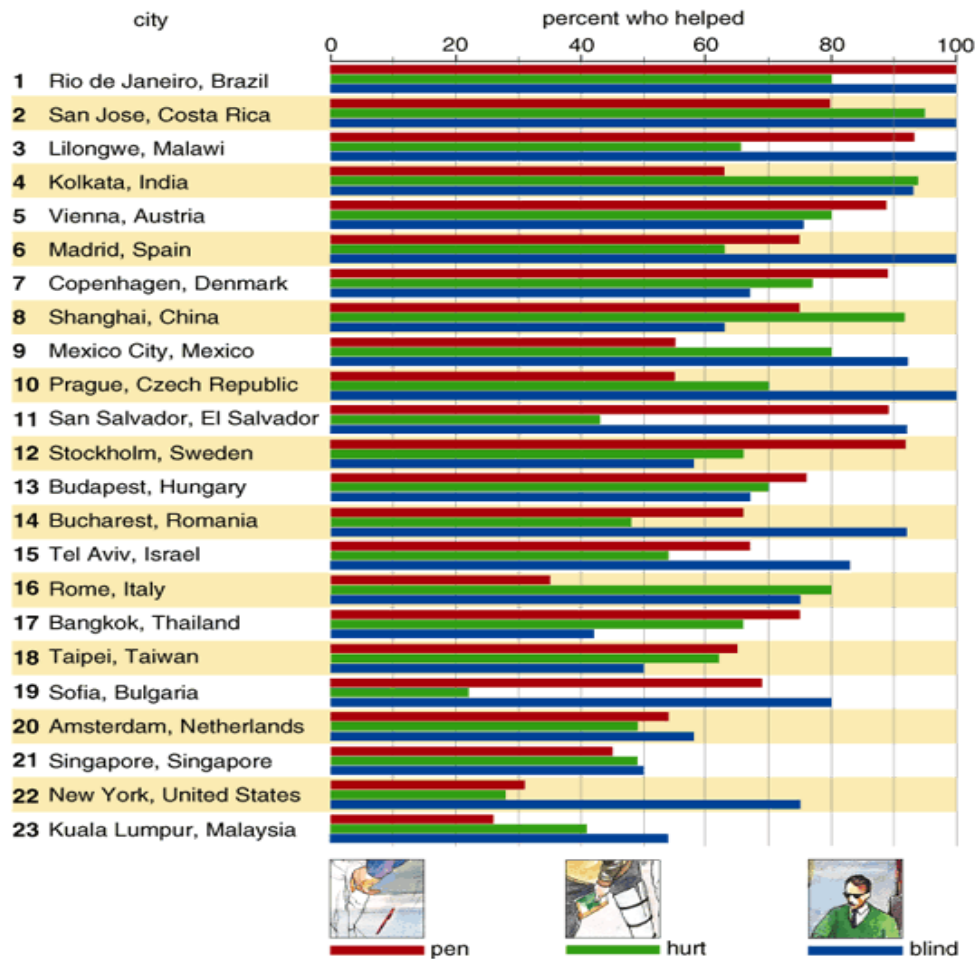


Gráfico 1. The Kindness of strangers: Rio de Janeiro

É paradoxal que uma cidade que tem sua imagem midiática tão associada à violência urbana tenha apresentado numa pesquisa empírica os resultados acima: Os cidadãos mais gentis.

2.2. Números

Vamos agora nos ater aos “fatos”, à frieza dos números oficiais, contrapondo esses dados ao imaginário construído pela mídia. Vejamos as estatísticas disponíveis sobre a violência no Brasil e no exterior. Quais serão as cidades mais violentas do Brasil e do exterior? Será que a intitulada “cidade maravilhosa” merece a má fama que lhe tem sido atribuída?

Mesmo os pesquisadores que estão mais diretamente ligados ao estudo da violência reconhecem que cidade de São Sebastião não é a mais violenta do país. Contra números é difícil sustentar argumentos. O sociólogo Ignácio Cano (UERJ) diz que: “A despeito de sua

grande visibilidade, a intensidade da violência no Rio não é a maior do país (CANO *et all*, 2004, p 2).

A seguir, os municípios brasileiros (acima de 100 mil habitantes) com as maiores taxas de homicídio por 100 mil habitantes, no período de 1998 a 2002:

Tabela 1. Taxas de homicídio dos municípios brasileiros, 1998 – 2002

Colocação	Municípios	População residente (2002)	Taxa de Homicídios (1998 a 2002)
1º	Diadema - SP	367. 959	122,2
2º	Serra - SP	342. 015	110,5
3º	Recife - PE	1. 449. 136	104,3
4º	Itapecerica da Serra- SP	138. 952	100,5
5º	Vitória - ES	299. 358	91,4
6º	Praia Grande - SP	208. 332	86,7
7º	Nova Iguaçu - RJ	780. 344	80,8
8º	Cabo de S. Agostinho - PE	158. 438	80,3
9º	Embu - SP	218. 535	80,2
10º	Guarujá - SP	276. 300	80,2

Percebemos então que São Sebastião do Rio de Janeiro, estranhamente, não se encontra entre as dez cidades mais violentas do país. Essa descoberta é chocante se comparada com as notícias de atos violentos na cidade que aparecem diariamente na mídia. Bem, talvez a cidade apareça entre as 20 primeiras. Talvez seja a 11ª. Vejamos:

Tabela 2. Taxas de homicídio dos municípios brasileiros, 1998 – 2002

11º	Jaboatão dos Guararapes - PE	601. 425	79,9
12º	Duque de Caxias - RJ	798. 102	79,6
13º	Foz do Iguaçu - PR	272. 941	78,8
14º	Itapevi - SP	173. 889	78,4
15º	Itaboraí - RJ	197. 017	78
16º	Osasco - SP	670. 345	77,6

17°	Itaquaquecetuba - SP	295. 660	77,2
18°	Niterói - RJ	464. 354	77,2
19°	Cabo Frio - RJ	137. 864	76,7
20°	Guarulhos - SP	1. 132. 649	74,9

Mas como é possível que mesmo entre as 20 cidades mais violentas, com maior número de homicídios do país a capital fluminense não esteja incluída? Acabemos com o mistério: a cidade está em 25° lugar nessa classificação:

21°	Cariacica – ES	334. 751	73,3
22°	Olinda – PE	373. 478	71,9
23°	Cuiabá – MT	500. 290	69,4
24°	Taboão da Serra – SP	205. 547	68,4
25°	Rio de Janeiro – RJ	5. 937. 251	68,2
26°	Petrolina – PE	230. 342	68,1
27°	São Paulo – SP	10. 600. 059	66,7
28°	Campinas – SP	995. 024	66,3
29°	Macaé – RJ	140. 530	66,2

* Dados: Observatório das metrópoles/UFRJ³⁷

Mas esses são dados de 2002, podem estar desatualizados. A imagem de cidade violenta pode ter sido construída posteriormente, sendo coisa recente no imaginário popular e

37 http://www.observatoriodasmetrosoles.ufrj.br/como_anda/como_anda_RM_riodejaneiro.pdf

na mídia em geral. Vejamos então os dados mais atualizados. Segundo o Ministério da Justiça, as cidades com maior incidência de homicídio (entre parênteses as taxas de homicídios por 100 mil habitantes):

Tabela 3. Cidades brasileiras com maior índice de homicídios

1. AL-ARAPIRACA 239 (122,4)
2. ES-SERRA 405 (112,1)
3. ES-CARIACICA 332 (96,4)
4. PE-JABOATÃO DOS GUARARAPES 573 (92,4)
5. PE-OLINDA 333 (87,9)
6. RJ-MACAÉ - CARAPEBUS - QUISSAMÃ 148 (85,7)
7. PE-CABO DE SANTO AGOSTINHO 131 (80,1)
8. PA-MARABÁ 145 (78,0)
9. MG-BETIM 259 (71,6)
10. PE-GARANHUNS 88 (71,2)
11. PE-CARUARU 182 (67,5)
12. ES-VITÓRIA 206 (67,3)
13. GO-LUZIÂNIA 110 (66,1)
14. RJ-QUEIMADOS 86 (65,5)
15. PE-RECIFE 945 (64,1)
16. ES-VILA VELHA 232 (61,3)
17. RJ-ITABORAÍ - TANGUÁ 143 (61,1)
18. AL-MACEIÓ 518 (59,8)
19. RO-PORTO VELHO 215 (59,7)
20. BA-JUAZEIRO 114 (59,0)
21. RJ-BELFORD ROXO 259 (55,8)
22. RJ-DUQUE DE CAXIAS 454 (55,4)
23. PE-PAULISTA 154 (54,5)
24. RJ-NOVA IGUAÇU 434 (54,0)
25. BA-ITABUNA 108 (53,7)
26. MG-BELO HORIZONTE 1228 (52,8)
27. GO-VALPARAÍSO DE GOIÁS 57 (51,4)
28. RJ-NILÓPOLIS 78 (51,3)
29. BA-CAMAÇARI 89 (49,1)
30. RJ-ANGRA DOS REIS 64 (48,2)
31. BA-TEIXEIRA DE FREITAS 56 (48,1)
32. SP-ITAPECERICA DA SERRA 71 (48,1)
33. PE-PETROLINA 116 (48,1)
34. MG-SANTA LUZIA 98 (48,0)
35. BA-ILHÉUS 105 (47,4)
36. SP-HORTOLÂNDIA 82 (45,7)
37. SP-SUMARÉ 100 (45,6)
38. RJ-MAGÉ 96 (43,1)
39. RJ-MESQUITA 76 (43,0)
40. MG-GOVERNADOR VALADARES 109 (42,9)
41. RJ-CABO FRIO - ARRAIAL DO CABO 73 (42,1)
42. BA-LAURO DE FREITAS 55 (41,8)
43. CE-MARACANAÚ 79 (41,8)
44. SP-JACAREÍ 83 (41,0)
45. SP-FRANCISCO MORATO 63 (40,9)
46. SP-ITAQUAQUECETUBA 129 (40,7)
47. AP-MACAPÁ 134 (40,6)

48. RJ-SÃO JOÃO DE MERITI 184 (40,1)
 49. RJ-NITERÓI 185 (39,5)
 50. PB-SANTA RITA 49 (39,4)
 51. RS-ALVORADA 79 (39,3)
52. RJ-RIO DE JANEIRO 2361 (39,3)
 53. PE-CAMARAGIBE 55 (39,1)
 54. SP-EMBÚ 89 (38,9)

Talvez, digam os mais exaltados, a questão da violência seja ampla demais para se resumir apenas aos índices de homicídios, que não contemplaria os demais atos como furtos, assaltos, seqüestros, corrupção, etc. Concordamos, porém trazemos em nossa defesa os argumentos do “Observatório das metrópoles/UFRJ”:

Apesar do debate sobre a violência, definitivamente, não se esgotar na questão dos homicídios, esta é uma forma legítima de articular uma preocupação que ganha fôlego na sociedade a um esforço de compreensão mais aprofundado sobre o problema da violência³⁸.

Pensamos que as taxas de homicídio são a única forma plausível de se comparar a violência em cidades e até em sociedades diferentes, como países por exemplo. Outros delitos como assaltos, furtos, estupros, agressões, etc., podem variar muito em forma, conteúdo e ação, porém um homicídio é definitivo e igual em qualquer tempo e lugar. A contagem dos corpos nos dá uma boa indicação sobre quão violenta uma sociedade é, em última instância.

Uma vez que estamos falando de números e vitimização, trazemos aqui os resultados da pesquisa empírica feita pela antropóloga Alba Zaluar (UERJ) a respeito de roubos, furtos, agressões e estupros na cidade. Sua pesquisa contou com entrevistas à residentes na cidade, numa amostragem de 4000 pessoas.

Os resultados obtidos demonstram que **o Rio de Janeiro não é a cidade mais violenta do país**, apresentando proporções de pessoas furtadas bem menores que as de Belo Horizonte, segundo as pesquisas de vitimização já realizadas nesta cidade e menores que as de roubo que as da cidade de São Paulo. Quanto à agressão física é bem menor do que Recife. (ZALUAR, 2006, p. 2)³⁹

38 UFRJ, Observatório das metrópoles, op cit.

39 Pesquisa Domiciliar de vitimização na cidade do Rio de Janeiro 2005-2006. Disponível em <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas>

H MEIA HORA DE NOTÍCIAS

GLOBEZA VAI SAMBAR QUASE PELADINHA ESTE ANO PÁGINA 27

R\$ 0,50

www.meiahora.com TERÇA-FEIRA, 6 DE JANEIRO DE 2009 • ANO 4 • Nº 1.188

CA-CA-CALMA, NÃ-NÃ-NÃO É O DDDAVID

MA-MA-MATARAM O GA-GA-GAGUINHO



Explodiu a guerra da milícia na Zona Oeste. Horas após o assassinato de sargento bombeiro em Jacarepaguá (foto), Waguinho Desipe foi executado em Campo Grande. No Recreio, bandidagem meteu bala em empresário. **PÁGINAS 03, 04 E 07**

TELEMARKETING 02

Empresas abrem 300 vagas de emprego

COMPRA LÁ! DÁ UMA FORÇA PRA ELES!

REVISTA DE BACANA BABA O OVO DO MEIA

Jornalista da Piauí visita a redação para contar aos leitores ricos e famosos como é feito o jornal que faz mais sucesso nas bancas do Rio

11

CABO FERIDO 10

Largaram o dedo em posto da PM na Baixada

Figura 4. Capa do jornal Meia Hora de 06/01/2009

A pesquisa de Zaluar desmitifica e destrói completamente a imagem de violência e caos. Em todas as instâncias pesquisadas pela autora, os resultados se mostraram dentro da “normalidade” e em vários casos bem abaixo de outras cidades brasileiras. O interessante neste estudo é que se trata de relatos dos próprios moradores, de suas experiências vivenciadas e não de números estatísticos coletados por institutos de pesquisa em livros de delegacias. A própria pesquisadora enfrentou, no curso da pesquisa, percalços por conta do medo que assola os moradores, ainda que os resultados da pesquisa digam que não há motivo para esse alarme:

Temos tido dificuldade, especialmente nos condomínios de classe média, onde estão as pessoas mais amedrontadas da cidade. Já tivemos um problema grave, quando uma entrevistadora ficou retida em um apartamento para não ser agredida por um rapaz que concluiu, sem nos telefonar, que não existia pesquisa nenhuma e que tudo não passava de um golpe para dar os dados para os imaginados assaltantes. Por isso, pediria que avisassem na portaria de seus prédios ou de suas ruas que a pesquisa existe e é importante para toda a cidade.⁴⁰

Enclaves fortificados. O medo da perda. Quem tem mais bens a perder, ou pensa que tem mais, é quem tem mais medo.

Apenas para efeito de comparação, a cidade de Caracas, na Venezuela detém, atualmente o “título” de “cidade mais violenta do mundo”, com a taxa de 130 homicídios por 100 mil habitantes. Ciudad Juarez (México), também é apontada como candidata à mais violenta, com os mesmos 130 por 100 mil. As cidades mais violentas dos Estados Unidos são Baltimore, (Mariland) e Detroit, (Michigan) com as taxas de 42 e 41,4 / 100 mil, respectivamente. Johannesburg, África do Sul: 36,4. Dados de 2005⁴¹. Em se tratando de países, o Brasil também não pode ser considerado um dos mais violentos:

O relatório da ONU sobre drogas e crimes (2005-2006) aponta El Salvador como o país mais violento: 58,07 homicídios /100 mil hab. O Brasil tem a metade dessa taxa: 25,7.

Apenas para citar algum dado proveniente da mídia, a rede de televisão CNN criou, em abril de 2010, com dados de pesquisas combinadas, uma lista das “dez cidades mais perigosas do mundo”⁴²:

40 <http://clip2net.com/clip/m2498/1191076585-a02ae-152kb.pdf>

41 Fontes:US Census Bureau: www.census.gov ;Universidade da África do Sul: www.sahealthinfo.org.za ; ONU, www.unodc.org

42 <http://edition.cnn.com/2010/WORLD/americas/04/10/dangerous.cities.world/index.html>

Tabela 4. As cidades mais perigosas do mundo

The world's most dangerous cities:

- Bagdad, Iraq
- Caracas, Venezuela
- Detroit, USA
- New Orleans, USA
- Juarez, Mexico
- Karachi, Pakistan
- Cape Town, South Africa
- Moscow, Russia
- Kinshasa, Democratic Republic of Congo
- Beirut, Lebanon

Mais uma vez estranhamos que nenhuma cidade brasileira, principalmente a “caótica” e “violenta” São Sebastião do Rio de Janeiro, seja citada nesta lista.

2.2.1 Expectativa de vida

Outro dado discordante com a cidade midiática, segundo a qual tudo no Rio é ruim: sistema de saúde, polícia, condições de vida, etc., é a expectativa de vida. Segundo o IBGE: “A expectativa de vida ao nascer confirma ou reafirma esta maior longevidade feminina, que no caso da cidade do Rio de Janeiro atinge doze anos, quando a média nacional se situa próximo a nove anos”.⁴³ Longe de querer fazer crer que a cidade não tem problemas, o que tentamos é demonstrar que ela não é tão violenta quanto se tenta fazer crer. A esse respeito, veja-se, por exemplo, o que foi publicado no jornal O Globo, edição de segunda-feira, dia 20 de Julho de 2009, caderno Rio, página 12:

'Não dá mais para ficar na cidade'

Homem atingido por disparo na Penha diz que vai se mudar do Rio.

Diante de manchetes como essa, não é difícil entender como se formam as representações sociais a respeito da cidade.

43 http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/2326_A%20feminiza%C3%A7%C3%A3o%20da%20cidade.pdf

2.2.2. Índice de desenvolvimento humano (IDH) e IDH-M

Uma outra forma de tentar entender o posicionamento da “violenta e caótica” cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro é através do IDH (índice de desenvolvimento humano). Esse indicador foi criado em 1990 pela Organização das Nações Unidas (ONU), e é um contraponto à medição estritamente econômica representada pelo PIB (produto interno bruto) de uma sociedade. No cerne do entendimento está a questão de que apenas fatores econômicos não são suficientes para se avaliar o desenvolvimento de um agrupamento social, e que outras características devem ser consideradas, como por exemplo, as facilidades de acesso a bens culturais e serviços, infra-estrutura básica, saneamento, etc. Tais fatores afetariam a qualidade de vida e a percepção dos indivíduos, sendo preponderantes para a avaliação de uma sociedade. Como uma análise pormenorizada seria dificultada pela escassez de dados disponíveis em várias partes do mundo, o IDH contempla apenas três itens: a expectativa de vida, a escolaridade e a renda. A partir desses fatores é composto o índice que serve de parâmetro para comparar diferentes grupos sociais.

Como funciona o IDH? Esse índice varia de 0 (zero) a 1 (hum). Quanto mais alto, mais desenvolvida é a sociedade, mais qualidade de vida têm seus membros. Um índice de até 0,499 é considerado baixo. Entre 0,500 e 0,799 é um desenvolvimento médio, e acima disso a sociedade é considerada de alto desenvolvimento.

Os níveis de IDH do Brasil, segundo a PNUD de 2000 eram:

IDH: **0,766** IDH-renda: 0,723 IDH- longevidade: 0,727 IDH-educação:0,849

Já nos dados mais recentes disponíveis, PNUD 2007/2008, o país apresentou uma sensível melhora, com um índice de **0,800**, atingindo a 70ª posição entre os países do mundo. Apenas para efeito de comparação com os IDH de outros países, a Islândia tem o melhor IDH, seguida por Noruega, Austrália, Canadá e Irlanda. Os Estados Unidos estão em 12º lugar, com um IDH de 0,951. Apesar de ser uma ótima colocação, se comparada ao Brasil, os Estados Unidos sofreram uma queda da segunda posição (1990) para a décima segunda⁴⁴. O Brasil, por outro lado vem melhorando seu IDH e sua posição na tabela a cada nova avaliação.

Mas porque estamos falando disso tudo? A intenção é situar a cidade de São Sebastião num contexto maior que nos permita compará-la com outras sociedades.

44 http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/07/080717_euadesenvolvimentofn.shtml

Então, os dados estatísticos dizem que o Brasil é um país de alto desenvolvimento, o último dentro dessa classificação (A República Dominicana, 0,798, imediatamente abaixo do Brasil já se encontra na faixa “médio desenvolvimento”).

O estado do Rio de Janeiro, (RJ), se comparado com outras unidades da federação em face de seu IDH estaria posicionado na quinta colocação (PNUD 2000):

Tabela 5. IDH dos Estados brasileiros (PNUD – 2000)

DF: 0,844 SC: 0,822 SP: 0,820 RS: 0,814 **RJ: 0,807** PR: 0,787

Dadas as limitações do IDH frente às diferenças regionais, um novo índice surge no Brasil, o IDH-M, índice de desenvolvimento humano dos municípios.

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) vem sendo calculado no Brasil desde 1998 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), pela Fundação João Pinheiro (FJP) e pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). O IDH-M de 2000 conta com novos dados sociais e foi atualizado pelos resultados do Censo Demográfico de 2000 do IBGE, fazendo com que o **índice médio brasileiro subisse dos 0,750 em 1999 para 0,769** em 2000. O cálculo global para o Brasil, elaborado pelo PNUD sem a utilização destes dados sociais atualizados, fez com que o índice em 2000 viesse a ser de apenas 0,757. (Bremaeker, IBAM – 2004, p 5. grifos nossos).

Os componentes do IDH-M e seus resultados médios para o Brasil são:

- Esperança de vida ao nascer, calculada pelo IBGE, que era de 68,40 anos em 1999 e passou a 68,55 anos em 2000;
- Taxa de alfabetização, calculada pelo IBGE, que era de 86,7% em 1999 e passou a 86,3% em 2000;
- Taxa combinada de matrícula escolar, calculada pelo INEP/MEC, que foi de 84,6% tanto em 1999 quanto em 2000;
- Produto interno bruto real per capita, em dólares, calculado pelo Banco Mundial, que era de US\$ 7.037 em 1999 e passou para US\$ 7.625 em 2000.

Esta é a lista das capitais dos estados brasileiros, classificados por ordem decrescente de IDH-M. A capital catarinense tem o melhor índice, e Maceió fica em último lugar ⁴⁵:

45

<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/0ÍndiceDeDesenvolvimento%20Humano%20dos%20Municípios.pdf>

Tabela 6. IDH-M das capitais brasileiras (PNUD – 2000):

Florianópolis (SC).....	0,881
Porto Alegre (RS).....	0,865
Curitiba (PR).....	0,856
Vitória (ES).....	0,856
Brasília (DF).....	0,845
Rio de Janeiro (RJ).....	0,842
São Paulo (SP).....	0,841
Belo Horizonte (MG)....	0,839
Goiânia (GO).....	0,832
Cuiabá (MT).....	0,821
Campo Grande (MS)....	0,814
Belém (PA).....	0,806
Salvador (BA).....	0,805
Palmas (TO).....	0,800
Recife (PE).....	0,797
Aracaju (SE).....	0,794
Natal (RN).....	0,787
Fortaleza (CE).....	0,786
João Pessoa (PB).....	0,783
Boa Vista (RR).....	0,779
São Luís (MA).....	0,778
Manaus (AM).....	0,774
Macapá (AP).....	0,772
Teresina (PI).....	0,767
Porto Velho (RO).....	0,763
Rio Branco (AC).....	0,753
Maceió (AL).....	0,739

Fonte: IPEA / FJP / PNUD. Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – 2000. IBGE. Censo demográfico de 2000. Tabulações especiais: IBAM. Banco de Dados Municipais (IBAMCO).

Percebe-se pela exposição de dados acima que a qualidade de vida na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro não é tão ruim quanto se propaga. Bem diferente de “um inferno na terra”, a cidade é a sexta melhor capital do país para se viver.

2.2.3. A Economia do Medo

Nesses tempos em que os seres humanos muitas vezes não mais se reconhecem uns aos outros como semelhantes, mas com hostilidade, como um competidor e inimigo em potencial, gente com medo de gente, o que se vê é que há uma enorme soma de dinheiro sendo gerada pelo medo.

Ao contrário do que se possa pensar, a violência, o medo e o pânico social não geram recessão e prejuízos. Estes fatores somados movimentam uma economia gigantesca em todo o mundo, contribuindo para a criação de empregos e renda em vários setores, tais como: Companhias seguradoras e empresas de segurança (em todos os níveis, desde pessoal até

patrimonial, como blindagem de veículos); Área de saúde e fornecedores de insumos para esta área (hospitais, clínicas, indústria farmacêutica, farmácias, psicólogos, psiquiatras); Mídia, que vende toneladas de jornais, programas televisivos, radiofônicos; *Shopping Centers*, bancos, empreiteiras e construtores, além é claro, de todo o aparato diretamente envolvido na repressão: polícias, fábricas de armamentos e munição, Justiça, sistema carcerário e seus fornecedores. Obviamente não estamos considerando os lucros da economia “informal” de marginais, tráfico de drogas, armas e outras atividades “ilegais”, mas deve-se ter em mente que essa “economia marginal” é também fonte de lucros enormes. (e totalmente livre de despesas com impostos, publicidade, etc). A esse respeito, vejamos um exemplo retirado de um jornal carioca:

Rio terá mais oito blindados brasileiros até setembro
JB online 16/05/2008

Em um ritmo incessante de operações de combate ao tráfico em toda a cidade do Rio, a Secretaria Estadual de Segurança Pública aguarda a chegada de oito novos veículos blindados. Com as aquisições, o Rio vai dobrar a frota da polícia e contará também, a partir de junho, com um helicóptero blindado, que já vem sendo chamado de caveirão voador. Inicialmente, o Secretário de Segurança, José Mariano Beltrame havia optado pelo modelo israelense, mas a falta de empresas aptas a fazerem manutenção fez com que optasse por uma empresa brasileira. [...]

Além dos oito, mais dois

A partir da primeira entrega, a empresa terá 15 dias para entregar cada novo veículo. Os oito novos blindados deverão estar nas ruas até setembro e, até lá, Beltrame buscará verbas para a aquisição de outros dois caveirões. **Cada blindado custou cerca de R\$ 360 mil. Ao todo, foram gastos R\$ 2,88 milhões.** Segundo a própria secretaria, os novos blindados serão uma espécie de veículo de transporte de valores adaptado, com algumas modernizações ainda não especificadas, mas bastante semelhante aos usados atualmente pela polícia. O caveirão israelense, sonho de consumo do secretário José Mariano Beltrame é capaz de destruir barricadas e explodir pequenas áreas. Não há, porém, empresa no Brasil capaz de fazer a manutenção desse tipo de veículo, o que geraria custos excessivos ao Estado em caso de avarias.

Em junho, helicóptero blindado

Em junho, a Polícia Civil contará também com um helicóptero blindado, que já está sendo chamado pelos agentes de caveirão voador. Com capacidade para transportar até 15 pessoas sendo seis atiradores de precisão, a aeronave americana Huey II foi utilizada na Guerra do Vietnã e no Iraque e **custará ao Estado cerca de R\$ 8 milhões.** A PM já dispõe do modelo AS 350 Esquilo, equipado com câmeras que captam imagens à distância e localizam objetos e pessoas pelo sensor de calor. (grifos nossos)

Infelizmente não foram encontrados, ainda, números estatísticos concretos que delimitem a área especificada acima (a economia ilegal / informal), porém, sobre a violência e a segurança pública encontramos algumas estatísticas envolvendo dinheiro. Uma informação

divulgada no 1º Fórum Brasileiro de Segurança Pública, com dados de 2005 ⁴⁶, estima em R\$ 27 Bilhões os gastos com segurança pública, sendo São Paulo o Estado da federação que mais investe no setor (6,2 bilhões de reais em 2005), O RJ aparece na segunda posição com 3,6 bilhões e MG em terceiro com 3,3 bilhões. Esses números representam, indubitavelmente, um gasto enorme, porém ainda é uma gota d'água no oceano de gastos ligados à violência, ao medo e ao pânico social. O citado anuário traz ainda uma informação interessante: os investimentos públicos em segurança vêm aumentando consideravelmente ano a ano. A seguir a demonstração desse gastos de duas formas: a participação desse componente na receita dos Estados e o quanto cada unidade da federação tem investido para proteger cada habitante ⁴⁷:

Tabelas 7 e 8. Gastos públicos com Segurança (em Reais por habitante, 1995 – 2000)

Tabela 7

UF	% da Receita Estadual		
	1995	2000	2005
RJ	8,5	10,6	12,1
SP	6	6	8,2

Tabela 8

UF	Gasto por habitante (em R\$)		
	1995	2000	2005
RJ	49,5	121,7	240,1
SP	47	69,5	156,4

Em outra “ponta” desses lucros, o sistema carcerário (ou prisional, como preferem alguns), os números também vêm aumentando: O número absoluto de presidiários e detidos em todo o país saltou de 361.402 em 2005 para 401.236 em 2006. É curioso notar que há mais presos que o número de vagas permite. O anuário citado mostra uma defasagem de quase 100 mil vagas nos presídios. Uma indicação de que esse modelo baseado em medo e repressão, do tipo “fogo contra fogo” não está funcionando, ou, ao contrário, está funcionando bem demais.

Em artigo publicado em 2004, intitulado “Cultura da violência e o medo do outro” ⁴⁸, Mauro Koury assim se pronuncia sobre os gastos com segurança, citando jornal e dados:

46 Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em http://www.forumseguranca.org.br/pdf/anuario_web.pdf

47 Idem, com dados do Ministério da Fazenda/STN e Ministério da Justiça.

48 Koury, Mauro Guilherme Pinheiro. Cultura da violência e o medo do outro: observações sobre medos, violência e juventude no Brasil atual. *In* Revista de antropologia experimental. Nº 4, 2004.

O que a pesquisa chama de “indústria do medo” diz respeito aos gastos e investimentos em segurança privada. Segundo os dados do PNUD, só no ano de 2002 os gastos com segurança privada no Brasil somaram aproximadamente R\$ 70 bilhões, montante equivalente ao consumo de 10% do PIB brasileiro (Jornal do Comércio, 29/04/2004). Com resultados previsíveis no trato dos segmentos mais pobres e nas despesas públicas em saúde e educação. O alto consumo e investimento na indústria do medo significam, de acordo com a pesquisa, “que muitos investimentos sociais deixam de ser feitos (no país) para cuidar de segurança” (Jornal do Comércio, 29/04/2004). (KOURY, 2004, p. 3)

Para resumir essa questão de quanto dinheiro se tem “investido” para “conter” a violência, citemos dados mais amplos e atualizados: Um estudo do IPEA, de 2007, estima que os gastos com a violência no Brasil apenas no ano de 2004 foram de 92,2 bilhões, ou 5,09% do PIB, ou ainda R\$ 519,40 por habitante ⁴⁹. Esses dados são considerados, pelos próprios autores, como tímidos e conservadores, já que os registros policiais sobre roubos e furtos são deficientes, e o universo da pesquisa abrange apenas os casos notificados. Aqui mais uma evidência de que os teóricos da Criminologia Crítica estão corretos em suas afirmações.

Incluindo nesse montante o dinheiro gasto no Brasil por cidadãos e empresas privadas em prevenção, chega-se a algo em torno de 200 bilhões de reais, ou 10% do PIB, segundo o BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento ⁵⁰.

Em média, dizem estes estudos, o setor privado gasta, com a violência, o dobro do que gasta o governo. Uma clara demonstração que os amedrontados cidadãos não esperam mais que o Estado seja capaz de garantir sua segurança.

2.3 A cidade através do tempo. Representações Sociais sobre São Sebastião do Rio de Janeiro e seu papel no cenário brasileiro e internacional

2.3.1 A Teoria das Representações Sociais

A representação social pode ser compreendida como um conjunto de valores, crenças, ideias e práticas compartilhadas pelos membros de um grupo social. A Teoria das Representações Sociais (*Social Representations Theory*) tem suas bases fixadas pelo psicólogo romeno Serge Moscovici (1925 -). Nas obras *A Psicanálise, sua imagem e seu público* (1961) e *Atitudes e opiniões* (1963), ele percebeu a existência desse “algo” que possibilita a manutenção da ordem e da comunicação entre os indivíduos. Um conceito mais elaborado foi cunhado pelo próprio autor. Segundo ele as representações sociais:

49 CERQUEIRA *et al.* Análise dos custos e conseqüências da violência no Brasil. IPEA, Brasília, 2007.

50 Fonte: www.worldbank.org & www.bancomundial.org.br

Convencionam os desejos, as pessoas ou os acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Todos os novos elementos se juntam a esse modelo e se sintetizam nele (MOSCOVICI, 2003, p.34)

Assim, as representações sociais tenderiam a facilitar a compreensão entre os indivíduos de uma comunidade, ajudando a forjar opiniões parecidas, tanto dentro de um grupo quanto projetando as opiniões desse grupo para os outros grupos sociais. As representações do objeto representado “substituiriam” as noções pré-existentes do próprio objeto, transformando o abstrato (opiniões) em concreto. Como é impossível conhecer tudo a respeito de tudo, as representações sociais “simplificariam” a compreensão acerca do mundo social. Apesar de ter cunhado o termo, Moscovici diz que: “I did not even try to propagate the theory of social representations, as i was aware of the numerous obstacles” (Eu nunca tentei propagar a teoria das representações sociais, pois eu conhecia os vários obstáculos) ⁵¹.

Através da propagação de idéias pré-concebidas a respeito de um objeto, vão se formando as opiniões, conceitos e estereótipos a respeito. Apesar da falta de uma conceituação formal por parte do autor, a Teoria vem se desenvolvendo. Uma estudiosa que se dedicou ao assunto foi Denise Jodelet, que propôs o conceito seguinte de representações sociais:

Uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto é tida como objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais (JODELET, 2001, p. 22).

2.3.2 Uma cidade

O que é uma cidade? Vários conceitos se desenvolvem, de diversos autores, especialmente no campo da Sociologia e da Psicologia Social, que abordam a cidade e as representações sociais sobre a cidade, bem como as interações entre os indivíduos no ambiente urbano.

O ser humano, social que é, tende a buscar, através da proximidade física com outros humanos, as benesses que facilitarão sua vida. A satisfação de suas necessidades. Esses ajuntamentos não são recentes, então o que se qualifica como cidade? A cidade pode ter

51 Moscovici. Social Representations Theory and Social Constructionism. 1997.
Disponível em <http://psyberlink.flogiston.ru/internet/bits/moscl.htm>

vários entendimentos. Citaremos alguns pensamentos de sociólogos do início do século XX, George Simmel e Louis Wirth, e visões de autores contemporâneos, Alvin Toffler, Richard Sennet e Ricardo Freitas.

O que norteia o comportamento individual, conforme explicitado pelo marquês de Condillac (1715-1780), em seu *Traité des sensations* (1754), é a maximização do prazer e a evitação da dor. Nas cidades contemporâneas isso fica muito evidente com o individualismo cada vez mais exacerbado, onde a concentração tende a tornar as relações impessoais ou “modulares”. O conceito criado por Alvin Toffler, do *homem modular* resume bem o caráter da vida urbana:

Conscientemente ou não, definimos nossos relacionamentos com a maioria das pessoas em termos funcionais. Contanto que não nos envolvamos com os problemas domésticos do vendedor de sapatos, nem com seus sonhos, esperanças e frustrações mais gerais, ele é, para nós, perfeitamente idêntico a qualquer outro vendedor de igual competência. Na verdade nós aplicamos o princípio modular às relações humanas. Criamos a pessoa descartável: o Homem Modular (TOFFLER, 1984, p. 87).

George Simmel (1858-1918) se referiu a essas interações no artigo “A metrópole e a vida mental” (1903), no qual argumenta que os cidadãos metropolitanos tendem a ficar anestesiados, indiferentes ao sofrimento alheio, assumindo uma “atitude blasé” diante da sucessão de encontros no meio urbano.

Assim, o que interessa ao indivíduo, principalmente no meio urbano, é a satisfação de suas necessidades. O “outro”, esse ser desconhecido e por vezes ameaçador, seu adversário na vida, apenas importa como meio para satisfazer essas necessidades, ou na evitação, quando, “coisificado”, é visto como empecilho para se atingir determinado fim. O que importa aqui é o seu valor-utilidade. Simmel (1903) diz ainda que o indivíduo das cidades tende a ter um comportamento “intelectual”, ou de “inteligência”, isso correspondendo a um raciocínio lógico desenvolvido onde se enxerga o “outro” sempre como ameaça, inimigo em potencial, numa forma que alia egoísmo e hostilidade instintiva. Vemos como proféticas as análises da sociedade capitalista feitas por Simmel no artigo citado, como a noção de *espaço urbano*, onde as relações se dão através do comércio e da circulação de moeda. A relação dicotômica entre a dependência gerada pela divisão social do trabalho e a autonomia conquistada nos espaços urbanos; a idéia de *indivíduo multifacetário* que possui liberdade para vivenciar diferentes aspectos de sua identidade; comportamento mental urbano que seria caracterizado pelo distanciamento das relações afetivas, a instauração de relações primordialmente mecânicas direcionadas a determinados fins e feitas através da moeda; intelectualização que

seria exatamente esse afastamento do indivíduo do excesso de relações e estímulos afetivos numa grande sociedade e a *atitude blasé*, que seria basicamente a indiferença do indivíduo que tem ao seu alcance tudo que deseja através da moeda sem precisar manter contato mais íntimo com os demais cidadãos urbanos. Nada mais atual, se observarmos o comportamento individualista e o culto à personalidade que nos regem no século XXI.

Ricardo Freitas, em artigo no qual analisa a contribuição das idéias de Simmel aos estudos de Comunicação Social, diz que:

O pensamento de Simmel sobre o dinheiro nos remete ao que hoje é compreendido como consumo. Longe de propormos uma visão reducionista, também podemos admitir que o consumo é, simultaneamente, o meio e o fim de todas as coisas. O mundo da Comunicação Social, especialmente o construído pela Publicidade e Propaganda e pela indústria do entretenimento, remete-nos a um consumo infundável, no qual o processo de consumir é muito mais importante que os objetos ou serviços adquiridos (FREITAS, 2007, p. 50).

Conclui-se que o indivíduo citadino submete-se aos infortúnios da concentração urbana, buscando a contrapartida que seria uma maior oferta de produtos e serviços, ou seja, a satisfação de suas necessidades de forma mais imediata possível. Alvin Toffler assim resume o pensamento sobre a cidade:

O urbanismo - o modo de vida dos habitantes das cidades – começou a preocupar a sociologia na virada do século XX. Max Weber destacou o fato óbvio de que as pessoas da cidade não podem conhecer todos os seus vizinhos tão intimamente como era possível para elas fazê-lo numa pequena comunidade. George Simmel levou essa idéia um pouco mais à frente ao declarar, com alguma extravagância, que, se o indivíduo urbano reagisse emocionalmente a cada uma das pessoas com que ele viesse a entrar em contato, ou enchesse a cabeça com informações sobre elas, ficaria “completamente atomizado por dentro e cairia num estado mental inimaginável”.

Louis Wirth, por sua vez, observou a natureza fragmentária dos relacionamentos urbanos. “Caracteristicamente, os seres urbanos se conhecem em papéis altamente segmentados”, escreveu ele. “Sua dependência uns dos outros se confina a um aspecto altamente fracionado da esfera de atividade do outro”. Mais do que se tornar profundamente envolvido com a personalidade total de cada indivíduo que encontramos, explicou ele, nós necessariamente mantemos contatos superficiais e parciais com alguns deles. A única coisa que nos interessa no vendedor de sapatos é sua eficiência em atender a nossas necessidades: não ligamos a mínima se a mulher dele é alcoólatra (TOFFLER, 1994, p. 88).

Para o sociólogo alemão Louis Wirth (1897 – 1952), uma cidade é uma “Localização permanente, relativamente grande e densa, de indivíduos socialmente heterogêneos”.⁵²

Wirth destaca em sua análise as relações causais e as formas culturais existentes na cidade. Concorde com o posicionamento de Simmel, quando este argumenta que o tamanho da cidade afeta os relacionamentos entre os indivíduos tornando-os superficiais, e com o afrouxamento dos elos comunitários que passam a ser substituídos por mecanismos de

52 WIRTH, Louis. O Urbanismo como modo de vida. In VELHO, Otávio. O Fenômeno Urbano. Ed. Guanabara, Rio de Janeiro, 1987.

controle social e pela competição entre os indivíduos. Ao invés da “atitude blasé”, descrita por Simmel, entretanto, Wirth fala do caráter “esquizóide” dos indivíduos urbanos. Tal urbanóide apresentaria as características de anonimato, superficialidade, anomia, transitoriedade e falta de participação.

Mais recentemente em relação aos escritos de Simmel, o sociólogo e historiador Richard Sennet, versando a respeito da cidade e sua evolução através do tempo, vê como um elemento de mudança fundamental o **automóvel**. Para ele, os veículos automotivos mudaram radicalmente a forma dos indivíduos se relacionarem entre si e com a cidade. De dentro do carro, há uma tendência ao prazer e ao individualismo; o esforço é mínimo e as comodidades tecnológicas vão se acumulando. A própria cidade física é nada mais que um obstáculo, um meio a ser superado para se atingir seu objetivo ou destino:

Basta um mínimo de reações pessoais para se dirigir bem e com segurança: sinais padronizados, linhas que demarquem as pistas, bueiros, além de ruas vazias de pedestres. Transformado em um simples corredor, o espaço urbano perde qualquer atrativo para o motorista que só deseja atravessá-lo. [...] Navegar pela geografia da cidade moderna requer muito pouco esforço físico, e, por isso, quase nenhuma vinculação com o que está ao redor (SENNET, 2008, p.18).

Não é a toa que o carro tornou-se símbolo de status e mobilidade social. Sennet diz ainda que os indivíduos tendem a ser cada vez mais passivos, diante de uma informação que já lhe é entregue pronta para consumo, de facilidades que são cada vez maiores, exigindo menos esforços do corpo humano:

Se nos fixamos e discorremos sobre experiências corporais mais explicitamente do que fizeram nossos bisavós, nem por isso a liberdade física de que desfrutamos é tão grande assim; pelo menos através dos meios de comunicação, experimentamos nossos corpos de uma maneira mais passiva do que o faziam as pessoas que temiam suas próprias sensações. (SENNET, 2008, p. 17).

Segundo Sennet, a cidade é construída sob normas arquitetônicas que visam a evitar os contatos e as reuniões entre os indivíduos. O “medo do contato”, a redução dos esforços físicos, com máquinas que fazem tudo e a “evitação dos estranhos” caminham juntas no mesmo processo de construção das representações sociais: “Hoje em dia, ordem significa justamente falta de contato” (SENNET, 2008, p. 19).

Compactuamos ainda com os pressupostos do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930- 2002), que defende que os indivíduos-agentes interagem no *campo social* tentando acumular capital. Esse capital é entendido pelo autor não em sua conotação convencional, de recursos econômicos, porém numa forma mais ampla, que abrange, além do capital

econômico, outras formas como o capital social e o capital cultural. Dependendo do local, do campo social onde se dá a interação, o tipo de capital mais importante pode variar. Assim, num ambiente comercial como um supermercado, o dinheiro, o poder de compra é o que importa. Em outros ambientes, uma biblioteca ou uma universidade, por exemplo, o capital mais valorizado é o cultural. Sobre as relações individualistas no ambiente urbano, Manuel Castells assim fala a respeito no livro “A Questão Urbana”:

Por um lado, a segmentação e o utilitarismo das relações urbanas levam à especialização funcional da atividade, à divisão do trabalho e à economia de mercado. Por outro lado, já que a comunicação direta não é mais possível, os interesses dos indivíduos só são defendidos pela representação. Em segundo lugar, a densidade reforça a diferenciação interna, pois paradoxalmente, quanto mais próximos estamos fisicamente, tanto mais distantes são os contatos sociais, a partir do momento em que se torna necessário só se comprometer parcialmente em cada um dos relacionamentos (CASTELLS, 2000, p. 131).

Essa particularidade do individualismo urbano, onde o outro é visto como meio para se atingir determinado fim, é por Alvin Toffler chamado de *modularismo*, sendo seu agente o *homem modular*. Já Michel Maffesoli vai no mesmo sentido dos autores pré-citados, defendendo que os indivíduos vivem em busca do prazer que, por ser momentâneo, deve ser renovado constantemente. Daí a necessidade de estarem inseridos em grupos sociais (“reais” ou virtuais), que facilitem esses “momentos felizes”. O outro, nessa concepção, por ser parte da Natureza, funciona como um “meio para se atingir determinado fim (prazer, em última instância). Assim, “Os outros da sociedade são apenas política” (MAFFESOLI, 2004, p. 33).

Continua Castells:

Há, portanto uma justaposição sem mistura de meios sociais diferentes que gera o relativismo e a secularização da sociedade urbana (indiferença a tudo que não esteja diretamente ligado aos objetivos próprios de cada indivíduo). Enfim, a coabitação sem possibilidade de expansão real resulta na selvageria individual (para evitar o controle social) e conseqüentemente na agressividade.[...]

A diversificação das atividades e dos meios urbanos provoca uma forte desorganização da personalidade, o que explica a progressão do crime, do suicídio, da corrupção e da loucura nas grandes cidades. (CASTELLS, 2000, p. 132).

Diante dessa realidade urbana individualizante, modularista, que torna cada vez mais monetárias as relações entre os cidadãos, a indústria cultural passa, como dissemos, a ser o “ponto de contato principal”, o mediador das relações, perpassando a rotina diária dos indivíduos e falando a ele sobre “o outro”.

Depois de toda essa conceituação, destaquemos que, oficialmente, não existe na legislação oficial brasileira, uma definição de cidade, mas fica “subentendido”, na Constituição Federal, pelo artigo seguinte, que a cidade seria um sinônimo de município:

Artigo 1º: A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados, Municípios e do Distrito Federal constitui-se em Estado democrático de Direito [...] (Constituição da República Federativa do Brasil).

Este é o entendimento desta pesquisa: A cidade é a menor unidade da federação com representação legal (prefeitura), portanto, no caso brasileiro, o município.

2.3.3 A “Cidade Maravilhosa”

A cidade de São Sebastião ocupa, no imaginário e na cena social e cultural brasileira e internacional, um papel de destaque. O Rio de Janeiro era frequentemente representado como um “paraíso”, um lugar de belezas naturais e prazeres, a terra do samba, das mulheres bonitas e do carnaval. Chegou a ser diversas vezes chamada de “cidade mais linda do mundo”, recebendo inclusive, de forma oficializada o título de “cidade maravilhosa”⁵³.

2.3.4 Um pouco de História e as representações sobre a cidade

Em 1º de Janeiro de 1502 o navegador português Gaspar de Lemos avistou pela primeira vez a baía da Guanabara, e, pensando trata-se da foz de um grande rio, chamou de “rio de janeiro”. Os índios também tinham essa impressão, já que o nome indígena para o local “guará-nhã-para” (de onde deriva a atual “Guanabara”), significa “mar parecido com um rio”. A expedição de Gaspar de Lemos contava com a participação de Américo Vespúcio, na qualidade de observador convidado.

Apesar da descoberta, a área, habitada por várias tribos indígenas, pareceu inóspita e não interessou aos portugueses, inicialmente. Estes apenas viriam a colonizá-la quando se viram ameaçados de perder as terras para os franceses que aqui aportaram em 1555 sob o comando de Nicolas Durand de Villegaignon (1510 - 1571). Após várias batalhas, a área foi parcialmente conquistada e ali Estácio de Sá (1520 – 1567) funda, em 1º de março de 1565 a

53 A marcha carnavalesca “Cidade Maravilhosa” foi composta por André Filho em 1935. O título foi atribuído ao Rio de Janeiro pelo escritor maranhense Coelho Neto, Posteriormente adotada como Hino oficial da cidade (1960). Fonte: Insituto Moreira Sales www.ims.uol.com.br/andre_filho

cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, nome dado em homenagem ao rei de Portugal, Dom Sebastião (1554 – 1578). Apesar disso a cidade continuou como uma pequena vila, sem importância econômica, deslocada do eixo principal que estava em Salvador. O crescimento só viria com a descoberta de ouro e diamante na província das Minas Gerais no século XVII. Pela sua localização estratégica em relação às minas, o Rio de Janeiro e a vila de Parati (RJ) foram os principais pontos de escoamento da produção colonial. Em 1763 a cidade do Rio de Janeiro tornou-se a capital e a principal cidade da colônia.

Esse papel de liderança perdura até os dias atuais, principalmente no que tange às representações sociais sobre o Brasil e os brasileiros. Quando, em qualquer parte do mundo, se fala em Brasil, ou em “ser brasileiro”, algumas imagens surgem no imaginário, tanto auto-projetado como nas representações sobre a cultura brasileira. A ordem varia, mas estão frequentemente envolvidos:

A estátua do Cristo Redentor, no Corcovado, Rio de Janeiro ⁵⁴.

O morro Pão de Açúcar, na Urca, Rio de Janeiro ⁵⁵.

A seleção brasileira de futebol, cuja sede, CBF, fica na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro.

O estádio do Maracanã, no bairro homônimo, Rio de Janeiro ⁵⁶.

As praias de Copacabana e Ipanema, zona sul do Rio de Janeiro ⁵⁷.

O samba e o carnaval, ambos intrinsecamente ligados ao Rio de Janeiro.

A Floresta Amazônica, que não é apenas brasileira, ocupando territórios de 10 países.

Destes, pode-se dizer que a maioria está diretamente ligada à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Não bastassem os símbolos mais importantes de identificação do brasileiro estarem conectados à cidade, ainda se percebe nitidamente o papel de destaque que a cidade

54 Eleita uma das sete novas maravilhas, a estátua é citada na página oficial (www.new7wonders.com) como “Um dos monumentos mais conhecidos do mundo, símbolo da cordialidade do povo brasileiro”.

55 “Esse morro constitui o sítio geológico mais popular do país, sendo reconhecido em todos os continentes como um dos símbolos do Brasil. Seu reconhecimento como em dos principais sítios geológicos mundiais, ocorreu durante o

31 st International Geological Congress (Julho/2000), quando foi descerrada a placa comemorativa”. MENDES, Andréia Almeida. “Pão de Açúcar: Uma ou várias motivações?”. Anais do I Simpósio Internacional de Letras e Linguística. P. 371. UFU, 2006.

56 O Estádio foi “erguido no Rio de Janeiro especialmente para sediar a Copa do Mundo de 1950. De dimensões grandiosas, o Maracanã havia sido construído, segundo Mario Filho, ‘para exaltar o amor do brasileiro pelo futebol’”. HELAL, Ronaldo & GORDON, César. A Crise do Futebol Brasileiro. Revista ECO-Pós, vol 5, nº1, p. 42. UFRJ, 2002.

57 “A praia de Copacabana é uma das praias mais conhecidas internacionalmente, ao lado de Ipanema. Nesta, se encontra a mulher-símbolo do Brasil, a garota de Ipanema, conhecida pela música de Vinícius de Moraes”. ZANETTE, Castañeda Irene Rosemary. “O Uso do verbo *scondizolare* referindo-se às mulatas de Copacabana em um guia turístico italiano sobre o Brasil”. Revista Estudos Lingüísticos, XXXV, p. 1770. 2006.

desempenhou em todos os momentos da história do país. Quando nossa metrópole, Portugal, estava ameaçada pelas tropas francesas (de novo eles), foi para esta cidade que sua alteza real transferiu a corte, com sua comitiva de 15 mil pessoas, em 1808. Aqui foram instaladas as primeiras indústrias, o primeiro banco, as primeiras escolas, o primeiro museu, a primeira gráfica.

Na área cultural, houve uma grande tentativa de inversão da liderança carioca, com a semana de arte moderna de 1922. A maioria dos artistas envolvidos era natural do estado de São Paulo (daí o título de “paulicéia desvairada”), e o movimento, foi, de certa forma, uma “revolta” com o que consideravam uma estagnação, representada pelo Rio de Janeiro, em oposição à emergente capital paulista. Apesar disso, a Biblioteca Nacional (1755), o Museu Histórico Nacional (1922), Museu Nacional de Belas Artes (1937), o Museu de Arte Moderna (1948) e outras importantes instituições culturais como o Museu da Imagem e do Som (1965), a Fundação Getúlio Vargas (1944), Fundação Osvaldo Cruz (1918), o Centro Cultural Banco do Brasil (1989), entre muitas outras, atestam a continuidade dessa liderança cultural histórica.

Posteriormente, o papel de liderança continuou. Por exemplo, as sedes da Casa da Moeda do Brasil e da Petrobrás, duas empresas estratégicas para o país, ficam na cidade de São Sebastião. Mais do que se esvanecer, com o tempo, mesmo após a transferência da sede do governo republicano para Brasília (1960-1964), os grandes acontecimentos da vida nacional aconteceram na capital fluminense. Costuma-se inclusive dizer que algo “só acontece de verdade, quando acontece no Rio de Janeiro”.

Poderíamos continuar citando exemplos, como a construção do “maior estádio do mundo”, o Maracanã (1950), a Bossa Nova (1958- início oficial)⁵⁸, a primeira passeata do movimento “Diretas Já” (16 de fevereiro de 1984 – 60 mil pessoas, da Candelária à Cinelândia), a apresentação de Frank Sinatra em 1980, no Maracanã (140 mil pessoas), o *Rock in Rio* em 1985 (público:1,5 milhão) bem como suas seqüências no Maracanã, o show histórico de Paul McCartney no Maracanã em 1990, em sua primeira visita ao Brasil (público recorde mundial de 184 mil pessoas). O primeiro *shopping center* do país (*shopping center* do Méier, 1963)⁵⁹. O Maracanã aparece como o grande palco do país, tendo em seu “currículo” o recorde mundial de torcedores (Brasil X Paraguai, 1969, 183 mil 341 pagantes). Em se

58 Considera-se o marco inicial do movimento Bossa Nova o lançamento do compacto “chega de saudades” do cantor João Gilberto.

59 Há uma contenda com a Abrasce (associação dos *shopping centers*), que considera o Iguatemi – SP (1966) como o primeiro, alegando que o *shopping* do Méier é muito pequeno, não sendo caracterizado como *shopping*. Para ver sobre a disputa: http://pt.wikipedia.org/wiki/Shopping_do_Méier ou http://wapedia.mobi/pt/Iguatemi_São_Paulo

tratando de recordes, há que se mencionar ainda o show dos *Rolling Stones*, em 18 de fevereiro de 2006, que reuniu mais de 1,5 milhão de pessoas, recorde mundial de público para um único evento. O local foi a praia de Copacabana, Rio de Janeiro.

Mesmo em se tratando de um político, um grupo que tende a tentar associar sua imagem à do lugar onde se elege, é notável a matéria publicada no jornal O Globo, edição de 08 de novembro de 2008. Ocupando metade da página 19, a notícia fala da tentativa do prefeito eleito, Eduardo Paes, de ser reconhecido como “carioca”. Ilustra a matéria uma foto do cartaz de agradecimento aos eleitores. A peça publicitária diz: “Eu amo o Rio. Obrigado meu povo. Eduardo Paes”. O jornal O Globo, em matéria assinada por Dimmi Amora, diz: “Morador da Barra, prefeito eleito jura frequentar bares tradicionais da zona sul, mas nem sempre é lembrado”. Segundo o jornal, o prefeito estaria tentando criar uma imagem de boêmio. O próprio prefeito corrobora: - “Eu gosto de tomar um chopinho no Jobi (bar tradicional do Leblon), mas agora vai ser difícil”. Importante lembrar que meses depois o mesmo prefeito que “ama o Rio” e se diz muito carioca requereu cidadania espanhola.

2.4. **Doxa**

Apoiamo-nos, neste estudo, em conceitos desenvolvidos pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002): *campo social*, *habitus*, *capital* (social, cultural, econômico, etc), *doxa* e *violência simbólica*, sendo os mais importantes aqui utilizados a idéia de *doxa* e a de *violência simbólica*. Bourdieu vê os agentes interagindo entre si numa competição pela acumulação de capital. Esse capital é definido de forma mais ampla, e divide-se em várias categorias, como o capital econômico, o social e o cultural. Apesar de estarem competindo, os indivíduos-agentes submetem-se a uma ordem social, que é regida pela *Doxa*. *Doxa* é uma palavra grega que significa opinião, e da qual se originam termos como heterodoxo, ortodoxo e paradoxo. Era utilizada pelos retóricos e sofistas gregos para convencer as pessoas, o que levou Platão a condenar a democracia ateniense. *Doxa*, no pensamento de Bourdieu, são as crenças inconscientes, profundas, apreendidas, e os valores tomados como auto-evidentes e universais (senso-comum), que guiam as ações dos agentes dentro de um determinado campo social. A *doxa* tende a favorecer os arranjos dentro de um campo social, assim privilegiando

os dominantes, naturalizando e justificando sua posição de dominação⁶⁰. O próprio autor assim se pronuncia:

A doxa é um ponto de vista particular, o ponto de vista dos dominantes, que se apresenta e se impõe como ponto de vista universal; **o ponto de vista daqueles que dominam dominando o Estado** e que constituíram seu ponto de vista em ponto de vista universal ao criarem o Estado. (BOURDIEU, 1998, p. 120. grifo nosso)

Desse modo os *habitus* e todas as disposições que constituem o *campo social* tendem a convergir com a organização objetiva do campo e a reproduzir as estruturas de dominação. O autor segue a linha dos contratualistas, porém com uma contribuição, que é a sua reflexão mais aprofundada do funcionamento do meio social, bem como suas inúmeras pesquisas empíricas. No livro *Razões Práticas* (1996) ele fala sobre a manutenção da ordem e a submissão dos agentes:

A ordem simbólica apóia-se sobre a imposição, ao conjunto dos agentes, de estruturas cognitivas que devem parte de sua consistência e de sua resistência ao fato de serem, pelo menos na aparência, coerentes e sistemáticas e estarem objetivamente em consonância com as estruturas objetivas do mundo social. É nesse acordo imediato e tácito (oposto em tudo a um contrato explícito), que se apóia a relação de submissão dóxica, que nos liga, por todos os liames do inconsciente, à ordem estabelecida. O reconhecimento da legitimidade não é, como acreditava Max Weber, um ato livre de consciência esclarecida. Ela se enraíza no acordo imediato entre as estruturas incorporadas, tornadas inconscientes, como as que organizam os ritmos temporais (por exemplo, a divisão em horas, inteiramente arbitrária, do emprego e do tempo escolar) e as estruturas objetivas. É esse acordo pré-reflexivo que explica a facilidade espantosa com que os dominantes impõem sua dominação (BOURDIEU, 1996, p.118).

Continua Bourdieu, agora citando David Hume (1711-1776), e seu espanto sobre o controle social:

Nada é mais surpreendente, para quem considera as relações humanas com um olhar filosófico, do que perceber a facilidade com que os mais numerosos (*the many*) são governados pelos menos numerosos (*the few*) e observar a submissão implícita com que os homens anulam seus próprios sentimentos e paixões em favor de seus dirigentes. Quando nos perguntamos através de que meios essa coisa espantosa se realiza, percebemos que, como a força está sempre do lado dos governados, os governantes não têm nada que os sustente, a não ser a opinião. **O governo apóia-se portanto, apenas sobre a opinião** e esse axioma se aplica tanto aos governos mais despóticos e mais militarizados quanto aos mais livres e mais populares. O espanto de Hume coloca a questão fundamental de toda a filosofia política, questão que paradoxalmente ocultamos ao colocar um problema que não se coloca verdadeiramente como tal na vida cotidiana, o da legitimidade (BOURDIEU, 1996, p.118).

Percebemos que o problema da submissão voluntária e o reconhecimento da legitimidade e da autoridade é uma questão que instigou muitos autores através dos tempos.

60 Bourdieu, P. (1990) Structures, habits, practices. In P. Bourdieu, The logic of practice (pp. 52-79). Stanford, CA: Stanford University Press, 1990, p. 54.

Os dominados, no entanto, parecem nunca perceber essa submissão, questionando a ordem conjuntural, mas não a estrutura, e mesmo assim raramente, quando os conflitos e problemas se acirram:

De fato, o que é problemático é que, no essencial, a ordem estabelecida não é um problema; **fora das situações de crise, a questão da legitimidade do Estado e da ordem que o institui não se coloca.** O Estado não tem necessariamente, necessidade de dar ordens ou de exercer coerção física para produzir um mundo social ordenado! Pelo menos enquanto puder produzir estruturas cognitivas incorporadas que estejam em consonância com as estruturas objetivas, assegurando assim a crença da qual falava Hume, a submissão dóxica à ordem estabelecida (BOURDIEU, 1996, p. 118).

Então a *Doxa* é o que permite a dominação despercebida, ou naturalizada, e essa estrutura foi socialmente construída através dos anos e de lutas sucessivas. Como se trata de um conceito um pouco complexo, o autor tenta esmiuçar suas idéias, para tornar o mais claro possível seu entendimento:

Não se pode esquecer que essa crença política primordial, essa *Doxa*, é uma ortodoxia, uma visão correta, dominante, que só se impôs ao cabo de lutas contra visões concorrentes; e que a “atitude natural” da qual falam os fenomenólogos, isto é, a experiência primária do senso comum, é uma relação politicamente construída, como as categorias de percepção que a tornam possível. O que se apresenta hoje como evidência, aquém da consciência e da escolha, foi com frequência alvo de lutas e só se instituiu ao fim de enfrentamentos entre dominantes e dominados (BOURDIEU, 1996, p. 119).

Então, percebe-se que a *doxa* surge a partir de disputas, de conflitos no qual se estabelecem vencedores, dominantes que impõem sobre os vencidos sua visão de mundo, quais os valores e exemplos a seguir no grupo social.

A *doxa* é um ponto de vista particular, o ponto de vista dos dominantes, que se apresenta e se impõe como ponto de vista universal; o ponto de vista daqueles que dominam dominando o Estado e que constituíram seu ponto de vista em ponto de vista universal ao criarem o Estado (BOURDIEU, 1996, p. 120).

Além dessa “violência” inicial, no estabelecimento imposto da visão de mundo, a *doxa* comporta ainda outro entendimento: o do monopólio da violência física. Desse modo, os *habitus*⁶¹ e todas as disposições que constituem o campo social tendem a convergir com a organização objetiva do campo e a reproduzir as estruturas de dominação: “A construção do

61 *Habitus* é um conceito antigo, com origens em Aristóteles, reintroduzida por Marcel Mauss (1934) e reelaborada por Pierre Bourdieu (1972). No pensamento de Bourdieu, *Habitus* pode ser entendido como o conjunto de disposições e predisposições individuais (incluindo esquemas de percepção, pensamento e ação). Os agentes desenvolvem essas disposições como respostas às diferentes estruturas (família, educação) e campos (condições externas) às quais estão expostos. http://sociology.berkeley.edu/faculty/wacquant/wacquant_pdf/ESCLARECEROHABITUS.pdf

monopólio estatal da violência física e simbólica é uma construção inseparável da do campo de lutas pelo monopólio das vantagens incorporadas a este monopólio”. (BOURDIEU, 1996, p. 122). Diante dessa citação, passamos ao outro conceito de Bourdieu que toma importância nesta pesquisa: a violência simbólica.

2.5 Violência Simbólica

Como falado anteriormente, não há consenso no meio acadêmico sobre o que vem a ser violência, nem uma definição, mas vários conceitos possíveis. A violência, no entendimento de vários autores, dentre eles Pierre Bourdieu, ultrapassa a simples noção de ataque, de agressão e danos físicos ou psicológicos. A intimidação, a submissão a condições insalubres, a corrupção, enfim, vários fatores podem ser considerados violência, nesse sentido mais amplo do termo. Obviamente, essa noção, como quase todas nas ciências humanas, não é 100% consensual. Outros autores, como o aqui citado Luís Antônio Machado exclui de suas análises qualquer outra forma de violência que não a que visa a integridade física da vítima. O entendimento neste trabalho é mais amplo e segue a linha do pensamento de Bourdieu e de seu conceito de violência simbólica.

A violência simbólica é uma expressão do poder simbólico e pode muitas vezes ser exercida com o consentimento ou a ignorância despercebida de quem a sofre. Está intimamente associada às relações de dominação numa sociedade, e presente nos símbolos e signos culturais bem como no reconhecimento de poder ou autoridade por outros. A correção de “desvios” socialmente aceita, bem como as reprovações no sistema educacional, por exemplo, se enquadram no conceito de Bourdieu. O reconhecimento da autoridade e da relação de dominação na maioria das vezes não se dá de forma “legítima” ou declarada, mas acabam se incorporando aos *habitus* e às práticas cotidianas, naturalizando-se. A violência simbólica tem como base fundamental o fato de dissimular que se trata de algo construído por grupos que detém ou disputam poder simbólico ou cultural.

Caminhando no mesmo sentido de Bourdieu, Nilo Odalia, em obra já citada, distingue a violência em várias categorias distintas, sendo que uma delas, a “violência social” equivale em certa medida ao entendimento de Bourdieu sobre a *violência simbólica*. Odalia assim conceitua violência social:

[...]atingem, seletiva e preferencialmente, certos segmentos da população – os mais desprotegidos, evidentemente – ou, se possuem um alcance mais geral, são apresentados e justificados como condições necessárias para o futuro da sociedade (ODALIA, 1983, p. 39).

Entre os exemplos de *violência social*, o autor destaca: trânsito, poluição, menores abandonados, delinquência, desemprego, baixos salários e educação sucateada. O reconhecimento, ainda que consensual destes atos de violência social não representam ou ocasionam tentativas de solução, porque, segundo ele:

Um outro aspecto não negligenciável da violência social é que a consciência de sua existência não implica, nem significa tentar, eliminar suas causas. E isso por uma razão muito simples: geralmente ela é um fato estrutural (ODALIA, 1983, p. 39).

Assim, a violência social e simbólica, mais que resultado ou efeito colateral, seria entendida como parte da estrutura da sociedade, da mesma maneira que a violência política como expressão do poder:

O exercício do poder sempre implicou numa violência política de cima para baixo e, ao mesmo tempo, a necessidade de se fundamentá-la através de textos legais que a revestem de arremedos de legalidade e legitimidade. Isso, evidentemente, não é novo, não foi criado hoje. A novidade, em nossos dias, está em que numa sociedade mais complexa e sofisticada, onde uma grande maioria da população tem acesso a instrumentos que, antes eram privilégios de uma pequena minoria – como o saber ler e escrever, por exemplo – a repressão, para existir, exige condições que antigamente eram desnecessárias (ODALIA, 1983, p. 39).

Voltando às idéias de Pierre Bourdieu, sobre o monopólio da violência, que serve sempre a interesses, o autor diz o seguinte:

Antecipando os resultados da análise e modificando a célebre fórmula de Max Weber (“O Estado é uma comunidade humana que reivindica com sucesso o monopólio do uso legítimo da violência física em um território determinado”), eu diria que o Estado é um X (a ser determinado) que reivindica com sucesso o monopólio do uso legítimo da violência física e simbólica em um território determinado e sobre o conjunto da população correspondente (BOURDIEU, 1998, p. 97).

Então, por esse entendimento, a violência e seu monopólio servem a interesses, aos objetivos de controle da população. Como diz Bauman, a morte é um impulsionador poderoso, e o medo é o combustível: “O fenômeno a ser manipulado e transformado em gerador de lucro é o *medo da morte*”⁶². Isso nos leva ao próximo ponto: controle social. Qual a sua importância?

62 Bauman, 2008, p.72.

EXTRA



INFORMAÇÃO RIO DE JANEIRO, SEXTA-FEIRA, 26 DE FEVEREIRO DE 2010 - ANO XII - NÚMERO 4.434 extraonline.com.br

POLÍCIA ADMITE NÃO TER CONTROLE NO JACAREZINHO, E SECRETÁRIO FALA EM UPP

TRAFICANTES VIRAM ÍDOLOS PARA CRIANÇAS NA ESQUINA DO MEDO

Na mesma noite em que criminosos exibiam fuzis e pistolas, menores empunhavam armas de madeira



PRÓXIMO AO MESMO beco, na Dom Helder Câmara, bandidos usam uma pistola para intimidar moradores e comerciantes. Menores fazem o mesmo, com armas de brinquedo

Há seis meses PM sabia do desfile de armas

Por email, cidadão denunciou farrá do tráfico na Dom Hélder Câmara. Polícia disse que agiria, mas nada fez

■ Há pelo menos seis meses, a polícia sabe que basta à noite cair para o tráfico levantar suas armas na esquina da Dom Helder Câmara com Democráticos. No dia 31 de agosto, um morador de Higienópolis mandou um email para a Ouvidoria da Polícia relatando o abuso. Responderam que a PM não agir. Seis meses depois, ele ainda espera. **PÁGINAS 3 a 5**

O EMAIL ENVIADO À OUVIDORIA EM AGOSTO DE 2009

"Prezados senhores, escrevo mais uma vez para informar sobre os constantes tiros na esquina da Dom Helder Câmara com Av. dos Democráticos. Não é novidade para ninguém e muito menos para a polícia. No último sábado, 29.08.2009, novamente o bando passou. Esses bandidos passam toda a dia e toda hora. O Governo, pelo que parece, já está se articulando para construir a Cidade da Polícia. Será no terreno das antigas instalações de uma empresa de cigarros. Pais bem, e até lá,

como ficamos? Até que e obra seja concluída teremos que ver os marginais a qualquer hora do dia desfilando e todos???? Fechando o trânsito, colocando as armas na cara de quem está passando por ali? Pego ajuda as autoridades porque não aguentamos mais isso. A polícia deve manter ali no mínimo um contingente que possa impedir essa travessia diária. Deve ficar ali 24h por dia, afinal ele é pago para isso."

■ **Moro perto dessas comunidades e sofro com este problema. UPP já!**
Fábio Barros

Eu já presenciei um bando de 20 marginais armados nesse cruzamento. Passar ali é uma roleta russa

Roberto Calvet

■ **Cada vez mais ficamos trancados em nossas casas e esses criminosos soltos pelas ruas.**
Durly Machado

Chico Bala, chefe da milícia, é preso em Guarapari

Policiais da Zona Oeste encontram numa mansão o ex-PM que controlava o transporte alternativo. **PÁGINA 17**

Oito escolas piratas são investigadas
PÁGINA 9

Tarifa do metrô fica congelada até 2011
PÁGINA 9

JOGO EXTRA

Empate com o Sousa dá a classificação para o Vasco

■ Apesar das vaias, o Vasco passou para a segunda fase da Copa do Brasil, empatando, em 0 a 0, com o fraco Sousa, da Paraíba. A torcida chamou o técnico Mancini de burro.

LÍDER

EXTRA

Confira a tabela de resultados das partidas realizadas e futuras

O JORNAL MAIS LIDO DO BRASIL

DE SELECIONADOS COLABORADORES

FRANCO CORREIA, ANTONIO CARLOS, ROBERTO CALVET, FÁBIO BARROS, DURLY MACHADO, ROBERTO CALVET

Bebê morre durante briga de médicos

■ Um bebê morreu em um hospital do Mato Grosso do Sul, quando dois médicos abandonaram o parto para brigar. **PÁGINA 22**

HOJE

62 PÁGINAS

1º caderno 22 PÁGS.
Jogo Extra 12 PÁGS.
Diversão 24 PÁGS.
Classificados 4 PÁGS.

Não podem ser vendidos separadamente

SE ILUSTRADO E O JORNAL EXTRA, CIRCULAR, REVISTA DO RIO E QUINZE DIAS

PRIMEIRA EDIÇÃO

Figura 5. Capa do jornal Extra de 26/02/2010

2.6 Controle Social e *status quo*

Além do papel central de agente regulador da economia, os Estados Nacionais, através de seus governos, foram absorvendo cada vez mais funções, tentando se adaptar aos anseios e necessidades de seus cidadãos. Sendo reconhecida a incapacidade de alguns habitantes, criou-se as garantias sociais e trabalhistas, **tentando fazer o sistema funcionar da maneira menos conflitiva possível**. O chamado *welfare state* emerge como a forma de administração mais efetiva. Nesse conceito, o Estado passa a ser responsável pelo bem-estar social, assumindo as responsabilidades dos cidadãos. Como um exemplo, observe-se que, no Brasil, cuidados básicos individuais como habitação, saúde, transporte e educação tornaram-se constitucionalmente obrigações do Estado. Isso, obviamente, mostra-se impraticável. Por falar em Constituição, também está na carta magna que todos são iguais perante a lei. Nada menos inverídico. Ações do governo do Bem-estar Social (*welfare state*)⁶³ tendem a funcionar, e muito bem, como ferramentas de controle social que ajudam a manter a ordem, prevenir revoltas e mostrar a cada um “o seu lugar” na pirâmide social, porém jamais conseguirão igualar os cidadãos. Como nos ensina a Bíblia: “sempre haverá pobres entre nós” (Mc, 14:7). Afinal, se todos forem ricos, ninguém é rico.

Esse Estado do Bem Estar Social conseguiu funcionar bem, nos países desenvolvidos, por algum tempo, porém a partir da década de 1980 as condições foram se agravando, e as contas públicas demonstrando a impossibilidade de se manter Estados paternalistas. Muitos conflitos e reformas ainda estão em curso para definir os limites da ação estatal e o verdadeiramente aplicável papel do Estado. O que importa, para os propósitos deste estudo, porém, é que fique claro que **há uma preocupação dos governos com a ordem social, e que, para tornar a sociedade administrável, é necessário apaziguar os ânimos, contornar situações explosivas e apascentar os rebanhos**. Assim se pronuncia Zygmunt Bauman:

Nada predispõe “naturalmente” os seres humanos a procurar ou preservar a beleza, conservar-se limpo e observar a rotina chamada ordem. (Se eles parecem, aqui e ali, apresentar tal “instinto”, deve ser uma inclinação criada e adquirida, *ensinada*, o sinal mais certo de uma civilização em atividade). Os seres humanos precisam ser obrigados a respeitar e apreciar a harmonia, a limpeza e a ordem. Sua liberdade de agir sobre seus próprios impulsos deve ser preparada. A coerção é dolorosa: a defesa contra o sofrimento gera seus próprios sofrimentos (BAUMAN, 1998, p. 8).

63 Aqui entendido como o Estado que assume as responsabilidades dos cidadãos.

Diante dessas funções Estatais, o convencimento é fundamental. E como se convencer alguém? Uma das formas mais utilizadas, a ferramenta de convencimento por excelência chama-se Propaganda, sobre a qual nos estenderemos adiante. Uma das situações mais difíceis de se convencer e aceitar é a pobreza, bem como a desigualdade social. Explicar a alguém que é pobre e vive na miséria, que, apesar de “todos serem iguais”, ele tem que aceitar a existência de ricos, milionários que possuem riquezas inimagináveis, convivendo dentro da mesma sociedade, é uma tarefa árdua. A insatisfação, a cobiça e a revolta tendem a se instaurar, ainda que sob episódios rotineiros. As tentativas de inibir esses episódios criam mais insatisfação e violência, numa espiral infinita.

Essa aceitação das condições sociais era muito mais fácil em tempos remotos, quando se acreditava no “direito divino” dos reis, em “nobreza” e outras desigualdades. Existiam reis, príncipes e nobres abastados, vivendo na bonança, mas eles não eram iguais a nós, plebeus.

2.7 O estado intervencionista: Atenuação das desigualdades sociais

*Deerit as, laquei pretium*⁶⁴

(faltará ao pobre um asse, o preço de uma corda)

Num reino, argumenta Aristóteles, o desnível de riquezas, a desigualdade de posses, a diferença deve ser controlada. A maior riqueza não deve exceder em 5 vezes a menor riqueza. Isso, diz o pensador, tornaria o reino inadministrável.⁶⁵

A esse respeito, os desníveis de riqueza, Scott Sernau diz:

Seria a desigualdade uma questão de grau? Nessa visão o problema não é a desigualdade, mas a enorme desigualdade. Se assim for, deve haver limites de desigualdade? E qual seria o limite espectral? Deve-se estabelecer um limite de quão pobre ou rico alguém pode ser? (SERNAU, 2006, p. 4).

Não há explicação lógica que permita entender a enorme disparidade que existe entre os ricos e os pobres na sociedade capitalista. SERNAU tenta analisar a questão por vários lados e não encontra uma explicação convincente para as desigualdades (salariais, no espaço analisado por ele).

64 Horácio (65 AC. - 8 AC) assim designa a pessoa extremamente pobre: está desesperada, mas falta-lhe dinheiro até para comprar a corda para enforcar-se. (Renzo Tozi, **Dicionário de sentenças latinas e gregas**. ed. Martins Fontes, São Paulo, 1996).

65 Aristóteles, A política, editora Ediouro, Rio de Janeiro, 1997, p. 8.

O autor analisa as diferenças de QI, talento e dedicação, concluindo que nenhum desses fatores é suficiente para explicar os abismos salariais.

Sendo o Estado um dos maiores anunciantes da mídia, investindo milhões de reais em propaganda para divulgar realizações e melhorar sua desgastada imagem e, tendo por base que o discurso da igualdade entre os cidadãos permeia toda a comunicação estatal, principalmente no governo “Lula” (2002 – 2010), teceremos uma breve nota sobre a tentativa governamental de atenuação de um dos ingredientes da violência no Brasil: a desigualdade.

Para que fique clara a intenção ao tocarmos no assunto desigualdades sociais, estamos buscando os ingredientes da violência urbana no Brasil. Esse componente tem sido citado pelos estudiosos como um “diferencial brasileiro fundamental” em nosso cotidiano. Assim, a violência seria diferente no Brasil, país que tem um dos piores índices de Gini ⁶⁶ do mundo.

Para os economistas clássicos, a economia era apenas a ciência da distribuição inalterável dos rendimentos. A lei econômica, que determinava os rendimentos do trabalho, a renda da terra e o lucro do capital era inexorável e não dependente de ações políticas. Ao Estado caberia apenas regular a atividade econômica, não interferindo na partilha entre os indivíduos. Isso começa a mudar nos Estados Unidos, na década de 1960. O presidente John Kennedy (1917-1963) elaborou um projeto chamado de “guerra contra a pobreza”.⁶⁷ Desde então, na maioria dos países desenvolvidos e em desenvolvimento têm-se reunido esforços no sentido de abolir a pobreza extrema e a fome. Mas qual é o conceito adotado de pobreza extrema? E o de fome, já que estamos falando de indivíduos e de sociedades diferentes e heterogêneas, com enormes desníveis regionais?

O que os economistas, a serviço dos governos têm feito é calcular o rendimento mínimo de subsistência. Nos Estados Unidos esse valor tem variado historicamente, como por exemplo, de US\$ 3100 anuais em 1963 para US\$ 10600 anuais em 1984⁶⁸. Isso, porém, é muito relativo, se considerarmos que há indivíduos vivendo com muito menos que isso e que, segundo um estudo, “as exigências normais de alimentação para um adulto poderiam custar, em 1984, cerca de 300 dólares por ano, pouco mais de 3 dólares por semana. Mas que tipo de dieta é que isso representa: couves, espinafres, rim de porco e farinha. (George J Stigler, ‘The cost of subsistence’, *Journal of farms economics*, maio de 1945, p. 303-314)”.⁶⁹

66 Coeficiente de Gini: Medida de desigualdade desenvolvida pelo estatístico italiano Corrado Gini em 1912.

67 Samuelson & Nordhaus. **Economia**. ed. Macgraw-Hill, 12.edição, Lisboa, 1988, p. 924.

68 Samuelson & Nordhaus. **Economia**. ed. Macgraw-Hill, 12.edição, Lisboa, 1988, p.924.

69 Samuelson & Nordhaus. **Economia**. ed. Macgraw-Hill, 12.edição, Lisboa, 1988, p. 32.

Na composição governamental do que é o “rendimento mínimo aceitável”, além dos itens alimentares (cesta básica brasileira: aproximadamente R\$ 200, em dezembro de 2008)⁷⁰, entram outros valores:

Salário mínimo necessário: Salário mínimo de acordo com o preceito constitucional "salário mínimo fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender às suas necessidades vitais básicas e às de sua família, como moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, reajustado periodicamente, de modo a preservar o poder aquisitivo, vedada sua vinculação para qualquer fim" (Constituição da República Federativa do Brasil, capítulo II, Dos Direitos Sociais, artigo 7º, inciso IV).

Segundo cálculos do DIEESE (Departamento intersindical de estatística e estudos socioeconômicos), o salário mínimo necessário era, em dezembro de 2008, de R\$ 2014,73, enquanto que o salário mínimo vigente era de R\$ 415,00.⁷¹ Desigualdades conceituais.

Apenas a título de demonstração, observemos as listas seguintes:

70 A composição da cesta básica brasileira: carne, leite, feijão, arroz, farinha, batata, tomate, pão, café, banana, açúcar, óleo e manteiga. Para mais detalhes sobre a cesta básica, como preços regionais e número de horas necessárias para adquiri-la, ver <http://www.dieese.org.br/rel/rac/racjan09.xml>

71 Tabela completa em <http://www.dieese.org.br/rel/rac/salminnov08.xml>

2.7.1 Os 10 homens mais ricos do mundo ⁷²

*O rico é quem come tudo,
tudo o que quer ele come.
Mas o pobre é quem trabalha,
ganha pouco e passa fome.
- Caju e Castanha-*

Tabela 9. Lista dos 10 homens mais ricos do mundo

NOME	POSICÃO	IDADE	PATRIMÔNIO em US\$
Carlos Slim Helú	1º	67 anos	68bilhões
William Gates III	2º	51 anos	56bilhões
Warren Buffett	3º	76 anos	52bilhões
Ingvar Kamprad	4º	80 anos	33bilhões
Lakshmi Mittal	5º	56 anos	32bilhões
Sheldon Adelson	6º	73 anos	26bilhões
Bernard Arnault	7º	58 anos	26bilhões
Amancio Ortega	8º	71 anos	24bilhões
Li Ka-shing	9º	78 anos	23bilhões
David Thomson	10º	49 anos	22bilhões

No Brasil, ainda que os números sejam mais modestos que os da capital, ainda há indivíduos cujos patrimônios excedem em muito a receita aristotélica de “cinco vezes a menor riqueza”.

⁷² <http://money.aol.co.uk/worlds-richest-men/article/20070620115209990019> Outras listas, poucas mudanças:
Forbes 2008: <http://www.guardian.co.uk/business/2008/mar/06/business.richlist> Richest Men: <http://richestmen.info/>

2.7.2 Lá como cá: Os brasileiros mais ricos ⁷³

Entre parênteses a colocação dos brasileiros na listagem dos mais ricos do mundo:

Tabela 10. Lista dos 10 brasileiros mais ricos:

1° - (77) Antonio Ermirio de Moraes.....	79 anos (Votorantim) - 10 bilhões de dólares.
2° - (101) Joseph Safra.....	69 anos (banco Safra) - 8.8 bilhões de dólares.
3° - (142) Eike Batista	51 anos(MMX, EBX)- 6.6 bilhões de dólares.
4° - (160) Dorothea Steinbruch (CSN).....	6.1 bilhões de dólares.
5° - (172) Jorge Paulo Lemann – 67 anos (Ambev).....	5.8 bilhões de dólares.
6° - (260) Eliezer Steinbruch (CSN).....	4 bilhões de dólares.
7° - (288) Aloysio de Andrade Faria – 86 anos (grupo Alfa).....	3.7 bilhões de dólares.
8° - (412) Moise Safra – 72 anos (banco Safra).	2.8 bilhões de dólares.
9° - (462) Marcel Herrmann Telles – 57 anos (Ambev).....	2.5 bilhões de dólares.
10° - (524) Carlos Alberto Sicupira (Ambev).....	2.3 bilhões de dólares.

Nomes mais conhecidos, como o de Abílio Diniz (Grupo Pão de Açúcar e Sendas) e Júlio Bozano (Bozano, Simonsen) também aparecem na lista, em posições inferiores.

Foram empreendidos esforços na tentativa de identificar os 10 homens mais pobres do mundo e do Brasil, porém a miséria, apesar de explícita, não é tão organizada quanto a fortuna.

Consideremos os preceitos aristotélicos de que, para a manutenção da estabilidade e da ordem em um reino, visando sua governabilidade, “A maior riqueza não deve exceder em cinco vezes a menor riqueza” Isso, diz o pensador grego, tornaria o reino inadministrável. (Aristóteles, A Política, p. 8). Percebe-se o quão longe estamos desse ideal.

⁷³ Os nomes se repetem, mas as posições se alteram de ano para ano. Para a lista completa, bem como posições e atualizações, ver: http://www.forbes.com/lists/2007/10/07billionaires_The-Worlds-Billionaires-Latin-America_6CountryOfCitizen.html

O GLOBO

IRINEU MARINHO (1876-1925)

RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 23 DE ABRIL DE 2008 • ANO LXXXIII • Nº 27.288

ROBERTO MARINHO (1504-2003)

Dengue já tem mais mortes que em 2002

- O número de mortes por dengue este ano (92) já supera o de todo o ano de 2002, quando 91 pessoas morreram na epidemia considerada a mais grave já enfrentada pelo Estado do Rio. Como ainda há 98 óbitos sob investigação, o total poderá chegar a 188, mais que o dobro daquele ano. A letalidade da dengue nesta epidemia é quase três vezes maior do que foi a de 2002. **Página 11**

Amorim diz que país tem de ser 'generoso' com Paraguai

Mas ministro do setor afirma que preço de energia de Itaipu não subirá

- O ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, disse ontem que o governo poderá negociar alterações nas tarifas da energia elétrica excedente do Paraguai repassada ao Brasil. Segundo o chanceler, o Brasil precisa ser generoso e não imperialista na relação com seus vizinhos: "Temos que ter uma visão generosa. E não é só ser bonzi-

- nho. Generosidade é também ver seu próprio interesse de longo prazo, que é o de uma região pacífica." Uma possível negociação com o Paraguai com aumento da tarifa foi tratada na reunião da coordenação política, comandada pelo presidente Lula, mas enfrenta resistência dentro do próprio governo. O ministro de Minas e Energia, Edi-

- son Lobão, afirmou que a elevação da tarifa não está nos planos: "O ministro Celso Amorim entende que o preço deve ser justo. E ele é justo." O presidente Lula aceitou ontem receber o presidente eleito do Paraguai antes da sua posse, em agosto.

Páginas 25, 26 e 27, Elio Gaspari, Miriam Leitão e editorial "Hora do realismo"

Ciro: 'Agradeço a Deus não ter sido eleito'

- Candidato derrotado a presidente da República em 2002, o deputado **Ciro Gomes (PSB-CE)** admitiu ontem disputar o cargo em 2010, mas contou: "Agradeço a Deus não ter sido eleito naquela época. Não estava maduro." E disse que aprendeu com os erros. **Página 8**

Vereadores escapam da fiscalização

- A maior dificuldade do Tribunal de Contas do Estado para coibir os gastos irregulares em 91 Câmaras é encontrar os vereadores para entregar a eles as notificações de fiscalização. Há caso de auditor do TCE que tentou 13 vezes notificar um vereador. **Página 3**

Quem são os que protestam por Isabella

- Até mesmo uma violenta foi se manifestar em frente ao prédio onde estão Alexandre Nardoni e Anna Jatkó, pai e madrasta da menina Isabella. Foi adiante ontem a divulgação do laudos. **Página 10**

Fla tenta a liderança na Libertadores

- Uma vitória sobre o **Coronel Bolognesi**, hoje, no Maracanã, garante ao Flamengo o primeiro lugar do Grupo 4. Mas goleada por cinco gols de diferença deixa o time como o melhor da Libertadores. **Página 34**

2ª Edição Metropolitana
Preço médio em reais: R\$ 2,00
Circula em 100 mil pontos de venda.
Segunda-Quinta: 60 páginas

Tráfico tem arma antiaérea artesanal

PM apreende carabina adaptada com o calibre de armamento de guerra



POLICIAL MILITAR exhibe a carabina artesanal com o mesmo calibre de uma metralhadora antiaérea, apreendida com o tráfico na Vila Cruzeiro

- Oito dias após a ocupação da Vila Cruzeiro, policiais do 16º BPM (Ondara) apreenderam ontem na favela uma carabina com capacidade de efetuar tiros de

- calibre .50 — munição antiaérea capaz de derrubar helicópteros, aviões e perfurar veículos blindados. De acordo com o comandante do 16º BPM, coronel José

- Carvalho, é a primeira vez que uma arma desse porte é apreendida no Rio. O armamento foi adaptado para que ganhasse mobilidade. Ele explicou que os bandi-

- dos usaram partes de uma metralhadora .50 — o cano, o dispositivo do cartucho e da munição e o gatilho — em uma coroa de madeira de carabina. **Página 17**

Tremor de 5,2 graus assusta no Rio e em SP

- Um tremor de 5,2 graus na escala Richter assustou moradores de RJ, SP, MG e PR. O epicentro foi localizado no Oceano Atlântico, a 270 quilômetros do litoral paulista. **Página 10**

Primo de Uribe é preso após tentar asilo

- O ex-senador colombiano **Mario Uribe**, primo e colaborador do presidente Uribe, foi preso por ligações com paramilitares, após ter o pedido de asilo negado pela Costa Rica. **Página 28**

Hillary vence e prolonga crise democrata

Página 29

SEGUNDO CADERNO

- China reconhece a importância do artista plástico **Huang Young** Ping.

CARRÓTC

- Clubes de automóveis ajudando associados a manter rodando carros fora de linha.

CHICO



EM ALTO-MAR



- Localizados a 50km da costa os balões usados pelo padre **Adelir** para voar. Ele continua sumido. **Página 9**

Coleção Salve o Planeta

4

Faça o seu parte no trabalho utilize e disponibilize para evitar desperdício.

Informações em: www.oglobo.com.br/ambiente/planeta

Seu trabalho ajuda a salvar o planeta. Juntos fazemos a diferença.

Figura 6. Capa do jornal O Globo de 23/04/2008

3 CARTA AOS CEGOS ⁷⁴: DISCURSOS SOBRE A VIOLÊNCIA

3.1 Mídia e Poder ou O Poder da mídia

*Fique sentado na frente da TV,
não faça força pra tentar entender,
a intenção é esconder de você,
o que é tão fácil de ver.*

- cidade negra-

Os meios de comunicação no século XXI são instrumentos poderosos que, mais que informar, foram incorporando diferentes funcionalidades e transformaram-se em algo próximo a um oráculo, verdadeiros “amigos” e “conselheiros” que prestam os mais diversos serviços, intercedem de muitas formas, seja junto ao poder público e suas instâncias, ou mesmo junto a outras empresas privadas. Esse poder dos meios de comunicação é reconhecido inclusive (e principalmente) pelos políticos, estejam eles ocupando cargos eletivos ou almejando a próxima eleição. Não por acaso representantes “do povo” têm assessores de imprensa, relações públicas, assessores de imagem e publicitários a seu serviço.

Esta importância atribuída aos meios de comunicação de massa se reflete na sua atuação como um dos mais efetivos mecanismos de controle social e de pauta da sociedade (teoria do agendamento - *agenda setting theory*).

Apenas como adendo, explicamos que a teoria de *agenda – setting* tem como hipótese central a idéia de que os veículos da indústria cultural atuam de forma decisiva no assunto que vai estar em pauta na sociedade:

According to the action of journals, television and other media, the public knows or ignore, pay attention or listen to, emphasize or neglect specific elements of the public scenes. People tend to include or exclude of their own knowledge the subjects that the mass media include or exclude from its content. Moreover, the public tend to attribute to the subjects included in this content that reflects close to the emphasis ascribed by the mass media to the events, the problems, the people.

[Em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou escuta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos *mass media* aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas (SHAW, 1979. p.96, tradução própria).

⁷⁴ O título “Carta aos cegos” é aqui utilizado numa referência à obra de Denis Diderot “Carta aos cegos endereçada àqueles que enxergam” (1749).

Nosso posicionamento pessoal coincide com os dos autores alinhados à sociobiologia, à teoria do controle social (*social control theory*) e à teoria do pânico moral (*moral panic theory*).

3.2 Teoria do Controle Social

É atribuída ao criminologista Travis Hirsch no final dos anos 1960 a autoria da teoria do controle social. Divergindo das teorias subculturais (*subcultural theories*), a teoria do controle social investiga os motivos pelos quais alguns indivíduos cometem crimes enquanto que a maioria da população não os comete. Os teóricos dessa corrente assumem que todos os indivíduos têm predisposição aos desvios e ao comportamento criminoso. Nesse ponto concordam com as idéias de Konrad Lorenz (1903-1989), Nikolaas Tinbergen (1907-1988), Eibl-Eibesfeldt (1928-), e com as mais recentes argumentações da Sociobiologia, segundo a qual o instinto de agressividade é natural aos animais, humanos incluídos, e necessário à afirmação e à sobrevivência. Por incrível que possa parecer, esse tipo de raciocínio não passa incólume. Steven Pinker, autor de “A tábula rasa: A negação moderna da natureza humana”, diz que quem se atreve a escrever sobre o assunto têm sido “cerceado, silenciado, ridicularizado pela imprensa, ou até denunciado no Congresso. Outros ainda ao expressar sua opinião são censurados, agredidos ou ameaçados de processo criminal” (PINKER, 2004, p. 8).

O que vai ser determinante para o desenvolvimento do comportamento criminoso, segundo essa ótica, será o ambiente social em que o indivíduo cresce e adquire suas noções de pertencimento de grupo. Como destaca Louis Dumont (1993), a família e os primeiros grupos sociais, como a escola e a igreja, são fatores de aglutinação que servem para diminuir ou tentar anular a tendência individualista natural do ser humano, de competitividade, egoísmo e satisfação das suas necessidades a qualquer preço⁷⁵. Em outras palavras, como diz Bauman: “A casca de civilização sobre a qual caminhamos é sempre da espessura de uma hóstia. Um tremor e você fracassou, lutando por sua vida como um cão selvagem”(BAUMAN, 2008, p. 25).

75 Dumont, 1993, p. 27-30.

3.3 Teoria do Pânico Moral

A teoria do pânico moral (*moral panic theory*) está diretamente ligada ao controle social e à difusão do medo. Um dos principais autores dessa teoria é Stuart Hall, que publicou em 1978 o livro *Policing the crisis*, no qual analisa distúrbios civis e a cobertura midiática que tendia a elencar algumas categorias como as causadoras dos conflitos, classificando-as de “perigosas”⁷⁶.

MPT, como é conhecida a sigla da teoria, têm sido objeto de muitos estudos desde o livro de Hall. Entre os mais recentes podemos citar *Moral Panic: From sociological concept to public discourse* (2009), de David L. Altheide, professor da Arizona State University. O artigo analisa como o noticiário da mídia de massa utiliza o pânico moral de uma maneira condizente com o formato de entretenimento.

MP offered a focus and direction for mobilizing fear in order to stop social destruction and promote more social control. As Stuart Hall (1978) suggested, MP is a way to garner the support of the ‘silent majority’ for the legitimacy of coercive measures. It is also important to stress that entertaining news formats, which favor having ‘two sides’ – especially ‘conflicting’ views – provided a potential slot for claim-makers like social scientists to caution against the creation of a MP, which in most cases was not regarded as legitimate.

[PM ofereceu foco e direção para a mobilização do medo, impedir a destruição social e promover maior controle social. Como Stuart Hall (1978) sugeriu, PM é uma forma de conseguir o apoio da 'maioria silenciosa' para a legitimação de medidas coercitivas. Também é importante para realçar os formatos dos noticiários e entretenimento, cujo favorecimento, tendo 'dois lados' – especialmente em notícias conflitantes – provêem um espaço potencial para reclamantes como cientistas sociais, para se proteger da criação de um PM, que, na maioria dos casos não se considera legítimo] (ALTHEIDE, 2009, p 9, trad. própria).

O autor destaca que o Pânico Moral tem sido usado diariamente, com eficácia, especialmente na mídia. Assim, quando se assiste na TV a algum programa policial, ou ao noticiário, torna-se difícil, em certa medida, perceber o que é narrativa, notícia e o que é romance, ficcional. O mesmo pode acontecer na mídia impressa. Entretenimento e notícias se confundem, tanto em forma quanto em conteúdo. **Altheide cita os editoriais dos jornais como forma expandida de pânico moral, ao expressar pontos de vista.** Voltando ao cotidiano brasileiro, percebe-se que nos discursos sobre conflitos, ambos os lados, polícia e bandidos acabam sendo romantizados, quando não caricaturados.

76 Hall, Stuart. *Policing the Crisis: Mugging, the State, and Law and Order*. Holmes & Meier. New York (1978).

Nesse sentido, destacamos as idéias de Luís Antônio Machado. O autor, ao esboçar seu conceito de “*sociabilidade violenta*”⁷⁷, nos fala de um tipo de comportamento que se impõe pelo uso e demonstração da força física como modo de expressão e submissão dos grupos onde se instala:

Uma hipótese para estudos posteriores pode começar repetindo a indicação da configuração básica do complexo de práticas apreendido pela representação da violência urbana: a transformação do uso da força, de meio eventual de obtenção de interesses, em princípio de regulação das relações sociais.

Da mesma maneira, pode-se caracterizar os agentes responsáveis pela gênese e consolidação deste ordenamento como uma espécie de caso-limite do desenvolvimento do individualismo, em que o abandono de referências coletivas moderadoras da busca dos interesses individuais acaba por eliminar também o autocontrole (mas não o raciocínio instrumental que garante a forma social de “fins” ou “interesses” a puros “desejos” irrestritos ou “pulsões”). Para os portadores da violência urbana, o mundo constitui-se em uma coleção de objetos (aí incluídos todos os demais seres humanos, sem distinguir seus “pares”) que devem ser organizados de modo a servir a seus desejos. Há, certamente, limites para a realização de tais desejos, mas eles têm o estatuto da resistência material representada pela objetividade do mundo (inclusive os limites impostos pelo reconhecimento da força dos demais portadores) (MACHADO DA SILVA, 2004, p. 74).

Dentro desse contexto, não há representatividade nem organização possível em qualquer dos lados, que não seja perpassada pela expressão da violência urbana e de seus agentes. A imposição se dá, nos diz o autor, através da demonstração de força física, dentro e fora do grupo. Todos, mesmo os “de dentro” do grupo dominante, se submetem pela força de que são, ao mesmo tempo, agentes e vítimas em potencial:

O complexo formado por estas práticas também se fundamenta no mesmo princípio geral de subjugação pela força, constituindo-se em uma espécie de amálgama de interesses estritamente individuais, com um sistema hierárquico e códigos de conduta que podem ser sintetizados pela metáfora da “paz armada”: todos obedecem porque e enquanto sabem, pela demonstração de fato em momentos anteriores, serem mais fracos, com a insubmissão implicando necessariamente retaliação física. No limite, pode-se dizer que não há “fins coletivos” nem “subordinação”; todas as formas de interação constituem-se em técnicas de submissão que eliminam a vontade e as orientações subjetivas dos demais participantes como elemento significativo da situação (MACHADO DA SILVA, 2004, p. 74).

Por falar em “indivíduos violentos” e sua práticas, uma outra faceta nos é trazida por Flora Daemon, que, em sua dissertação de mestrado (UFF, 2009) estuda o jornal “Papo Reto”, produzido e editado pelos internos de um presídio carioca. A autora destaca, em artigo

77 Um conceito possível: “A transformação da violência, de meio de obtenção de interesses minimizado pela sua concentração como monopólio formal do Estado, no centro de um padrão de sociabilidade em formação que não se confronta com a ordem estatal, mas lhe é contíguo” (MACHADO DA SILVA, 2004, p. 72 e 74).

apresentado ao CONECO (UERJ, 2008), a fala de um preso a respeito dos jornalistas e suas práticas:

Foi assim que durante as discussões sobre a pretensa necessidade de conduta imparcial deste profissional, um dos internos tomou a palavra e apresentou um relato que mais tarde viria se tornar a tese central desse artigo. Em suas palavras: “Não sei por que tanta preocupação com essa coisa de ser imparcial. Eu entendo que o jornalista julgue, que ele tenha opinião. Talvez a gente até se pareça mais do que eles gostariam: somos espertos, sagazes e manipulamos a verdade. A diferença é que nós estamos presos”.⁷⁸

Nesse entendimento, os jornalistas seriam entidades, seres superiores, livres das falhas a que todos nós, humanos, estamos sujeitos. O governo não funciona direito, dizem os jornalistas. Há políticos corruptos (mas não jornalistas corruptos, claro). Tudo vai bem no mundo perfeito do jornalismo. Raramente se ouve falar em jornalistas assassinos, ladrões, “safados”, etc. Em todas as outras profissões há indivíduos de “mau caráter” e nocivos. Não na sagrada casta dos jornalistas. Quando estes profissionais aparecem no noticiário policial, é no papel de vítimas. Uma raríssima exceção, mesmo assim um crime passional, o caso do jornalista Marcos Antônio Pimenta Neves, assassino confesso da também jornalista Sandra Gomide (São Paulo, 20 de agosto de 2000).

3.4 Indústria cultural e agressividade

Existem algumas teorias que associam mídia e agressividade, e vamos citar algumas delas. O pressuposto básico desses teóricos é o de que a exposição a fatos agressivos, até mesmo de forma ficcional e dramatizada tornaria os receptores mais agressivos ou aumentaria o seu medo de ser vítimas da agressividade alheia. Não temos a pretensão de dar um parecer sobre o assunto, apenas trazemos à consideração o estudo de vários pesquisadores. O reconhecimento de que essas teorias estavam, de alguma maneira, corretas, veio cedo: em 1972, uma investigação conduzida pelo *U.S. Surgeon General* concluiu que há uma correlação significativa entre a exposição à violência e o comportamento agressivo. Mais tarde, um estudo conduzido pelo *National Institute of Mental Health* (1982) apoiou e complementou as conclusões do *Surgeon General*.

Especificamente, o estudo do NIMH revelou que uma grande exposição à violência na mídia **contribui para aumento da agressão em crianças, também para temores de se tornar vítima e percepções exageradas de quanto crime e agressão acontecem no mundo**. Após muito debate, em 1992, a Associação Americana de Psicologia (APA) estabeleceu uma

78 Daemon, Flora. O jornalismo atrás das grades: uma história do presídio Evaristo de Moraes. CONECO 2008, UERJ.

comissão sobre juventude e violência. A comissão revisou centenas de estudos cobrindo muitas décadas e chegando essencialmente à mesma conclusão que o NIHM havia chegado; basicamente, que **uma alta exposição à violência midiática está conectada ao aumento do comportamento agressivo e a aceitação de atitudes agressivas** (APA, 1993). A APA também sugeriu que a violência na televisão afeta as atitudes individuais de duas maneiras. Primeiro, a exposição à violência na televisão pode levar à insensibilidade em relação à agressividade e suas vítimas no mundo real. Segundo, **a exposição à violência midiática pode levar também a temores e crenças irreais sobre se tornar vítima de violência** (MEYERS, 2002, p. 25, grifos nossos).

Além de todo esse debate e de todas essas pesquisas empíricas, o assunto continuou em pauta, e os resultados de algumas pesquisas causaram mudanças profundas em conteúdos e grades de programação. Horários de exibição e limites mínimos de idade para exposição a determinados conteúdos são alguns dos resultados práticos das pesquisas.

Finalmente, Paik & Comstock (1994) conduziram uma meta-análise de 217 estudos sobre mídia, violência e agressividade conduzidos nos 30 anos anteriores. Eles concluíram que a associação entre televisão, violência e comportamento anti-social e agressivo é extremamente consistente. Assim, concluem que “Os dados de mais de uma década e meia corroboram, ao invés de enfraquecer a tese de que a violência televisiva aumenta a agressividade e o comportamento anti-social” (MEYERS, 2002, p. 54).

A maioria dessas teorias é composta de estudos empíricos dirigidos à televisão, como os de George Gerbner (1919-2005) e sua *cultivation theory*, e do conjunto de teorias designadas por *desinhibition theories*. Dentre estas, merecem destaque:

Priming effects theory (Berkowitz, 1966)

- Os efeitos aparecem imediatamente após uma única exposição⁷⁹. “Pesquisas empíricas deixaram claro que uma única exposição à violência midiática pode resultar em um efeito imediato”⁸⁰

Excitation transfer theory (Zillmann, 1971)

Social learning theory (Bandura, 1977)

Social development theory (Huesmann, 1986)

Em seu artigo, no qual revisa as diversas teorias, James Potter assim se pronuncia:

Estas teorias estimularam um grande número de pesquisas empíricas, e as várias revisões dessa literatura **concluem que a exposição à violência televisiva realmente leva aos “efeitos de desinibição”** (*desinhibition effects*), especialmente quando a violência é retratada com certas características (POTTER, 1997, p. 228).

79 Jo & Berkowitz, 1994.

80 Potter, 1997, p. 231

Se tantos estudos empíricos chegaram a estas conclusões, parece desnecessário continuar insistindo nesse assunto. Avancemos, pois, em nossa empreitada. Esperamos que tenha ficado claro, com as citações dos pensamentos de diversos pesquisadores e os resultados de suas pesquisas, qual o ponto que queremos enfatizar: o medo da perda aumenta a hostilidade e distancia os indivíduos, e a indústria cultural desempenha um papel fundamental nesse processo.

3.5 A vítima virtual

Sobre o medo de se tornar vítima, VAZ, CAVALCANTI, SÁ-CARVALHO E JULIÃO, em artigo apresentado na COMPÓS 2005, dizem que a amplificação e a visibilidade dadas aos crimes pela mídia tornam os indivíduos “vítimas virtuais”. Segundo os autores, a mídia faz convites reiteradamente, sugerindo ao leitor que ele, leitor, poderia estar naquela notícia. Destacam ainda que essa vitimização da audiência não é casual, mas construída pela “maneira como os meios de comunicação selecionam, narram e destacam crimes ocorridos no interior da rotina de muitos e que envolvem danos físicos e seleção aleatória de vítimas”. (VAZ *et all*, 2006, p. 113).

No mesmo artigo são citadas ainda outras pesquisas empíricas que associaram mídia e medo do crime: “O 'medo do crime' é um objeto maior das pesquisas em comunicação e criminologia (cf. Por exemplo, Beckett, 1997; Reiner, 2002; Romer, Jameson e Adai, 2003, Surette 1998)” (Ibidem). Para estas pesquisas, o medo do crime seria em grande parte, gerado pela exposição à mídia, “Na medida em que o real mediado é mais assustador do que a realidade e que a maior parte das informações sobre crime são passadas pelos meios de comunicação”(p. 117).

James Potter (1997) cita ainda outras pesquisas sobre os efeitos da mídia que indicam como se dá essa influência sobre os receptores, principalmente no tocante à agressividade:

A literatura sobre os efeitos da mídia (*media effects literature*)gerou uma grande lista de fatores sobre o que influencia a construção de sentidos do receptor a respeito da agressão retratada (Mustonen & Pilkinen, 1993; National Television Violence Study 1996; Potter & Ware, 1987; Willians, Zabrack & Joy, 1982). O resultado dessas análises revela que o contexto retratado inculca nos receptores o risco de um efeito negativo. Por exemplo, o *National television violence study*(1996) reportou que em 73% das cenas de violência os perpetradores não foram punidos e em 58% dos atos de agressão as vítimas não demonstraram dor compatível. Bandura (1994) admite que muitos fatores (como a realidade dos retratos e se os modelos são recompensados) estão simultaneamente interagindo nesse complexo processo de influência. Algumas décadas atrás Gerbner e seus colegas foram os primeiros a desenvolver um índice de violência que contém três elementos: ' a percentagem de programas

com qualquer conteúdo violento, a frequência e a taxa dos episódios violentos, e o número de papéis caracterizados como violentos, vítimas ou ambos (POTTER, 1997, p. 228):

Além de todas essas pesquisas citadas, poderíamos sugerir como uma evidência de que a exposição à violência causa efeitos no receptor a própria regulamentação, que estabelece classificações etárias, limitações de horário de exibição, etc. Isso somente já é um reconhecimento de que há efeitos, e que tais efeitos são nocivos. Em nossa *celula mater* cultural, os Estados Unidos, uma regulamentação de 1996, *Telecommunications act*, diz que:

Television programmers should provide warnings to make viewers aware of the risks of watching certain shows.

[Os programadores da televisão devem avisar aos telespectadores sobre os riscos de se assistir a certos programas] (POTTER, 1997, p. 228. Tradução própria).

O regulamento estadunidense também sugeria que os receptores de televisão fossem equipados com um dispositivo *v-cap* que possibilitaria que os pais controlassem o que os filhos poderiam ou não assistir, limitando o seu acesso ao conteúdo que julgassem nocivo. Aqui no Brasil esse controle está disponível nos receptores de TV por assinatura SKY, através do recurso “autocensura”. Infelizmente a mídia impressa não dispõe deste tipo de limitação e seus produtos estão acessíveis a todas as idades, em qualquer banca de jornal, ou mesmo nos lares, em qualquer computador.

3.6 Mídia e violência

*A violência é tão fascinante,
e nossas vidas são tão normais...
- Legião Urbana -*

No seminário internacional sobre mídia e violência (março de 2009, ECO-UFRJ), do qual participamos, havia jornalistas de vários países, representantes de governos de Estados Unidos e Canadá. Ao ouvir os jornalistas estrangeiros falarem de suas experiências ficou bem claro que a violência é um fato nos seus países também. O jornalista Michel Labrecque, de Montreal, exibiu a capa de um exemplar do jornal canadense *Montreal Tribune* que era toda dedicada à violência, sobre assassinatos e repressão policial. Poucos têm Montreal como uma cidade violenta, apesar disso. Outro jornalista, o estadunidense Doug Sanders foi muito

perspicaz ao explicar porque, em sua opinião, a mídia dá destaque aos fatos violentos: porquê, sem violência, o noticiário fica “chato” (“*it's boring*”).

O mesmo Sanders, seguindo, talvez sem o saber, a linha de Jack Katz em *What makes crime news?*, explicou o método de se relatar crimes, que ele, Sanders, chamou de *blank boxes's method* (método dos espaços em branco – livre tradução): de um lado se “preenche” a lacuna, o espaço vazio com: bandidos, guerrilheiros, terroristas, ou qualquer categoria parecida. Na outra lacuna entram: agentes do governo (policiais, forças armadas), ou grupos adversários dos componentes da primeira lacuna. No meio entra uma terceira lacuna, a dos “efeitos colaterais”, onde ficam os cidadãos. É uma “receita de bolo”, um exercício de completar os espaços, apenas mudando os nomes envolvidos. Não faz diferença assistir ao noticiário policial de hoje, o de um mês ou o de um ano atrás. Os componentes e assuntos são os mesmos. Jack Katz assim descreve:

How do news readers sustain an appetite for journalistic reports of crime? From day to day many news stories on crime differ only in details about time, place and the identities of victim and defendant. How do daily readers come to take interest in today's report of murder or robbery given that the story they read yesterday was substantially similar? For reliable information on crime, newspaper readers could turn to sociological studies. For entertainment, they could, and indeed many do, read detective novels. What are the distinctive aspects of form or content that make daily news reports of crime continuously interesting to the modern public?

[Como os leitores de notícias sustentam tal apetite por informes jornalísticos de crime? No dia a dia, muitas estórias em notícias sobre crimes diferem apenas em detalhes sobre tempo, lugar e as identidades de vítimas e acusados. Como os leitores diários têm interesse pela reportagem de assassinato ou de roubo, se a estória que eles leram ontem foi bastante similar? Para uma informação confiável sobre crimes, os leitores de jornal poderiam ler os estudos sociológicos. Para entretenimento, eles podem, e muitos o fazem, ler novelas policiais. Quais são os aspectos característicos da forma ou do conteúdo que faz as notícias diárias de crimes serem continuamente interessantes para o público moderno?](KATZ, 1997, p. 47, tradução própria).

O estudo de Katz, que envolveu dois jornais estadunidenses, durante sete anos, partiu da observação da importância atribuída por um setor governamental (a Promotoria Federal de Justiça de Nova York) ao noticiário criminal da cidade. Trabalhando no departamento, o autor ficou curioso ao descobrir que havia um *clipping* diário e posterior arquivamento do que era publicado sobre crimes em Nova York, especialmente quando a promotoria era citada nas notícias.

Em artigo no qual investigaram as interações entre mídia impressa, violência e alteridade, na qual analisaram a cobertura do caso do ônibus 174 na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, Fabiana Ramos e Helerina Novo dizem:

Foram analisadas duas matérias de revistas semanais de circulação nacional e setenta matérias de um jornal de grande circulação em São Paulo e no resto do país. A discussão é centrada na figura do agente da violência – o criminoso, a partir da perspectiva da produção da alteridade. **Os resultados apontam que a mídia, na maioria das vezes, contribui para a mitificação do fenômeno da violência** e para a manutenção da concepção de que a violência é um problema individual de alguém que não sabe lidar com suas emoções e dificuldades, e que merece, portanto, ser excluído do convívio social (RAMOS & NOVO, 2003, p. 491).

Compactuamos com essa opinião de que a mídia influencia as representações sociais, contribuindo de forma definitiva para a mitificação da violência e a generalização de sua ação, transformando os indivíduos-agentes-consumidores desse tipo de discurso em **vítimas virtuais**, conforme destacado por Paulo Vaz *et all* (2005).

Um importante conceito, com o qual apenas viemos a ter contato recentemente, no segundo semestre de 2008, ao frequentar, no departamento de Sociologia da UERJ as disciplinas de “Periferias e Religião”, e “Desigualdades Sociais”, foi o de Alteridade. As autoras acima citadas, Ramos e Novo, utilizam-se deste conceito para entender a figura do criminalizado:

É através da perspectiva da *produção da alteridade* (Arruda, 1999) que buscamos compreender as representações que se constrói sobre a figura do criminoso. Na análise da Psicologia Social, o termo *produção da alteridade* se refere ao processo de elaboração da diferença em relação a um *outro*, sendo orientada para o interior do próprio grupo em termos de proteção e para o exterior em termos de desvalorização do diferente, associando num mesmo movimento construção da identidade e exclusão da diferença, conforme afirma Jodelet (1999): “A alteridade é produto de duplo processo de construção e de exclusão social que, indissolivelmente ligados como os dois lados de uma mesma folha, mantêm sua unidade por meio de um sistema de representações” (p. 47-48). A produção da alteridade atinge o domínio das práticas e dos discursos, tornando-se núcleo estruturante do universo simbólico através do trabalho de aproximação e incorporação da diferença. Tal processo supõe representações, teorização e organização dos afetos; não apenas pensamos e falamos sobre criminosos, mas sentimos *algo* em relação a eles: frequentemente, raiva e desprezo (RAMOS & NOVO, p. 492).

Assim, o desviante, o criminalizado, quando retratado nas páginas dos jornais, ou estampado nas diversas telas, frequentemente é mostrado de uma forma que leva o receptor a sentir repulsa, raiva dos acusados do crime, numa espécie de pré-julgamento do ato em questão. Para nós, essa concepção está intrinsecamente ligada ao conceito de “vítima virtual” (VAZ *et all*, 2005) e ao comprometimento das relações entre os indivíduos exacerbadas, modificadas pelo individualismo da sociedade contemporânea. Vai ainda na mesma linha esboçada pelos estudiosos da Criminologia Crítica, aqui citados anteriormente.

As conclusões encontradas por Vaz e seus colegas também têm a ver, em nossa opinião, com o veículo analisado, na medida que o jornal O Globo se posiciona numa faixa

mais “elevada” do mercado, tendo seu público leitor um nível de renda superior à dos leitores de outros veículos mais populares, como os jornais Extra e O Dia, por exemplo. Todos esses entendimentos também estão, em nossa opinião, em concordância com as diretrizes e conceitos da Criminologia Crítica.

3.7 Mediando a Mensagem

“A mídia de massa não apenas reflete o mundo ao redor”. É com essa frase que Pamela Shoemaker & Stephen Reese começam seu livro. A mídia é um espelho sim, nos diz Jeffrey Reiman, mas um espelho não-plano (côncavo ou convexo) que distorce as imagens que reflete, e assim utiliza seu ângulo de visão para justificar discursos e modos de vida e de ação⁸¹. Shoemaker & Reese destacam a importância de se compreender o conteúdo midiático em sua amplitude. O que aparece estampado em tal conteúdo é o resultado de vários fatores:

The mass media do not simply mirror the world around them.[...] Mass media content—both news and entertainment—is shaped, pounded, constrained, encouraged by a multitude of forces. Sometimes the reality presented by the media matches the world as you know it, and sometimes it is very different.

[A mídia de massa não apenas reflete o mundo ao redor.[...]O conteúdo da mídia de massa-ambos, noticiário e entretenimento- é formatado, repetido, limitado, encorajado por uma variedade de forças atuantes. Algumas vezes a realidade apresentada pela mídia iguala-se ao mundo como você o conhece, e algumas vezes é muito diferente.] (SHOEMAKER & REESE, 1996, p. ix, tradução própria).

Essa diferença entre a experiência “de primeira mão”, o testemunho “ocular”, “direto” e a experiência mediada cria um fosso, uma vaga entre a representação midiática e o evento em si:

The gap between firsthand experience and the mediated version becomes particularly clear for events like this—when people are present at an event and compare their experience with media coverage, and when the issues involved are controversial—meaning that the stakes are high as to how the event is to be framed.

[O fosso entre a experiência direta e a versão mediada torna-se particularmente clara em eventos como este – quando pessoas presentes a um evento comparam suas experiências com a cobertura midiática, e quando os assuntos envolvidos são controversos – o que significa que os interesses envolvidos são altos e determinam como o evento será enquadrado.] (SHOEMAKER & REESE, 1996, p. xi, tradução própria).

Em nosso estudo, ao contrário de várias pesquisas anteriores encontradas, pontuais, conforme citamos anteriormente, e conforme sugestão de Shoemaker & Reese, preferimos considerar o campo jornalístico e a indústria cultural como um todo, fazendo uma abordagem

81 Reiman, Jeffrey. *The rich get richer & the poor get prison*. 1978.

mais ampla. Entendemos que o veículo, o grupo editorial, o suporte físico, os anunciantes, os fornecedores, jornalheiros, bancas de jornal, concorrentes, leitores, e outros fatores não existem de forma isolada, mas estão inseridos num sistema, um contexto maior. Pamela Shoemaker e Stephen Reese, em *Mediating the message* (1996), falam sobre a necessidade de se compreender as nuances e as particularidades estruturais do campo, ao se empreender qualquer análise de conteúdo. O conteúdo midiático é produto de todas essas influências que interagem mutuamente, embora sob uma hierarquia, identificada pelos autores como se segue:

- Nível ideológico
- Nível extramídia
- Nível organizacional
- Nível das rotinas da mídia
- Nível individual

Tais níveis submetem-se obviamente à lógica comercial. A indústria cultural obedece à lei da concorrência para a conquista do maior mercado possível. A esmagadora maioria dos veículos está subordinada a um conglomerado ou grupo editorial de propriedade privada. Apenas para se ter uma idéia, em nosso recorte: O conjunto dos jornais impressos de grande circulação da cidade do Rio de Janeiro, o grupo editorial “O Globo” concentra, através de três veículos; O Globo, Extra e Expresso da informação, mais de 50% do mercado⁸². Shoemaker & Reese identificam a propriedade dos meios como o mais importante dos fatores dentro da indústria midiática:

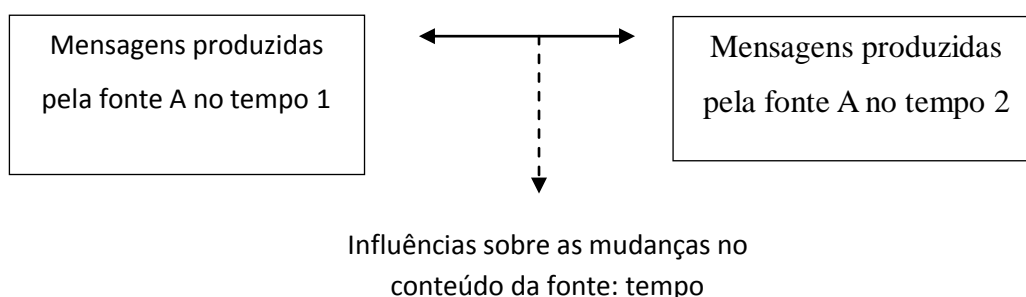
For the most part, the commercial mass media make their money by delivering audiences to advertisers. To the extent that they are consumed by desirable target audiences, print and broadcast media are attractive to advertisers. They must also provide messages compatible with the ads. [...] Print media pages are a function of the amount of advertisements attracted. When ad lineage is down, a newspaper's news hole is reduced accordingly. Economics exerts an equally powerful though different effect on broadcast media. Whereas a newspaper or magazine can print additional pages for additional news, television and radio are restricted to no more than 24 hours in a day. Additional time for television news, *for example*, means less time for higher-rated entertainment programming. Breaking into regularly scheduled programs means lost advertising time and lost revenue.

[Em sua maioria, a mídia comercial ganha dinheiro produzindo audiências para os anunciantes. Quando seus produtos são consumidos pelo público-alvo desejado, a mídia impressa e eletrônica são atrativas para os anunciantes. Eles também devem prover mensagens compatíveis com os anúncios. As páginas da mídia impressa são um reflexo da quantidade de anunciantes atraídos. Quando o número de anúncios é baixo, o espaço para as notícias é reduzido de acordo. A Economia exerce um efeito igualmente poderoso, porém diferente sobre a mídia eletrônica. Enquanto uma revista ou jornal podem imprimir páginas adicionais, a televisão e o rádio estão restritos a não mais que 24 horas por dia. Tempo adicional para noticiário televisivo, por exemplo, significa menos tempo para a programação de entretenimento, mais procurada. Alterar a grade de programas causa perda de tempo de publicidade e perda de receita.] (SHOEMAKER & REESE, 1996, p. 143).

82 Dados (2008/2009) fornecidos pelo IVC – Instituto Verificador de Circulação.

Então, a propriedade dos meios influi muito no conteúdo. Os anunciantes e o perfil do público-alvo desejado por seus produtos são outro importante fator a considerar.

Sobre a forma de se analisar conteúdo, Shoemaker dá algumas orientações em um artigo de 2003, *Content analysis research designs*⁸³. Baseou-se muito, segundo ela, em Holsti (1969)⁸⁴ e em suas próprias observações e pesquisas. Distingue inicialmente entre estudos que consideram APENAS o conteúdo (*content only designs*) e outros que incluem variáveis de fontes “externas” ao conteúdo a ser estudado (*content plus noncontent designs*). Nos modelos esquemáticos propostos como exemplo, as influências “externas” identificadas são: tempo, mudança na propriedade dos meios, alterações significativas na sociedade (como a participação feminina no mercado de trabalho, por exemplo), mudanças políticas, guerras, público – alvo e posicionamento editorial. Considerando-se apenas uma variável:

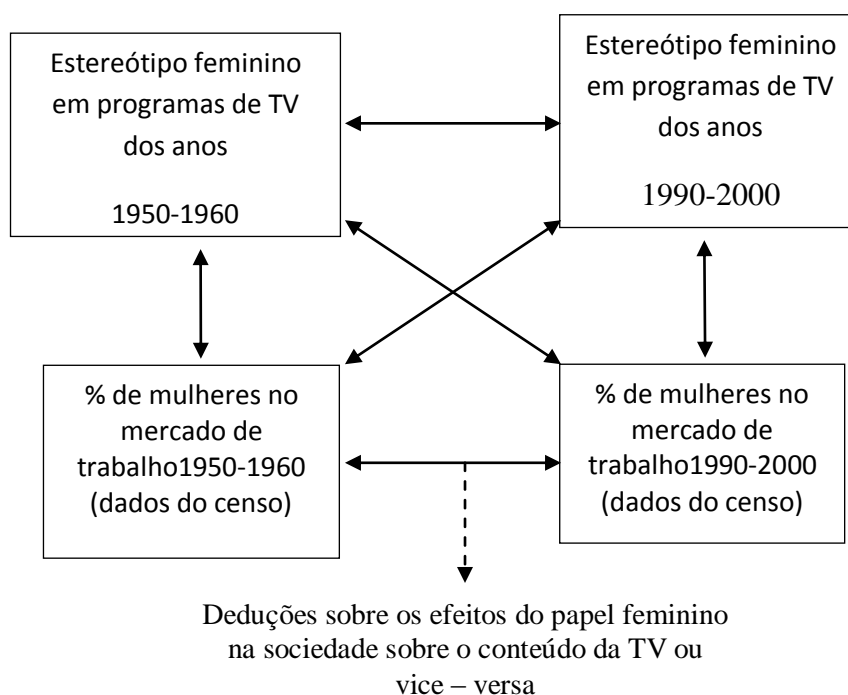


Igualmente, há que se considerar a influência de um veículo sobre os outros. Pode haver em determinado grupo social um veículo tido como “superior” ou padrão, e assim reconhecido por seus pares, vai exercer grande influência sobre o conteúdo dos outros veículos. Comparando diferentes veículos e considerando todas essas influências, é possível, diz a autora, deduzir, a partir da análise do conteúdo, que alterações estão acontecendo.

Um dos exemplos destacados por Shoemaker tem bastante semelhança com os propósitos deste estudo. Trata-se de *Comparing trends in content with trends in statistical information*, comparar o conteúdo com as estatísticas. Um exemplo:

83 Content Analysis Research Designs, November 2003.

84 Ole R.Holsti. (1969). Content analysis for the social science and humanities. Reading MA: Addison-Wesley.



Essa comparação entre dados estatísticos e representações sociais da cidade a partir da mídia, que frequentemente acaba recaindo em estereótipos, ou ajudando a criá-los, é exatamente a proposta desta pesquisa.

Entendemos que a análise do conteúdo de mídia é fundamental para se ter uma idéia do que o público está sendo alvo ao ter contato com seus produtos. Sobre a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, por exemplo, Nilo Batista analisou o conteúdo de uma edição do jornal O Globo, (5/01/2002) e concluiu o seguinte:

Deixando de lado o caderno que se ocupa de economia, mundo e esportes, restam 16 páginas sobre o país e o Rio, além de colunas, editoriais e artigos. Leiamos essas 16 páginas. [...] **quase 80% do noticiário desta edição sobre o país e o Rio é criminal ou judicial. Será ingênua esta leitura do país e do Rio?** Ou servirá para esconder algumas coisas e alavancar outras? (BATISTA, 2003, p. 70, grifos nossos).

H

MEIA

RA

DE NOTÍCIAS

LETÍCIA SABATELLA PASSA MAL DO CORAÇÃO E É INTERNADA PÁGINA 07



R\$

0,50

www.meiahora.com
SÁBADO, 20 DE DEZEMBRO DE 2008 • ANO 4 • Nº 1.171

INFERNO NA MARE
03

EXPLODE A GUERRA NO PARQUE UNIÃO

4 MORTOS



OSWALDO PRADO









Vítimas (fotos) foram baleadas durante tiroteios que fecharam a Linha Vermelha. Nove pessoas ficaram feridas. Armas de agentes da Core foram apreendidas

COVARDIA 08

Policial civil leva cinco tiros em São Gonçalo

CAMPO GRANDE 06

Ladrão morto em ônibus

ESPORTES

Mengão e Fluzão brigam para ter Diguinho

CASA & REFORMA

HOJE

SÓ NO GRANDE RIO. PEÇA AO JORNALERO

AMANHÃ

MEIA +

HORA

LEVE A REVISTA TV + NOVELAS. NÃO PERCA!



Figura 7. Capa do jornal Meia Hora, 20/12/2008

3.8 O outro lado: os leitores

Ainda que este seja um estudo com foco apenas na emissão, no qual não foram feitos experimentos de recepção de espécie alguma, consideramos importante tecer alguns comentários sobre o público leitor, os receptores das mensagens. Longe de imaginar o público como uma massa amorfa, passiva e pronta a ser moldada pela mídia, entendemos que o consumidor /receptor /leitor desempenha o papel mais importante no sistema comunicacional.

No que tange ao papel desempenhado pelo receptor e os efeitos da mídia, compactuamos com os conceitos de HMP (*Hostile media perception*) e de HME (*Hostile media effects*), conforme colocado por Gunther *et all* (2001). HMP vem a ser o componente das crenças e fatores individuais na avaliação do conteúdo midiático, enquanto que HME é conceituado como “a tendência de pessoas que estão muito envolvidas em um assunto a ver a cobertura jornalística como oposta ao seu ponto de vista”(Gunther, Christen, Liebhart, & Chia, 2001, p. 296). Outras teorias, como a do ceticismo midiático (*media skepticism*) segundo a qual alguns indivíduos têm sentimentos negativos e desconfiança em relação ao noticiário em geral, e não apenas a um meio ou veículo, também vão ao encontro de nossas idéias. Como os estudos de recepção não são objeto desse trabalho, citamos, apenas como ponto de reflexão o estudo desenvolvido por Arpan and Raney (2003) que concluiu que quando era dito ao receptor que o noticiário esportivo sobre o time local havia sido escrito pelo jornal da cidade rival, as respostas dos indivíduos eram mais hostis do que quando liam uma história idêntica em um jornal de sua cidade ⁸⁵.

Conforme já mencionamos anteriormente, o ponto de partida para esse estudo foi a imagem de um homem numa banca de jornal, portanto, partimos, inexoravelmente, do receptor. Sempre observamos, em nossa vida cotidiana, um fato corriqueiro, mas deveras interessante e despercebido pelo meio acadêmico: **a possibilidade de se consumir o produto midiático sem o adquirir**. O exemplo aqui é o do indivíduo que não compra o jornal /revista mas lê as capas na banca (sem que seja ao menos preciso um interlocutor no processo: os jornais são expostos do lado de fora das bancas, como se pode ver nas fotografias que ilustram esse trabalho). Esse leitor “fantasma”, assim o denominamos por ficar “de fora” das

85 Arpan, M. Laura & Raney, A. Arthur. An Experimental Investigation of News-Source and the Hostile Media Effect, *Journalism and Mass Communication Quarterly*, 80(2): 265-281. 2003.

estatísticas de compra dos produtos, nem por isso deixou de ser identificado pelos editores e responsáveis da grande mídia. A esse respeito é ilustrativa a afirmação do editor do jornal O Dia, reconhecendo que muitas pessoas lêem jornal, mas não compram (ver seção 3.11.2 – a *penny press* carioca).

3.9. Estudos anteriores envolvendo Jornais

Ao nos decidirmos por esse tema e objetos, ainda no ano de 2005, procuramos, através de pesquisas manuais e eletrônicas em várias fontes, descobrir o que já havia sido produzido anteriormente, em que situação se achava a discussão acadêmica a respeito do tema, não apenas no Brasil, mas em outros países. Nacionalmente, encontramos alguns trabalhos com muita repercussão e que se tornaram fundamentais⁸⁶. Dentre esses, os mais citados são:

- Danilo Angrimani, “**Espreme que sai sangue**” (1985); A tese de doutorado da USP tornou-se um marco nos estudos sobre sensacionalismo no Brasil. Analisou 22 edições do jornal “Notícias Populares”, de São Paulo.
- Silvia Ramos e Isabela Paiva, **Mídia e violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil** (2007). O estudo produzido pelo CESEQ - UCAM parte da análise da cobertura policial em veículos impressos focando no papel da mídia e nos direitos humanos. A partir de um estudo preliminar (Relatório Mídia e Violência - *Como os jornais retratam a violência e a segurança pública no Brasil - 2005*, Análise quantitativa de 2514 textos jornalísticos de nove veículos durante 35 dias), As autoras tentaram identificar as tendências na cobertura policial. Além da pesquisa em fontes impressas, a pesquisa incluiu questionários padronizados preenchidos pelos jornalistas e, ao fim, a realização de um seminário que reuniu dezenas de jornalistas e estudiosos do assunto. Trata-se de uma importante fonte de dados e opiniões sobre o assunto, com a ressalva de ter mantido um contato próximo com os profissionais da imprensa.
- Rosa Nívea Pedroso, “**A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**” (1983); em seu estudo, a autora traça um perfil histórico do veículo “Luta”, e destaca que o conceito de “grande imprensa” pode ser aplicado a esse folhetim, ou seja, “a imprensa que se preocupa com a reprodução capitalista de bens simbólicos, visando

86 As referências completas dessas obras quando utilizadas neste estudo, bem como endereços eletrônicos onde pode-se ler os textos virtualmente, quando disponíveis, encontram-se no final da dissertação, em nossa bibliografia.

primordialmente ao lucro” (p.41) e que “sexo e morte são os dispositivos eleitos / escolhidos para acionar o fenômeno da sedução / alienação dos leitores / audiências” (idem).

➤ Antônio Serra “**O desvio nosso de cada Dia. A representação do cotidiano num jornal popular**” (1980). Este captou mais a nossa atenção, por dois motivos: primeiro, por ter como objeto de estudo o veículo “O Dia” (inédito, não encontramos nenhum outro estudo anterior envolvendo esse veículo), e segundo, pelo seu autor ter sido nosso professor nos idos da graduação, na UFF. Apesar desse detalhe biográfico, destaque-se que o livro em questão é a dissertação de mestrado do professor Serra (UFRJ,1977), e que não sabíamos da existência desta até iniciarmos as pesquisas visando o mestrado na UERJ.

A pesquisa de Serra, que deu origem a um livro de 87 páginas e sete capítulos, utilizou como amostragem 11 edições consecutivas de “O Dia” (20 a 31/10/1975), e trouxe algumas conclusões relevantes. Segundo o autor:

- O povo se vê representado nas páginas policiais. Seu aparecimento no resto do jornal é impossível ou secundário. Os “populares” só aparecem no jornal quando seu comportamento desviante é mostrado.

- A violência, que se materializa mais nas periferias, é parte do cotidiano dos pobres.

- O simples fato de se classificar como “páginas policiais” ou “criminais” já classifica os agentes envolvidos como desviantes sociais (anomalia).

- O Dia, ao contrário de outros veículos privilegia esses excluídos, dando-lhes visibilidade. O que seria o principal em outros jornais, no “Dia” é secundário: política, notícias nacionais e internacionais, etc.

- O jornal O Dia faz uma associação povo-desordem. Apesar disso cumpre uma função socializadora.

- O veículo tentava a todo instante fazer uma associação erotismo e violência.

- Apelo ao voyeurismo: O corpo desejado, inacessível ao leitor comum é posto ao seu alcance pelo jornal.

Compactuamos ademais, com a hipótese levantada por Serra de que o jornal cumpre o papel de “retroalimentação”, ao dar ênfase aos acontecimentos violentos. O jornal O Dia analisado por ele tinha, em suas edições de segunda a sexta- feira, oito páginas diárias, das quais o autor conclui que 50% eram dedicadas à violência. Normalmente a capa, mais as páginas 5, 6, e 7.

Outros estudos encontrados e lidos sobre o assunto:

- AMARAL, Marcela da Silva. **Rubem Fonseca : a escritura como violência ou a palavra como arma.** Mestrado em Letras. UERJ, 2007.
- BENTLEY, Clyde, H. **Make my day: Ritual, dependency and Habit of Newspaper reading.** Doctorate Dissertation, School of Journalism and Communication. University of Oregon, 2000.
- BONDIM, Renata G. **Sensacionalismo e credibilidade: a primeira página de quatro jornais cariocas: Jornal do Brasil, O Globo, O Dia e O Povo do Rio.** Doutorado em Comunicação. UFRJ, 2001.
- BORGES, Wilson Couto. **Criminalidade no Rio de Janeiro: a imprensa e a (in)formação da realidade.** Mestrado em História. UFF, 2005.
- DUARTE, Maurício da Silva e. **Cidadania obstruída: Jornais cariocas e a construção discursiva da violência no Rio.** Doutorado em Comunicação UFRJ, 2003.
- SALLES, Juliano de Medeiros. **A enunciação da violência no jornalismo impresso: o tratamento da imagem e do texto no jornal Povo do Rio.** Graduação em Comunicação Social - Universidade Salgado de Oliveira, 2001.
- SANCHÉZ, Beatriz Adriana Komavli de. **Criminalização na notícia policial: uma abordagem discursiva do processo designativo.** Mestrado em Letras. UERJ, 2006.

Além de todos estes, tivemos contato ainda, no prazo final, quando já terminávamos de redigir este texto, com uma dissertação que estudou a imagem da cidade do Rio de Janeiro, com a única diferença de que a autora escolheu o recorte “turismo”, pesquisando junto a agências de turismo da cidade:

- BARREIROS, Eliane Pedreira. **As Representações Sociais da “Cidade Maravilhosa”: O Rio de Janeiro do Turismo.** Mestrado em Psicologia. UERJ, 2005.

A imagem de cidade violenta também não passou despercebida à Eliane. Na primeira página de seu estudo ela argui: “Como entender a contradição de se chamar 'maravilhosa' uma cidade que vêm aparecendo na mídia televisiva como violenta?” (BARREIROS, 2005, p.1) Já nas suas conclusões: “Foi possível observar que o problema da violência na cidade é sempre enfatizado pela mídia local, impressa e televisiva” (BARREIROS, 2005, p. 51).

3.10. Jornalismo, Publicidade e Propaganda

A palavra “propaganda” freqüentemente tem conotação negativa, muito em função dos conceitos criados a partir do início do século XX, mas num sentido mais amplo, pode ser entendida como o conjunto de técnicas utilizado para convencer os indivíduos. Assim, o povo pode ser convencido tanto a comprar sabonetes, quanto a votar em tal candidato, adotar determinado estilo de vida ou apoiar tal plataforma política, se a propaganda for eficiente. Nas palavras de um mestre na arte de convencer, Mao Tse-Tung (1893 – 1976): “Uma vez que as massas conheçam a verdade e tenham um objetivo comum, trabalharão todos juntos, como um só coração”⁸⁷. A propaganda, porém, não é tão explícita quanto a publicidade. Na maioria das vezes é difícil discerni-la.

Uma estória, ou mesmo uma história, não é um fato. É apenas uma narrativa a respeito de um fato passado. Quem conta uma história (e a mídia conta milhares de histórias diariamente), dá uma versão, a sua visão a respeito do fato anterior, passado. Sempre se fala do passado. Mesmo em mídias mais dinâmicas, como a televisão e a rede mundial de computadores, a “experiência direta, o “tempo real”, a informação “ao vivo”, é coisa rara, e sempre mediada. Dificilmente a mídia está presente na hora, no momento em que acontece a ação noticiada. Geralmente as redações são pautadas por agentes como a polícia e os bombeiros (os primeiros a receber o aviso de que “algo aconteceu”). Na maioria do tempo, está a se falar de fatos passados, mostrando, ainda que não intencionalmente, o seu lado da história. O jornalismo vem, através do tempo, ao menos em teoria, tentando se distanciar desse “posicionamento pessoal”, buscando a objetividade e a imparcialidade.

Apesar dessas tentativas, existe essa limitação temporal, que leva a sempre se estar falando do passado. As narrativas então, tentam captar a atenção do leitor. O interesse e a atenção são o que mais se disputa midiaticamente falando, na sociedade comunicacional do século XXI. Com tanta informação sendo empurrada a cada minuto, o indivíduo fica impossibilitado de consumir /digerir tudo o que lhe é oferecido, tendo, por limitações em sua capacidade de assimilação, que fazer escolhas. Essas escolhas, na maioria das vezes acabam recaindo sobre recipientes geradores de lucros financeiros para terceiros. Assim observamos que o entretenimento está cada vez mais associado ao consumo, por exemplo. O consumo é fator importante para a publicidade, que tem como uma de suas atribuições principais incentivar esse consumo, movimentar a economia. Como a informação passou a ser mais um

87 On the Chungking Negotiations (October, 17, 1945) in Selected Works vol IV, pp 59.

bem consumível, no sentido de que há uma pressão para se estar atualizado, etc, as interações entre jornalismo, publicidade e propaganda são cada vez maiores, com suas fronteiras ficando cada vez mais difíceis de distinguir.

A esse respeito, Dan Stoica (2005) fala que a maioria dos indivíduos tende a achar que o jornalismo trata da “verdade”, enquanto que a propaganda trata do ficcional. Para o autor, o uso da retórica e de outras figuras de linguagem causa essa falsa impressão. A publicidade deixa claras suas intenções de tratar de sonhos, do ficcional, do lúdico e da sedução. Raramente o indivíduo, ao ler/assistir uma peça de publicidade está inconsciente de que se trata de um comercial. Há uma rígida legislação sobre o assunto, que estabelece que a publicidade tem que se identificar como tal. Apesar de haverem alguns subterfúgios como as ações de *merchandising*⁸⁸, de maneira geral, há uma cisão clara, identificável entre o que é publicidade e o que não é. Stoica destaca a diferença entre as duas áreas:

Então existe essa coisa chamada “verdade”. Os jornalistas estão – ou deveriam estar – preocupados com a verdade dos fatos, que não são ficcionais. Os publicitários estão preocupados com a “construção da imagem” que significa manipular a verdade juntando os universos, ficcional e não-ficcional (STOICA, 2005, p. 3).

Apesar de parecerem mundos distintos, o autor destaca que estão, de sua maneira, tratando do mesmo mundo, vivem todos no mesmo mundo “palpável”, estão apenas fazendo a sua parte para tentar atingir seu objetivo: atrair a atenção do público /consumidor em potencial. A única diferença entre as duas formas de narrativa são a linguagem utilizada e a maneira como lidam com o imaginário. Nesse sentido, é interessante notar que o ficcional pode também ser muito “real”. Mais real do que se pensa. Por exemplo, nenhum ser humano jamais viu um dragão, porém, todos, desde a infância estão acostumados às narrativas em que esses seres mitológicos aparecem. Quando se faz referências a um dragão ou uma sereia, quase imediatamente se sabe do que se está falando, chega-se inclusive a formar uma imagem mental do ser em questão, mesmo sendo ficcional.

As múltiplas narrativas, dessa forma, estão em constante interação. Stoica continua, destacando que os meios criam, a partir do mesmo cotidiano, seus diferentes universos, buscando a nossa atenção:

88 Em mídia, *merchandising* designa a comercialização de menções e aparições de produtos, em TV, cinema, rádio etc., segundo critérios editoriais de "naturalidade", "contexto" etc. Nos Estados Unidos, as ações de *merchandising* são conhecidas como *in script advertising*.
http://comercial.redeglobo.com.br/dicionario_midia/descricao_verbete.php?letra=m

É impossível para a mídia deixar de refletir essa situação, na qual múltiplos universos coexistem e interagem. Partes diferentes da mídia dedicam-se a representar diferentes universos: no noticiário, é o mundo como nós o conhecemos; no entretenimento, é um universo ficcional, na parte publicitária, é ficção, porém, mais que isto, é a relação sugerida entre a estória ficcional contada e a realidade do “bem aqui” que queremos que vejamos (STOICA, 2005, p.3)

A impressão que fica, diante da diferença de abordagem das narrativas jornalística e publicitária é que, enquanto a publicidade exige do receptor, requer algum tipo de interpretação, de referências anteriores, o jornalismo daria o “produto” pronto para consumo: os jornalistas, esses seres sapientes, intérpretes do mundo, nos dizem os fatos, como e onde aconteceram, já nos induzindo para o que é o “certo” e o que é o “errado”, o que devemos pensar sobre aquele assunto. A mensagem vem pronta para ser consumida.

O leitor /consumidor /telespectador deposita no veículo que consome, além de sua atenção, tempo e dinheiro, um componente ainda mais caro e importante: sua confiança. Estabelece-se entre consumidor e veículo um “contrato de confiança” (*trust deeds*), segundo Stoica, ou “contrato de leitura” segundo VERÓN (1999) Assim, o fato de submeter sua atenção diariamente a um veículo demonstra que o consumidor confia na interpretação do mundo dada por aquele veículo. Stoica explica sua visão sobre o assunto:

Diferentes contratos são estabelecidos entre enunciador (jornal ou agência de publicidade) e seu público, e pode mesmo levar a diferentes classes de conteúdos que o receptor pode construir em sua interação com a mídia (ao consumir a informação ou os comerciais). O não declarado “contrato de confiança” recai claramente sobre o conteúdo classificado como *notícia*, e raramente se estende aos conteúdos classificados como *publicidade* ou *entretenimento* (STOICA, 2005, p. 4).

3.11 Objetividade

A Objetividade e a “isenção” ou “imparcialidade” são conceitos inter-relacionados. Segundo Michael Schudson (1978), um conceito possível de objetividade seria : “a crença de que se pode e deve separar os fatos dos valores”, ou ainda “a fé na exatidão dos fatos”. Essa noção nortearia, pretensamente, todo o campo jornalístico. Esse é um assunto polêmico, e um respeitado veículo de comunicação, a folha de São Paulo, diz textualmente em seu manual de redação que: “Não existe objetividade em Jornalismo. Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções”. Entre as formas de se tentar ser mais objetivo, o

referido manual aconselha a “Consultar outros jornalistas e pesquisar fatos análogos ocorridos no passado”.⁸⁹

3.11.1 Critérios de noticiabilidade

A vida não pára. Apenas a morte a interrompe. Os fatos, então, estão acontecendo diariamente, o tempo todo. Por que alguns acontecimentos viram notícia, enquanto outros são sumariamente ignorados pela mídia? Tal é o objeto da “noticiabilidade”: uma seleção e “hierarquização” dos fatos que eles, jornalistas, acham dignos de nota. Mas a que critérios e interesses servem essa seleção e hierarquização? Como funciona?

Ivan Giacomelli, em artigo de 2008 intitulado “Critérios de noticiabilidade e o fotojornalismo”, diz que “o alemão Tobias Peucer foi um dos primeiros a estudar o assunto”. Peucer escreveu em 1690, analisando os noticiários de sua época, sobre a seleção de fatos “que merecem ser recordados ou conhecidos”. Giacomelli segue, citando Peucer, dizendo **o quê** num acontecimento, o levaria a se tornar notícia:

Em primeiro lugar os prodígios, as monstruosidades, as obras e os feitos maravilhosos e insólitos da natureza e da arte, as inundações ou as tempestades horrendas, os terremotos [...], os afazeres da guerra e da paz, as causas das guerras, os planos, as batalhas, as derrotas, as estratégias, as novas leis, [...] as sucessões em um reino, o óbito de varões ilustres, [...] os temas eclesiásticos e literários, os decretos, os escritos mais notáveis dos sábios e doutos, [...] as instituições, as desgraças, as mortes e centenas de coisas mais que façam referência à história natural, à história da sociedade, da Igreja ou da literatura; **tudo isto costuma ser narrado de forma embaralhada nos periódicos, como uma história confusa para que a alma do leitor receba o impacto de uma amena variedade**⁹⁰. (PEUCER *apud* GIACOMELLI 2008, p. 27 grifos nossos).

Giacomelli faz um apanhado dos autores que estudaram o assunto desde então, inclusive em língua portuguesa. Particularmente nos foi extremamente útil o estudo, por ele citado, de Gislene Silva, intitulado “Para pensar critérios de noticiabilidade”, publicado em 2005. A autora se propõe a fazer uma coletânea dos critérios citados por vários estudiosos, criando um sistema de classificação de notícias apresentado num quadro que divide os valores-notícia segundo o critério em evidência. Ela divide o processo de noticialização em três etapas: a origem dos fatos, o tratamento dos fatos e a visão dos fatos. Os três estariam

⁸⁹ Manual de redação da Folha de SP. Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_projeto_o.htm

⁹⁰ Peucer, Tobias. Os relatos jornalísticos. *Apud* Giacomelli, Ivan. Critérios de noticiabilidade e o fotojornalismo. *In* Discursos Fotográficos. Vol 4, nº 5, Universidade Estadual de Londrina, 2008.

interligados, permeados pelas peculiaridades da prática jornalística e condicionados pelo meio social.

As categorias e subcategorias relacionadas por ela em seu sistema de classificação ⁹¹:

Impacto: número de pessoas envolvidas /afetadas, envolvendo grandes quantias de dinheiro.

Conflito: guerra, rivalidade, disputa, briga, greve, reivindicação.

Polêmica: controvérsia, escândalo.

Raridade: incomum, original, inusitado.

Surpresa: inesperado.

Tragédia /drama: catástrofe, acidente, risco /morte, violência /crime, suspense, emoção, interesse humano.

Proeminência: notoriedade, celebridade, posição hierárquica, elite (indivíduo /instituição /país), sucesso /herói.

Entretenimento /curiosidade: aventura, divertimento, esporte, comemoração.

Conhecimento / cultura: descobertas, invenções, pesquisas, progresso, atividades e valores culturais, religião.

Proximidade: geográfica, cultural.

Governo: Interesse nacional, decisões e medidas, inaugurações, eleições, viagens, pronunciamentos.

Justiça: julgamentos, denúncias, investigações, apreensões, decisões judiciais, crimes.

Dentre todos esses 12 critérios, obviamente alguns vão ter especial interesse dentro deste estudo: Conflito, Impacto, Polêmica, Tragédia /drama, Proeminência, Proximidade, Governo e Justiça.

3.11.2 O mercado de Jornais e a *Penny Press* carioca

Os jornais impressos chegam no século XX, principalmente após o advento dos meios eletrônicos, a um impasse, pois as notícias que divulgam são frequentemente as mesmas que o público recebe de forma instantânea e gratuita na televisão, rádio e na rede mundial de computadores. Diante desse quadro, dessa competição acirrada e desleal pela atenção do público, como procede a elite que comanda os jornais impressos? Primeiramente criam versões eletrônicas dos seus veículos, uma forma de dar acesso aos que já estão conectados e, por opção ou outra dificuldade qualquer não seriam expostos à mensagem no formato

91 SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v.2, n.1, pg 95-107. 2005.

tradicional do jornal impresso. Ampliam assim a penetração habitual da sua mensagem. Vejamos um veículo. O jornal O Dia, por exemplo.

O jornal O Dia tem atualmente uma circulação diária de 137 mil exemplares, chegando a 238 mil aos domingos. As táticas utilizadas pelos jornais impressos estão funcionando, já que, segundo o IVC, a **“Circulação de jornais cresceu 11,8% no Brasil em 2007”**. **Tentando abranger um público cada vez maior, os jornais diários cariocas estão diversificando a sua oferta de produtos**. Mesmo com esse crescimento, os conglomerados que dominam a mídia impressa brasileira têm lançado produtos novos. **O Lançamento de novos produtos visa atender a segmentação do mercado**. A intenção agora é, imitando o histórico advento da *penny press*, nos Estados Unidos (século XIX), tentar tornar o produto o mais acessível possível e capturar a atenção do leitor /consumidor ainda em trânsito, proporcionando uma leitura rápida e fácil de digerir, fidelizando assim o cliente.

“Os levantamentos identificaram que existem muitas pessoas que lêem jornal, mas não compram. Elas o tomam emprestado, lêem na banca, ou trocam de jornal com o vizinho”, relata o diretor de marketing do Grupo O Dia, Mário Reis. A fórmula encontrada pelo Grupo O Dia para atingir este público foi criar um jornal com formato de fácil manuseio, que pode ser lido no ônibus, com notícias rápidas e um preço convidativo ⁹².

Nessa linha editorial encontram-se atualmente posicionados os seguintes veículos:

- Meia hora de notícias: (O Dia), lançado em setembro de 2005. O *slogan*: “nunca foi tão fácil ler jornal” tenta passar ao público – alvo a idéia de acessibilidade do veículo.

- Expresso da informação: (O Globo), surgiu na esteira do sucesso comercial do “Meia Hora”, apesar de seu diretor-executivo, Agostinho Vieira, negar essa conexão temporal⁹³. Foi lançado em março de 2006. Seu *slogan*, “Direto ao que interessa”.

Um “pouco acima” destes dois, estão posicionados os jornais:

- Extra: (O Globo)

- O Dia: (O Dia)

No “topo”, do posicionamento, entre os jornais impressos cariocas encontram-se:

- Jornal do Brasil

- O Globo

⁹² <http://odia.terra.com.br/especial/outros/meiahora/festa.htm>

⁹³ “Começamos a estudar o mercado de jornais populares compactos e tablóides gratuitos há mais de um ano, em 2004. [...]Depois, fiz viagens para a Espanha e certifiquei que as contas dos jornais gratuitos não fecham. Elas dão prejuízos por três ou quatro anos. O Expresso foi lançado baseado no fato de que o consumo das classes C e D passou de 97 bilhões de reais, em 2004, para 137 bilhões de reais, em 2005. As pessoas dessas classes compram de tudo, menos jornal”.

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=374SAI002>

O tradicional Jornal do Brasil, JB, fundado em 1891, que já teve em suas fileiras nomes como Rui Barbosa, Eça de Queirós, Joaquim Nabuco e José Veríssimo, atualmente é controlado pelo empresário baiano Nelson Tanure, do grupo CBM. Esse veículo encontra-se em franca decadência, vendo sua participação no mercado cair a cada dia. Ambos os jornais *top* estão focando em clientes /leitores /consumidores *vips*, privilegiando a venda por assinatura ao invés da venda em banca. O jornal da família Marinho tem obtido melhores resultados nesse sentido.

Vejamos alguns números sobre o mercado de jornais, começando com o ano de 2006, época de lançamento do “Expresso da Informação”⁹⁴:

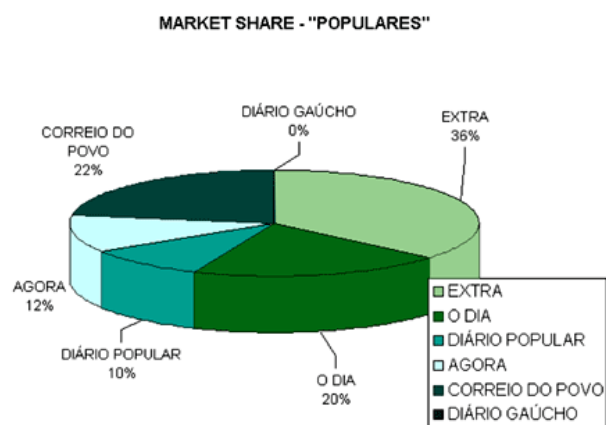


Gráfico 2. Mercado de jornais populares – Abril de 2006

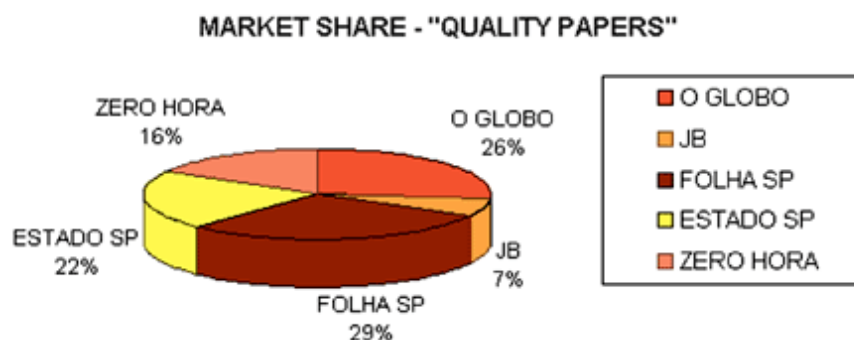


Gráfico 3. Mercado de jornais “diferenciados”, Abril /2006. Participação de cada um em seus Estados.

Obviamente que não queríamos apenas situar os periódicos impressos nessa época, a de lançamento dos populares. Fomos atrás de dados sobre o mercado de jornais no RJ nos anos de 2008 e 2009. Somos gratos ao IVC por ter nos cedido essas informações.

Vejamos os dados relativos a 2008. Primeiro as vendas por assinatura:

94 Fonte de todos os dados sobre circulação: IVC – Instituto Verificador de Circulação.

O Globo é o campeão em vendas, disparado: 228.748 jornais ou 52,14%. Muito abaixo, em segundo lugar, aparece o JB: 67.438 exemplares, 15,37% das assinaturas. Os outros, mal vale a pena mencionar: O Dia, terceiro, com 11.992 (2,73%). É fato curioso que o Extra, principal concorrente do Dia e campeão de circulação, não apareça nessa estatística. Explica-se: O jornal Extra não é vendido por assinatura. Os próprios responsáveis pelo veículo acham desnecessária essa ação, devido ao seu posicionamento e seu sucesso pelos canais atuais:

O Extra é um sucesso desde o seu lançamento, por ser um jornal totalmente adequado às necessidades do leitor, não é a toa que ele se tornou líder de venda em banca do país, possuindo mais de 3 milhões de leitores. Além disso, o *site* do EXTRA está entre os três *sites* de jornal mais acessados do Brasil, com o número de 5.700.000 visitantes únicos e 21.400.000 páginas visitadas (Google Analytics Set /09 e Marplan jul /08 a jun /09)⁹⁵.

A adequação do jornal ao seu público também explica, segundo os donos, a ótima penetração de seu outro veículo bem sucedido, O Globo. Este mais vendido por assinatura:

Líder absoluto nas classes A e B, é um jornal que leva para os leitores muito mais do que informação. O Globo apóia projetos culturais e educacionais, além de ter um time de colunistas que reforçam a pluralidade e contribuem para que o leitor forme sua própria opinião, pois tem acesso ao que há de melhor em conteúdo. O Jornal O Globo é um dos jornais de maior prestígio do país, se posicionando entre os três jornais de maior circulação. Em 2009, O Globo se reafirmou como um veículo multiplataforma dando seqüência ao movimento lançado em setembro de 2008 com a assinatura "O Globo. Muito além do papel de um jornal", que posiciona a marca como sinônimo de informação confiável, independentemente do meio onde é veiculada. (Infoglobo)

Ou seja, os pobres têm o seu jornal, que difere em larga escala do jornal atribuído aos ricos. Para os editores, então, pobre gosta mesmo é de ler sobre miséria, desgraças, violência e fofocas. “Cada um no seu quadrado”.

95 <http://www.infoglobo.com.br/Anuncie/institucional.aspx>

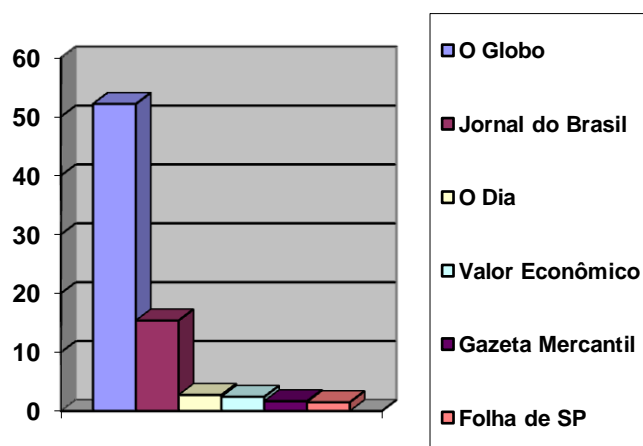


Gráfico 4. Vendas de jornais por assinatura no estado do Rio de Janeiro em 2008.

Em seguida as vendas avulsas, em bancas. O jornal mais vendido no RJ (e no país), o “Extra”, vendeu no ano de 2008, um total de 280.729 exemplares em bancas (32,16% do mercado). O 2º, “Meia Hora”, 229.356 ou 26,27%.

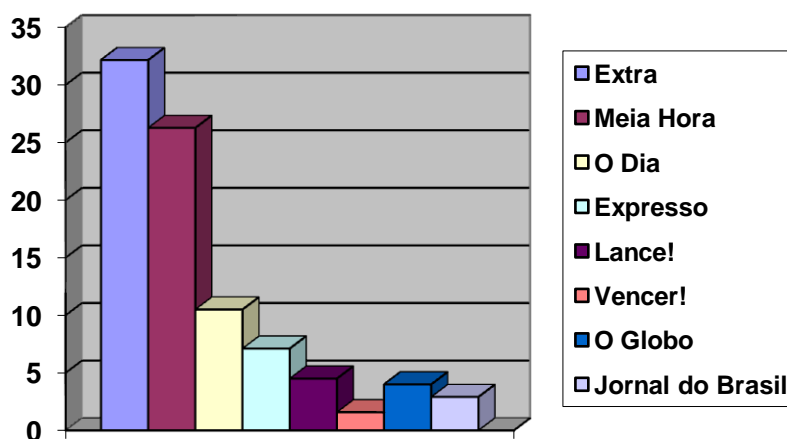


Gráfico 5. Venda avulsa (em bancas) de jornais no RJ em 2008.

Então esta é a lista dos jornais mais lidos do Rio de Janeiro em 2008:

1. Extra
2. O Globo
3. Meia Hora de Notícias
4. O Dia
5. Jornal do Brasil
6. Expresso da Informação
7. Lance!
8. Vencer, vencer, vencer!

Agora o ano de 2009 de Janeiro a Setembro, últimos dados disponíveis. Vejamos se o panorama se alterou. Em 2008, como mostrado, o grupo editorial “O Globo” detinha 46,23% do mercado de jornais do RJ, somando-se seus três veículos: O Globo, Extra e Expresso de Notícias. Os dois veículos de “O Dia”, o jornal auto-intitulado e o “Meia Hora”, detinham, em 2008, 24,99%. Para se ter uma idéia, o conglomerado seguinte, o que mais se aproxima desses números é o esportivo Lance! que, através de seus dois veículos, Lance! e Vencer, participou de forma modesta: 4,15%.

O Extra continuava, em 2009, como o líder em vendas. Com uma expressiva média de 250.054 mil exemplares vendidos. O Globo foi o segundo mais vendido, com uma circulação média de 242.565 exemplares, sendo a maior parte, 205.427, vendidos por assinatura. Vejamos o gráfico das vendas totais (assinatura + bancas), com a média de circulação de janeiro a setembro/2009:

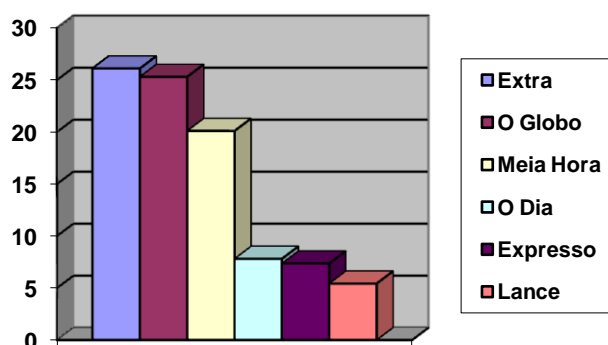


Gráfico 6. Circulação total de jornais no RJ – Jan a Set/2009.

Percebe-se que não há praticamente mudanças. Os quatro primeiros se mantêm, com as famílias “Marinho” (grupo O Globo) e “Carvalho” (grupo O Dia), praticamente monopolizando o discurso em mídia impressa no e sobre o estado do Rio de Janeiro. Examinemos mais de perto que tipo de discurso estão produzindo.

3.12 O Buracão e o Lampião

Foram criados alguns “personagens” fictícios para efetuar o denunciamento da imprensa carioca. Na esteira de ações como a da TV Globo, com seu “Globo Cidade”, um carro que percorre as ruas ouvindo e mostrando as reclamações dos moradores, o jornal Extra, do

mesmo conglomerado lançou o personagem “João Buracão”, um boneco parecido com o tradicional “Judas” malhado na época de páscoa no Brasil. O tal boneco é colocado em lugares onde as ruas apresentam desgaste ou mau estado de conservação, ou seja, ao lado de buracos. O jornal faz fotos e apresenta essas “notícias” com grande estardalhaço. Até mesmo profissionais de dentro do meio jornalístico demonstram estranhamento quanto à prática. O centro de estudos do Jornalismo da Universidade do Texas, Estados Unidos, questiona se isso pode ser considerado jornalismo:



Figura 8. João Buracão

Buracão, Amarelinho e Lampião. Está a mídia popular brasileira fazendo jornalismo?

Feito de esponja e jornais, João Buracão virou a mais nova celebridade carioca, com até mesmo um *funk* em sua homenagem. O repórter-boneco adotado pelo jornal Extra, do Rio de Janeiro, já despertou a fúria de algumas autoridades e tomou café com o prefeito da cidade. Tudo está registrado no “blog do João buracão”. Desde fevereiro, “o caçador de crateras”, como também é conhecido, fez com que governos municipais intensificassem os serviços de conservação das ruas. Segundo o blog “amanhã no globo” do programa de treinamento do jornal O Globo, só no primeiro mês foram fechados mais de 1.500 buracos na região metropolitana do Rio. “Um exemplo de jornalismo-cidadão, mas com humor”, diz o blog.

Na onda do João Buracão, a Rádio Globo criou o “amarelinho”. Trata-se de um carro de reportagem, da cor amarela, que uma vez por semana oferece carona ao repórter-boneco e com ele vai em busca das crateras nas ruas da cidade. Não demorou muito, o jornal O Dia, também do Rio, lançou o repórter lampião. Leitores levam um lampião para ruas com recorrentes problemas de iluminação para forçar ação das autoridades. Mas seria isso realmente jornalismo? A editora de treinamento da Folha de S. Paulo, Ana Estela Souza Pinto, acha que sim. “Noticiar buracos e fiscalizar a atuação do poder público é função do jornalismo. Se o João aumenta o interesse por esse noticiário, melhor ainda”, escreve Ana Estela no blog “novo em folha”. Recentemente, o Observatório da Imprensa, transmitido pela TV Brasil, dedicou um programa para discutir o futuro dos jornais populares. “O jornalismo popular fala do que o povo quer falar ou já está falando”, disse o diretor de redação de O Dia, Alexandre Freeland, ao jornalista e apresentador Alberto Dines.⁹⁶

96 Knight Center for Journalism in the Americas. University of Texas at Austin.
<http://knightcenter.utexas.edu/blog/?q=pt-br/node/3731#comment-1155>

Na verdade há um equívoco cronológico na citação acima, uma vez que o “amarelinho”, da rádio Globo do Rio é muito anterior ao “buracão”. Trata-se de uma ação já tradicional daquele veículo, com décadas de existência. Pessoalmente, discordamos da citada editora da Folha de SP. Denuncismo não é jornalismo, em nossa humilde opinião. Não demorou, contudo, para que o boneco ficasse famoso e surgissem seguidores: O jornal O Dia sugere em uma série de reportagens sensacionalistas intitulada “repórter lampião”, que a cidade além de perigosa, violenta e caótica, é mal iluminada, vive “às escuras”, o que favoreceria a ação dos ladrões.

Para “O Dia”:

A segurança pública nos tempos do Lampião⁹⁷



Figura 9. Nos Tempos do Lampião - “O Dia”

Foto: Ernesto Carrico/Agência O DIA.

A partir de hoje, o Repórter Lampião ajuda você a cobrar iluminação nas ruas do Rio Rio - É quando o sol se põe que a insegurança se torna ainda mais evidente nas ruas do Rio. Com 46 mil pontos de iluminação apagados — 11% do total de lâmpadas instaladas na capital —, a escuridão dá cobertura à ação de criminosos, como os que mataram a jovem Karla Leal dos Reis, 25 anos, executada com um tiro na nuca, na frente dos pais, durante um assalto na noite de domingo, na Cidade Nova. O local é um dos pontos apagados da cidade que, a partir de hoje, O Dia mostrará com a campanha ‘Repórter Lampião’. O ‘Repórter Lampião’ vai visitar pontos da capital e de municípios da Região Metropolitana para mostrar as deficiências da iluminação pública com a ajuda dos leitores, que podem enviar fotos. Você pode ajudar a cobrar soluções mostrando o seu jeito de enfrentar o problema, seja com velas, lanternas, lampiões ou com a ajuda de vizinhos.

NÚMERO ASSUSTA ATÉ A POLÍCIA

Andar em grupo para evitar ataques

À ESPERA DE MAIS LUZ

97 http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2009/4/a_seguranca_publica_nos_tempos_do_lampiao_3816.html

Como se vê, agora não falta mais nada. Estamos amparados pela indústria cultural: de um lado o paladino João Buracão nos protege dos buracos, enquanto o repórter Lampião ilumina nossos caminhos.



Figura 10 a. banca de jornais



Figura 10 b. banca de jornais



Figura 10 c. Publicidade do jornal O Dia



Figura 10 e. Capa O Dia 24/10/2009



Figura 10 d. banca de jornais



Figura 10 f. Capa Extra 19/12/2008

4 A PESQUISA

Inicialmente, procuramos uma “receita”, uma forma cientificamente aceita e propagada de se estudar mídia impressa. Tal receita não foi encontrada. O que nos pareceu é que existem apenas algumas indicações, linhas gerais e grandes paradigmas, como a Análise de Conteúdo e a Análise do Discurso. Em nossa busca nos estudos anteriores, o que vimos foi que cada pesquisador delineava seu próprio método de análise, de acordo com suas crenças pessoais, o tipo de objeto e tamanho da amostragem.

Diante disso, procuramos nos ater apenas na revisão da literatura específica, ou seja, nas pesquisas anteriores envolvendo jornais, no tamanho de suas amostragens. Nos interessava descobrir o que era uma amostragem cientificamente aceita. Quantos jornais deveriam ser analisados? Qual o período de coleta? Após algumas tentativas infrutíferas de contactar pessoalmente outros estudiosos cujos trabalhos alcançaram destaque no meio acadêmico, voltamos a busca para as pesquisas internacionais, chegando até um estudo que foi de grande valia no sentido de “iluminar o caminho”, mostrar por onde começar. Trata-se do Manual do *Readership Institute*, da *Northwestern University*: “Como medir o conteúdo de um jornal”⁹⁸. O Manual estabelece que uma amostragem de **sete dias** é suficiente para se analisar o conteúdo de um jornal impresso. Assim, foram escolhidos **como amostragem mínima**, períodos de sete dias de cada veículo, porém, tendo como meta a maior amostragem possível, pois imaginamos que quanto maior o quadro, melhor se visualiza a imagem.

4.1. Amostragem

Nossa amostragem final, depois de várias considerações, idas e vindas, ficou restrita a 44 exemplares de jornais, sendo 16 edições de O Dia, 12 edições do Extra, 09 edições do Meia Hora de Notícias e 07 edições de O Globo. Como havia a idéia inicial de utilizar apenas o jornal O Dia, a coleta desse veículo foi feita de forma mais eficaz e sua amostragem foi maior, o que não compromete a análise que, repetimos, não é comparativa.

As edições analisadas são as abaixo discriminadas, dispostas primeiramente por veículo, e, dentro do grupo, em ordem cronológica (as edições marcadas com asterisco são as que tiveram todo o seu conteúdo analisado. Nas demais foram analisadas somente as capas):

98 Lynch, Stacy & Peer, Limor. How-to Measure newspaper content. Readership Institute, Chicago, 2002.

Tabela 11. Lista dos jornais e edições analisados na pesquisa:

O Globo:		Extra:	
sábado,	24/05/2008*	sexta- feira,	02/03/2007
segunda	15/09/2008	sábado,	03/03/2007
domingo,	22/02/2009	sexta-feira,	15/06/2007
domingo,	05/04/2009	quinta-feira	12/03/2009
domingo,	19/04/2009	domingo,	05/04/2009
segunda,	20/04/2009*	quinta,	16/04/2009
sexta-feira,	29/05/2009	segunda-feira,	03/08/2009
		domingo,	09/08/2009*
		quinta-feira,	13/08/2009
		segunda-feira,	17/08/2009
		sexta-feira,	21/08/2009
		terça-feira,	22/09/2009 *
O Dia:		Meia Hora de Notícias:	
terça-feira,	22/01/2008	quarta-feira,	17/12/2008
quarta-feira,	05/03/2008	sábado,	20/12/2008
sexta-feira,	30/05/2008 *	quarta-feira,	24/12/2008
sábado,	31/05/2008	quinta-feira,	02/04/2009
domingo,	01/06/2008	terça-feira	21/04/2009
segunda-feira,	02/06/2008	sexta-feira	14/08/2009
terça-feira,	03/06/2008	terça-feira	18/08/2009
quarta-feira,	04/06/2008	quarta-feira	19/08/2009*
terça-feira,	08/07/2008	quarta-feira	26/08/2009
quinta-feira,	10/07/2008		
terça-feira,	11/03/2009		
quarta-feira,	18/03/2009		
quinta-feira,	19/03/2009		
quinta-feira,	02/04/2009		
sexta-feira,	03/04/2009 *		
domingo,	05/04/2009 *		
seq. 01 a 15 de junho/2009			

4.2 Capas

A intenção inicial, devido à nossa formação em Publicidade e Propaganda, era utilizar como objeto de análise apenas as capas dos jornais. Entendíamos que a propaganda se dava na capa, pois a divulgação do produto acontece necessariamente antes da compra consumada. Isso foi se modificando ao longo da pesquisa, por alguns motivos principais: O primeiro, alegações várias de que apenas sete (ou catorze) capas de jornal eram insuficientes para uma dissertação de mestrado. Concordamos. O segundo, a descoberta de que o jornal Extra é o mais vendido do Brasil. Outro fator, o posicionamento de um dos veículos; “O Dia”, que se alterou drasticamente durante o período da pesquisa, bem como o lançamento de dois veículos que alteraram o panorama do mercado: “Meia Hora” e “Expresso de Notícias”.

Com a “nova aparência” do jornal O Dia, que agora se auto-intitulava “O jornal da família”, mudou bastante o perfil do veículo, bem como suas capas com manchetes de crimes e violência. Conforme percebemos posteriormente, o conteúdo não se alterou tanto. As notícias de violência e medo continuavam existindo em profusão dentro do jornal, porém a capa estava mais “apresentável”, mais “limpa”, sendo portanto, inviável como objeto de análise, se tomada de forma isolada. Apesar disso foi feito um levantamento de várias capas de todos os jornais citados na pesquisa para se visualizar o conteúdo.

4.3 Metodologia

Pesquisa de conteúdo (Análise Qualitativa de conteúdo – AQC), conforme os conceitos e modelos de Shoemaker & Reese; Altheide; e qualitativa (Análise do Discurso – AD) seguindo os pressupostos de Orlandi; Maingueneau e Souza; em jornais de grande circulação no Estado do Rio de Janeiro.

4.3.1 Procedimento de Coleta e Análise de dados

Coleta de dados: Aquisição do jornal em banca, no período estabelecido. Para definir o tamanho da amostragem garantindo-lhe validade científica, nos baseamos no que foi encontrado em outros estudos que analisaram jornais impressos e principalmente no Manual do *Readership Institute*, da *Northwestern University*: “Como medir o conteúdo de um jornal”.

Análise dos dados: Procedemos a uma análise quantitativa e qualitativa das matérias relacionadas à violência, considerando o espaço físico relativo ocupado e o destaque dado às manchetes em relação aos outros assuntos expostos na capa, ou seja, a hierarquização das notícias.

Procuramos ainda, na medida do possível, nortear a pesquisa, além do manual do *Readership Institute*, também pelos pressupostos de Shoemaker & Reese, que assim se pronunciam em seu livro “*Mediating the Message*” (1996):

Such studies typically ask: By what *process* is the message received and understood by the audience? What *effects* do the media have on the audience? Instead of taking media content as a given, we ask: *What factors inside and outside media organizations affect media content?* The fact that we ask this question reveals that we do not assume that mass media content reflects an objective reality. It does not mirror the world around us.

[A maioria dos estudos tipicamente perguntam: através de que *processos* a mensagem é recebida e compreendida pela audiência? Que *efeitos* a mídia tem sobre a audiência? Ao invés de tomar o conteúdo midiático como um dado, nós perguntamos: *que fatores dentro e fora da organização midiática afeta o conteúdo da mídia?* O fato de fazermos esta pergunta

revela que nós não assumimos que o conteúdo da mídia reflete uma realidade objetiva. Não é um espelho que reflete o mundo à nossa volta] (SHOMAKER & REESE, 1996, p. 1).

Por esse motivo é que buscamos toda a conceituação e dados expostos nos capítulos anteriores. Tentamos ainda, fugir do “problema” identificado pelos autores pré-citados, da “pontualidade” da esmagadora maioria dos estudos de mídia, **que focam num evento ou caso em particular e em como a mídia ou determinado veículo cobriu aquele fato.** Shoemaker & Reese Apontam isso como um resultado do individualismo cultural contemporâneo (p. 16). Não queríamos isso. Ao invés de um olhar sobre o micro, o ambiente, o conjuntural, pretendíamos um olhar sobre o macro, a estrutura, o mercado.

O veículo “Expresso da Informação”, do grupo editorial O Globo, foi excluído da análise porque seu discurso e público alvo são muito parecidos com o do “Meia Hora de Notícias”, no qual seu lançamento espelhou-se, e, além disso, por já estarmos utilizando dois veículos da família Marinho: “O Globo” e “Extra”.

Como foram encontradas variações, ainda que mínimas, no que se refere à área útil dos veículos, decidimos por utilizar a área total impressa (incluindo logotipos), assumindo-a como área impressa (100%), para todos os efeitos. Essa simplificação teve como objetivo facilitar a visualização dos diferentes veículos. Excluiu-se da análise o caderno de classificados, os cadernos de televisão e entretenimento e o caderno de esportes. Em caso de diferentes formatos, dentro de um mesmo veículo, considerou-se a área total e a sua distribuição percentual dentro das categorias. Neste, e em casos semelhantes, após feitas as medições, descartamos as áreas expressas em cm², denotando sua grandeza em termos percentuais apenas. Foram arredondados os números a partir da segunda casa decimal, reduzindo-os à apenas uma casa decimal.

As áreas totais (por cada página) dos jornais analisados :

- O Globo, Extra e O Dia (antigo); formato *standard*:

52,5 x 30 cm = 1575 cm²

- Meia Hora de Notícias e O Dia (novo formato – Tablóide):

25,5 X 29 cm = 765 cm² (excluindo-se o logotipo)

905 cm² com o logotipo, (área total)

É importante deixar bem claro que, apesar desta pesquisa utilizar dados de vários veículos diferentes, sua análise NÃO É COMPARATIVA. Não nos propomos a efetuar uma comparação dos perfis dos veículos ou da forma em que a cidade é representada em cada um deles frente aos outros veículos informativos. A intenção, ao utilizar diferentes veículos é demonstrar que a cidade é retratada com vários recortes. Na análise e descrição dos dados, sempre que necessários, os comentários ou explicações do autor deste estudo foram inseridos em letras verdes, para diferenciar dos dados dos jornais.

4.3.2 Categorias de Análise

A partir dos critérios de noticiabilidade jornalísticos pré-citados (ver item 3.11.1) e de observação de pesquisas anteriores efetuadas por outros estudiosos do assunto, começamos a elencar nossas categorias de análise, as linhas gerais através das quais vamos visualizar a amostragem da pesquisa. O conceito de Violência Simbólica atingiu destaque, transformando-se em um dos delineadores da análise. Assim, para cada grupo categórico foi incluído um sub-grupo relacionado à violência simbólica. Identificamos ainda, durante a pesquisa, que a publicidade ocupa cada vez mais um espaço determinante na sobrevivência dos jornais impressos, muitas vezes superando a quantia arrecadada com venda em bancas. Diante dessa descoberta e de nossa formação, a publicidade tornou-se outro grande grupo de análise. As demais categorias saíram dos estudos prévios de jornalismo e noticiabilidade citados neste estudo e encontrados em nossa bibliografia. As categorias analíticas em que se apóia a pesquisa, então, são:

1. Violência⁹⁹

- Violência na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.
- Violência simbólica em São Sebastião do Rio de Janeiro.
- Choque de Ordem¹⁰⁰

- Violência em outros lugares do Brasil.
- Violência simbólica em outros lugares do Brasil.

- Violência no exterior
- Violência simbólica no exterior.

⁹⁹ Diante da exposta dificuldade de conceituar violência, Tomamos por “ato violento” todas as criminalizações previstas em lei, bem como outras compreendidas como violência simbólica.

¹⁰⁰ A categoria “Choque de Ordem” foi incluída em virtude da visibilidade que a referida ação da Prefeitura da cidade teve na mídia no período estudado.

2. Fatos inusitados/ Curiosidades
- Bizarro

3. Acidentes/ Natureza

4. Risco

5. Publicidade
- Estatal/ Pública
- Privada

6. Esportes

7. Fofocas

4.4. **Dados e procedimentos de análise**

4.4.1 À guisa de exemplo: Capa de duas edições do jornal O Dia

O manual do Readership institute¹⁰¹, no qual estamos nos baseando parcialmente para a coleta de dados e início da análise, estipula alguns parâmetros para a análise de um jornal:

A. Limitando os objetivos e fazendo questionamentos:

- Seja claro quanto aos objetivos.

Nosso objetivo é verificar a violência no jornal, principalmente as notícias que associam violência à cidade do Rio de Janeiro.

- O que quer verificar?

Se existe uma superexposição de violência, se as matérias sobre violência têm muito maior quantidade e destaque que as outras notícias, principalmente na capa, no caderno “Rio”, “Cidade” ou “Geral”.

- Que áreas quer focar?

A violência como propaganda, evidenciar a existência do que CHOMSKY (1996), FUREDI (1997) e MALAGUTI (2003) chamaram de “Cultura do medo” ou “Indústria do medo”, bem como do que foi denominado por ALTHEIDE (2009) “Discurso do Medo”.

101 Lynch, Stacy & Peer, Limor. Analyzing newspaper content. A how-to guide. Readership Institute, Northwestern University press, Chicago, 2002.

- Quão detalhada a informação será?

Será detalhada ao nível de manchetes, imagens, textos que acompanham essas imagens, bem como o espaço total ocupado pelo conjunto. Apesar de minuciosa pesquisa, apresentaremos, no texto final ao leitor, apenas os resultados finais das análises, tendo em vista limitações circunstanciais que fogem ao nosso controle. Será, apesar disso, demonstrado claramente como se chegou àqueles dados finais.

- Interessa a média semanal ou tem uma preferência por algum dia em particular?

Interessa-nos a média total, com o intuito de verificar o quão presente é o assunto violência no discurso midiático, a despeito de uma já identificada sazonalidade nas vendas em banca de acordo com os dias da semana. Domingo, por exemplo, é o dia de maior circulação, mais que o dobro dos dias úteis, que também variam entre si.

- Vai analisar algum tipo de história separadamente?

Esta não é a intenção. A idéia de se analisar um caso que teve amplo destaque na mídia (como o sequestro do ônibus 174, alguma chacina, o ataque ao índio pataxó, etc.) já foi muito utilizada, e nosso enfoque diverge da análise de casos isolados. Nosso foco é no jornal como veículo de propaganda e divulgador da Cultura do Medo.

- Essas questões vão determinar as perguntas e o tamanho da amostragem.

B. Análise de conteúdo

- A Análise de conteúdo pode considerar o conteúdo Latente ou o manifesto:

Manifesto: concreto, explícito. Por ex: conta-se quantas vezes determinada palavra aparece, ou quantas vezes se refere a determinado grupo, ato ou indivíduo diretamente.

Latente: Não explícito. Analisa o estilo do texto, as referências indiretas. É difícil e deve ser usado com cautela.

Pretendemos utilizar em nossa análise de conteúdo preferencialmente o conteúdo manifesto, porém não descartamos, por utilizarmos a análise do discurso, a consideração do conteúdo latente.

- Antes de começar, seja bem seletivo quanto ao que você deseja estudar. A análise de conteúdo funciona melhor quando o foco é dirigido para alguns elementos-chave.

Estamos sendo seletivos na medida do possível. Elencamos algumas categorias e a intenção principal é descobrir a participação efetiva destas categorias no conteúdo das edições.

- A definição de um questionário também pode ser muito complexo. Quando determinar quais as perguntas você fará, certifique-se de que a idéia que você deseja medir está clara.

- O tamanho importa?

Sim. Estamos utilizando como um dos recursos a medição da área em cm² das notícias.

- Que tipos de notícias são cobertas?

Identificamos um certo padrão, seguindo a linha previamente encontrada por outros pesquisadores de mídia impressa: Esportes, Violência / Criminalidade, Intimidades de famosos, Política, etc.

- Como o jornal apresenta essas notícias ao público?

Esse é um dos pontos que pretendemos descobrir.

Para efeito de demonstração de como pretendemos empreender esta pesquisa, segue a análise detalhada das matérias publicadas no jornal O Dia, apenas considerando as notícias de conteúdo violento, dentro de um período estabelecido, uma seqüência de cinco datas consecutivas:

Sexta-feira, 30 de maio de 2008.

Sábado, 31 de maio de 2008.

Domingo, 1º de junho de 2008.

Segunda-feira, 02 de junho de 2008.

Terça-feira, 03 de junho de 2008.

Neste grupo serão transcritas as notícias que envolvem violência, em cada edição do jornal.

Notícias Relacionadas à violência nas **capas** das edições diárias do jornal “O Dia”:

Dia 1: sexta feira, 30/05/2008:

Notícias:

1. [Delegacias tinham caixinha de propina.](#)

Manchete: FEDERAL PRENDE ÁLVARO LINS, E GAROTINHO É APONTADO COMO 'CHEFE POLÍTICO' DA QUADRILHA.

2. [Polícia investiga mulher que teria mandado matar o marido no Andaraí.](#)

Dia 2: sábado, 31/05/2008:

Notícias:

1. [Morte pode atrapalhar as investigações do caso que chocou o país.](#)

Manchete: PM DO CASO ISABELLA SE MATA POR LIGAÇÃO COM PEDOFILIA EM SP.

2. [Prisão durou pouco mais de 32 horas.](#)

Manchete: 40 DEPUTADOS LIVRAM ÁLVARO LINS DA CADEIA.

Dia 3: domingo, 1º/06/2008

Notícias:

1. [TORTURA: MILÍCIA DA ZONA OESTE SEQUESTRA E ESPANCA REPÓRTER, FOTÓGRAFO E MOTORISTA DE O DIA.](#)

Manchetes: SESSÃO DE HORROR TEVE ROLETA-RUSSA, CHOQUE ELÉTRICO E SUFOCAMENTO COM SACO PLÁSTICO. A EQUIPE FAZIA REPORTAGEM SOBRE A VIDA DE MORADORES DE COMUNIDADES DOMINADAS POR GRUPOS PARAMILITARES

Torturadores faziam questão de dizer que eram policiais. Morador também foi agredido. Em carros oficiais, PM's fardados circulavam na favela e confraternizavam com milicianos. Jornalistas descobriram um esquema para votação em massa em candidato da milícia.

Dia 4: segunda-feira, 02/06/2008:

Notícias:

1. [Sete horas e meia de terror nas mãos da milícia](#)

Manchete: TORTURADORES DE EQUIPE DE REPORTAGEM E MORADOR SÃO POLICIAIS, AFIRMA BELTRAME

2. [Truculência da PM abala o Botafogo.](#)

Dia 5: terça-feira, 03/06/2008:

Notícias:

1. [Covardia na zona oeste](#)

Manchete: REPÚDIO MUNDIAL À TORTURA CONTRA EQUIPE E MORADOR

2. [Investigado](#)

Manchete: ALERJ ABRE PROCESSO CONTRA LINS

3. [Combate ao tráfico pelo ar](#)

Manchete: COMBATE AO TRÁFICO PELO AR

Na edição de 02/06/2008 o jornal o Dia destacava a agressão sofrida por um grupo de reportagem do próprio veículo que havia sido sequestrado e torturado dias antes em uma favela de Realengo, zona oeste do Rio de Janeiro. A referida agressão acontecera quando os

três jornalistas disfarçaram-se de moradores para investigar a atuação de grupos criminosos na favela. Foram descobertos e agredidos. “Durante duas semanas repórteres de O Dia moraram na favela do Batan, em Realengo” (O Dia, 02/06/2008, p. 14). Segundo o veículo, o “direito de trabalhar” dos jornalistas estaria ameaçado. Várias autoridades foram ouvidas, numa tentativa de corroborar essa afirmativa. O Ministério da Justiça e a Câmara dos Deputados “Classificaram as agressões como atentado à democracia e ao direito de informação da sociedade brasileira” (O Dia, 02/06/2008, p. 13). Para o ministro da Justiça Luis Paulo Barreto, “O ministério vê com muita preocupação esse tipo de ação criminosa que atenta contra a liberdade de imprensa” (O Dia, 02/06/2008, p. 15). Já o Deputado “Chico” Alencar “Manifestou repúdio aos atos de barbárie”, ao comentar o que classificou de “abominável tortura cometida contra jornalistas”. O coordenador do movimento “Viva Rio” também foi ouvido e defendeu a ação dos jornalistas, obviamente criticando as instituições Estatais: “Se o jornalista se submete ao risco para investigar e mostrar à sociedade o que acontece de errado, é porque há fragilidade do Estado de combater a criminalidade” (O Dia, 02/06/2008, p. 17). Nem uma única palavra sobre o desvio de atividade e “fraude” cometida pelos “profissionais”, que tentavam se fazer passar pelo que não eram (moradores da favela), e efetuar as funções investigativas que competem à polícia. Em toda a cobertura desse fato na edição, a única voz com alguma coerência, paradoxalmente vem da ABraJI (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo), cuja diretoria “Alerta as empresas de comunicação sobre a responsabilidade que têm na segurança de seus funcionários. À elas cabe avaliar os riscos que eles possam correr” (O Dia, 02/06/2008, p. 17).



Fig 11 a. Capa O Dia, 04/03/2009



Fig 11 b. Capa Extra, 17/10/2009



Fig 11 c. O Dia, 18/10/2009



Fig 11 d. O Dia, 1º/06/2008



Fig 11 e. Meia Hora, 12/12/2008

Encartada na edição, um caderno especial sob o singelo título “Política do Terror”, composto de 06 (seis) páginas inteiras procurava alardear o fato e suas repercussões. O jornal faz referências ao assassinato do também jornalista “Tim” Lopes, da rede Globo de televisão, ocorrido seis anos antes, quando também entrou disfarçado em uma favela. Identificamos ainda a tentativa de historicização do fato, na última página do referido caderno, quando o jornal, sob uma enorme foto do falecido “Tim” Lopes, cita “outros exemplos do uso da violência para tentar intimidar jornalistas”. Em todo o citado caderno havia apenas um espaço reservado à publicidade, na última página, no rodapé, ocupando uma área de 10x30 cm. O anunciante é o plano de saúde “Cred-Plan”. Percebe-se ainda que, com o destaque dado pelo jornal ao caso de seus funcionários, a cidade, o estado e o país ficaram bem menos violentos nesta edição. Identificamos poucos casos de violência, se comparada a outras edições do mesmo veículo:

- ◆ Polícia prende 38 jovens em *rave* (Guapimirim)
- ◆ Filha de PM assassinada (São Gonçalo)
- ◆ Dois mortos em acidente de carro (São Gonçalo)
- ◆ Carro é roubado com bebê em São Paulo
- ◆ Incêndio em estúdio em *Hollywood* (EUA)
- ◆ Apreensões de *crack* (favela do Jacarezinho - Rio)

Como se vê, a cidade midiática teve apenas uma apreensão de drogas, numa área periférica. Nenhum assassinato, assalto ou mesmo um simples furto na cidade do Rio de Janeiro. Ainda na mesma edição, segunda feira, 02 de Junho de 2008, apresentamos a seguir um levantamento **quanti - qualitativo** sobre as notícias de capa, os dados levantados serão disponibilizados em termos da área ocupada em centímetros quadrados e em percentagem.

4.4 Análise Qualitativa de Conteúdo dos jornais cariocas

Análise do Jornal O Dia: capa do jornal “O Dia”, edição de 02 de junho de 2008

Tabela 12. Capa do jornal O Dia, 02/06/2008:

Jornal	Categoria	Local/ Tipo	NOTÍCIA	Pág	Área (cm)	%
O Dia	Violência	RIO	Torturadores de equipe de reportagem e morador são policiais, diz Beltrame.	capa	16x30	30,5
	Publicidade	Auto-pub	O Dia da Sorte	capa	13x20	16,5
	Publicidade	Auto-pub	China – Revista Grátis	capa	15x19	18,1
	Esportes		Mengão vence mais uma	capa	13x15	12,4

	Esportes		Truculência da PM abala o Botafogo	capa	6,5x15	6,2
	Utilidade	Brasil	Militares terão novos reajustes nos soldos em julho e outubro	capa	2x1,5	0,2
	Utilidade	Brasil	Concursos: teste para a prova da Petrobrás que acontece domingo	capa	2x1,5	0,2
	Utilidade	RJ	Estado instala tomógrafos em cinco hospitais da rede pública	capa	2x1,5	0,2
O Dia	Utilidade	Brasil	Lei que obriga o uso de capacete com selo do Inmetro já está em vigor	capa	2x1,5	0,2
O Dia	Publicidade	Auto-pub	Caderno de Economia	capa	5x6	1,9
O Dia	Publicidade	Auto-pub	Promoção O Dia dos namorados	capa	5x6	1,9

Conforme dito anteriormente, a capa do jornal “O Dia” sofreu uma mudança após a adequação do jornal a um novo perfil de público – leitor, buscando novo posicionamento. Apesar disso, o destaque dado: 30,5% da área útil da capa, deixa bem claro que o fator violência ainda possui muita visibilidade, mesmo na capa “higienizada” do “Jornal da Família”. Também fica evidente o papel que a publicidade (nesse caso, a auto – publicidade e o *merchandising*) ocupa, com 38,4% da área de capa. Visualizemos melhor a composição da capa desta edição:

O Dia, [segunda – feira, 02 de Junho de 2008](#)

Análise da CAPA

- Torturadores de equipe de reportagem e morador são policiais, afirma Beltrame (15,5 x 30 = 465)

- Mengão vence mais uma (12,5 x 15 = 187,5 cm²)

- Truculência da PM abala o botafogo (Recife) (15 x 7 = 105 cm²)

- Militares terão novos reajustes nos soldos em julho e outubro (3 x 5 = 15 cm²)

- Concursos: Testes para a prova da Petrobrás (3 x 5 = 15 cm²)

- Estado instala tomógrafos em cinco hospitais da rede pública (3 x 5 = 15 cm²)

- Lei que obriga uso de capacete com selo do Inmetro já em vigor (3 x 5 = 15 cm²)

Publicidade: (autopublicidade)

“Revista grátis” (19 x 15 = 285 cm²)

“Caderno de economia” (5 x 6 = 30 cm²)

“O Dia dos namorados” (6,5 x 5 = 32,5 cm²)

Então, na capa, houve uma matéria de Violência no Rio, sobre o sequestro dos jornalistas e uma sobre a violência cometida por policiais pernambucanos contra jogadores de

futebol do Botafogo. As duas matérias ocupam 570 cm² da capa. A notícia de violência no Rio é de longe a mais destacada, ocupando 51,4% da área total da capa. O segundo assunto de maior destaque, a publicidade, ocupa 347,5 cm², ou 38,4% da capa. Lembrando que estamos considerando a **ÁREA TOTAL**, com o logotipo. Se pensarmos em área útil, excluindo os 140 cm² do logotipo, o destaque fica bem mais evidente.

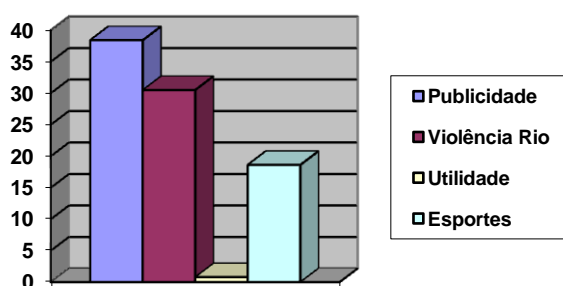


Gráfico 7. Capa do jornal O Dia, 02/06/2008

Para que não fique uma exposição cansativa e repetitiva para o possível leitor, vamos evitar ao máximo a repetição de dados e métodos de análise. Acreditamos que a visualização gráfica demonstre melhor o ponto que desejamos destacar. Vejamos a distribuição em outras edições de O Dia:

Jornal “O Dia” capa da edição de 04 de junho de 2008:

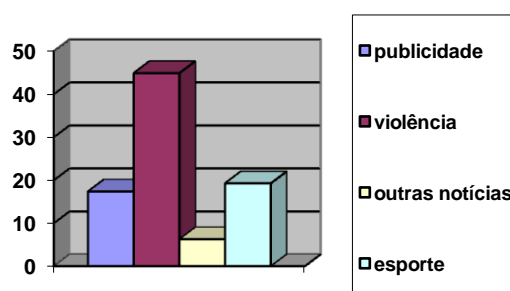


Gráfico 8. Demonstração gráfica em termos percentuais da área útil ocupada na capa da edição do dia 4 de junho de 2008.

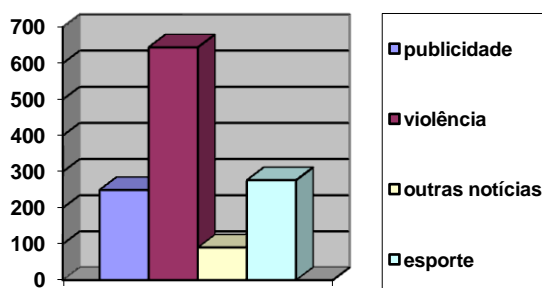


Gráfico 9. Demonstração gráfica, em cm² da ocupação da capa da edição de 04 de junho de 2008.

O Dia, capa da edição do dia 08 de Julho de 2008:

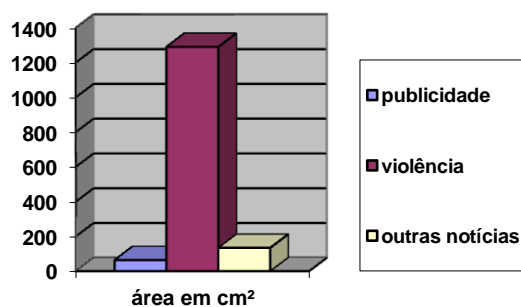


Gráfico 10. Demonstração gráfica da área ocupada na capa da edição do dia 08 de Julho de 2008.

[O Dia, 22 de Janeiro de 2008](#)

Análise da CAPA (grifos nossos)

- “INSS: Todos os benefícios vão sair em 30 minutos”
- Chuva traz de volta a desordem à cidade (Rio de Janeiro)
Ruas alagadas e trânsito caótico pararam o **Rio** e 7 bairros ficaram sem luz
- “Crise leva BC a reduzir juros”
- “Ginástica sexual de Sarkozy é moda no **Rio**” (Rio de Janeiro)
- “Único ganhador dos R\$29 milhões da mega-sena é de Teresópolis”
- “Barack Obama e Michelle dão show de romantismo na festa da posse”
- “Modelo amputa os pés e as mãos após infecção”
- “Em Madureira: MP contesta venda de terrenos do Exército para construtoras” (Rio)

- Trabalho na folia: Bob's abre 900 vagas
- Jovem morto na Lapa foi atingido por tiro de pistola vindo do alto (Rio de Janeiro)
- PM manda equipe do BOPE a Macaé para conter ação dos traficantes

* Como se observa, 4/12 manchetes de capa do jornal se referem direta ou indiretamente à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Destas, uma sobre caos na cidade, uma sobre sexualidade (!?) outra sobre irregularidade em venda de terrenos públicos, e uma sobre um assassinato. A notícia sobre o envio de equipe da PM a Macaé também pode ser associada à cidade do Rio de Janeiro, uma vez que o referido Batalhão fica situado no bairro de Laranjeiras, atuando principalmente em favelas da cidade.

O Dia, [Quinta – feira, 05 de março de 2008](#)

Análise da CAPA (grifos nossos)

* **Uma notícia sobre um casal seqüestrado ocupa 40% da capa:**

- “**Covardia** sem limite na Niemeyer” (Violência, zona sul da cidade do Rio de Janeiro)
- ‘Fomos empurrados morro abaixo como lixo. Poderíamos ter **morrido** por um motivo banal’

Paula Guimarães, publicitária

- Pacote reduz prestação da casa própria e gera 150 mil empregos (Sobre lançamento de programa habitacional do governo federal “minha casa, minha vida”)
 - Devolução do IR sobre férias pode ser automática
 - Nas mãos do STJ: Prefeitura pode perder R\$30 milhões na Justiça. (cidade do Rio de Janeiro)
 - Mc Emprego: Mc Donald's abre 1300 vagas
 - Guarda Municipal que fizer curso terá bolsa de R\$400 (cidade do Rio de Janeiro)
 - UPA's vão ganhar mais funcionários para melhorar o atendimento (cidade do Rio de Janeiro)
 - Igreja excomunga médicos e mãe de menina de 9 anos que abortou
 - Ações da **polícia** em Colégio, no Caju e na Tijuca deixam **6 mortos** (cidade do Rio de Janeiro)
 - Collor, Novo chefe do Senado
 - Mengão dá goleada e fenômeno retorna
- Publicidade: Automania (autopublicidade)
- Enciclopédia (idem)
- Casas Bahia

O fictício estampado:

- **Futuro interrompido (foto de mulher “grávida” deitada)**
- “Cléo Pires sofreu esta semana. A atriz gravou as cenas em que, como a primeira mulher de Lula, aparece grávida de oito meses de seu primeiro filho e, depois, perde o bebê no filme sobre a vida do presidente”

(coincidentemente!?, após ler as notícias sobre o casal atacado e os mortos pela polícia, essa frase sugere a descontinuidade de projetos de vida. Ocorre que se trata de uma obra fictícia, um filme, ou seja, mais uma ação de publicidade do filme, que uma notícia de um fato).

[O Dia, sexta feira, 30 de Maio de 2008](#)

capa + caderno “geral”= 14 páginas

área total 14 x 1580 cm² = 22120 cm²

área excluindo -se a capa: 20540 cm²

VS = Violência Simbólica

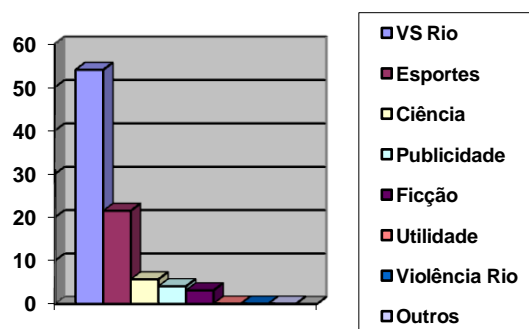


Gráfico 11. Matérias de capa, O Dia, 30/05/2008

CAPA

(a manchete principal, sobre corrupção na polícia, ocupa 54 % da capa) VS RIO

– **Federal prende Álvaro Lins e Garotinho é apontado como chefe político da quadrilha**

– Delegacias tinham caixinha de propina

– Ministério Público Federal afirma que organização criminosa se estruturou dentro da Secretaria de Segurança e atuou durante seis anos no governo do Estado do Rio

Outras notícias da capa:

- Justiça libera uso de células – tronco (ciência – 5,7 %)
- Aposentado que continua na ativa tem direito a 40% do FGTS totalidade (Utilidade – 0,1 %)
- Polícia investiga mulher que teria mandado matar o marido no Andaraí (Violência Rio – 0,1%)
- Vigias de museus criticam obras de exposições grátis ou baratinhas (Outros – 0,1%)
- Cabeça quente: Frustrado com o pênalti que cobrou pra fora, e que tirou o Vasco da final da Copa do Brasil, Edmundo resolveu raspar a cabeça como forma de punição (Esportes – 21,5 %)
- Final feliz da vilã (Novela – Ficção – 3,16 %)
- Publicidade: Caderno de Economia (auto publicidade – 1,9 %)
- Publicidade: Casas Bahia (Privada – 2,2 %)

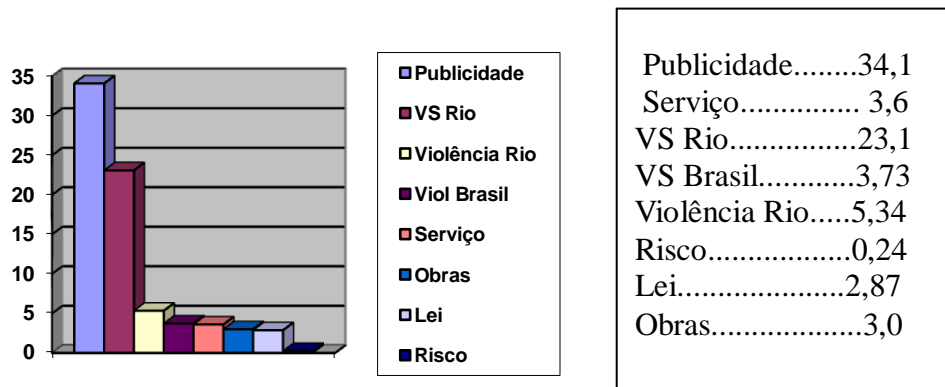


Gráfico 12. Matérias internas, O Dia, 30/05/2008

Perceba-se que, somadas, as matérias sobre Violência totalizam 28,4% de tudo o que foi publicado nesta edição. A violência física e a simbólica ficam apenas atrás da onipresente publicidade.

Tabela 13. Matérias internas do jornal O Dia, 30/05/2008:

Jornal	Categoria	Local/ tipo	NOTÍCIA	Pág	Área (cm)	%
O Dia	Publicidade	Auto	Revista O Dia traz a China Até você	2	Meia página	3,57
O Dia	Serviço	Rio	Carioquinha, 10 anos: Moradores do Rio ganham presente – um mês de descontos - Meteorologia - Trânsito: radares hoje - Ônibus grátis para a cidade das crianças - Rural cria 12 novos cursos de graduação - Zoológico: girafa comemora 15 anos - Loteria - Telefones úteis	02	Meia página	3,57
O Dia	Violência Simbólica Rio	Rio	Conexões da Segurança Lins e Garotinho [...] são acusados de ter integrado organização criminosa MPF aponta Garotinho como 'chefe político' e deputado como 'gestor operacional' de quadrilha	03	Toda a pág	7
O Dia	Violência Simbólica Rio	Rio	'Informe do Dia': Armas e barões (sobre o mesmo assunto: Álvaro Lins)	04	5 x 5	0,11
O Dia	Violência	Rio	Imóvel de luxo motivou prisão em flagrante	04	Meia pág	3,57

	Simbólica Rio		Justiça autorizou PF a procurar sinal de enriquecimento ilícito de deputado			
O Dia	Publicidade	Pública	Governo do Estado do RJ*	05	Toda a pág	7
O Dia	Violência Simbólica Rio	Rio	Decisão com a Alerj Permanência de deputado na cadeia será decidida em plenário	06	12 x 30 + 5 x 52	1,63 + 1,18
O Dia	Publicidade	Privada	Casas Bahia	06	41 x 26	4,82
O Dia	Violência Simbólica Rio	Rio	Garotinho põe a culpa na FIRJAn	07	18 x 30	2,44
O Dia	Publicidade	Privada	Casas Bahia	07	41 x 26	4,82
O Dia	Violência Simbólica Rio	Rio	MPF aponta ligações	08	Meia pág	3,57
O Dia	Violência Simbólica Brasil	Brasil	Não é só no morro que existe crime Agentes federais estiveram na casa do ex-governador em Campos Modelo das máfias européias	09	Meia pág	3,57
O Dia	Publicidade	Pública	Governo do Estado do RJ*	09	Meia pág	3,57
O Dia	Violência Simbólica Rio	Rio	Editorial: “Entre o pavor e o alívio” (ainda sobre prisão de Álvaro Lins)	10	Meia pág	3,57
O Dia	Violência Rio	Rio	Seção de Cartas: -Anistia Não conhece realidade do Estado “Durante anos fomos baleados, assaltados e encurralados e não lembro do órgão criticar os marginais - Sem atendimento na UPA da Tijuca - Descaso total em Vaz Lobo “Quando há tiroteio no Leme o comandante da PM vai na TV. Será que a vida é mais valorizada de acordo com o CEP?” - Medo de passar na avenida Brasil “Pistas completamente esburacadas e falta de segurança”	10	9 x 5 5 x 7 5 x 7 5 x 7	0,2 0,16 0,16 0,16
	Viol.Simból. Brasil	Brasil	- A fragilidade da Amazônia Brasileira (sobre abandono da floresta pelo governo)		5 x 7	0,16
O Dia	Risco	Rio	Seção frases Governador Sérgio Cabral Filho: “Belicoso é permitir que parte da população permaneça sob terror dos marginais”	10	11 x 5	0,24
O Dia	Lei	Rio	Fumo livre em tabacarias Justiça libera duas lojas do cumprimento do decreto antifumo em vigor amanhã	11	25 x 24	2,71
O Dia	Lei	Rio	Polícia prende 3 e retém 61 motos	11	5 x 7	0,16
O Dia	Publicidade	Pública	Vários anunciantes: Governo do Estado/ CEDAE Secretaria da Receita Federal Câmara Municipal de Vereadores do Rio	11	Meia pág	3,57

O Dia	Obras	Rio	(Matéria elogiando ação do governo do Estado que anunciou construção de bondinho na favela “Dona Marta”**)	12	22 x 30	3
O Dia	Violência Rio	Rio	Mais testemunhas contra o agressor da barra de ferro	12	7 x 10	0,32
O Dia	Violência Rio	Rio	Pedofilia na Praça Mauá (sobre apreensão de DVD's)	12	7 x 5	0,16
O Dia	Violência Rio	Rio	Tiro de fuzil em carro da PM	12	7 x 5	0,16
O Dia	Violência Rio	Rio	Armas de Luxo (sobre apreensão de armas em favela)	12	10 x 10	0,45
O Dia	Publicidade	Privada	Diversos anunciantes	12	22 x 30	3
O Dia	Violência	Rio	Caçada à viúva do bancário (Andaraí) -Polícia pede prisão de gerente de banco. Ela teria encomendado a morte do marido a cliente endividado***	13	Meia página	3,57
O Dia	Publicidade	Privada e Pública	Vários anunciantes: Unimed Planos de saúde Oi telemar norte leste Equipe Criminal/advogados Aparelhos de Surdez Otovox Requerimento de Licença Classificados O Dia Ministério da Fazenda – IRB Governo do Estado do RJ – CEDAE Prefeitura Municipal de Paraíba do Sul	13	Meia página	3,57
O Dia	Publicidade	Auto	Revista O Dia	14	Meia Página	3,57
O Dia	Violência Brasil	D.Caxias	Milícia Pirata usava carteira falsa de PM - Polícia prendeu dois homens e matou outro que extorquiam em Caxias, onde quatro teriam morrido por se negar a pagá-los	14	20 x 25	2,26
O Dia	Violência Rio	RIO	Identificado suspeito de matar idoso Assassino de um empresário que reagiu a assalto seria um motoboy	14	10 x 15	0,68
O Dia	Violência Rio	RIO	Tiroteio diante de shopping: armas de policiais na perícia	14	10 x 10	0,45
O Dia	Publicidade	Auto	Revista O Dia - China	14	Meia página	3,57

*No mínimo estranho que junto a uma manchete de grande destaque que acusa o governador anterior de corrupção e formação de quadrilha, exista uma publicidade do atual governo, de página inteira.

** O nome correto da favela da Zona Sul, tanto definido historicamente quanto pela preferência dos moradores é “Santa Marta”.

*** Outros subtítulos: “Anny chorou a morte de Marcelo. Bandidos, porém, garantem que ela é a mandante”. “A suspeita não reapresentava cheques sem fundos do

cliente”. “Um dos presos tinha dívida de R\$20 mil no banco da acusada”. Essa matéria é um exemplo do etiquetamento e da criminalização prévia. A viúva é acusada, suspeita, mas o jornal a trata como culpada, exhibe sua foto e faz insinuações várias. Já a vítima é apresentada como “Alegre e trabalhador e não abria mão do futebol semanal com os amigos”. Uma clara tentativa de fazer o leitor se identificar com o morto, envolvendo-o sentimentalmente na história. Remete ao título da pesquisa de Rosa Maria Pedroso: “O discurso de sedução num jornal sensacionalista”.

O Dia, [Quinta – feira, 10 de Julho de 2008](#)

CAPA

- Polícia mata 15 vezes mais na zona norte que na zona sul. (Violência Rio)
- Mesmo levando em conta a população maior, proporção de autos de resistência na zona norte revela mais violência nas ações policiais.
- Fluzão parou de brincar: 3 x 0 (esportes)
- A tragédia de João será a luz da vida de Larissa (Violência Rio)
- Policial insiste em tiroteio (Violência Rio)
- Reviravolta: na secretaria de segurança circula versão de que João Roberto levou tiro de fuzil AK-47. Arma não estava com PM's (Violência Rio)
- Crime hediondo: corpo de engenheira sumida é procurado atrás do Riocentro (Violência Rio)
- Jerominho usou sala de ex-diretor de Bangu 8 para vender imóvel (Violência Simbólica Rio)
- Justiça liberta Dantas e mais 10 presos em operação da PF (Violência Simbólica Brasil)
- Transplante pária na burocracia e fígado doado vai para o lixo (Violência Simbólica Rio)
- UERJ já permite que travestis e transexuais usem banheiro feminino (Utilidade)
- Publicidade:
 - Automania (autopublicidade)
 - “Saiu o segundo carro” – O Dia da Sorte (*merchandising*) 2 vezes
 - Banco HSBC

Resumo: São 10 notícias na capa. Destas, TODAS envolvem diretamente a cidade do Rio de Janeiro. Vejamos a distribuição dos assuntos destacados:

- 50% (5 notícias) são Violência na cidade do Rio de Janeiro.
- 3 anúncios publicitários
- 2 notícias – Violência Simbólica no Rio de Janeiro.
- 1 notícia – Utilidade
- 1 notícia - Esportes

O Dia, [sábado, 07/03/2009](#)

CAPA:

- Nova queda no preço do GNV dobra número de conversões (Utilidade)
- Tiroteio pára trens e 15 mil ficam à pé (Violência Rio)
(Com fotos de um trem parado e de interior de um vagão cheio de passageiros. A foto, borrada, com péssima definição, é atribuída ao “leitor Rodrigo Guerra de Souza”. Em fundo preto, centralizada na capa, a matéria tem grande destaque em relação às outras matérias). Outras notícias sobre o Rio de Janeiro:
- Onda de calor no Rio provoca sobrecarga elétrica e falta de luz (Violência Simbólica Rio)
- Jovem de classe média casada com traficante é presa na zona sul (Violência Rio)
- Medo de roubo faz crescer multa por avanço de sinal (Risco Rio)
- (Nem tudo na cidade é ruim. Um breve alívio):**
- Hospitais vão ganhar mais 100 médicos (Utilidade)
- Outros destaques da capa:**
- Publicidade: Automania (autopublicidade), Enciclopédia do Estudante (*merchandising*) e Casas Bahia
- Esportes: Parreira de volta ao Flu
- Ovos de páscoa: pesquisa aponta diferença de até 30% nos preços (Utilidade)
- Havaianas fazem *recall* de sandálias com excesso de chumbo nos EUA (Utilidade)
- Aborto: Lula faz crítica à Igreja (Política)
- Jardineiro caro: manutenção dos jardins do senado vai custar R\$727 mil (Violência Simbólica Brasil)
- Justiça decide: anos trabalhados como celetista podem valer para o anuênio (Utilidade)

Resumo desta capa:

13 notícias; 5 fazem referência à cidade. Distribuição por assunto:

- Utilidade: Assunto de maior destaque – 5 notícias
- Publicidade: 3 inserções
- Violência Rio: 2 notícias
- As categorias restantes todas tiveram apenas uma aparição cada: Violência Simbólica Rio; Violência Simbólica Brasil; Política; Risco Rio

O Dia, [Domingo, 08/03/2009](#)

*Neste dia, último domingo antes da mudança de estética do jornal, a capa destaca a alteração que virá:

- Um novo 'O Dia' para os leitores

* Já preparando uma capa mais “limpa”, não há qualquer notícia de violência ou sobre Segurança Pública na capa desta edição. Pelo visto, se comparado com as edições anteriores do mesmo veículo, a conclusão a que se chega é de que não houve, no dia anterior, qualquer assalto, assassinato, tiroteio, sequestro ou mesmo um simples furto na cidade. A única notícia que cita o Rio de Janeiro é, pasmem, de otimismo:

- Rio recupera 22 bairros e dá aumento a professor (Utilidade)
- Hebe 80 anos (sobre aniversário de apresentadora)
- Fla estreia com vitória (Esportes)
- Tire proveito da crise e economize (Utilidade)
- Forças Armadas buscam mulheres (Utilidade)
- Previ-Rio: Cortes para garantir pagamento a aposentados
- Só é preciso coragem para experimentar o novo *
- Médicos operam lado errado do cérebro de mulher e paciente morre (Violência Simbólica Rio)
- Volta das férias pode causar até depressão. Veja como se cuidar
- Donas-de-casa defendem que há como ser feliz sem trabalhar fora
- Publicidade: Enciclopédia do Estudante (autopublicidade) e Casas Bahia

* Note-se que no “pré – lançamento” do “novo O Dia”, a notícia fala em “novo” e “experimentar”. Ainda aparecem termos como “tire proveito”, “economize”, “há como ser feliz”, “aumento” e “vitória”. A única notícia que transmite medo é a do erro médico no Hospital Getúlio Vargas (http://odia.terra.com.br/rio/htm/morte_apos_erro_medico_234562.asp).

P. 9

P.18 Cartas:

“Ataques constantes a idosos e mulheres” (**Largo do Machado, zona sul da cidade**)

A cidade foi citada em 9 notícias, sendo que em 6 delas o assunto foi a Violência na cidade. Mesmo num suposto “elogio” a um bairro, o jornalista utilizou-se do recurso medo, dizendo que o lugar “é de dar inveja à grande maioria dos cariocas”, tamanha a tranquilidade que reina por lá.

RETÓRICA: CAÇA – PALAVRAS

Tabela 14. Ocorrência de palavras, jornal O Dia, 11/03/2009:

PALAVRA	OCORRÊNCIAS
Polícia, policiais, PM, delegado	22
Bandido, bando, ladrão, assaltante	12
Assaltos, assaltado	07
Preso, prende	07
Roubar, assaltar, roubado	06
Quadrilha	04
Tiros, atirou	04
Armas, granada	04
Roubos	03
Justiça	03
Baleada	02

Falsificadores	02
Vítima	02
Capturado	02
Foragido	02
Clandestina	02
Adulterados	02
Assassinato, morte	02
Milicianos	02
Guerra, risco, furtos, invasão, agressão, drogas, apreensão, milícia, comparsa, tortura, tráfico, violência, ameaça, crimes, fiança, morto, feridos, atingido, disparo	01 ocorrência cada



Figura 12 a. O Dia, 16/04/2009



Figura 12 d. Meia Hora, 25/06/2009



Figura 12 c. Extra, 08/10/2009



Figura 12 d. O Dia, 30/10/2009

Quarta-feira, 18/03/2009

CAPA: “Este é o tamanho do desafio no Alemão” (15x18 cm)

“Vídeo apreendido pela **polícia** mostra **bandidos** exibindo **armas** de **guerra** em uma festa no complexo de favelas [...]”

P. 2 e 3: “Especial do Dia” (100% das duas páginas)

“Complexo do Alemão: Onde a **lei** que impera é a **lei** do **crime**”.

P. 6

“**Agressor** vai a julgamento hoje” (Rio) (5,5 x 5)

“Combustível **adulterado**” (Caxias) (5,5 x 5)

P. 7:

“Beltrame reconhece os 'bicos” (9 x 25,5)

“Secretário de **segurança** diz que segundo emprego dos **policiais** será tolerado enquanto Estado não pagar melhor”.

“Mais **prisões** de **milicianos** no Estado” (5x9,5)

“Lins tem habeas corpus negado” (8 x 5)

“Dois **mortos** em Campo Grande” (7 x 5)

P. 8 - “Informe do Dia”

“A secretaria de **segurança** conseguiu US\$ 5 milhões para comprar um helicóptero **blindado** para a **PM**. O novo “caveirão voador” é semelhante ao utilizado pela **polícia** civil”. (3 x 10)

“**Blitz** nas vans” (7 x 10)

“Lins fica **preso**” (4,5 x 4)

“**Justiça** sem prédio” (5 x 5)

P. 9:

“Dado Dolabella é **preso**” (20 x 25,5) (Leblon)

“Operações deixam quatro **mortos** e um menino **baleado** na cabeça” (Morro da mineira, Catumbi)

Análise Fatos X Retórica

FATOS: Mortos: 2 (pg 7, Campo Grande) + 4 (pg 9, Morro da mineira, Catumbi)= 6

Feridos: 2 (pg 7, Campo Grande) + 1 (pg 9, Morro da mineira, Catumbi)= 3

RETÓRICA: CAÇA PALAVRAS

Tabela 15. Ocorrência de palavras, jornal O Dia, 18/03/2009:

PALAVRAS	OCORRÊNCIAS
Polícia, policial, PM	27
Armas, armados, armamento	12
Segurança	12
Preso, prisões, detido	11
Tráfico, traficantes	08
Mortos, morreram	08
Bandidos	06
Agressão, agrediu, agressor	06
Guerra	06
Justiça	06
Delegacia, delegado	05
Crime, criminosos	05
Lei, leis	05
Confronto	04
Ocupação	04
Atingido, alvejado	03
Quadrilha	03
Baleados	03
Blitz	03
Rio de Janeiro, Rio	02
Poder paralelo	02
Policimento	02
Milícia, milicianos	02
Indiciado	02
Tiroteios	02
Feridos	02
Fuzil	02
Arsenal, conflito, comando vermelho, marginais, terrorismo, vítimas, facção criminosa, contrabando, apreensão, bombas, anti-aérea, alvos, combate, violência, carceragem, gatonet, cápsulas, clandestino, paramilitares, corrupção, bala perdida, atirando, ataque, briga, Oriente Médio	01 (cada)

O Dia, [quinta-feira, 19/03/2009](#)

CAPA:

“Beltrame: Preciso de 800 homens para entrar no alemão” (25 x 10 cm)

“Após assistir a vídeo de traficantes com fuzis no alemão, secretário de segurança diz que precisa de maior efetivo para ocupar as favelas. Facção já perdeu 400 armas, mas continua com alto poder de fogo”.

“Dado sai da cadeia” (11 x 15)

“Rio de Janeiro” : “Pesquisa: suco com a maior contaminação é o de melão” (sobre presença de coliformes fecais em sucos vendidos em lanchonetes)

“Prefeitura do Rio vai à justiça para que César devolva R\$224 mil”.

P. 2 e 3: (100%) “Especial do Dia”

“No vazio da segurança, o baile das armas de guerra”

“Traficantes do Alemão perderam, em dois anos, 400 armas, o que equivale a um batalhão da PM. Arsenal, porém, continuou crescendo”.

“Veja o vídeo com as imagens de traficantes armados no Dia *online*” (**para os mais sanguinários**) (**próximo capítulo**): “Amanhã: a organização ‘empresarial’ dos criminosos do Alemão” (**cuidado, leitor: a “vitimização virtual”**): “Do alto, tiros podem ferir a 3 Km da favela”.

CADERNO “RIO DE JANEIRO”

P. 4

“Miliciano Chico Bala é expulso da PM”

“Copos de suco e de contaminação por coliformes fecais” (Sobre pesquisa que encontrou 12% de cocô nos sucos vendidos em lanchonetes de Copacabana e da Baixada Fluminense).

P. 5

“Barra de ferro: réu culpa vítima”

“onze flanelinhas presos na praça 11” (que coincidência).

P. 6

“Cuidado com o banho em chuveiro das praias”

“Ducha pode provocar doenças” (5 x 25)

P. 7

“Perigo no hospital” (25,5 X 10)

“Risco também no laboratório da unidade” (5 x 10)

P. 8 “Informe do Dia”

- “Os números revelam o aumento no combate aos milicianos. Em 2006, último ano do governo Rosinha, foram presos 5 acusados de ligação com milícias. Em 2007, o número subiu para 24, em 2008, para 78. Nos dois primeiros meses de 2009 já houve nove prisões”. (11 x 3)

- Novas batalhas (sobre ações judiciais contra prefeito)
- Parentes na mira (acusações contra parentes de prefeito)
- Mudança de alvo (mesmo assunto)

P. 9

- “Dado Dolabella deixa a cadeia” (16 x 24)
- “Apontado como membro de grupo miliciano, Chico Bala é expulso da PM” (10 x 24)
- “Jovem de classe média preso em casa” (5 x 7,5)
- “Rio tem menor índice de homicídios” (reparem no tamanho: 5 x 7)
 “ISP divulgou que Rio teve o menor patamar desde 1991”

P. 10 Opinião/Editorial

“Uma afronta ao cidadão” (14 x 14 - contraste com a notícia de menos homicídios)

“Mais uma vez, imagens de bandidos exibindo suas armas acintosamente chocam e agridem os moradores do Rio: as cenas, mostradas com exclusividade por O Dia [...]”

Percebe-se após a leitura desta edição que a cidade do Rio de Janeiro é um lugar dominado pelos bandidos das favelas, fortemente armados “com armas de guerra”, além de “milicianos” e corre-se risco até mesmo ao beber um simples suco, pois estão cheios de coliformes fecais. Apesar disso tudo, uma pequena nota na página 9 nos faz ver que a cidade “teve o menor índice de homicídios desde 1991”. **Porque essa notícia não é dada com destaque, na capa, da mesma maneira que destacam os atos violentos?** Não serve aos interesses que os jornais defendem, obviamente.

O Dia, [Quinta-feira, 02/04/2009](#)

Rio e violência na edição:

FATOS (atentados contra a integridade física):

- Número de mortos noticiados: 6 (seis)
 - *4 (quatro) na capa, repetindo-se na pg 4 (duas vezes).
 - *1 (hum) na p. 9.
 - *1 (hum) na p. 9.
- Número de feridos: 3
 - *2 (dois) na capa, repetindo-se na p. 4.
 - *1 (hum) na p. 9.

Total: 9 atentados contra a integridade física. Destes, 100% ocorreram em áreas periféricas da cidade e estavam diretamente ligados ao tráfico de drogas.

Jornal o Dia, [quinta-feira, 02/04/2009](#)

Rio nesta edição:

Capa:

- Repórter Lampião entra em ação
- Rio tem 46 mil pontos com **iluminação precária** (10x12 cm)
- Tabajaras: 4 **mortos** em mais um **tiroteio** (5 x 9 cm)

100% das páginas 2 e 3 dedicadas ao “Repórter Lampião”. Repare o singelo e isento título da matéria:

- A **Segurança Pública** nos tempos do Lampião

Na pág 4 começa o caderno “Rio”, e logo se vê a imagem da cidade:

- **Quatro mortos** em nova **batalha** no Tabajaras
- **Medo** leva pais a buscarem mais cedo filhos na escola

página 9:

- **Tiros e pânico** na Barra (21 x 16 cm)
- Morador do Vidigal acusa **polícia de agressão** (5 x 22 cm)
- Acusado de **matar PMs é assassinado** (5 x 7 cm)
- **Polícia** salva jovem de **execução** (11,7 cm)
- Apreensão de **armas e drogas** na Penha (5 x 7 cm)

página 10: “informe do Dia”

- O Palácio da **polícia** (sobre novas instalações para delegacia)

No texto: Proibida a entrada de estranhos (“O entra e sai de assessores de vereadores acusados de ligações com a **milícia** e o **tráfico** pesou na mudança”).

Fim do caderno Rio

P. 12: Editorial

- Apagão na **Segurança**: “Não bastasse a crescente **criminalidade** que **assusta** os cariocas, a cidade convive com outro problema que funciona como catalisador da **violência**: a **precariedade** da iluminação pública em vários pontos [...] O que facilita a ação dos **bandidos** e põe em risco principalmente os que têm que circular à noite”.

Seção de Cartas:

Das 12 cartas publicadas, 2 repercutem o tema violência no Rio de Janeiro (grifos nossos):

- “**Assaltos são rotina em Jacarepaguá**”
- “Vítima também da frouxidão da **lei**” (sobre assassinato cometido por ex-detento: etiquetamento)

Após essa coleta de tudo o que foi publicado na edição, abrangendo a cidade do Rio de Janeiro e violência, vamos abordar o tema por outro viés: o critério geográfico. Como foram mostradas as áreas da cidade?

- Ladeira dos Tabajaras (Periferia na Zona Sul): Drogas e assassinato – 4 mortos e 2 feridos
- Realengo (Periferia Zona Oeste): assassinato - 1 morto
- Vila Cruzeiro (Periferia Zona Norte): Drogas e assassinato – 1 morto
- Barreira do Vasco (Periferia Zona Norte): agressão – 1 ferido

Seguindo na análise desta edição, faremos uma comparação entre o que foi noticiado e o que a notícia diz. A retórica confrontando os fatos. Nossa forma de análise contempla a quantidade de palavras na edição.

O discurso jornalístico:

(contagem das palavras associadas à violência e criminalidade utilizadas pelo veículo):

Os FATOS noticiados:

- Número de mortos: 4 (QUATRO)
- Número de feridos: 2 (DOIS)

A notícia sobre os 4 mortos é repetida várias vezes: Capa, página 4, página 4, página 9 e novamente na página 9.

A notícia sobre os feridos repete-se na capa e nas páginas 4 e 9. A morte deve chocar mais que ferimentos. Logo, merece mais exposição.

Palavras	Ocorrências
Polícia, PMs, delegado	27
Bando, bandido, criminoso	17
Armas, pistola, fuzil	15
Assaltos	12
Tiros	8
Vítima	07
Segurança	07
Assassinato, assassinado, morto	06

Outras palavras citadas no jornal:

Guerra, Batalha, Milícia, Tráfico, Violência, Inimigo,

Armados, execução, Crimes, Tarado, Bombas, Morte,

Quadrilha, Perigo.

Grupos criminosos noticiados:

ADA (“amigos dos amigos”) e

CV (“comando vermelho”) – todos na página 4.

Baleados	06
Confronto	05
Tiroteio	05
Pânico	05
Risco	04
Drogas	04
Matar	03
Medo	03
Agressão	02
Balas	02
Feridos	02
Presos	02
Morreram	02

Tabela 16. Ocorrência de palavras, jornal O Dia, 02/04/2009

O DIA, [sexta feira, 03/04/2009](#)

Capa:

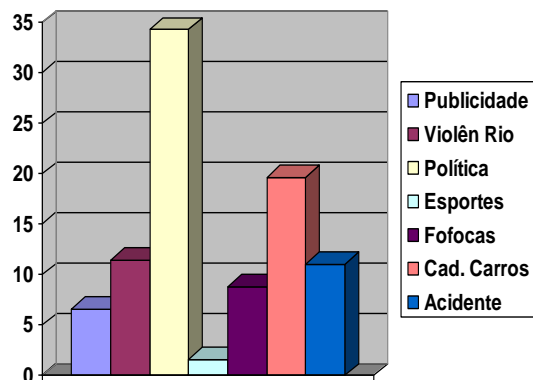


Gráfico 13. Capa O Dia, sexta-feira, 03/04/09

JORNAL O DIA, edição de sexta feira, 03/04/2009

Formato: tablóide

Total de páginas: 24

Área impressa por página: 35,5 cm x 25,5 cm = 905 cm²

Área total do jornal: 24 x 905 = 21720 cm²

Tabela 17. Capa jornal O Dia sexta – feira, 03/04/2009:

Jornal	Categoria	Local/ Tipo	Notícia	página	Área (cm)	%
O Dia	Política	Exterior	Esse é o cara! (Obama disse que ama Lula)	CAPA	12,2 x 25,5	34,3
O Dia	Auto publicidade	privada	Hoje: Supertabelão com ofertas recorde de carros	CAPA	7 x 25,5	19,7
O Dia	Violência Rio	RIO	Tráfego rende técnicos da defesa civil em rua sem luz *	CAPA	8,5 x 10,5	9,8
O Dia	Acidente	Brasil	Ultraleve cai em rua de N. Iguaçu em vôo de demonstração *	CAPA	10 x 10	11
O Dia	Violênc Rio	RIO	Operações policiais no Estácio e Catumbi deixam 8 mortos *	CAPA	3 x 5	1,6
O Dia	Esportes	RIO	Fogão bate Madureira por 3 a 2 e Flu empata com Boavista	CAPA	3 x 5	1,6
O Dia	Fofocas	RIO	Angélica revela as fantasias sexuais de Huck	CAPA	8 x 10	8,8
O Dia	Auto Publicidade	privada	Promoção selos + pula pula	CAPA	15 x 4	6,6

Total Violência Rio: 11,4% da capa. O terceiro assunto de mais destaque, atrás apenas de “política” e “auto publicidade”.

- O Jornal destaca os acontecimentos em outros municípios, qual o deste exemplo, Nova Iguaçu, como ocorridos no “Rio de Janeiro”. Não é esse o entendimento desta pesquisa.

Entendemos “Cidade” como a sua delimitação oficial, político-administrativa, conforme definição constitucional e também de dicionários diversos (“Divisão administrativa de um Estado da federação”; “Órgãos de governo local”, “Circunscrição territorial administrada por um prefeito”, etc).

O caderno “Rio de Janeiro” inclui notícias de outros municípios. Por exemplo:

- “Empresários assassinados” (1 em Nova Iguaçu, 1 em Mesquita)
- “Jovem morta em Queimados”

O Dia, sexta-feira, 03/04/2009 - Análise do jornal excetuando-se a capa:

Categorias e percentuais:

Publicidade..... 32,9%
 Viol. Simbólica Rio....12,3% (sendo 8,4% do “repórter-lâmpião”)
 Política.....10,8%
 Viol. Simból. Brasil.....5,2%

Economia.....	4,8%
Violência Rio.....	3,6%
Acidente.....	2,4%
Violência Brasil.....	2,1%
Fofoca.....	1,8%
Esportes.....	1,0% (excluído o caderno de esportes)
Religião.....	0,9%
Bizarro.....	0,1%

Total violência (Rio + SimbRio + Brasil + SimbBrasil) = 23,2 %

Ou seja, a violência tomada como conjunto foi o segundo assunto mais presente no jornal, perdendo apenas para a publicidade.

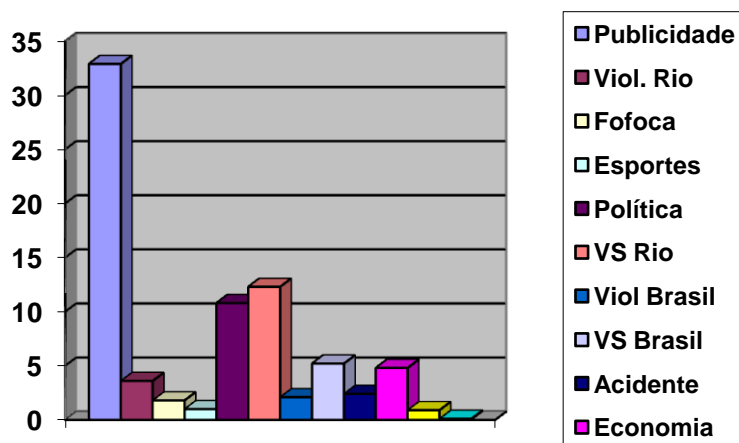


Gráfico 14. O Dia 03/04/2009

Tabela 18. Matérias internas do jornal O Dia, sexta – feira, 03/04/2009:

Jornal	Categoria	Local	Notícia	Pg	cm	%
O Dia	VS Rio (Lampião)	RIO	Os pontos do Rio onde a noite é mais escura	2	35,5x25,5	4,2
O Dia	VS Rio (Lampião)	RIO	Zona norte tem o maior número de áreas apagadas. Chame o repórter – lampião*	3	35,5x25,5	4,2
O Dia	Obra	RIO	Teleférico também é diversão (sobre possível construção de teleférico na favela do alemão – com subtítulos, abaixo) -Cada estação do complexo do alemão terá uma atração. ** -Elas serão iluminadas para serem vistas de longe. ***	4	26x25,5	3
O Dia	Viol Rio	RIO	Polícia mata 8 bandidos em duas ações	4	2,5x9	0,1

O Dia	Viol Rio	RIO	Dom Orani: Luta contra a violência		10,5x6,5	0,3
O Dia	Publicidade	Privada	Receba notícias do Dia no celular	4	2,5x9	0,1
O Dia	Acidente	Brasil	Ultraleve cai na baixada	5	25x21	2,4
O Dia	Publicidade	Pública	Governo do Estado do Rio de Janeiro	5	7x25,5	0,8
O Dia	Política	RIO	Facilidade para abrir negócio no Rio	5	5x25	0,6
O Dia	Política	RIO	Espanhol de última hora ***** - Prefeito obteve cidadania européia graças a mudança na regra em vigor desde dezembro - Dinheiro para quem vive na Espanha	6	9,5x25,5 + 5 x20	1,6
O Dia	Publicidade	Privada	Casas Bahia	6	21,5x25,5	2,5
O Dia	Publicidade	Privada	Casas Bahia	7	21,5x25,5	2,5
O Dia	Fofocas	RIO	Uma gravidez por acaso - Mãe da segunda filha de Léo Moura diz que não engravidou para se promover	7	15x25,5	1,8
O Dia	Publicidade	Pública	INSS	8	11 x 10	0,5
O Dia	Violência Rio	RIO	Dois confrontos , oito mortos . - De manhã polícia civil matou dois traficantes no Estácio; à tarde, seis foram atingidos em ação da PM no Catumbi. - Baleado no morro da coroa chegou ao hospital sem três dedos, arrancados por granada. (em negrito no original) - Bandidos atiram em helicóptero - Veja! Galeria de fotos das operações em www.odia.com.br (caso a sua morbidez seja maior que o conteúdo oferecido)		20 x 25,5	2,4
O Dia	Publicidade	Privada	Vários planos de saúde #	9	8,5 x 10 + 15 x 15	1,4
O Dia	Publicidade	Pública	Governo do Estado do RJ: Cedae	9	7 x 10	0,3
O Dia	Violência RIO	RIO	Quadrilha identificada - Mais de 20 traficantes que travam guerra na zona sul terão prisão pedida pela polícia	10	10,5 x 20,5	0,1
O Dia	Violência RIO	RIO	PMs se surpreendem com artefato achado na mata	10	10 x 8,5	0,4
O Dia	Violência Brasil	Brasil	Empresários assassinados (em N.Iguaçu)	10	5 x 8	0,2
O Dia	Violência Brasil	Brasil	Jovem morta em Queimados	10	6,5 x 5	0,1 5
O Dia	Violência RIO	RIO	Polícia prende falso engenheiro	10	7 x 5	0,1 6%
O Dia	Violência Brasil	Brasil	Parentes de PM têm prisão pedida (acusados de atentado contra o policial)	10	7 x 5	0,1 6

O Dia	Publicidade	Pública	Caixa Econômica Federal	10	24 x 10	1,1
O Dia	Publicidade	Privada	Oi Telefonía	10	10 x 5	0,2
O Dia	Publicidade	Pública	Prefeitura de Porto Alegre	10	11 x 10	0,5
O Dia	Publicidade	Privada	Otovox surdez	10	5 x 5	0,1
O Dia	Publicidade	Privada	Informe publicitário Sindicato das empresas de transporte	11	35,5 x 25,5	4,2
O Dia	Política	Brasil	Editorial "O cara e seu projeto"	12	15 x 15	1,1
O Dia	Política	Brasil	Charge Obama e Lula	12	10,5 x 15	0,7
O Dia	Violência	Brasil	Debate: "Assunto do Dia": "Punir usuários de drogas". Artigos de : - Jair Bolsonaro (a favor da punição) - Rogério Lisboa (contra a punição)	12	10,5 x 33	1,6
O Dia	Política	Brasil	Chique é ser 'o cara' de Obama	13	35 x 25,5	4,2
O Dia	Política	Exterior	US\$ 5 trilhões contra a crise	14	10 x 25,5	1,2
O Dia	Economia	Exterior	Guerra aos paraísos fiscais		25 x 5	0,6
O Dia	Publicid	Privada	Casas Bahia	14	21 x 25	2,4
O Dia	Violência Simbólica	Brasil	Acordo bilionário - Previdência reserva R\$ 2 Bi para pagar ações na justiça só este ano	15	15x 25,5	1,8
O Dia	Publicidade	Privada	Casas Bahia	15	21 x 25	2,4
O Dia	Economia	Brasil	Economia e concursos	16	35 x 25,5	4,2
O Dia	Publicid	Privada	Supermercado Assai	17	35 x 25,5	4,2
O Dia	Política	RIO	Discurso de candidato Ameaçado de exclusão da PF, delegado que prendeu banqueiro fala em 'clamor público' (comício na cinelândia)	18	9,5 x 25,5	1,1
O Dia	VS Brasil	Brasil	CPI do TCE: Empresário e deputado se contradizem sobre corrupção no Estado	18	5 x 14	0,3
O Dia	Violência RIO	RIO	Justiça do Rio condenou a Gol a pagar pensão mensal à vítima	18	5 x 5	0,1
O Dia	Publicid	Privada	Casas Bahia	18	21 x 25	2,4
O Dia	Religião	Exterior	Cura Milagrosa - Igreja investiga se criança se recuperou por obra de João de Deus.	19	7,5 x 25,5	0,9
O Dia	Publicid	Privada	Casas Bahia	19	21,5 x 25,5	2,5
O Dia	Violência	Exterior	Coréia do Norte vai lançar foguete e ameaçou Japão	19	5 x 4,5	0,1

O Dia	Bizarro	Exterior	Ministro britânico flagrado com fantasia de fada	19	5 x 4,5	0,1
O Dia	Violência	Exterior	Traficante mexicano preso	19	5 x 4,5	0,1
O Dia	Violência	Exterior	Chinês se suicida com bomba em Pequim	19	5 x 4,5	0,1
O Dia	Violência Simbólica	Exterior	Padre alemão processado pela playmobil	19	5 x 4,5	0,1
O Dia	Violência Simbólica	RIO	Exames e tratamentos suspensos - Hospital do fundão está com equipamentos quebrados e não consegue atender doentes - Problemas: ressonância, tomógrafos, mamografia, radioterapia, cuidados paliativos (Ou seja, tudo com problemas, mas em Petrópolis e nos planos de saúde tudo ótimo)	20	21 x 25,5	2,4
O Dia	Saúde	Brasil	Petrópolis: Cirurgias garantidas	20	4 x 10	0,2
O Dia	Violência Simbólica	RIO	Justiça absolve cirurgião e procuradores Vão recorrer (médico acusado por operação no “Hospital do fundão”)	20	5 x 15	0,3
O Dia	Publicidade	Privada	Light serviços de eletricidade S/A	20	14 x 10	0,6
O Dia	Publicidade	Privada	Conselho Regional de Química	20	5 x 10	0,2
O Dia	utilidade	Brasil	Passatempos e horóscopo	21	35 x 25,5	4,2
O Dia	Violência Simbólica	RIO	Seção de cartas: “Conexão leitor” - Secretaria nega falta de fraldas geriátricas - Fracasso preocupante na educação pública	22	14 x 18	1,2
O Dia	Violência	RIO	- Violência está em alta na cidade nova	22	6 x 4,5	0,1
O Dia	Violência Simbólica	Brasil	- Gastos do Senado são um desrespeito - A triste cultura de abandonar as obras - Mais vereadores e menos respeito	22	21,5 x 23	2,3
O Dia	Política	Brasil	- Besteira de deputado foi pra lata do lixo (cerol) - Legalização do cerol deve ser combatida	22	4,5 x 13,5	0,3
O Dia	Esportes	Brasil	- Vitórias sem o antigo fascínio brasileiro	22	4,5 x 6	0,1
O Dia	Esportes	RIO	- Problema que não afeta só o Botafogo	22	4,5 x 6	0,1
O Dia	Esportes	Brasil	Dunga: “A Argentina tem os problemas dela, nós temos os nossos”	22	13 x 5	0,3
O Dia	Esportes	Exterior	Maradona: “Cada gol da Bolívia era uma Punhalada no coração”	22	13 x 5	0,3
O Dia	Publicidade	Privada	O Dia: Receba as últimas notícias do Dia no seu celular	22	2,5 x 8	0,1
O Dia	Violência Simbólica	Brasil	Click do leitor: “Queremos água, fora CEDAE” - moradores de Rio das Ostras lançam abaixo-assinado para exigir reabastecimento	23	12 x 15	0,8

O Dia	Esportes	Brasil	“Toma, Argentina”	23	5 x 10	0,2
O Dia	Publicidade	privada	Tele -Rio	24	35 x 25,5	4,2

* Tentativa de associar a má iluminação à criminalidade (risco). Apresenta estatísticas de roubos e cita o caso individual de um morador: “Renato já teve um automóvel roubado por bandidos na rua Araújo Leitão, no Engenho Novo”. Publica ainda uma foto do referido morador, porém deixa incógnitos os detalhes do citado roubo. No texto: “Renato Alves de Oliveira, 32, já teve o carro roubado na saída de seu condomínio, na Araújo Leitão, próximo ao local onde a equipe da defesa civil foi rendida por bandidos ontem de madrugada”. (tentativa de historicizar o fato, identificando um suposto padrão).

** Mesmo a notícia “boa” vem acompanhada do discurso do medo, da ameaça: “cerca de mil imóveis serão derrubados”.

*** A matéria “sonhadora”, com maquete digital e etc vem imediatamente após a matéria do Lampião. Acaso?

**** Mensagem subliminar: nem mesmo o prefeito quer ser brasileiro!

Interessante: poucas páginas atrás, na mesma edição, uma notícia denunciava falta de tudo no hospital público do fundão. Agora anunciam saúde privada.

O Dia, [Sexta-feira, 03/04/2009](#)

Rio e violência nesta edição (negritos nossos):

CAPA:

(diz-se “Rio de Janeiro”, mas exibe notícias da cidade de de Nova Iguaçu).

- “Operações **policiais** no Estácio e Catumbi deixam oito **mortos**”.
- “Ultraleve cai em rua de Nova Iguaçu durante voo de demonstração”
- “**Tráfico** rende técnicos da defesa **civil em rua sem luz**” (com foto do “repórter lampião”)

P. 2 e 3: Repórter Lampião (100%)

- “Os pontos do Rio onde a noite **é mais escura**”
- “Zona norte tem maior número de áreas apagadas no Engenho Novo. Equipe da defesa civil ficou **refém de bandidos**”.

CADERNO “RIO DE JANEIRO”

P. 9:

- “Dom Orani luta contra a **violência**” (sobre posse do arcebispo da cidade)
- “Dois **confrontos**, oito **mortos**” (meia página)
- “**Bandidos atiram** em helicóptero”

P.10:

- “**Quadrilha** identificada” (10,5 x 21 cm)
- “Mais de 20 **traficantes** que travam **guerra** na zona sul terão **prisão** pedida pela **polícia**”
- “**Polícia prende** falso engenheiro” (Ipanema)

* Outras cidades/municípios, mas noticiados no caderno “Rio de Janeiro”:

- “Empresários **assassinados**” (1 em N. Iguaçu, 1 em Mesquita)
- “Jovem **morta** em Queimados”

CAÇA-PALAVRAS:

Tabela 19. Ocorrência de palavras, jornal O Dia, 02/04/2009:

PALAVRAS	OCORRÊNCIAS
Polícia, policiais, PM	25
Traficantes, tráfico	19
Drogas, cocaína, <i>ecstasy</i>	14
Bandidos	12
Mortos, assassinados, mortes, matou	10
Armas, morteiro, fuzil, pistola	09
Crime, criminosos	08
Preso, prisão, prendeu	08
Violência	05
Assalto, assaltado	05
Confrontos	04
Roubo, roubado	04
Armado	03
Morreu, morreram	03
Guerra	02
Míssil	02
Quadrilha	02
Segurança	02

Assaltantes	02
Tiros, atiraram	03
Baleado	01
Pânico	01
Arriscado	01
Medo	01
Bando	01
Execução	01
Tortura	01
Combate	01
Batalhas	01
Comando vermelho	01
Ilegal	01
Vítimas	01
Conflitos	01
Seqüestradores	01
Terroristas	01
Conflito	01
Boca de fumo	01
Grupo criminoso noticiado: “Amigos dos Amigos (ADA)”	01
Grupo criminoso noticiado: “Comando Vermelho (CV)”	01

JORNAL O DIA, edição de domingo, 05/04/2009

Total de páginas: 28

Área impressa por página: $35,5 \times 25,5 = 905 \text{ cm}^2$

Logotipo (capa): $4,5 \times 25,5 \text{ cm} = 115 \text{ cm}^2$

Área total do jornal: $28 \times 905 \text{ cm} = 25340 \text{ cm}^2$

Cada página = 3,6% do total de notícias do jornal.

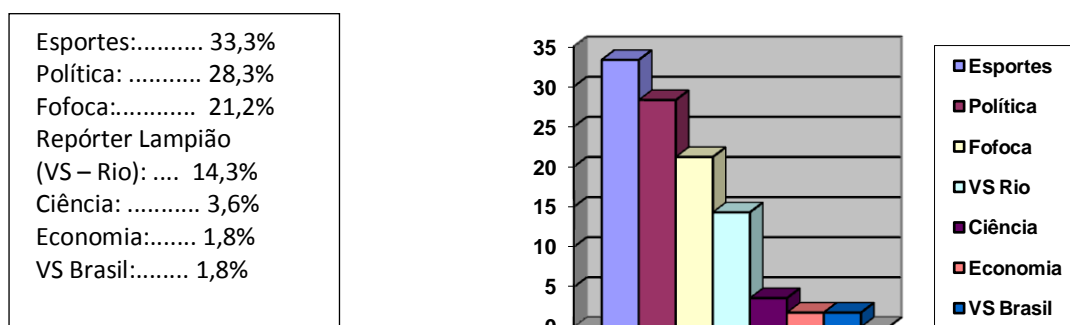


Gráfico 15. Distribuição das matérias de capa do jornal O Dia, 05/04/2009:

Tabela 20. matérias de capa do jornal o Dia, 05/04/2009:

Jornal	Categoria	Local	Notícia	Posição	Área	%
O DIA	política	RIO	Professor terá 14° (c/ subtítulos abaixo)	CAPA	8,5x25,5	28,3
	política	RIO	Prefeito avalia 100 dias de governo Definido valor da gratificação nas escolas vale de natal para servidores deve voltar As frustrações: não fez 40 UPA's nem melhorou o transporte Paes defende a autorização de bebidas no interior do Maraca	Idem		
O DIA	esportes	RIO	Adriano some e PM diz que craque está em morro da Penha	capa	15x17	33,3
O DIA	ciência	Exterior	Raio Laser salva irmã que era presa à irmã Grajaú-Jacarépagua tem 83 pontos sem luz (foto: homem segura lampião aceso)	capa	3x4,5	3,6
O DIA	Lampião VS Rio	RIO		capa	11x10	14,3
O DIA	Economia/ outros	RIO	Chope dispara, vira o novo vilão da inflação e muda hábitos no Rio	capa	3x4,5	1,8
O DIA	VS Brasil	BRASIL	Aposentada dada como morta em São Gonçalo fica sem o benefício	capa	3x4,5	1,8
O DIA	Fofocas	RIO	Tony Ramos: “Não encho ninguém”	capa	6,5x12,5	10,6
O DIA	Fofocas	RIO	Ricaça deixa o luxo e vira funkeira em favela do Rio	capa	6,5x12,5	10,6

Tabela 21. Matérias internas do jornal, excetuando-se a capa:

O DIA	CIÊNCIA	RIO	Gêmeas dividiam sistema circulatório, mas só uma tinha coração e podia sobreviver . Cirurgia de alto risco no útero da mãe salvou o bebê	2	30 x 25,5	3,6%
-------	---------	-----	---	---	-----------	------

		(c/subtítulo)		3	30x25,5	3,6%
		Idem	Gravidez descoberta durante assalto	3		
O DIA	Fofoca	RIO	Socialite sobe o morro e vira funkeira	4	30x25,5	3,6%
O DIA	Publicidade	RIO	Tele - Rio	5	30X25,5	3,6%
O DIA	“Coluna”		“Informe do Dia” Vários subtítulos individuais(abaixo)	6		
	VioSimb Brasil	Brasil	Justiça condenou o Estado do RJ a pagar 228 mil por erro médico cometido em 2000, onde amputaram braço de recém nascido	6	5x5	0,1%
	ViolSimb	RIO	'Bronca do informe': Para a escuridão na zona norte	6	4 x 5	0,08%
	ViolSimb Brasil	Brasil	Novo drama a enfrentar na volta ao lar: aposentada dada como morta deixa de receber benefício e fica sem dinheiro para remédios	6	11,5x20	0,9%
O DIA	Violência	Brasil	Morto a tiros em São João de Meriti	6	4,5x5	0,08%
O DIA	Publicidade	RIO	Tele - Rio	7	30x25,5	3,6%
			Professor que se destacar vai ter 14º salário	8	30x25,5	3,6%
O DIA	Política	RIO	(abaixo - entrevista com o prefeito)	9	30x25,5	3,6%
		Idem	No texto: “O vidro blindado do gabinete [...]” (grifo do jornal), “recente guerra do tráfico [...] para combater a violência [...] áreas de risco ”. [...] Prefeito: “Ele deixou uma bomba-relógio ” “Caos completo”O Dia: “A situação estava fora de controle” Prefeito: Em algumas áreas você tem possibilidade, por exemplo, estabelecer a ordem . Pref: Acabou o choque de ordem. Acho que o nome agora é cidade com ordem (muito mais sobre choque de ordem e prefeito faz média com o jornal O Dia, p 9)			
O Dia	Política	RIO	Na Saúde e no transporte, a dívida continua	10	35 x 25,5	3,6%
O Dia	Publicidade	RIO	Tele-Rio	11	35 x 25,5	3,6%
O Dia	Editorial			12		
O Dia	Publicidade	Brasil	Casas Bahia	13	35 x 25,5	3,6%
			Caminho de trevas entre o Grajaú e Jacarépaguá (sobre lâmpadas queimadas na cidade)	14	35x 25,5	3,6%
O Dia	Lampião VSRio	RIO	“Território Sombrio”	e		
				15	35 x 25,5	3,6%
O Dia	Economia	Brasil	Reajuste único no INSS	16	27 x 25,5	2,7%
O Dia	Publicidade	RIO	Câmara de Diretores Lojistas – SPC	16	8 x 25,5	0,8%

O Dia	Publicidade	Brasil	Casas Bahia	17	35 x 25,5	3,6 %
O Dia	Economia	Brasil	Servidor e aposentados -Benefício sem sair de casa -Urgências e projeções da previdência Atendimento médico exclusivo	18	35 x 25,5	3,6 %
O Dia	Publicidade	Brasil	Casas Bahia	19	35 x 25,5	3,6 %
O Dia	VS Rio	RIO	Inflação no chope dá ressaca -Preços de serviços, como o de bares e lanchonetes no Rio pesam mais no orçamento do carioca - Pescado no lugar do bacalhau	20	35 x 25,5	3,6 %
O Dia	Viol Brasil	Brasil	PMs atropelados por motos em SP Policiais socorriam vítima em rodovia e foram atingidos. Um deles morreu	21	5 x 5,5	0,1%
O Dia	Viol Brasil	Brasil	Assassinato em Rondônia Secretário de segurança pública é assassinado .	21	5 x 5,5	0,1%
O Dia	Viol Brasil	Brasil	Corpo de menino é enterrado em BH Enterrado menino de 2 anos que caiu de prédio	21	5 x 5,5	0,1%
O Dia	Publicidade	RIO	Rodrigão	21	17,5 x 25,5	1,7%
O Dia	Viol Brasil	Brasil	Estabilidade e Violência - Estudo indica: governos da América do Sul correm poucos riscos , mas casos violentos crescem (Brasil aparece em 9º na classificação de crimes políticos na América do Sul) (matéria nada fala sobre o Brasil, além da colocação com 0,5 vítimas por milhão)	24	22 x 25,5	2,2%
O Dia	Publicidade	Brasil	Prefeitura de Magé	24	13,5 x 15	0,8%
O Dia	Publicidade	RIO	Vários anunciantes	24	13 x 5,5	0,3%
O Dia	Viol Ext	Exterior	Incêndios e saques em atos contra a OTAN - Em meio a protestos, potências decidem enviar 5 mil homens ao Afeganistão	24	24 x 22	2,1%
O Dia	Viol Ext	Exterior	Jovem fuzila 3 policiais nos EUA	24	5 x 6,5	0,1%
O Dia	VS Exterior	Exterior	Crianças no esgoto em Roma (24 menores afegãos viviam no esgoto)	24	5 x 6,5	0,1%
O Dia	Publicidade	Brasil	Vários anunciantes	25	35 x 25,5	3,6%
O Dia	Vários		Conexão leitor (Cartas) (vários assuntos - abaixo)	26		
	VS Brasil	Brasil	Doações que criam ligações perigosas (sobre 'doações' de campanha)		10 x 5	0,2%
	VS Rio	RIO	Trânsito insuportável no Cosme Velho		6 x 5	0,1%
	Ch Ordem	Brasil	Caxias responde sobre Choque de Ordem (prefeitura diz:) "Zito herdou um município onde a desordem imperava"		10 x 4	0,15%
	VS Brasil	Brasil	O que sobra para o FMI falta para o aposentado		5 x 8	0,15%
	VS Brasil	Brasil	Escândalo do mensalão só vai ser julgado depois de 2012		5 x 6,5	0,1%
	Lampião VS Rio	RIO	Há um mês à espera de troca de lâmpadas		5 x 5	0,1%

Fofoca	Exterior	Frase: Legalize a maconha e invista o dinheiro em professores e na educação (Carlos Santana)	12 x 5	0,23%
Seção "Click do leitor": (foto de um buraco)				
VS Rio	RIO	Moradores de Ricardo de Albuquerque reclamam de buracos	27 10 x 13	0,5%
O Dia	Publicidade	RIO Casa e Vídeo	28 35 x 25,5	3,6 %

Total da distribuição de assuntos no jornal (exceto a capa):

Publicidade:.....	32,4%
Violência Simbólica Rio.....	11,6%
Política.....	10,8%
Ciência.....	7,2%
Economia.....	6,3%
Fofoca.....	3,9%
Violência Brasil.....	2,8%
Violência Exterior.....	2,2%
Violência Simbólica Brasil...	1,2%
Choque de Ordem.....	0,2%
Violência Simbólica Ext.....	0,1%

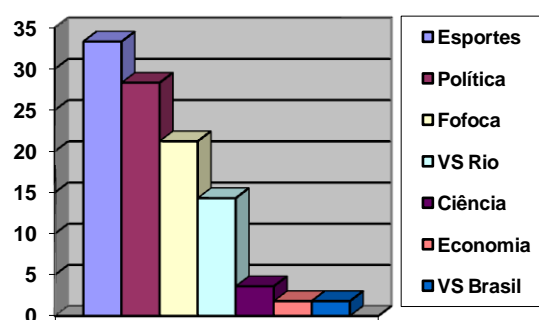


Gráfico 16. Matérias internas, O Dia, 05/04/2009

A seguir mudaremos um pouco a análise, considerando as notícias de capa do jornal O Dia num período consecutivo: 1º a 15 de junho de 2009. Vejamos que tipo de assuntos estão em destaque, dentro de uma amostragem contínua. Consideraremos somente as notícias, descartando aqui a publicidade, a ficção e os esportes.

Jornal O Dia: Notícias de capa no período de 01 a 15 de Junho de 2009:

Segunda – feira, 01/06/2009 – manchete principal, 3 notícias citam explicitamente a cidade:

- Tráfico vende abortivo para meninas nas bocas de fumo (Violência Rio)
- Ignorando o alto risco, jovens grávidas compram nas favelas remédio proibido, que provoca aborto, hemorragia e pode levar à morte. Bandidos cobram até R\$ 50 por comprimido.
- Rio de Janeiro: Guerra na maré deixa 3 mortos, entre eles um inocente, e oito feridos (Violência Rio)
- Rio de Janeiro: Milícias rivais se unem para ampliar domínios e matar inimigos (Violência Rio)
- Rio de Janeiro: Eduardo Paes defende criação de imposto para iluminação pública (Utilidade)

Terça – feira, 02/06/2009 – manchete única (**ocupa toda a página**):

- Sonhos destruídos no voo Rio – Paris (Acidente – Brasil)
- Avião da Air France some com 228 a bordo. (Acidente - Brasil)

Quarta – feira, 03/06/2009 – 2 manchetes principais:

- Igreja era vaga certa de carros roubados (Violência Rio)

Pastor é preso por receptação. Um dos veículos apreendidos tinha sido levado ao pátio da PF.

- Local onde avião caiu tem chuva de granizo gigante (Acidente Brasil)

Quinta – feira, 04/06/2009 – 2 manchetes principais e uma notícia citando diretamente a cidade:

- Submarino que encontrou Titanic busca a caixa – preta (Acidente Brasil)
- Cirurgia plástica a R\$ 110 por mês (Utilidade)
- Rio de Janeiro: Polícia acha 20 kg de cocaína pura e destrói refinaria na Rocinha (Violência Rio)

Sexta – feira, 05/06/2009 – 3 manchetes principais:

- Guia ajuda servidores a escolher novo plano de saúde (Utilidade)
- Delegado: Morte de Jovem na Barra não foi acidente (Violência Rio)
- Airbus da tragédia voava em velocidade errada (Acidente Brasil)

Sábado, 06/06/2009 – 2 manchetes principais:

- Air France troca todos os sensores de velocidade (Acidente Brasil)
- Polícia caça o pai que ensinou o filho a matar (Em SC - Violência Brasil)

Domingo, 07/06/2009 – 2 manchetes:

- Google cria atalho para a pedofilia (Violência Exterior)
- Encontrados dois corpos do Airbus que caiu no mar (Acidente Brasil)

Segunda – feira, 08/06/2009 – 2 manchetes:

- Google vai ter que se explicar à CPI da pedofilia (Violência Brasil)
- Começa hoje a identificação dos corpos do Airbus (Acidente Brasil)

Terça – feira, 09/06/2009 – 2 manchetes maiúsculas no original:

- Aerolula tem a mesma falha de Airbus que caiu (Acidente Brasil)
- CHEFÃO DA ROCINHA CRIOU ATÉ ‘HELIPONTO’ PARA VOO PELO RIO (Violência Rio)
- Motorista de ônibus mata aposentado com chute (Violência Rio)

Quarta – feira, 10/06/2009 – 2 manchetes. (Maiúsculas no original, uma matéria cita o Rio explicitamente):

- Livro com cenas de tortura choca alunos de escolas públicas (Violência Simbólica Rio) *
- ROBÔS EM MISSÃO NO MAR (Acidente Brasil)
- Milícia: dos 25 presos na Z. Oeste, 20 são policiais (Violência Rio)
- Rio de Janeiro: Polícia investiga voo de helicóptero de chefão da Rocinha e namorada (Violência Rio)

* O livro em questão, “projeto pitangá – História, editora Moderna” foi adotado pela Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. A gravura que causou “revolta” foi a de um empalamento.

http://odia.terra.com.br/porta/educacao/html/2009/6/livro_didatico_infantil_com_imagem_de_tortura_choca_pais_17155.html

Quinta – feira, 11/06/2009 – 1 manchete ocupa 70% da capa:

- MILICIANO EXECUTADO (Violência Rio)
- EX-VEREADOR DEIXOU LISTA SECRETA DE INIMIGOS (Violência Rio)

Sexta – feira, 12/06/2009 – Duas manchetes e 2 notícias que citam a cidade explicitamente:

- Operação Lei Seca toma na hora carteira de quem ultrapassou 20 pontos (Lei Rio)
- Sete mortos em guerra na Maré (Violência Rio)
- Rio de Janeiro: Pistoleiro que matou ex-vereador Nadinho festejou assassinato (Violência Rio)
- Rio de Janeiro: Mulher que deixou de pegar o voo 447 morre em acidente de trânsito (Acidente Rio)

Sábado, 13/06/2009 – 1 manchete principal. (Maiúsculas no original, 2 notícias citam a cidade):

- ENSAIO PARA O CRIME (Violência Brasil)

Mulher é indiciada no Mato Grosso do Sul por divulgar na Internet fotos dos filhos menores de idade simulando assalto com armas.

- Rio de Janeiro: Traficantes e milicianos se enfrentam e levam terror à Zona Norte (Violência Rio)
- Rio de Janeiro: Travestis vão trocar de nome na carteira escolar na rede estadual (Utilidade)

[Domingo, 14/06/2009](#) – 3 notícias principais:

- Aposentadoria: entenda o cálculo do seu benefício e saiba o que o INSS vai mudar (Utilidade)
- Demolição de prédios eleva tensão em áreas de milícia (Risco Rio)
- Empresário morto a facadas em prédio de luxo (Violência Rio)

[Segunda-feira, 15/06/2009](#) - 3 notícias principais. 1 cita a cidade explicitamente:

- Choque de Ordem acaba com o sopão dos pobres nas ruas (Choque de Ordem)
- Orkut pode dar pistas de morte na Barra (Violência Rio)
- Rio de Janeiro: Tráfico tortura e mata dois em Guadalupe, região de milicianos (Violência Rio)

Resumo do período de 1 a 15 de Junho de 2009:

- 41 manchetes e/ou notícias envolvendo explicitamente o Rio de Janeiro. Esse total dividiu-se da seguinte forma:

- **Violência Rio: 18 notícias**
- Acidente Brasil: 10 notícias
- Utilidade: 5 notícias
- Violência Brasil: 3 notícias
- Violência exterior 1 notícia
- Acidente Rio 1 notícia
- Choque de Ordem: 1 notícia
- Lei Rio: 1 notícia
- Risco Rio: 1 notícia

Ou seja, 43,9% de todas as notícias de capa do jornal no período de 15 dias foram sobre violência na cidade. Mesmo com o “fato ônibus”, que aglutinou as atenções no período (queda de um avião em Pernambuco), a violência continuou tendo uma grande visibilidade, superando em muito todos os outros assuntos de capa.

Pesquisa Jornal Meia Hora de Notícias

Meia Hora, [quarta-feira, 17 de dezembro de 2008](#)

CAPA:

- Dois bandidos morrem em operação: ROCINHA EM PÉ DE GUERRA – Tráfico encurralou polícia no túnel, mas acabou levando uma surra na favela (Violência Rio)
- Abuso sexual: atleta do fla morre no Rio (Violência Rio)
- Washington troca Flu pelo São Paulo. Juan pode sair do mengão (Esportes)
- Namorada faz missa para se despedir de Marcelo Silva (fofocas)
- Madonna fica doidinha por Rodrigo Santoro em festa (fofocas)
- Publicidade: Meia Hora motor (autopublicidade), Gata da hora (merchandising)



Figura 13. Capa do jornal Meia Hora de 17/12/2008

A notícia sobre o confronto entre policiais e traficantes ocupa 80% da área de capa do jornal. Vem ilustrada por duas fotografias: Na primeira, à esquerda, três veículos bloqueiam um túnel. Ao lado, a outra foto mostra cinco policiais carregando um cadáver enrolado em um lençol. O fundo preto sobre o qual está a notícia, com letras grandes e a palavra “GUERRA” em letras vermelhas ajuda a compor um contexto macabro e perturbador. As “gatas da hora” também aparecem em fotos seminuas. Aqui identificamos os dois principais ingredientes de um folhetim sensacionalista: Violência e sexo. As demais notícias competem entre si pelo exíguo espaço restante.

Meia Hora, sábado, [20 de dezembro de 2008](#)

CAPA:

- Inferno na Maré: EXPLODE A GUERRA NO PARQUE UNIÃO: 4 MORTOS (Violência Rio)
- Covardia: Policial civil leva cinco tiros em São Gonçalo (Violência Brasil)
- Campo Grande: Ladrão morto em ônibus (Violência Rio)
- Mengão e Flusão brigam para ter Diguinho (Esportes)
- Letícia Sabatella passa mal do coração e é internada (Fofoca)
- Publicidade: Casa & Reforma e Meia Hora TV (autopublicidade)

Novamente, 80% da capa ocupada pela notícia do confronto entre policiais e traficantes. Sempre a mesma tática: fundo preto, letras enormes, a palavra “mortos” destacada em vermelho. 2 fotos: numa um policial militar empunhando um fuzil ao lado de um cadáver coberto com lençol, ao lado, os rostos das 4 vítimas. Uma clara tentativa de sugerir que os policiais são os responsáveis pelas mortes. O subtítulo ainda diz textualmente que “As armas de agentes da Core foram apreendidas”. As notícias restantes, Um assassinato em tentativa de assalto em Campo grande e um policial baleado em outra cidade (São Gonçalo). No mais, esportes, fofoca e publicidade.

Meia Hora, [quarta-feira, 24 de dezembro de 2008](#)

CAPA:

- Terror total na zona norte: Perseguição termina em tragédia: CINCO MORTOS EM BRÁS DE PINA (Violência Rio)
- Depois do natal sem fome, natal sem larica: PM APREENDE 300 KG DE ERVA NO JACAREZINHO (Violência Rio)
- Fez beicinho: Cocão da Barreira do Vasco é preso (Violência Rio)
- Na jaula: Irmão de Tota se dá malzão (Violência Rio)
- Zico dá show de bola no jogo das estrelas (esportes)
- Publicidade: Meia Hora motor (autopublicidade)

Desta vez foram duas as notícias que disputaram a capa: a dos mortos em tiroteio entre policiais e fugitivos, e a da apreensão de drogas. Esta última com uma foto das drogas e de um policial empunhando um fuzil. Completam o quadro duas prisões em favelas da cidade. Esta foi a imagem da cidade divulgada na véspera de natal.

Meia Hora, [quinta-feira, 02 de abril de 2009](#)

CAPA

A notícia principal, que ocupa 66% da capa (20X25 cm):

- PM detona a organização tabajaras: Mais 4 mortos em Copa (Violência Rio)
[A forma de noticiar esse fato, um confronto entre policiais e traficantes, muda muito neste veículo, em relação ao mesmo fato noticiado no outro veículo do mesmo grupo editorial, “O Dia”, que deu muito menos espaço para essa notícia (5 x 9 cm) e não usou de ironia e tom jocoso, como no caso do “Meia Hora”]. Ainda sobre o mesmo fato:
- Seus problemas acabaram: Vai tudo pro colo do coisa ruim (Violência Rio)
- Policiada deita vagabundos do comando vermelho que estavam escondidos na mata da favela na zona sul (V Rio)

[A foto, de 12 X 20 cm mostra 6 policiais carregando um corpo ensanguentado, em primeiro plano, com uma viatura da polícia estacionada e um muro em construção como plano de fundo. A legenda, incluída sobre a imagem: “Seus problemas acabaram” remete a um programa humorístico veiculado pela rede Globo de televisão, denominado “Casseta e Planeta Urgente”. Ou seja, trata-se de forma irônica a morte de seres humanos e a Segurança Pública. Certamente, se os parentes do jornalista estivessem envolvidos ele não utilizaria esse tom humorístico para noticiar o fato. Em “O Dia”, o tom mais sério contrasta: “Tabajaras: 4 mortos em mais um dia de tiroteio” (O Dia, edição de quinta-feira, 02/04/2009, capa)].

Outras notícias da capa do Meia Hora de Notícias:

- Que isso, Fran? : Sister dá aula de sexo no BBB (Ficção)
- Peru foi molinho para a seleção de Dunga: 3 X 0 (Esportes)
[Mais uma vez percebe-se o descaso com que o veículo trata a 'informação': Apenas três (03) notícias na capa, sendo uma delas a estapafúrdia cobertura do confronto entre traficantes e policiais numa favela em Copacabana, A outra sobre esportes,

com tratamento igualmente jocoso, e uma terceira sobre a ficção, destacando um programa televisivo de cunho sexual.]

Cadernos “Polícia” + “Geral”: páginas 3 a 11

Página 3: **(toda a página)**

- Sacode na Tabajaras: Armas e munição apreendidas; PM quebra quatro traficantes em tiroteio na mata que cerca favela de Copacabana; Vagabundos eram do CV; Bandidos refugiados na mata (Violência Rio)

Página 4: Seção de cartas “Voz do Povo”

3/9 cartas referem-se à São Sebastião do Rio de Janeiro:

- Morador do Catumbi reclama de violência **(periferia do centro da cidade)**
- Falta água em São João de Meriti
- Transporte irregular em Campo Grande **(zona oeste da cidade)**
- Poucos ônibus em Nova Iguaçu
- Falta de educação no ônibus no Jabour
- Sem água em São Gonçalo
- Urbanização em Queimados
- Escada Rolante quebrada **(Bangu, zona oeste da cidade)**
- Avenida sem conservação em São Gonçalo

Página 5: (50% da página ocupada por anúncios de planos de saúde)

- Escapou por um triz do tribunal do tráfico: PM's salva homem que seria executado por vagabundagem na Barreira do Vasco **(favela da zona norte)** (Violência Rio)
- Apreensão na Penha: Explosivos, drogas e munição na favela da Vila Cruzeiro **(periferia da zona norte)** (Violência Rio)

Página 6 (ficção e fofocas)

- Léo quer Perlla de volta: Craque do Fla se arrepende de traição e tenta retomar o noivado com funkeira **(sobre romance de jogador de futebol. A 'notícia' ocupa 80% da página. O restante é dedicado a um anúncio de plano de saúde)**

Página 7

- Engarrafou e poluiu: Grupo ecológico fez protesto que deixou o trânsito parado **(sobre ação do Grupo Greenpeace na ponte Rio – Niterói)**
- R\$ 10 mil após assédio **(sobre secretária que processou a empresa de trens Supervia após sofrer assédio dentro do trem)**

* 50 % da página dedicada ao anúncio do programa do apresentador e candidato político Wagner Montes/ Rede Record de televisão.

Página 8

- Pânico em tentativa de assalto a banco na Barra: Seguranças trocaram tiros com bandidos que meteram o pé
- Matador de PM's vai pro inferno: Não valia nada – Marginal que executou cabo e sargento **(em 2008)** morre em Realengo

- Alex Ribeiro da Conceição, 45, foi encontrado morto ontem na rua Acaú, no Engenho Novo (**zona norte**)

* A linguagem utilizada pelo veículo torna-se cada dia mais incompreensível. Fica difícil saber em quê ou em quem os citados bandidos “meteram o pé” (sic).

Página 9: 100% publicidade – Anunciante: Casas Bahia

Página 10: 80% anúncios: Assim (planos de saúde), Empréstimos, Classificados Meia Hora, Reduxsan emagrecedor (este último ocupa 50% da página).

Os 20% restantes de área da página 10 são ocupados por estas notícias:

- Rodou com arma na Cidade Nova (**sobre prisão de homem armado na região central da cidade**)
- Policial leva tiro na perna (**Barra da Tijuca – zona oeste**)
- Ferida por bala perdida (**Morro do Vidigal – zona sul**)
- Homem morreu em tiroteio com PM's na favela Mirindiba (**periferia da Penha – zona norte**)

Pg 11: 100% anúncio – Programa “Minha Casa, Minha Vida”, do governo federal.

Pg 12: Caderno Saúde – 70% ocupada por anúncios:

- Planos de Saúde
- Clínica de cabelos Lane
- Clínica Pró – Uro
- Aumente sua renda – El Helion folheados

Pg 13: 100% anúncio – Motocicletas Dafra

Pg 14: 100% anúncio – Supermercados Atacadão

Pg 15: “De tudo um pouco”:

- Mãe mata o filho bebê (Baltimore, MA, USA)
- Pedido de maturidade a líderes (Londres, Inglaterra)
- Riu e engoliu uma tesoura (China)
- Levou filha para assalto (Washington, DC, USA)
- Menino fica com avó paterna (Teixeira de Freitas, Bahia)
- Portão de escola fechado “por causa da violência” (Nova Iguaçu)
- Buracos na rua Gama (Nova Iguaçu)

Resumo da cobertura da cidade nesta edição:

A notícia de um confronto entre policiais e traficantes na favela dos Tabajaras ocupou a maior parte do noticiário sobre a cidade. Foram noticiados:

- 7 mortos: 4 no tiroteio da capa, 2 encontrados mortos e mais um em favela noutra tiroteio com a polícia.
- 2 feridos: um policial e uma mulher em favela, supostamente por bala perdida
- 1 apreensão de drogas e munição em favela
- 1 tentativa de assalto
- 1 prisão por porte ilegal de arma

Mesmo se considerando que o jornal “procura” os delitos, fazendo uma espécie de “catalogação” do que de ruim acontece na cidade, há de se convir que os dados acima, 7 mortos e 2 feridos, numa cidade com população de 10 milhões de habitantes, não chega a ser o caos que se tenta fazer crer. Principalmente se considerarmos que, como citado por outros autores, neste caso, confirmamos que a maior parte da violência (4 mortos) ocorreu em área periférica (favela) e estava diretamente ligada ao narcotráfico.

Meia Hora, terça feira, [21 de abril de 2009](#)

Análise da capa:

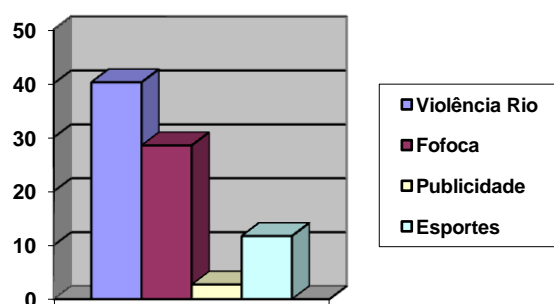


Gráfico 17. Capa do jornal Meia Hora, 02/04/2009

Tabela 22. Capa do jornal Meia Hora, terça-feira, 21/04/2009:

Jornal	Categoria	Local / Tipo	Notícia	Pg	cm ²	%
Meia Hora	Fofoca		Roberto Carlos dança funk e axé em sua festa De 68 anos	Capa	9	1,1
Meia Hora	Violência	Rio	Poliçada caça os assassinos de grávida e quebra 3 - Crime brutal vai pra conta do Renatinho - Marido de vítima diz que filha parece com a mãe	Capa	280	36,6
Meia Hora	Fofoca	Rio	Volte sempre, Priscila - Morenaça do BBB 9 vira musa da nação - Gata mostra que dá sorte ao Fla no Maraca	Capa	210	27,4
Meia Hora	Esportes	Rio	Léo Moura Já pensa no tri do mengão: Eu sou pé quente	Capa	90	11,7
	Violência	Rio	Civil prende dois ladrões que agiam na zona norte	Capa	25	3,6
	Publicidade	Priv	Anunciante: Dafra consórcios	Capa	21	2,7

Página 3: (Ocupa toda a página, com fotos dos policiais e da vítima) (Violência Rio)

- Reação a crime brutal: Caçada aos assassinos de enfermeira grávida
- Mais de 100 policiais estiveram ontem no Jacarezinho à procura dos monstros
- Marido da vítima não conseguiu descrever o rosto de bandidos

Página 7: 100% Violência Rio

(408 cm² = 53,3% da página)

- Civil põe dois na tranca: Planejavam voltar ao local de um dos crimes
- Policiais caçam dupla acusada de assaltar joalheria e tocar o terror na zona norte

Quadro “rapidinhas” (229,5 cm² = 30% da página)

- Preso com fuzil na CDD
- Tentou roubar PM e levou tiro
- Rodaram após perseguição
- Combate à pirataria

Página 8:

Assalto ao império (190 cm² = 24,8% da página)

- Quadra da escola foi invadida
- Ladrões roubam cofre de 500 quilos

Arcebispo é contra a violência (90 cm² = 11,7% da página)

Publicidade Óticas do Povo: (412,5 cm² = 53,9% da página)

***Pelo conteúdo da página se percebe quais são os destaques principais, as coisas mais importante para os editores do jornal: em primeiro a publicidade, em segundo a violência.**

Página 12: Seção de cartas ‘Voz do povo’

Descrição da seção: “Ache o amor da sua vida, procure pessoas desaparecidas, aumente seus conhecimentos, cobre dos políticos, faça valer”

Boca no trombone: (mini entrevista com o leitor)

- Qual o maior problema da sua cidade?

R. Buracos nas ruas

8 cartas publicadas. Destas, se referiam à cidade do Rio de Janeiro e/ ou violência:

- Secretaria vai ver buraqueira de perto
- Saneamento à espera de verbas
- Rotina de assaltos logo pela manhã (Trindade, São Gonçalo)
- Nada de obras em Caxias
- Via movimentada em péssimo estado
- Escuridão só ajuda bandidos

Autopublicidade (Meia hora) = 115 cm²

Página 14: 100% autopublicidade

Página 21:

- Mato e lama em Nova Iguaçu
- Viagem de parentes (sobre deputados) – VS Brasil

- Menina morreu vítima de botulismo
- Acidente mata sete pessoas (Santa Catarina)

Página 24:

- Mulher acusou o presidente do Paraguai de ser pai do seu filho – VS exterior
- Invadiu banheira
- Leilão de Privada
- Máquina não acusava saque – Casal britânico preso por causa de falha no caixa eletrônico

(Esta matéria, com fotos, ocupando 28% da página, é uma reprodução do jornal “Mail online”, ou seja, nem têm mais a competência de fazer as próprias reportagens, copiando de outros).

Página 28:

- Outra Mulher na vida de Bahuan
*(Mas quem é Bahuan?!? Descobre-se depois que é uma personagem de uma novela do grupo rival, O Globo) A “notícia” ocupa 50% da página, 382,5 cm².
* os outros 50% são ocupados por publicidade:

Página 29 e 30 100% dedicadas a fofocas sobre vida de famosos e artistas.

Resumo da cobertura sobre a cidade nesta edição: A “caçada” aos assassinos da enfermeira grávida recebeu o maior destaque. Houve a tentativa de sentimentalizar o fato, apelando para a sensibilidade dos leitores, com declarações sobre as semelhanças físicas entre a mãe morta e a criança salva. O mais estranho é que a notícia sobre assassinato convive morbidamente com notícias esdrúxulas como “Roberto Carlos dança funk” e “Morenaça do BBB vira musa da nação”. O citado assassinato foi notícia em edição anterior, e os “100 policiais” não prenderam os acusados, ou pelo menos o jornal não diz que houve prisão. Há ainda uma notícia sobre policiais procurando acusados (pg 7), o que deveria ser apenas rotina policial, não destaque de jornal. Outra “notícia”: “Arcebispo é contra a violência”. O surpreendente seria se o clérigo fosse a favor da violência. As notícias então, são:

- Ferido em tentativa de assalto
- Prisão por porte ilegal de arma em favela
- Prisão de dois assaltantes
- Prisão após perseguição policial
- Furto de cofre em Escola de Samba
- Apreensão de produtos falsificados ou ilegais - “pirataria”

*** Nenhum assassinato, portanto. Muito estranho para uma cidade “tão violenta”.**

Meia Hora de Notícias, [sexta-feira, 14/08/2009](#)

Na CAPA, muita violência, mas nada sobre a cidade do Rio de Janeiro:

- Fiel é executado em igreja evangélica (em letras grandes – Na legenda da foto, em letras minúsculas: “Templo em Caxias estava lotado na hora do crime”)
- Matou a família com faca e martelo (Outra vez, em letras grandes, com foto das vítimas e das “armas”. Já o local , em legenda, letras pequenas: “Monstruosidade em São Gonçalo”)
- Menina morre ao fazer chapinha (Pernambuco)
- Morena do pó 'deu' o serviço na Coréia (Favela da zona oeste da cidade)
- Autopublicidade: Bonecas divertidas

Caderno “polícia” p. 3 a 10:

P. 4 “Voz do povo” (cartas – 5/10 sobre a cidade):

- Escuridão em Bangú (zona oeste da cidade)
- Estacionamento irregular em Jacarépaguá (idem)
- Escuridão em Honório Gurgel (idem)
- Funk alto na Cidade de Deus (favela da zona oeste)
- Aprovados em concurso não foram chamados

P. 5 (Violência Rio)

- Bandidos tinham até 'viatura': Sururu na zona oeste – Operação da Polícia Civil em Senador Camará terminou com adolescente morto (Ocupa 80% da página, o restante é um anúncio da Unimed – plano de saúde)
- Morena do pó entregou

P. 6

- Bandidagem exigente (Santa Terezinha do Itaipú – Paraná)
- 'Serviço de atendimento ao cliente' do crime: Traficante do Rio devolve dois fuzis para armeiro do Paraguai porque não gostou das peças – PF investiga origem do material
- Civil 'estoura' duas clínicas de aborto: Uma delas tinha até passagem secreta – Um médico foi preso em flagrante e mais de 30 pessoas foram detidas na operação (Botafogo – zona sul da cidade)

P. 7

- PM's presos por 'depenar carros': Que vergonha! Veículo havia sido abandonado por assaltantes (Botafogo, zona sul da cidade)
- Assaltante vai em cana (São João de Meriti)
- Jogatina leva 30 para a gaiola (Volta Redonda)
- Bicho pegou na coruja (drogas e prisões em São Gonçalo)
- Granada na avenida Brasil (Santíssimo – zona oeste da cidade)
- Investigação sobre escolta (sobre a fuga de um detento de um presídio. Sem indicação de local)

P. 8

- Cerco a milícias aperta: Deputados discutem projeto que incluiria envolvimento com bandos no código penal (Ocupa meia página. A outra metade é dedicada a um anúncio da imobiliária 'Tenda')

P. 9: 100% publicidade supermercados Wal – Mart

P. 10

– Fiel é executado durante culto em igreja de Caxias: Templo estava lotado quando homem encapuzado deu três tiros na vítima

P. 11: 100% publicidade Casas Bahia

P. 12: “Balanço geral” (espaço assinado por Wagner Montes, apresentador de TV e candidato político)

- Fique ligado para não ser alvo de saidinha de banco
- Árvores vão ser podadas (Cachambi – zona norte da cidade)
- Pedágios mais caros
- Policiamento lá do alto (Inauguração de cabines da PM no elevador Paulo de Frontin – zona norte)
- Falta de luz em Curicica (Jacarépaguá – zona oeste)
- Falta de Luz em Cachambi (zona norte)
- Buraco em Nilópolis
- Falta asfalto e calçamento em Belford Roxo

P. 13: 100% publicidade Vivo telefonia

P. 14 – caderno “Saúde” (70% da página – anúncios de planos de saúde)

– Gripe suína: taxistas devem ficar atentos: Alguns já estão usando máscaras como proteção

P. 23: 100% publicidade: bonecas divertidas

P. 25

- Brasileira morreu na Argentina quando andava de quadriciclo (Acidente, Exterior)
- Dica do motoboy: Cuidado com assaltos na rua Ricardo Machado, em Benfica (Risco Rio)
- Chapinha foi fatal: Vítima tinha 12 anos – Levou choque ao alisar o cabelo (Pernambuco)
- Lei seca: Vereador é punido (Copacabana)
- Políticos não dão exemplo: Estudo feito por ONG aponta que 40% dos políticos brasileiros responde ou já respondeu a processo (Violência Simbólica Brasil)
- Bebê prematuro não resistiu: Quase foi enterrado após o parto (Goiás)

P. 26: toda dedicada à publicidade: MG cred empréstimos.

Além dessa página, 50% da página 28 + 100% da página 36 (a última da edição.
Normalmente um único anúncio de página inteira)

Resumo da edição: Muita violência, mas em outros lugares (que estranhamente o jornal não estampa em letras grandes. Talvez um ato em Duque de Caxias ou em Pernambuco não atraia tanto o interesse quanto se ocorrido na Avenida Rio Branco, centro da cidade do Rio de Janeiro. Diante da ausência de fatos chocantes na cidade, preferiram destacar os fatos

“monstruosos” ocorridos acolá. Uma “hierarquização do espaço físico”. Os FATOS noticiados na cidade:

- 1 assassinato em operação policial em favela na zona oeste (Violência Rio)
 - Descobertas 2 clínicas de Aborto em Botafogo (Violência Rio)
 - 2 policiais presos por roubar carro em Botafogo (Violência Rio)
 - Apreensão de 1 granada em Santíssimo, na Av. Brasil (Violência Rio)
- Novamente, em nosso entendimento, nada que justifique o status de cidade violenta.

Meia Hora, [terça, 18/08/2009](#)

Análise de matérias envolvendo a cidade de São Sebastião

CAPA:

- Preso na casa da mulher, em Nova Iguaçu: Chefão das antigas tinha virado consultor da ADA Civil dá fim às trapalhadas do Zaca do Dona Marta – Terror do Rio na década de 80 diz que agora é pedreiro, mas polícia afirma que ele era 'conselheiro' do traficante Nem, da Rocinha
- Vila da Penha: Bombeiro é executado
- Sedutor roda: Golpista que fazia a limpa nas namoradas vai em cana (**Leblon, zona sul da cidade**)

P. 3 – Caderno Polícia

- **A notícia principal, de capa, sobre um 'traficante que aterrorizou botafogo nos anos 80' ocupa toda a página**

P. 4

- **A página 4 é composta de: 50% publicidade, e 50% a notícia sobre o 'golpista sedutor', preso.**

P. 5

- 100% publicidade Casas Bahia

P. 6

- Pode ter matado funcionário do IBGE: Assaltante é preso por PM's – Ele é suspeito de crime em Benfica (zona norte da cidade)

P. 7

- PM's prenderam ontem na favela do barbante, em Campo Grande, três homens armados
- Execução na Vila da Penha: Sargento bombeiro é fuzilado – Militar, que estava cedido à polícia civil, foi assassinado na noite de domingo *
- Dupla de 171 no xilindró: Presos com cartões bancários clonados (**Ipanema**)
- Assaltante tá em cana (**Favela da maré**)
- Erva a rodo na Brasil: Apreendidos 385 quilos de maconha numa van (**Acari, norte da cidade**)

P. 9

- Empresário morto em 2004: Cinco PM's expulsos – Eles foram acusados de roubo e extorsão mediante sequestro
- Sargento é sepultado: Mais de 300 pessoas foram ao enterro do sargento PM Anderson Corrêa da Silva. Ele foi morto por bandidos na Rio – Petrópolis domingo

P. 10 e 11 – Publicidade e fofocas

P. 12 – Seção de cartas “Voz do povo”

Total de nove cartas publicadas. Destas, apenas três fazem referência à cidade de São Sebastião:

- O transporte público no Rio de Janeiro é precário (Santa Teresa)
- Esgoto vazando há duas semanas (Tijuca)
- Secretaria fará vistoria em Bangú

P. 21

- Bondes de Santa Tereza: Prefeitura vai assumir

P. 24

- Na volta às aulas, novos hábitos: Colégios se armam contra o vírus da gripe suína

* A notícia é dúbia: “Moradores assustados – A morte do sargento bombeiro é mais um episódio de violência que assusta os moradores da Vila da Penha, considerado um dos bairros mais tranquilos do subúrbio [...] Os moradores reclamam que há poucos policiais no bairro”.

Resumo desta edição:

- 1 assassinato (de um bombeiro, na Vila da Penha)
- 4 prisões
- 1 apreensão de drogas (favela em Acari)

Novamente, nada, em nossa opinião, que justifique a má fama atribuída à cidade.

Meia Hora de Notícias, [quarta – feira, 19 de agosto de 2009](#)

Total de páginas: 32 (incluindo classificados, esportes, etc)

Páginas de “notícias”: 24

Cadernos “Polícia” + “Geral”: p. 3 a 8

(não há caderno Rio)

Tabela 23. Capa do jornal Meia Hora, quarta-feira, 19/08/2009:

Jornal	Categoria	Local/ Tipo	Notícia	pág
Meia Hora	Violência	Rio	Pai e filha ficam mais de cinco horas reféns de traficantes na favela do aço	capa
Meia Hora	Violência	Rio	Bope faz barba, cabelo e bigode: No Jacarezinho, mata chefão e apreende crack a rodo. Em Santa Cruz, acaba com a farra de sequestradores	capa
Meia Hora	Violência	Rio	No Rebu: Africano do TCP é preso	capa
Meia Hora	Fofoca		Vivi revela: Não dou moleza ao Radamés. Tem que treinar na cama também	capa
Meia Hora	Publicidade	Auto	Amanhã tem nova cartela: Coleção Bonecas Duvertidas – Só 4 selos + R\$8,00 = 1 boneca	capa
-----	-----	-----	-----	-----
Meia Hora	Utilidade	Rio	Será inaugurada hoje a linha de ônibus E-04, com o trajeto Cosmos – Largo da Carioca. Tarifa R\$4,80	2
Meia Hora	Violência	Rio	Terror na favela do aço: Traficantes fazem dois reféns em Santa Cruz Marginais invadem casa para escapar de PM's e só se rendem depois de cinco horas *	Toda a pág 3
Meia Hora	Violência	Rio	Dois homens foram presos por PM's após roubarem um carro no Leblon, ontem à noite (na zona sul da cidade)	4
Meia Hora	Violência	Rio	Seis horas de operação: BOPE engole o Jacaré (favela do jacarezinho – zona norte da cidade) Tropa de elite apreende crack a rodo e manda gerentão do tráfico pra vala (fotos de policiais armados e drogas) **	4
Meia Hora	Publicidade	Privada	Casas Bahia (toda a página)	5
Meia Hora	Violência	Rio	Angolano preso pela PM no Rebu (Bangu – zona norte da cidade) Tem gringo no TCP Ele é suspeito de ensinar táticas de guerrilha a traficantes ***	6
Meia Hora	Violência	Rio	Cheio de pó no estômago (Copacabana – zona sul da cidade) #	6
Meia Hora	Violência	Rio	Roubo a carreta dos correios (Irajá – zona norte) Quadrilha leva toda a correspondência	6
Meia Hora	publicidade	Privada	Vários anunciantes (bonecas, televisão Sky, Aparelhos para surdez) (toda a página)	7
Meia Hora	Violência	Rio	Everton Fernandes foi preso ontem, no morro do engenho da rainha, com pistola e cocaína (Costa Barros – zona norte da cidade)	8
Meia Hora	Violência	Brasil	Militar é executado ao passar por falsa blitz: Fuzileiro Naval que estava no mesmo carro leva tiro nas costas (Duque de Caxias)	8
Meia Hora	Violência	Brasil	Um safado está foragido: cinco sequestradores em cana Bando é pego depois de render motorista de van escolar em São João de Meriti	8
Meia	Violência	Rio	Idoso é baleado: Um idoso foi baleado na barriga durante um assalto	8

Hora			ontem à tarde no centro do Rio	
			CADERNO “GERAL”	
Meia Hora	Política	Rio	PAC no Rio e em Nova Iguaçu Lula inaugura obras Voz do Povo	9
Meia Hora	Seção de Cartas	Várias	- Lixo em São João de Meriti (VS - Brasil) - Escuridão em Realengo (VS - Brasil) - Vazamentos de Água em Rocha Miranda (VS-RIO) - Buracos no asfalto em Marechal Hermes (VS-RIO) - Concurso para prefeitura do Rio (RIO) - Iluminação restabelecida na Vila da Penha (RIO) - Risco de acidentes em ônibus sem manutenção (Bangu – RIO) - Rua sem saneamento (Nova Iguaçu)	10

Como o espaço era pequeno para tantos anunciantes, na página seguinte, mais um anúncio de meia página foi estampado: “Saúde você encontra aqui”. Por 'aqui', entenda-se os anunciantes: Amil, Unimed e Assim (planos de Saúde).

Resumo da edição: Mais uma vez, nenhum assassinato foi noticiado em terras cariocas.

- 1 ferido em tentativa de assalto no centro da cidade (Violência Rio)
- 2 reféns em operação policial em favela de Santa Cruz, zona oeste da cidade (Violência Rio)
- Apreensão de drogas na favela do Jacarezinho (periferia, zona norte) (Violência Rio)
- 2 presos, ambos em favelas e ligados ao narcotráfico (Violência Rio)
- Homem preso em hospital com droga no estômago (Violência Rio)
- 1 roubo de carga (Violência Rio)

Meia Hora de Notícias, [quarta-feira, 26/08/2009](#)

CAPA:

- Muita Crueldade: criança de três anos é espancada até a morte por padastro – Mãe da vítima acusa monstro de ter dado surra na enteada só porque menina não foi ao banheiro. E depois, covardão ficou de papo com os amigos, na maior tranquilidade (Volta Redonda)
- Aloísio Chulapa sai de campo de ambulância na vitória do Vasco
- Fla-flu de hoje pela copa sulamericana é pra valer
- Solta o som, DJ: Funk pode virar patrimônio cultural
- Doente, Silvio Santos cancela festa de aniversário do SBT: Patrão tem que ficar quietinho
- Jackeline Petkovic respira por aparelhos: apresentadora luta pela vida após acidente
- Autopublicidade: Meia Hora motor e Bonecas divertidas

* De todas as notícias da capa, apenas os esportes e o “funk” referem-se diretamente à cidade de São Sebastião. As demais são de outros lugares: assassinato de menor em Volta Redonda, apresentadora de TV acidentada e Silvio Santos doente (ambas em São Paulo).

P 3:

- Desfalque no tráfico da zona oeste: Armeiro do tráfico do fumacê vai pra tranca – Ex-paraquedista do Exército tinha fuzil e colete das forças (sic) armadas escondidos (**favela em Realengo**)
- BOPE captura três na Vintém (favela zona norte)

P 4

- Monstruosidade em Volta Redonda: Paddock mata criança – Covarde é acusado de espancar enteada de 3 anos até a morte
- Traficantes no Xilindró (**três jovens presos com drogas em Rio das Ostras – Região dos Lagos**)
- 50% da página: publicidade

P 5: 100% publicidade Casas Bahia

P 6:

- Pega um, pega geral: CORE mata um no centro do Rio

P 7: (**70% da página - Autopublicidade**)

- Jacky luta pela vida: Filho dela escapou sem ferimentos (sobre acidente envolvendo apresentadora em São Paulo)

P 8:

- 80% da página: publicidade – Alpha Games & Planos de Saúde diversos
- R\$ 125 mil causaram chacina (**no sábado, 4 dias antes, em Guaratiba, zona oeste da cidade**)
- Mulher é libertada de cativo (**Duque de Caxias**)
- Luis Cláudio da Silva foi preso segunda-feira, acusado de matar um homem em Seropédica

P 9:

- Homem foi morto em tiroteio com PM's ontem de madrugada, em Gramacho, Duque de Caxias
- Combate ao tráfico: fim da feirinha – prefeito anuncia que vai acabar com a 'cracolândia' no acesso às favelas do lixão e vila ideal em Caxias
- Trio ataca em ônibus na Maré: vítimas são empregados da Petrobrás – mais de 20 pessoas foram assaltadas (**favela da maré, zona norte da cidade**)

P 10: Seção de cartas “Voz do Povo”

4/9 cartas fazem referência direta à cidade de São Sebastião:

- Bairro da Ilha praticamente isolado (sobre falta de ônibus)
- Não conte com esse busão no domingo (sobre falta de ônibus)
- Mais polícia e luz em ruas da Penha (pedido de melhorias em favela da Penha)
- Travessos do mal tocam o terror (travestis ameaçam terrestres em Bangu – zona oeste)
- “Qual o maior problema da cidade?” R. Falta de segurança. Minha filha foi assaltada 3 vezes em um ano

P 11: “Balanço Geral”

- Toda a página, assinada por Wagner Montes, traz reclamações de moradores sobre falta de iluminação (Santa Cruz, Cordovil e Benfica) e de esgotos em Vila Isabel.

Resumo do Rio de Janeiro nesta edição:

- 1 assassinato, em confronto com a polícia (Violência Rio)
- 4 prisões todas em favelas e associadas ao narcotráfico (Violência Rio)
- 1 assalto a ônibus em favela da zona norte (Violência Rio)

Por mais que evitemos ser repetitivos: apenas 1 assassinato, e mesmo assim ao reagir à polícia, numa cidade com milhões de habitantes. Seria motivo para ser tida como cidade violenta?

Pesquisa Jornal O Globo

O Globo, [quinta-feira, 24/01/2008](#)

CAPA:

- Desmatamento é recorde após três anos de queda: Governo atribui devastação na Amazônia à estiagem e à alta de preço da carne e da soja (Violência Simbólica Brasil)
- PM's da cerveja presos já são cinco: Corregedoria Geral Unificada investigará infrações mais graves cometidas por policiais militares * (Violência Simbólica Rio)

SP acaba com firma reconhecida

- Pacote de Bush vai dobrar o déficit
- 'A crise me deixa de orelha em pé' (Crise - Brasil)
- Comlurb 'boicota' IPTU (Violência Simbólica Rio)
- Jockey é o que mais polui Lagoa (Violência Simbólica Rio)
- Jobim rejeita a privatização do Galeão
- Lula compara Ministério à Santa Ceia
- Governo Bush: 935 mentiras em dois anos

Resumo: Publicadas 10 notícias na capa. Destas, apenas 4 se referiam diretamente à cidade de São Sebastião: Sendo 3 das 4 sobre violência simbólica na cidade: Uma sobre desvio de comportamento de policiais, uma sobre poluição na Lagoa Rodrigo de Freitas, cartão postal da cidade, e outra sobre irregularidades na Companhia de Limpeza Urbana (Comlurb).

* A única matéria desta capa ilustrada com fotografia, a notícia sobre policiais acusados de saquear um caminhão de bebidas no Méier (zona norte da cidade), é destacada, tanto pela centralidade em relação às demais matérias, quanto pela imagem, que mostra um

policial militar fardado (O comandante do batalhão do Méier) em posição de sentido, prestando continência à um civil de terno e gravata (Identificado na legenda como o secretário de segurança pública do Estado do RJ). Percebe-se a intenção de transmitir ao público leitor do jornal a imagem de uma polícia envergonhada, porém submetida à sociedade civil, na figura do secretário à paisana.

O Globo, sábado, 24/05/2008

CAPA:

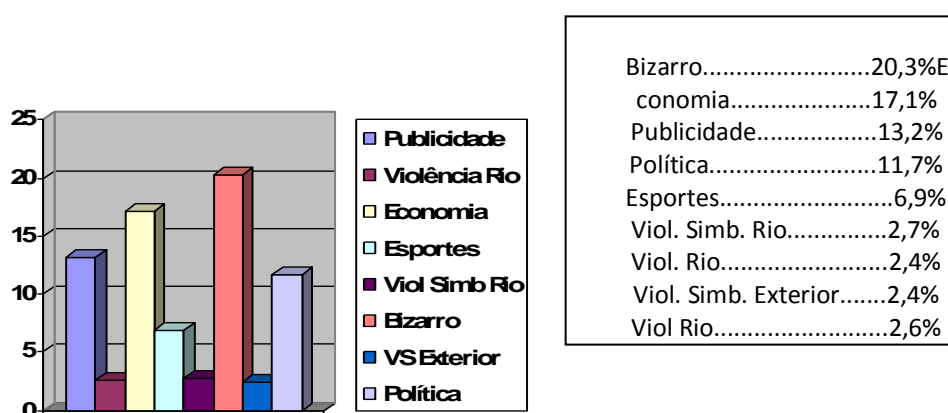


Gráfico 18. Jornal O Globo 24/05/2008

Tabela 24. Capa do jornal O Globo, sábado, 24/05/2008:

Jornal	Categoria	Local	NOTÍCIA	página	Área (cm ²)	%
O Globo	Economia	Brasil	Bancos reagem ao acordo para venda da Nossa Caixa. - Instituições cobram transparência no acerto entre Lula e Serra.	capa	11x24,5	17,1
O Globo	Bizarro	RIO	Dois irmãos com cara de vulcão	capa	16x 20	20,3
O Globo	Esportes	Exterior	Outro Senna faz a festa em Mônaco	capa	7,5x14,5	6,9
O Globo	Publicidade	privada	Revista da TV	capa	7 x 19,5	8,6
O Globo	Publicidade	privada	Seções internas do jornal	capa	7,5x 9,5	4,6
O Globo	Política	Brasil	Charge de senador falecido	capa	9,5x 9,5	5,7
O Globo	Política	Brasil	Obituário: senador Jefferson Perez morre aos 76 anos	capa	5 x 3,5	1,2
O Globo	Violência Simbólica	Exterior	Políticos de três países teriam laços com FARC	capa	5 x 7,5	2,4

O Globo	VS Rio	RIO	Um ano de bueiro entupido	capa	5 x 8,5	2,7
O Globo	Política	Exterior	Obama: Brasil é exemplo no continente	capa	5 x 7,5	2,4
O Globo	Violência	Exterior	Paraguai: Mais 2 brasileiros são atacados	capa	5 x 6,5	2,1
O Globo	Violência	RIO	Tráfico se expande na rocinha	capa	5 x 8	2,6
O Globo	Política	Exterior	União de países sul – americanos já nasce fraca	capa	5 x 7,5	2,4

O Globo, sábado, 24/05/08: conteúdo p 2 a 20

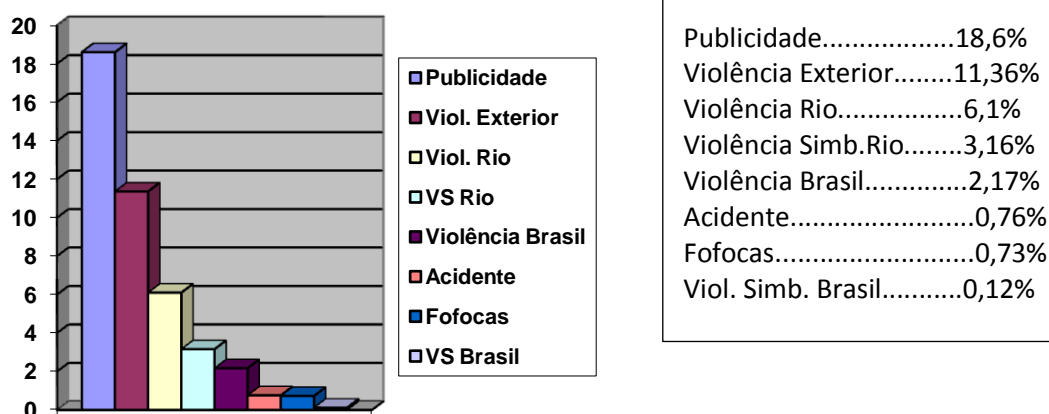


Gráfico 19. Matérias internas do jornal O Globo, 24/05/2008

Tabela 25. Matérias internas do jornal O Globo, sábado, 24/05/2008:

JORNAL	Categoria	Local	NOTÍCIA	pág	Área (cm ²)	%
O Globo	Violência	Exterior	(foto): Pessoas saqueando loja na África do Sul (Não há legenda. Somente ao ler o texto se descobre onde ocorreu)	2	20 x 17	11,36 %
O Globo	Violência Simbólica	RIO	O lugar mais perigoso do Rio - A porta de um hospital: a entrada da morte	2	20 x 21	1,4%
O Globo	Violência	Brasil	Presidente do STF defende punição para índio agressor	2	4 x 6,5	0,06%
O Globo	Violência	Brasil	Relatório da polícia federal mostra pagamento a	2	4 x 6,5	0,06%

	Simbólica		Paulinho			
O Globo	Violência	RIO	Bandidos atacam e acesso à ponte e fogem para o Rio	2	4 x 6,5	0,06%
O Globo	Violência Simbólica	RIO	Secretária apelará à justiça para retirar álcool de garagem	2	4 x 6,5	0,06%
O Globo	Violência	Brasil	Coluna “Panorama político” título: “Sem memória” “Um padre e um dirigente do CIMI no Xingú compraram os facões usados por índios para agredir um engenheiro da Eletrobrás”.	2	2,5 x 9,5	0,08%
O Globo	Publicidade	privada	Júlio Borgoricin imóveis	5	30 x 52,5	5,26%
O Globo	Violência	RIO	Cartas dos leitores: - Os óculos do poeta (sobre roubo de óculos de estátua, várias cartas sobre o assunto)	6	6 x 49	0,1%
O Globo	Violência	Brasil	Cartas dos leitores: - Nossos índios (sobre ataques aos e de índios)	6	6 x 24	0,5%
O Globo	Publicidade	privada	VIVO celulares	13	30 x 52,5	5,26%
O Globo	Violência	RIO	O longo braço do tráfico - bando da rocinha está por trás de guerra em morros do Leme e ataque à favela de Caxias	13	20 x 11	0,75%
O Globo	Violência	RIO	PM ocupa morros em guerra e acha corpo - Tiros , balas traçantes e explosões de granadas assustaram moradores e turistas no Leme.	13	10 x 30	1%
O Globo	Publicidade	privada	Júlio Borgoricin imóveis	13	10 x 30	1%
O Globo	Violência	RIO	Bandidos voltam a atacar no acesso à ponte - Após roubar carros criminosos fogem para o Rio - Polícia rodoviária vai elaborar plano com PM para impedir ações	15	11 x 30	1%
O Globo	Violência	RIO	Motorista espanca pedestre na Tijuca - Vítima foi agredida com barra de ferro por reclamar de avanço de sinal*	15	11 x 30	1%
O Globo	Violência	RIO	OAB: Ajuda a famílias que acusam PMs de execução - Parentes de vítimas afirmam que as mortes ocorreram durante operações policiais	15	11 x 30	1%
O Globo	Violência	RIO	Preso suspeito de roubar armas - Jovem teria participado de assalto à segurança dos filhos de Sérgio Cabral	15	11 x 20	0,75%
O Globo	Violência	RIO	A cara da morte (foto) : homem não identificado “O homicídio acima não representa a totalidade dos casos de ontem (...) O Rio registra em média 17 assassinatos por dia. Envie sua informação sobre homicídio para caradamorte@globo.com.br ”#	15	6 x 10	0,2%
O Globo	Violência	RIO	Calçados roubados	15	5 x 5	0,08%
O Globo	Violência	RIO	Presos em Grumari	15	5 x 5	0,08%

O Globo	Publicidade	privada	Shopping Matriz	15	20 x 12	0,8%
O Globo	Violência	RIO	Coluna Anselmo Góis: Ladrão solitário (sobre assalto em ônibus)	16	5 x 5	0,08%
O Globo	Publicidade	privada	VW: apaixonada pelo Rio como você Se o Rio é uma cidade sem comparação , resolvemos fazer o mesmo com os nossos preços	16	11 x 30	1%
O Globo	Violência Simbólica	RIO	Secretária recorrerá à justiça para retirar de terreno tanques de álcool - Marilene Ramos inspeciona carcaças e diz que elas são ameaça a moradores	16	19 x 15	0,1%
O Globo	Violência Simbólica	RIO	Manifestação lembra um ano de bueiro entupido - Moradores e comerciantes do centro cortam bolo, cantam parabéns e cobram providências das autoridades	16	16 x 30	1,6%
O Globo	Acidente	RIO	Acidente deixa 2 mortos e 11 feridos - ônibus bate em caminhão em Parada de Lucas; Na Rio - Teresópolis, motorista morre	16	20 x 11,5	0,76%
O Globo	Fofoca	RIO	Fãs tumultuam enterro do pai de Romário - Pelo menos cinco tampas de sepulturas foram quebradas por quem procurava ver ex-jogador	16	10 x 22	0,73%
O Globo	Violência	Brasil	Casal de índios é ferido a tiros no Maranhão - CIMI, que denunciou o atentado , suspeita que os Guarajaras tenham sido vítimas de um grupo de extermínio	16	30 x 12	1,2%
O Globo	Violência	Brasil	Prefeito diz que pede a traficantes distância de escolas - Em Teresina, Silvio Mendes diz que tenta proteger jovens	16	5 x 20	0,33%
O Globo	Publicidade	privada	Empreendimento imobiliário	20	30 x 52,5	5,26%

*No texto a reportagem é dúbia: primeiro diz que a vítima é um pedreiro, depois afirma que “seria um funcionário da Fundação Getúlio Vargas”.

A ligação forçada: Na reportagem são citados outros crimes ocorridos no trânsito, algumas do ano anterior, sem conexão alguma com o fato em questão.

Querem que o leitor faça seu trabalho sujo, sem lhes pagar salário. Lembra de certa forma o “disque denúncia” e “the collector” (série televisiva baseada em filme clássico).

O Globo, segunda-feira, 15/09/2008

Notícias da CAPA:

- Um domingo terrível para os cariocas: Vasco faz companhia ao Flu na zona de rebaixamento. Botafogo e Fla também são derrotados. (Esportes)
- O mais novo vencedor da Fórmula 1 (Esportes)
- Jobim ignora grampos na área militar (VS Brasil)

- Mercado aposta em falência de bancos dos EUA (Economia)
- Segundo caderno: Na batida do Perc Pan
- Poder Paralelo faz TRE pedir tropas para 2º turno no Rio: Após sobrevôo em favelas desembargador diz que situação é apavorante
- Pressão contra golpe na Bolívia: Sul-americanos devem adotar cláusula que isola ditaduras
- *Charge*: “Altos e baixos” - O presidente “Lula” “voando” sobre o técnico da seleção “Dunga”

Das oito notícias da capa, três fazem referência direta à cidade de São Sebastião:

- A manchete principal da capa, exibe a foto de um tanque do exército em primeiro plano e soldados retirando propaganda política irregular. Ocupa 30% da área de capa e se comunica diretamente com a matéria sobre a Bolívia, pela similaridade visual: Um soldado boliviano entrincheirado aponta um rifle na direção da câmera.

- Uma notícia sobre esportes “Domingo terrível para os cariocas”.
- Chamada para o caderno de entretenimento sobre atração musical

* O destaque maior, no que tange às representações sobre a cidade, foi dado à presença de tropas federais na cidade, supostamente para garantir a ordem durante as eleições. Na manchete são citadas várias palavras que remetem ao discurso do medo: Militares, ocupação, favela, áreas ocupadas, Forças Armadas, armados.

O Globo, [domingo, 05/04/2009](http://www.globo.com)

Notícias da CAPA:

- **Tráfico controla até rede de prostituição infantil no Rio:** Grupo de aliciadores, que conta com policiais corruptos, atua em 9 bairros – Um adolescente é detido por policiais civis na Quinta da Boa Vista: O menor disse que vive numa casa vigiada por traficantes armados (**notícia principal da capa, ocupando 40,1% da área total. Centralizada, em letras grandes, ilustrada com foto de policiais e travesti algemado**) - Violência Rio
- Senado infla plano de saúde e oculta gasto (Violência Simbólica Brasil) (5x9 cm)
- Maioria aprova choque de ordem no Rio (Choque de Ordem – Rio) (5x9 cm)
- Nova classe média quer manter gastos (Crise econômica - Risco – Rio) (5x9 cm)
- Pesquisa: No Rio, 33% vão cortar pessoal (Crise econômica - Risco – Rio) (3x5 cm)
- Crédito via SFH está limitado (3x5 cm)
- As 1100 vagas do MEC no Rio (3x5 cm)
- Rodada decide as semifinais da Taça Rio (Esportes) (10x5 cm)
- Alexandre Tadeu Costa – Maria Lúcia Jardim * (13x10 cm)
- Autopublicidade: “Revista” (9x30 cm)
- *Charge* Chico (9x10 cm)

* Ilustrada com fotos das figuras citadas, a chamada de capa não deixa claro de que se trata. O texto que acompanha as imagens apenas exhibe mini relatos biográficos. O homem, Alexandre, é um empresário do ramo de chocolates; A mulher, Maria, vem a ser a “mulher do vice-governador Luiz Fernando de Souza”

De todas as notícias da capa desta edição, 6/9 fazem referência à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Destas, a categoria Violência foi a que teve maior destaque, com mais de 40% da área total. A cidade aparece ainda nas categorias “Choque de ordem” e “Risco”.

O Globo, edição de domingo, [19/04/2009](#)

CAPA

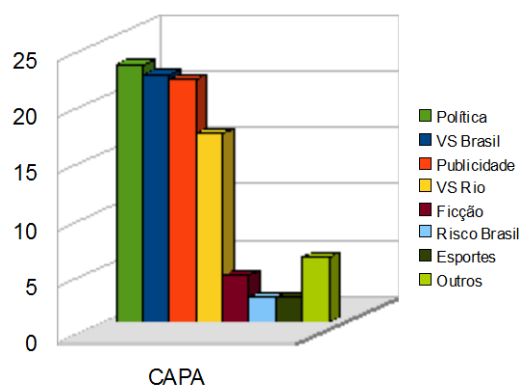


Gráfico 20. Matérias de capa do jornal O Globo, 19/04/2009

Tabela 26. Capa do jornal O Globo, 19/04/2009

Jornal	Categoria	Local/tipo	Notícia	pag	cm	%
Globo	VS Rio	Rio	TCE encontra irregularidades em 70% dos <i>Royalties</i> do Rio - Prefeituras usam recursos para pagar pessoal e até para manter canil	capa	25 x 10,5	16,7
Globo	VS Brasil	ES	O submundo do caixa 2 (sobre desvios de verba do senador Gérson Camata)	capa	30 x 11,5	21,9
Globo	Política	Exterior	Obama ouve reclamações na cúpula	capa	5x 6,5	20,6
Globo	Política	Brasil	Lago põe fim à quartelada e sai do palácio (sobre governador deposto que resistia)	capa	5 x 7	2,2
Globo	Esportes	Rio	Fla tenta impedir título do Botafogo	capa	5 x 7	2,2
Globo	Risco	Brasil	Aquecimento global já mata idosos no país	capa	5 x 7	2,2

Globo	publicid	auto	Revista (com foto de mulher islâmica em banheiro)	capa	13x25	20,6
Globo	publicid	auto	“Morar Bem”: Prédios desistem do gás natural	capa	3x4,5	0,9
Globo	Ficção	Exterior	Um <i>tour</i> pelos cenários reais do seriado <i>Gossip Girl</i> em NY	capa	7 x 9,5	4,2
Globo	Curiosid	Exterior	O Fenômeno Susan Boyle	capa	5x8	2,6
Globo			Charge	capa	9,5x7	3,2

O Globo, 19/04/2009, páginas internas: 2 a 22 (grifos nossos)

Tabela 27. Matérias internas do jornal O Globo, 19/04/2009

O Globo	Risco	Rio	(Sem título) Foto: Mulher com criança no colo e 'guarda' de trânsito. No texto: “12 moradores da Rocinha tentam pôr ordem ao caos e fazem o trabalho da guarda municipal , que alega impossibilidade de trabalhar em área de risco ”	02	18x20	1,04
O Globo	VS Rio	Rio	Teste reprova sistema de guardadores oficiais	02	4 x 7	0,08
O Globo	Violência	Rio	Recreio: 3 assaltos em série e 2 roubos a apartamentos	02	4 x 7	0,08
O Globo	Violência	Rio	Guerra de milícias impõe lei do silêncio na zona oeste	02	4 x 7	0,08
O Globo	VS	Brasil	Confissões de um caixa dois - Homem de confiança do senador Camata por 19 anos denuncia rotina de mesada de empreiteiras e notas frias	03	x 30	4,54
O Globo	VS	Brasil	Nos bastidores da política: Senador diz que agiu na legalidade. - O responsável pelas finanças: Camata contesta denúncias e afirma que seu ex-assessor está perturbado	04	x 52,5	3,03
O Globo	VS		Seção de cartas – assuntos vários: - O poeta em paz (roubo de óculos de estátua) – VS Rio - Brasil de contrastes (impunidade de políticos – VS Brasil - Máquina cara (má administração pública) - VS Brasil - Choque de ordem (ocupação indevida de praia) VS Rio - Indústria da multa (multas de trânsito) – VS Rio - Perigo do agrotóxico (comida venenosa) – VS Rio	06	5 x 5 5 x 5 6 x 5 5 x 5 18,5x5 10x5	0,07 0,07 0,08 0,07 0,26 0,15
O Globo	Crise		Opinião (Veríssimo): Crise e consequência	07	17x30	1,5
O Globo	Crise		Opinião (Ubaldo) Crise é para quem quer	07	21x30	1,8
O Globo	VS	Brasil	Suplentes buscam vagas de...suplentes - 'Não gastei dinheiro com o Hélio Costa, eu gastei foi comigo! O objetivo era ganhar a eleição' (sobre políticos que se ajudam a se perpetuar no poder)	08	11x30	0,95
O Globo	Publicidade	Privada	Anunciante: lojas Tele Rio	08	26x38	2,85
O Globo	VS	Brasil	Lago desiste da quartelada e deixa o palácio - Ex-governador, cassado, ataca a sucessora, Roseana, e pede união dos partidos de oposição ao governo	09	12x30	1,03
O Globo	Publicidade	privada	Anunciante: lojas Tele Rio	09	26x38	2,85
O Globo	Violência	Rio	A Supervia chicoteou seus jagunços	10	6,5x18	0,33
O Globo	VS	Brasil	Se a viúva bobear, perde R\$250 milhões	10	18x16	0,83
O Globo	Publicidade	auto	O Globo	10	15x15	0,65
O Globo	Publicidade	privada	Abita	10	15x15	0,65
O Globo	Publicidade	privada	Casas Bahia	11	25x39	2,81

O Globo	VS	Brasil	Hospitais públicos do nordeste perdem médicos - Profissionais se demitem alegando salários defasados - Unidades correm risco de fechar e agravam crise na saúde	11	30x12	1,03
O Globo	VS	Brasil	Demissão ameaça sobrevivência do SUS - Pacientes com fratura esperam meses por cirurgia	11	5x39	0,56
O Globo	Violência	Rio de Janeiro	Lei do Silêncio no asfalto - Milicianos em guerra intimidam e matam testemunhas na zona oeste do Rio - Crimes em série - Grupos matam por vingança - Despachante depôs e foi assassinado	12	30x52	4,54
O Globo	Publicidade	privada	Shopping Matriz móveis	12	9x30	0,78
O Globo	Violência Simbólica	Rio de Janeiro	Na Rocinha, solução para o trânsito vem de moradores - Projeto que disciplina tráfego foi criado por mototaxistas - Estrada sediou provas de automobilismo	13	30x39	3,37
O Globo	serviço	Rio	Culto complica tráfego no Flamengo	13	20x7	0,4
O Globo	serviço	Rio	Obituário	13	210	0,6
O Globo	Publicidade	auto	Outras notícias da editoria Rio nas págs 15 a 22	13	4x6	0,7
O Globo	Publicidade	privada	Casa e Vídeo (toda a página)	14	30x52	4,54
O Globo	Violência	Rio	Recreio tem mais de 5 assaltos em pouco mais de 12h - Bandidos saqueiam 2 apartamentos num prédio, mantendo família refém; outra quadrilha faz 3 roubos em série	15	30x12	1,03
O Globo	Violência	Rio	Turnowski elege milícias como alvo principal	15	5x26	0,37
O Globo	Violência	Brasil	Luan Costa, filho de Beira-Mar é preso na Paraíba - Polícia investiga se ele tem ligação com a quadrilha do pai	15	5x15	0,21
O Globo	Publicidade	privada	Casas Bahia	15	25x40	2,9
O Globo	serviço	Vários	Coluna Ancelmo Gois	16	24x30	2,08
O Globo	serviço	Rio	Plantão Judiciário terá agora grupo fixo de juízes a cada quatro meses	16	15x16	0,7
O Globo	Outros	Rio	Um esquadrão do barulho - Exibição de caças da FAB impressiona e assusta cariocas	16	26x15	1,12
O Globo	serviço	Rio	Nota: recorde de frio (sobre madrugada mais fria do ano)	16	5x7	0,1
O Globo	serviço	Brasil	A cidade de Altamira precisa da nossa ajuda	16	10x10	0,3
O Globo	Publicidade	privada	Dívidas com banco (anunciante “ADB”)	16	4x3	0,03
O Globo	serviço	vários	Continuação da coluna Ancelmo Gois	17	10x23	0,66
O Globo	Outros	Brasil	Região dos Lagos ganhará parque estadual formado por 27 áreas verdes	17	20x32	1,85
O Globo	Outros	Brasil	A prancheta de Oscar Niemeyer em Niterói	17	10x17	0,5
O Globo	Publicidade	privada	Vivo telefonia	17	20x20	1,15
O Globo	Publicidade	privada	Ponto Frio (toda a página)	18	30x52	4,54
O Globo	Publicidade	privada	Ponto Frio (toda a página)	19	30x52	4,54
O Globo	serviço	vários	Meteorologia “O tempo no Globo”	20	22x30	1,9
O Globo	Violência	Rio	Praticantes de parapente são vítimas de sequestro – relâmpago: Esportistas foram rendidos enquanto subiam a Estrada das Canoas	20	10x15	0,43
O Globo	Publicidade	privada	Degrau Cultural concursos	20	26x14	1,05

O Globo	Publicidade	privada	Associação Brasileira de Anunciantes - ABA	20	15x20	0,86
O Globo	Publicidade	auto	“Ligue, acesse, assine” O Globo	20	3x15	0,12
Rio tem de flanelinhas a puxadinhos:						
O Globo	Violência Simbólica	Rio de Janeiro	- Teste mostra irregularidades em várias áreas, como flanelinhas que cobram R\$10 por vaga, mesmo na presença de PMs	21	30x42	3,63
- Vagas eram loteadas. Na zona sul, empresa assumirá serviço						
O Globo	Publicidade	privada	Júlio Borgoricin imóveis	21	30x10	0,86
O Globo	serviço	Rio	Curvas da Lagoa inspiram show pirotécnico	22	11x30	0,95
O Globo	Outros	Rio	Mostra discutirá as ruas	22	5x42	0,6
O Globo	Publicidade	privada	Casas Bahia	22	25x42	3,03

Distribuição das matérias internas por categoria:

Publicidade:

$3,03+0,86+0,12+0,86+1,05+4,54+4,54+1,15+0,03+2,9+4,54+0,7+0,78+2,81+0,65+0,65+2,85+2,85= 34,91\%$

Violência Simbólica Brasil: **11,09 %**

Violência Rio: **5,83 %**

Violência Simbólica Rio: **7,63 %**

Risco: **1,04 %**

Serviço: **7,69 %**

Crise: **2,8 %**

Outros: **3,47%**

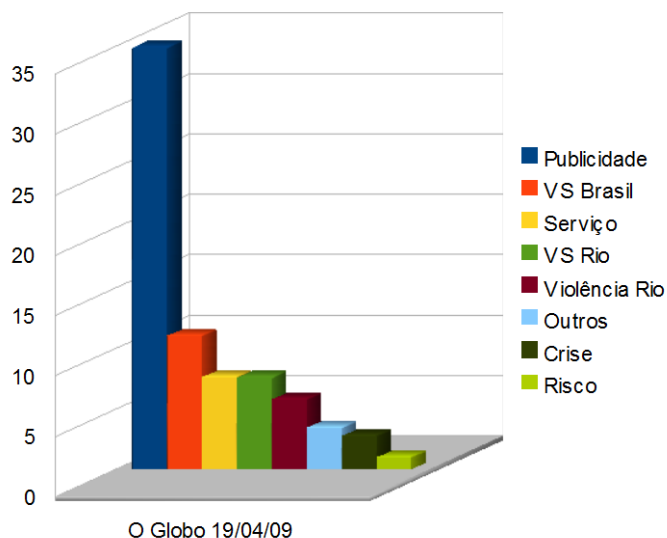


Gráfico 21. Matérias internas do jornal O Globo, 19/04/2009

O Globo, [2ª feira, 20/04/2009](#) CAPA

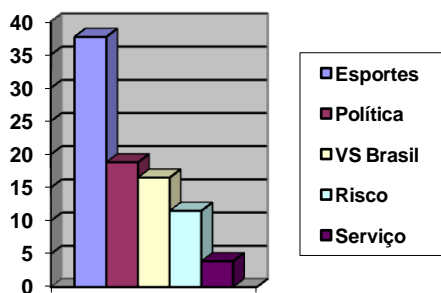


Gráfico 22. Capa do jornal O Globo 20/04/2009

Tabela 28. O Globo capa 20/04/2009

Jornal	Categoria	LOCAL	NOTÍCIA	pág	Área cm ²	%
O Globo	Risco	Brasil	Presidente do BC critica 'otimismo exagerado' Meireles afirma que crise global não foi resolvida e pode levar a novas decepções	capa	181	11,5
O Globo	Esportes	RIO	Fla vai atrás do quinto tricampeonato	capa	595	37,8
O Globo	VS	Brasil	Servidor terceirizado é maioria no senado	capa	86	5,5
O Globo	VS	Brasil	'Trem da Alegria' é fruto de contratos que consomem R\$129 milhões do orçamento	capa	86	5,5
O Globo	VS	Brasil	Câmara: viajou um viajou geral	capa	86	5,5
O Globo	Política	Brasil	Cúpula Marca aproximação com os EUA	capa	36	2,3
O Globo	Política	Exterior	Cuba: Obama cobra democracia	capa	25	1,6
O Globo	Política	Exterior	Charge: Presidentes de países das Américas	capa	100	6,4
O Globo	Política	Exterior	'El Pasodoble': fotos de presidentes Brasil e Argentina	capa	133	8,5
O Globo	Serviço	RIO	Anúncio de seções internas do jornal - Segundo caderno - Revista Digital - Loterias	capa	61	3,9

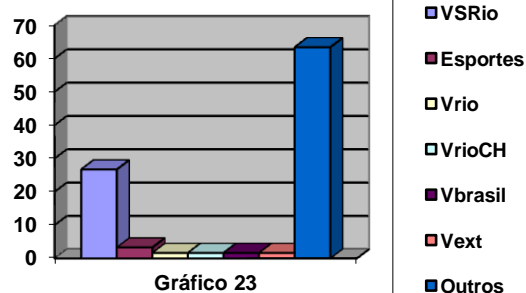
Análise das matérias internas: páginas de 2 a 8 (Cadernos Rio e “O País”)

7 páginas x 1575 cm² = 11025 cm²

Mostraremos os gráficos da distribuição por página e em relação ao total analisado

P 2

V.Simb. Rio (26,7%)
 ESPORTES (3,3%)
 V. Rio (1,65%)
 V. RioCH (1,65%)
 V. Brasil (1,65%)
 V. exterior (1,65%)
 Outros (63,4%)



Matérias da página 2 do jornal O Globo, 20/04/2009

Tabela 29. Matérias da página 2 do jornal O Globo, 20/04/2009

JORNAL	Categoria	Local	NOTÍCIA	pág	Área (cm ²)	%
O Globo	V Rio	RIO	Duas Jovens são mortas em casos de violência gratuita	2	26	0,23
O Globo	<u>V Rio</u> Ch Ord	RIO	Choque de Ordem detém 5 que urinavam no Maracanã	2	26	0,23
O Globo	<u>V Brasil</u>	Brasil	Após confronto , MST bloqueia estrada da fazenda de Dantas	2	26	0,23
O Globo	<u>V exter</u>	Exterior	Brasileiro é condenado nos EUA por abusar sexualmente da filha	2	26	0,23
O Globo	Esportes	Brasil	Florianópolis é tricampeão da superliga masculina de vôlei	2	26	0,23
O Globo	Esportes	Exterior	Sob chuva, Vettel conquista primeira vitória da red bull	2	26	0,23
O Globo	VS	RIO	Por dentro do Globo: (Fotos de Ruas esburacadas) Guardas ferroviários chutam passageiros	2	420	3,8

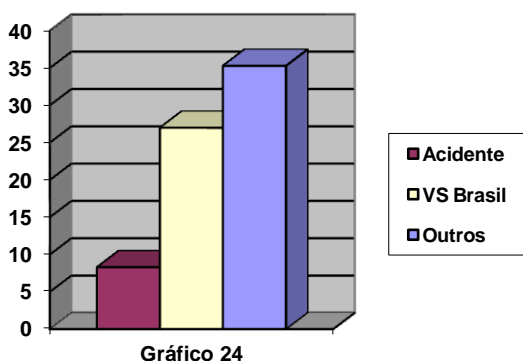
P 3

Caderno “O País” Violência Simbólica (toda a página) = 100%

Tabela 30. Matérias da página 3 do jornal O Globo, 20/04/2009

O Globo	VS	Brasil	trem da alegria terceirizado	Pg 3	30 x 52,5	14,3
			- Senado tem 3516 funcionários contratados por empresas - Líderes também na farra das passagens - Senado paga até o quádruplo do salário			

P 4

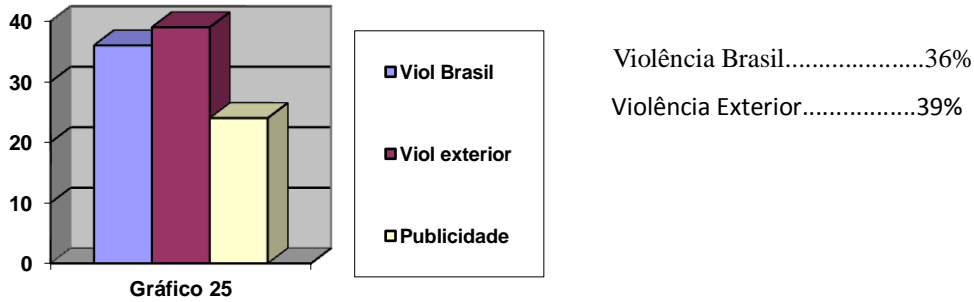
Outros.....560,9 cm² = 35,3 %Violência Simbólica Brasil.....429 cm² = 27%Acidente.....130,5 cm² = 8,3%

Matérias da página 4 do jornal O Globo, 20/04/2009

Tabela 31. Matérias da página 4 do jornal O Globo, 20/04/2009

O Globo	VS	Brasil	Camata diz que vai pedir investigação no Senado	Pg 4	17,5 X 24,5	3,9
O Globo	Acidente	Brasil	Ônibus de turistas argentinos cai em ribanceira em SC e seis morrem	Pg 4	14,5 X 9	1,2

P 5

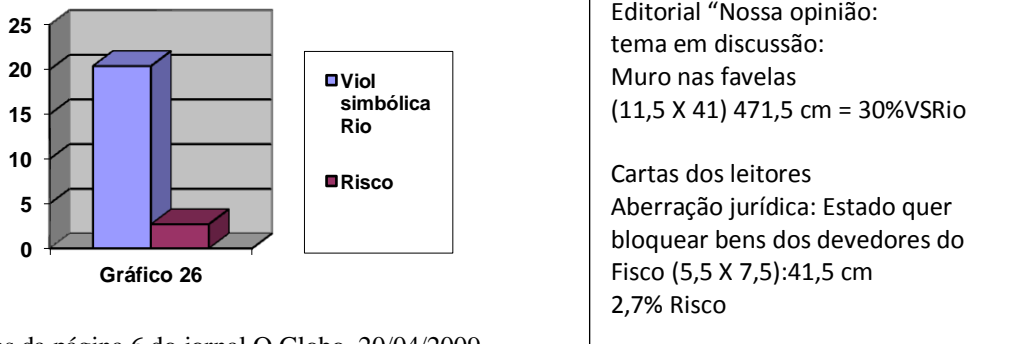


Matérias da página 5 do jornal O Globo, 20/04/2009

Tabela 32. Matérias da página 5 do jornal O Globo, 20/04/2009

O Globo	Violência	Brasil	Após conflito MST fecha acesso a fazenda de Dantas - Jornalistas são liberados e dizem ter sido usados como escudos pelos Sem-terra * - Polícia iniciará desarmamento - Carro é depredado pelos sem-terra. Governo planeja desarmamento - Dois feridos no confronto ainda estão no hospital	5	30 x 13 + 4,5x38	3,5 + 1,55 = 5,05
O Globo	Violência	Exterior	Brasileiro é condenado nos EUA por abusar da filha - Abusos começaram quando a menina tinha seis anos. Pai teve três crianças com a vítima.		17,5 x 35	5,5
O Globo	Publicidade	privada	Etna	5	19 x 20	3,5

P 6



Matérias da página 6 do jornal O Globo, 20/04/2009

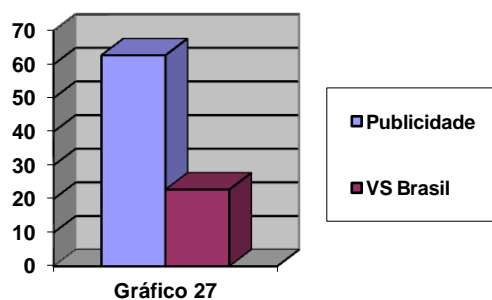
P 7

100% risco

Tabela 33. Matérias da página 7 do jornal O Globo, 20/04/2009

O Globo	Risco	Brasil	Colunas: (chama-se 'coluna', mas ocupam meia- página cada) - Veríssimo: Crise e consequência Ubaldo: Crise é para quem quer	7	16,5 x 30 21 x 30	4,5 5,7
---------	-------	--------	--	---	----------------------	------------

P 8



Matérias da página 8 do jornal O Globo, 20/04/2009

Caderno "O país"

Tabela 34. Matérias da página 8 do jornal O Globo, 20/04/2009

O Globo	VS	Brasil	Suplentes buscam vaga de...Suplentes - 'Não gastei dinheiro com o Hélio Costa, eu gastei foi comigo! O objetivo foi ganhar a eleição', diz Salgado. (sobre políticos que se ajudam a perpetuar-se no poder)	8	12x30	3,26
O Globo	Public	priv	Tele – Rio	8	26x38	8,9

Total matérias internas por categoria:

Violência Simbólica Brasil:
 $3,26 + 3,9 + 14,3 = 27 \%$
 Publicidade: $8,9 + 3,5 = 12,4\%$
 Violência Exterior: $5,5 + 0,23 = 5,73 \%$
 Violência Brasil: $5,05 + 0,23 = 5,28 \%$
 Violência Simbólica Rio = $3,8 \%$
 Acidente Brasil (outros) = $1,2 \%$
 Violência Rio = $0,46 \%$
 Esportes = $0,46 \%$

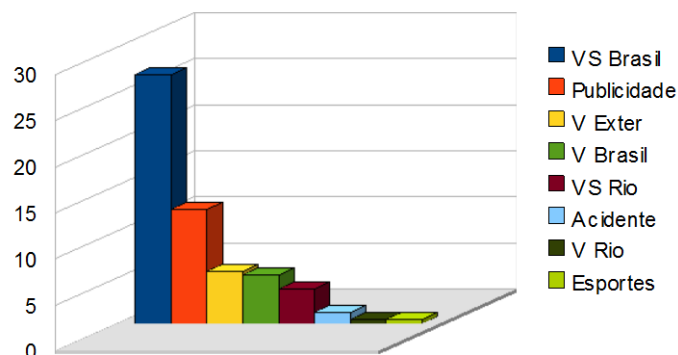


Gráfico 28. Matérias internas do jornal O Globo, 20/04/2009

O Globo, edição de [sexta-feira, 29/05/2009](#)

CAPA:

Notícia principal, ocupando meia página:

“Polícia prende 15 da maior e mais violenta milícia do Rio”.

“Quadrilha chefiada por ex-PM controlava 23 favelas e conjuntos habitacionais”

* Na falta de violência e desgraças ocorridas no RJ, destacam as mais distantes:

“Estouro de Barragem mata 9 no Piauí”

*Essa notícia, com uma foto enorme, ocupa 40% da capa, mais 100% da página 3 (caderno o país), além de 30% da página 4.

nota: Na pág 7, um artigo do reitor da UERJ, Ricardo Vieira Alves, defende a unificação dos vestibulares.

Na mesma página, o artigo “Muros malvistos”, de Luís Garcia, fala sobre a construção de muros para cercar as favelas no Rio de Janeiro.

Toda a página 14 (caderno Rio) é dedicada à violência

“Um golpe no poder paralelo”

“Polícia prende 15 integrantes da maior milícia do Rio, que controlava 25 favelas.

“Ex- PM chefiava a milícia de dentro da prisão”

“Dois advogados também são presos”

“Grupo expulsou tráfico”

“Juiz teria recebido propina para soltar miliciano”

* Com fotos de policiais armados e de armamento apreendido. No fim da página há um aviso aos mais aventureiros e sedentos de sangue: “O Globo na internet: veja mais fotos da operação”

* Um detalhe: O nome do suposto magistrado não é citado. O texto diz apenas que “Um juiz é citado num relatório da Secretaria de Segurança Pública. [...] O magistrado teria recebido R\$300 mil”.

* Já o nome dos “marginais” aparece com todas as letras: “Um dos integrantes da milícia, Fábio Gomes Coutinho, que acabou morto mais tarde, numa disputa interna [...]”

Ainda na página 14, caderno Rio. Outra notícia:

“Presidente de cooperativa de vans é executado”

Consome-se os atos violentos, o que torna o jornal menos “chato”, e como na TV, consome-se a publicidade que financia esses relatos, em fartas doses:

Página 15: toda dedicada à publicidade : Um anúncio da loja “Ricardo Eletro” ocupa 100% da página.

Após o 'intervalo comercial', volta a programação 'emocionante':

Página 16:

“Ladrões roubam dois carros na boca do Rebouças”

“Homicídios aumentaram quase 31% na cidade”

*** A manchete, que se refere aos dados divulgados pelo ISP (Instituto de Segurança Pública), na comparação entre fevereiro/2008 com fevereiro/2009, não destaca com essa veemência que vários outros delitos tiveram redução. O texto fala, por exemplo que “Na capital, o aumento de roubos a residências foi de 21,7% - de 37 para 47 casos”. Reparem: Um número não tão expressivo, em se tratando de uma megalópole com mais de 5 milhões de habitantes. Mesmo o tal incremento, se comparado com o número de casas, é mínimo: dez casos a mais. Entre os delitos que tiveram redução: latrocínio, furtos de veículos, roubos de celular, roubos em coletivos e mortes em confrontos com a polícia.**

Ainda na página 16:

“PF prende três acusados de tráfico de armas”

*** A notícia, dada com destaque, está no caderno “Rio”, mas uma dessas três prisões aconteceu no Paraná!**

P 17: hora do intervalo, vejamos os preços de geladeiras e TVs: 100% publicidade- Ponto Frio

Na página 18 ainda continua o intervalo comercial: publicidade: Tim e Mercedes Benz.

Mas sobrou um espaço para as notícias:

“Favelas do Leme podem ter plano inclinado”

“Fiscais derrubam 49 barracas de camelô em operação na Rocinha” (Choque de Ordem)
 “Acordo permite a venda de 70 terrenos no Rio (Choque de Ordem)

página 19: publicidade. Anunciante: Casas Bahia, mais:

“Lei de cotas: Cabral poderá recorrer ao STF”
 “Saúde terá novo sistema integrado e personalizado”
 “Gripe suína: três vítimas em SP e uma em SC” (Risco. Por que essa notícia no caderno Rio?)
 “Governo estadual vai proibir fumo em locais fechados”

Página 20: coluna Ancelmo Góis + notícias e publicidade.
 Anunciantes: Artefacto móveis, Edital Sinepe, Lidador bebidas.
 Notícias:

“Obras no Santos Dumont levarão 20 meses ainda para serem concluídas”
 “Angra II: CNEN diz que não houve vazamento”

Página 21: + Coluna Ancelmo Góis e mais publicidade:

Celdom eletrodomésticos e Vivo celulares

“DJ Marlboro diz que vai processar pais que o acusam de pedofilia”
 * Claro que não dizem que o possível delito ocorrera em Belo Horizonte, e não no Rio de Janeiro, como a localização da notícia nas páginas do jornal, caderno Rio, sugere.

Página 22: Meteorologia, Publicidade, Ação Global SESI/O Globo.

Página 23:

“Ônibus recebem 11 multas por hora na cidade”
 * **No subtítulo se percebe que as tais multas não são apenas “na cidade”, mas “nas cidades”:**

“Em Caxias, colisão mata duas pessoas e deixa 60 feridos. Em São Conrado, roda se solta atingido casal e bebê”

* **resta saber se a “cidade” a que se refere o título é a cidade de Duque de Caxias, e se o bairro “São Conrado” citado fica também no município vizinho.**

“DETRO apreende 49 ônibus intermunicipais”

Ainda na página 23: Obituário e auto-publicidade (infelizmente os defuntos não consomem mais).

P 24: 100% publicidade Cyrela imóveis

PESQUISA JORNAL EXTRA

Extra, sexta-feira, 02 de março de 2007

total 60 páginas

área total (por pg) 30 x 52cm

notícias 18 páginas; esporte 12 páginas; diversão 24 páginas; classificados 6 páginas

Análise da CAPA: Extra, sexta 2/03/2007:

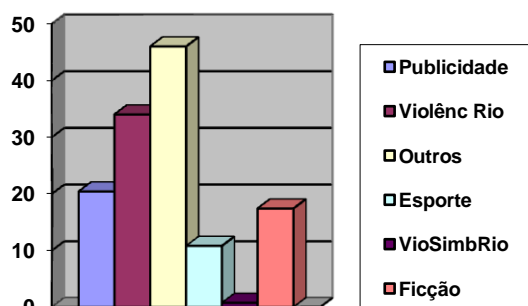


Gráfico 29. Matérias de capa do jornal Extra, 20/03/2007

Violência Rio = 28,6% + 3,8% + 0,76% + 0,76% = 33,98 (34%)

Violência Simbólica Rio = 0,76%

Publicidade = 10,4% + 1,7% = 12,1%

Ficção / Romance = 17,4%

Esportes = 10,8%

Outros = 4,4% + 0,25 + 0,25% + 25% + 0,76% = 45,91 (46%)

Tabela 35. Matérias do jornal Extra, 02/03/2007

Jornal	categoria	local	NOTÍCIA	página	cm	%
			Tuchinha da Mangueira é seqüestrado.	Capa	450	28,6
Extra	violência	Rio de Janeiro	2 subtítulos: maus policiais exigem 2 milhões família já teria pago R\$ 1 milhão. Ele está desaparecido desde terça-feira.	= manchete	(30x15)	
Extra	violência	Rio de Janeiro	Polícia estoura TV a gato de milícia	Capa	10x6	3,8
Extra	violência	Rio de Janeiro	Beira-mar chega ao Rio no Domingo	capa	4x3	0,76
Extra	história	Rio de janeiro	Série especial: Invasão dos franceses	capa	4x3	0,76
Extra	VS Rio	Rio de Janeiro	Estado vai dar terreno a dono de casa flutuante	capa	4x3	0,76
Extra	violência	Rio de Janeiro	Mega-Sena: testemunha é ameaçada	capa	4x3	0,76
Extra	Romance/ ficção	ficção	Thelma vai se casar virgem	capa	14,5x19	17,4
Extra	esportes	Rio de Janeiro	Botafogo vence e se classifica	capa	9,5x18	10,8
Extra	auto-ajuda	ficção	Esperança pode renascer em meio ao pessimismo	capa	2x1	0,25
Extra	auto-ajuda	ficção	Simpatia da pudica para ser pedida em casamento	capa	2x1	0,25
Extra	Bizarro/ curiosidade	Rio de Janeiro	Gari ganha beijo da Ivete Sangalo	capa	2x1	0,25

Extra	Educação economia	Brasil	Nova escola pode ser mantida	capa	5,3x13	4,4
Extra	publicidade	auto	Selos para troca: coleção carros inesquecíveis	capa	30x5,5	10,4
Extra	publicidade	auto	Líder: Jornal mais lido do Brasil	capa	4,5x	1,7
Extra	violência	Rio de Janeiro	Criança desaparecida	2	5x11	3,5
Extra	História	Rio	A invasão francesa	3	30x52,5	100
Extra	violência	Rio	Carioca festeja 442 anos e pede paz como presente	4	30x11	21
Extra	trânsito	Rio	Menos acidentes	4	4,5x10	2,8
Extra	Acidentes	Rio	Ônibus bate no Fundão	4	4,5x8	2,3
Extra	publicidade	Brasil	Vários anunciantes	4	25x40	63,4
Extra	Risco	Rio	O perigo que vem do alto Subtít: Medo de desabamento/ Ameaça pedestres nas ruas da cidade	5	30x11	20,9
Extra	Violência	Rio	Molestou mulher no trem e foi detido	5	5x19	6,1
Extra	VS Rio	Rio	Gato gordo na fundação Souza Marques em Cascadura (roubo de água na faculdade)	5	5x20	6,4
Extra	publicidade	Privada	Casas Bahia	5	25x40	63,4
Extra	Ficção	Brasil	Manoel Carlos: 'Nada na minha novela é surpreendente'	(toda a página 6)	30x52,5	100
Extra	VS Rio	Rio	Do canal para a terra firme (sobre homem que mora no valão)	7	23x30	43,8
Extra	Segurança	Rio	Guarda começa a assumir o trânsito Número de agentes nas ruas vai dobrar	7	5x22,5	13,6
Extra	publicidade	privada	Universidade Estácio	7	19,6x28	34,6
Extra	publicidade	privada	Construtora Modelo de Sá	7	4x9,5	2,41
Extra	VS	Brasil	Um buraco a caminho da aula subtít:Educação de Risco / obra inacabada põe em risco estudantes em Belford Roxo	8	20x14	17,7
Extra	VS	Rio	Orlando Silva "perde" a cabeça subtít: túmulo do cantor é depredado no Caju. Nem os mortos estão livres da violência no Rio	8	30x11	21

Extra	Obituário	Rio	Morre aos 77 anos o ator Carvalhinho	8	5x5	1,6
Extra	Publicidade	Privada	TIM	8	15x20	19,1
Extra	Seção de cartas	Brasil	“CARTA BRANCA” (possível referência à “arma branca”?) Editorial “ataque e defesa”	9	9,5x16	9,1
Extra	Violência/ Charge	Brasil	pivete ameaça homem com faca e lhe assalta. Texto: “O Haiti ainda não é aqui.”	9	20x26	20,3
Extra	Seção de cartas	Brasil	(Toda a seção de cartas permeada por Violência Simbólica e expressões da imprensa que “resolve os problemas” do cidadão) - Buraco em Itaipuaçu - Pontos de ônibus distantes em Magé - Sem água em Magé - Falta d’água em Nilópolis - Sem água, esgoto, asfalto e coleta de lixo em Caxias	9	5x5 cada carta:	1,5 7,5
	VS	Rio	- Escadas sujas em Santa Teresa - Fundação Parques e Jardins não corta árvores em Anchieta - Foto: Lixo na rua, Gari trabalhando. Rua Leopoldina de Oliveira. : Montanha de Lixo			3 12
Extra	Subseção “Sua resposta” categoria: Serviço	Brasil	(Imprensa amiga, que resolve) - Nova Iguaçu: Obras e IPTU reduzido	9	9,5x14	8,5
	VS	Rio	- Buraco fechado na avenida - Rio Card desrespeitado		5x5	1,5
Extra	publicidade	autopublic	Serviço do Jornal/ expediente: contatos, endereços para cartas, etc		5x5 30x7	1,5 13,3
Extra	publicidade	Privada	CASA E VÍDEO	10	30x52,5	100
Extra	Violência	Rio	Bola Dentro: Dos policiais da 16ª DP que estouraram central clandestina de TV a cabo	11	19,5x3	3,7
Extra	VS Rio	Rio	Bola Fora: Da faculdade Souza Marques, pelos 540 mil litros de água desviados por mês, prejuízos de R\$120 mil	11	19,5 X 3	3,7
Extra	segurança	Rio de janeiro	RIO Coluna “Extra, Extra”: tit: Regando Sementes do Mal . subtít: Secretário discute medidas sócio-educativas.	11	7x10	4,5
Extra	VS Rio	Rio	Economizar é preciso (gari vai de bicicleta para o trabalho para economizar R\$2 de passagem – foto)	11	20x9,5	12,1

Extra	Violência	Rio	Assalto Anunciado	11	10x5	3,2
Extra	Publicidade	Privada	Vários Planos de Saúde	11	30x26	49,6
Extra	Violência	Brasil	Visita Cancelada: Assassinato de vereador de Magé faz governador adiar visita	11	10x5	3,2
Extra	VS Rio	Rio	Chamado às falas: falta de professores em 36 escolas da rede pública	11	19,5x3	3,7
Extra	Violência	Rio	Caso Félix: Polícia pega gato de TV; crime em Rio das Pedras/ acusado de chefiar milícia seria dono de central clandestina	11	26x30	49,6
Extra	Risco	Rio	Busca em vão pela tranquilidade: franceses haviam se mudado para Copacabana por medo de crimes em Santa Teresa	12	10x8	11,4
Extra	Violência	Rio	Fiscal preso em flagrante	12	4,5x10	2,8
Extra	Publicidade	privado	Vários anunciantes	12	60x10	38,1
Extra	Violência	Rio	Tuchinha é seqüestrado. Ex-chefe do tráfico da Mangueira é levado por policiais que exigem R\$2 milhões para libertá-lo. Tuchinha é vendedor e compositor nas horas vagas.	13	60x10	38,1
Extra	Violência	Rio	Beira-Mar chega ao Rio no domingo	13	28x11	19,5
Extra	Segurança	Rio	Suspeito não é reconhecido	13	5x8	2,5
Extra	Violência	Niterói (Brasil)	Polícia apreende espada de samurai usada por menor	13	10x8	5,1
Extra	Violência	Rio	Corpo achado no barbante	13	5x8	2,5
Extra	Publicidade	privado	Universidade Veiga de Almeida	13	20x23	29,2
Extra	Publicidade	privado	Construtora Modelo	13	10x3	1,9
Extra	Violência	Brasil	Após o testemunho, punição. Crime da megacena:parente que prestava depoimento sobre assassinato é esfaqueada	14	13x30	24,8
Extra	Violência	Brasil	‘As pessoas não são bichos’: Mãe de adolescente baleada em assalto pede providências contra a violência	14	30x11,5	
Extra	Violência	Brasil	Ele foi preso com caixão roubado nas costas, no Recife	14	6x10	3,8

Extra	Violência	Brasil	A morte após o golpe	14	6x5	1,9
Extra	Publicidade	privada	Vários Anunciantes	14	47x30	44,8

Extra, sexta-feira, [02/03/2007](#)

jornal (exceto a capa, caderno de esportes e classificados)

área total: 1575 cm² x 13 páginas: 20475 cm²

regra: $x = \text{cat00} / 20475$

Violência Rio: $40\text{cm}+80+308+600+45+780+50+58,5+95+55+33 = 2144,5 \text{ cm}^2$ (10,5 %)
 Violência Simbólica Rio = $40+80+58,5+190+58,5+25+188,5+125+33+100 = 898,5 \text{ cm}^2$ (4,4%)
 Violência Brasil = $60+30+X+390+50+520 = 1050$ (5,1%) (+X)
 Publicidade: $44,8+ 1,9+ 29,2+ 38,1 + 49,6 + 100 + 1,5 + 19,1 + 34,6 + 2,41 + 63,4 + 63,4 = 8207 \text{ cm}^2$ (40%)
 Ficção = $1575+2+2= 1579 \text{ cm}^2$ (7,7%)
 Risco = 370 cm^2 (1,8%)
 Segurança = $112,5 + 110 = 222,5 \text{ cm}^2$ (1.1%)
 Serviço = 133 cm^2 (0,7%)
 Outros: 152 (9,6%) + 36 (2,2%)
 + 25 (1,6%) + 45 (2,9%) = 16,3%

Assuntos geralmente

incluídos como "outros":

Cartas: 152 cm

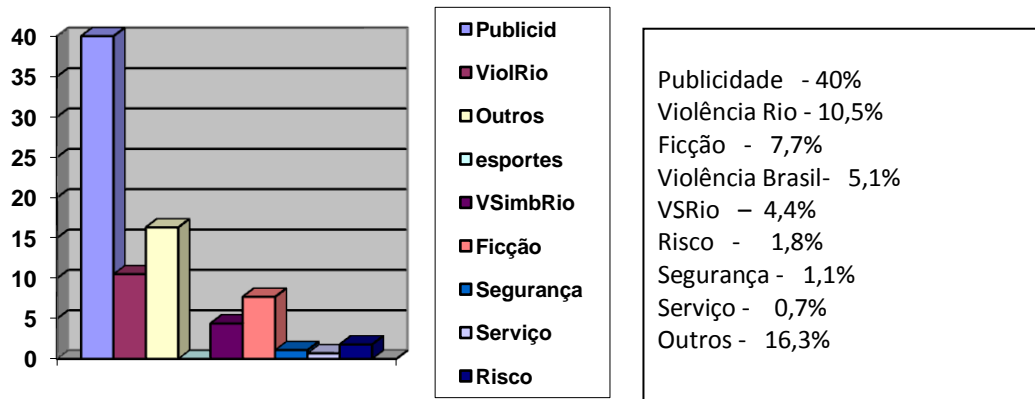


Gráfico 30. Área total jornal Extra 02/03/2007

Extra, [Sábado, 03/03/2007](#)

Tabela 36. Matérias do jornal Extra, 03/03/2007

Jornal	Categoria	Local/ Tipo	Notícia	P	cm	%
EXTRA	Violência	RIO	MP investigará envolvimento de policiais no sequestro de Tuchinha	capa	30x7	13,3
EXTRA	Viol Simbol	RIO	Festa na casa flutuante	capa	20x13	16,5
EXTRA	esportes	RIO	Decisão da taça GB excita o Fla	capa	20x10	12,7
EXTRA	Violência Simbólica	Brasil	Governo estuda limitar greve de servidores	capa	5x3	1
EXTRA	Violência	RIO	Viúva tentou tirar dinheiro da conta	capa	10x13	8,2
EXTRA	Publicidade	Auto	EXTRA : Líder	capa	5x7	2,3
EXTRA	Ficção	Brasil	Guilherme Piva fala sobre seu papel em 'Pé na jaca'	capa	5x2	0,6
EXTRA	Esportes	RIO	A estréia de Joel levou fluminense a vibrar mais	capa	5x2	0,6
EXTRA	Violência	RIO	Bando rouba e fere mulher em Madureira	capa	5x3	1
EXTRA	Violência	Brasil	Menina baleada em SP está paraplégica	capa	5x3	1
EXTRA	Publicidade	Auto	Selos para troca	capa	4,5x4	1,1
EXTRA	Publicidade	Auto	amanhã preço promocional R\$0,90	capa	11x4,5	3,1
EXTRA	Publicidade	Auto	Amanhã corvette	capa	10x14	8,8
EXTRA	FOFOCA	Exterior	Cristian do RBD assume que é <i>gay</i>	capa	15x13	12,4

Extra, sábado, 03 de março de 2007

total 20 páginas
 área total 30 x 52cm

Análise da CAPA: EXTRA, sábado 03/03/2007:

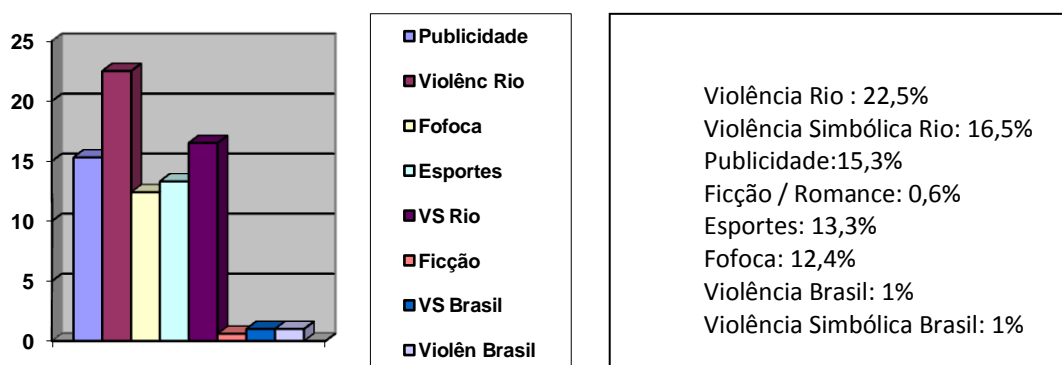


Gráfico 31. Capa jornal Extra 03/03/2007

Análise das páginas 3 e 4 do Jornal extra, 03/03/2007

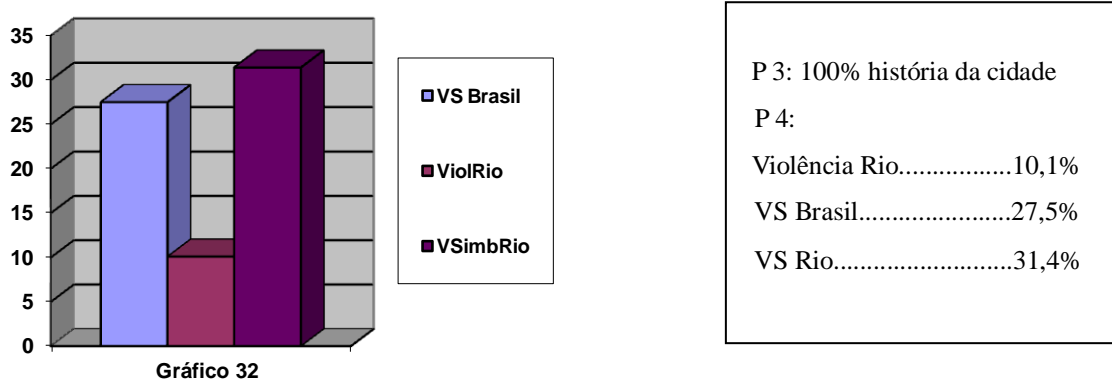


Gráfico 32

Matérias das páginas 3 e 4 do Jornal Extra de 03/03/2007

Tabela 37: Matérias das páginas 3 e 4 do Jornal Extra de 03/03/2007

Jornal	Categoria	Local	Notícia	pág	cm	%
EXTRA	História	RIO	A fundação da cidade	3	52,5x30	100
EXTRA	VS Brasil	Brasil	Charge: "aumente seu PIB" (no desenho, político com notas saindo das calças)	4	19,5x16	19,8
EXTRA	Violência Rio	RIO	Coluna "ataque e defesa" (ver texto abaixo da tabela)	4	10x16	10,1
EXTRA	Seção de cartas:		'carta branca'	4		
	VS Rio	RIO	- Rua Bambina: desperdício no asfalto	4	15 x 18	17,1
	VS Rio	RIO	Queremos relógio digital em Santa Cruz		6 x 5	1,9

	VS Rio	RIO	Tubulação estourou		5 x 7,5	2,4
	VS Brasil	Brasil	Falta Tudo		5 x 6,5	2,1
	VS Rio	RIO	Buraco novo na praça		5 x 6,5	2,1
	VS Brasil	Brasil	Por que tanto? (IPTU 400% mais caro em N. Iguçu)		5 x 6,5	2,1
	VS Brasil	Brasil	Obras pioram rua em Queimados		5 x 6,5	2,1
	VS Brasil	Brasil	Buraco sinalizado (ruas esburacadas em S.J. Meriti)		7 x 5	2,2
	VS Rio	RIO	Seca na parte alta (falta d'água em Ramos)		9 x 5	2,9
	VS Rio	RIO	Pagar por nada (falta d'água em M. Hermes)		8 x 5	2,5
	VS Rio	RIO	Neca de água (falta d'água em Sepetiba)		8 x 5	2,5
	VS Brasil	Brasil	Contaminação em Caxias (poços artesianos com coliformes fecais)		4 x 5	1,3

- No texto sobre a fundação da cidade (página 3), a jornalista (Natália Von Korsch) usa de ironia e fala jocosamente: “Atualmente apenas algumas de ‘nossas flores são tão raras’ e poucas de ‘nossas praias são tão claras’, mas os versos de amor ao Rio criados pelo mineiro Ary Barroso descrevem com a exatidão a São Sebastião do Rio de Janeiro de 442 anos atrás.”
- Na coluna “ataque e defesa”: “A escalada de **violência** no Estado do RJ produz **barbáries** [...] o **seqüestro** do chefe do **tráfico de drogas** no morro [...] O valor exigido pelo **resgate** é de R\$2 milhões. Um dos mais antigos absurdos provocados pelo **caos social** no nosso Estado é o **medo** que a população tem da própria polícia [...]”

Extra, [sexta-feira, 15/06/2007](#)

Análise da CAPA:

- Fogão mete 4 no Vasco e vira líder (Esportes)
- E O EXÉRCITO NÃO VEM MAIS: Em outro dia de guerra, Governo federal anuncia que as forças armadas não serão enviadas ao Rio (50% da capa) (Violência Rio)
- Shrek com a voz de Pumba, do “Rei Leão”
- Prorrogadas as inscrições na Petrobrás (Utilidade)
- Denúncia agrava a situação do senador Renan (Violência Simbólica Brasil)
- Desempregadas terão salário – maternidade (Utilidade)
- Paciente morre após juiz ordenar transferência (Violência Rio)
- Paulo Coelho: Devemos sempre tentar colocar tudo em prática
- Antônio Carlos: Bruno Gagliasso dá dicas para o fim de semana
- Retratos da vida: siri diz que vai trabalhar com Ana Maria Braga (fofoca)
- Publicidade: Hoje – coleção sessão dupla (merchandising) (Publicidade)
- Líder: O jornal mais vendido do Brasil (autopublicidade)

A notícia sobre a “não vinda” do Exército ocupa meia página, é ilustrada com duas fotos, uma ao lado da outra. Na primeira, o presidente da República e o Governador do RJ, estão juntos, sorridentes. O primeiro posa de motorista dentro de uma viatura da polícia militar. A legenda: “brincando de polícia”. Sobre fundo preto, a foto ao lado mostra um grupo de policiais militares socorrendo um colega baleado. A frase do jornal: “Sofrendo como polícia”.

Uma pergunta que fica lendo as “notícias” é: Quem, ou “o quê” seria o “siri”?!

Extra, [Quinta-feira, 12 de março de 2009](#)

Notícias de CAPA:

- Panisset tenta impedir denúncias em São Gonçalo: FOTÓGRAFO DO EXTRA É AGREDIDO E JOÃO BURACÃO SOFRE SEQUESTRO (Ocupa meia página, com fotos e fundo preto)
- Bandidos roubam e estupram jovens em Santa Teresa: Ladrões que invadiram casarão cheiraram cocaína, fizeram pipoca e levaram Chevette de vítima
- Flamengo derrota o Caxias: 4 a 2
- Que flagra: O beijo todo apaixonado de Susana Vieira no novo namorado, Sandro Pedrosa
- Maíra do BBB aparece em vídeo de sexo
- Pitboy apronta mais uma na novela das oito
- Álvaro Lins é demitido da Polícia Civil
- Guarda parar em calçada é absurdo, diz Paes
- Passageiros sem ônibus na Zona Oeste
- Aluno invade escola e mata 15 na Alemanha

O grande destaque da capa foi o “sequestro” do boneco João Buracão, em outra cidade (São Gonçalo). Muito espaço também para Esportes, e para o namoro da atriz Susana Vieira. O estupro no bairro de Santa Teresa não ocupa muito espaço físico, mas está destacado, em posição centralizada na capa, e imediatamente após a notícia do Buracão. Apesar de um menor ter matado 15 dentro da escola, em mais um *school shooting*, na Alemanha, não consta que as cidades alemãs, tenham a fama de violentas, como nos parece ser o caso do Rio de Janeiro.

Extra, [domingo, 05/04/2009](#)

Rio na edição

CAPA:

- Exclusivo: A fraude dos pardais – Golpe do sinal amarelo enche o cofre do governo
- Repórter mede com cronômetro o tempo dos 90 sinais que emitem multas no Rio e descobre irregularidades em 62 deles *
- Rio terá blitz da Lei Seca todo dia
- Alerj investigará ação da PM no Morro da Coroa
- Fred é a atração do Fla-Flu
- Será que é um túnel? A cratera no cruzamento das ruas Aroeiras e Gramane, em Ricardo de Albuquerque, deixou Buracão em dúvida: “Pelo tamanho, devem estar abrindo um túnel para a

- Barra”
- Nossos colunistas:
Paulo Coelho: Devemos estar atentos ao brilho
Ana Maria Braga: Delícias feitas com bacalhau
Xuxa: O divertido jogo dos sete erros
 - Publicidade:
Líder: Extra, O jornal mais lido do Brasil (**autopublicidade**)
Supermercados Guanabara
Revista Canal Extra (**autopublicidade**)**

P 4

- Promessa é dívida: Buracão visita crateras tapadas após denúncias. João comemora os buracos cobertos, mas descobre um “túnel” em Ricardo de Albuquerque.

P 5, 6, 7, 8

- 100% publicidade: Supermercado Guanabara

P 9

- **Entrevista com o prefeito da cidade, Eduardo Paes ocupa 100% da página. Assunto: avaliação dos primeiros 100 dias de governo. Título da reportagem:**
- **“Desarme a bomba”**
- Trechos da entrevista:
“Estou muito orgulhoso de ser prefeito de uma cidade como o Rio [...] O Rio é uma cidade especial, única, com características fantásticas”.
- Extra: E nos próximos cem dias? O que o senhor pretende fazer pela cidade?
- Prefeito: “Trabalhar muito e levar mais ordem para a cidade [...] ***

P 10: 100% publicidade lojas Casa e Vídeo

P 11

- Deficientes: Corte de verba atinge usuários: estrutura de atendimento no Rio está comprometida
- **A matéria acima ocupa uma estreita faixa da página, espremida no espaço deixado pelo anúncio das Casas Bahia, que toma 60% da página**

P 20: Extra, Extra”

- Rio: A capital dos museus (sobre a candidatura da cidade para sediar a conferência internacional de museologia)
- Rio: Capital do conhecimento (**sobre programa de televisão da prefeitura**)

P 22 e 23: O Golpe do amarelo

- Segundos a menos que valem R\$ 86 milhões (**sobre irregularidades nos tempos dos sinais de trânsito que multam por câmeras fotográficas**)

P 27

- Polícia às cegas: Legado do Pan desperdiçado – Apenas 20 das 55 câmeras instaladas no Maracanã transmitem imagens para o centro de controle.
- Brigas entre torcidas longe da vista da PM
- **Esta notícia está igualmente espremida no espaço restante da página, que tem 75% de sua área tomada por um anúncio das Casas Bahia**

P 30 e 31: 100% Publicidade: anunciante Ricardo Eletro

* A matéria, que ocupa 50% da capa, diz que o jornal “descobriu um golpe que tem feito governo e empresas lucrarem cada vez mais”

** A capa da revista, chamada “canal extra” exibe cinco figuras caricaturadas, sem dizer do que se trata. O texto diz: “Sobreviventes – Numa entrevista exclusiva, Bial analisa as chances dos finalistas. Confira também os melhores ou piores momentos do programa” Um exemplo perfeito do que SCHUDSON (1995) chamou de remediação – os veículos midiáticos referindo-se a outros veículos, ao invés de aos fatos do mundo “real”. O jornal tem como certo que os leitores já sabem do que se trata (Uma matéria sobre um programa televisivo fictício, da TV Globo)

*** A entrevista não toca nos assuntos violência ou Segurança Pública (funções do governo estadual). São focadas ações contra vendedores clandestinos (camelôs) e nas áreas de Educação e Transporte. O discurso do prefeito tenta, a todo momento, criticar os governos anteriores ao seu, dizendo que recebeu uma cidade “sem ordem”, e que, através de suas ações, reordenou a cidade. Destaca o “Choque de Ordem”.

Extra, [quinta-feira, 16/04/2009](#)

Rio nesta Edição

CAPA

- Rio de Janeiro, 1828 – Rio de Janeiro, 2009: O Chicote está de volta **(80% da capa)***
- João Buracão não promete, faz! **

P 2 (Divulgação dos destaques do www.extraonline.com.br)

- Violência marca paralisação dos ferroviários no Rio **(em Madureira – zona norte da cidade)**
- Operação Choque de Ordem estoura dois depósitos de camelôs **(centro)**
- Novidades na área de segurança: “Se você quer ficar por dentro do que acontece na feira de equipamentos de Guerra e Segurança Pública, no Riocentro, basta acompanhar o caso de polícia. Confira em vídeos e informações, quais são as novidades. Entre elas o Vespa 01, protótipo de viatura blindada compacta, apelidada de 'caveirinha'.” ***
- Seção de cartas: 3/6 cartas dos leitores sobre a greve dos ferroviários

P 3 (começa o caderno “Geral”)

Toda a página dedicada à matéria de capa: Agressões nos trens

- Usuário sofre com greve e apanha dentro de trem: Concessionária culpa grevistas e vândalos pela agressão de segurança a passageiros na estação de Madureira
- Agressões com socos e xingamentos
- Apito vira chicote
- Nota oficial: Supervia repudia violência contra passageiros
- Crise de hipertensão e desmaio
- Análise / Debret: Após quase dois séculos de História, a mesma intolerância ****

P 4

- Violência nos trilhos

- Estações terão mais policiamento
- Repercussão: A violência de ontem em Madureira chegou a ser comparada pela OAB à imposta aos escravos

P 5 (meia página sobre a indústria das multas e meia página publicidade cerveja Skol)

- O golpe do amarelo: Caminho liberado para a criação da CPI dos pardais

P 6

- 70% ficção e fofocas
- 30% publicidade bolsas Bagaggio e planos de saúde vários

P 7

- Tribunal do Rio libera “Marcha da maconha” (ocupa 40% da página)
- 60% da página: publicidade Casas Bahia

P 8

- Após café da manhã, buraco tapado: Prefeitura conserta cratera na rua Nicanor Pereira, onde Buracão lanchou com moradores
- 70% da página publicidade Casas Bahia

P 9 (**Internacional**)

- Baixa no tráfico: Cai o chefe do pó na Colômbia – Don Mario é acusado de ter ordenado mais de três mil assassinatos no país *****

P 10

- **(Meia página dedicada à publicidade do programa “Força tarefa”, na TV Globo. A chamada diz):**
- Na busca pela Justiça, nada pode detê-los

(Na foto, grupo de atores, o elenco do programa, representando policiais. Não fica claro pelo anúncio se o programa é ambientado no Rio de Janeiro, mas a farda que o ator Milton Gonçalves, o “coronel Caetano” enverga, é idêntica ao uniforme da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.

P 12 (esta e a próxima página, ambas dedicadas à violência, ainda que em outras cidades)

- Insegurança em Niterói: Maníaco – Agressor ou lenda? **(sobre homem que estaria esfaqueando indivíduos)**
- Protesto no 1º Batalhão da PM **(centro do Rio de Janeiro - familiares de homem morto em operação policial no Morro da Coroa)**
- Arquiteto executado tinha até anotação por tráfico de droga **(sobre duplo homicídio em Icarai – Niterói)**
- Preso por força do mandato vencido **(Nova Iguaçu)**

P 13

- Crime em Guapimirim: Pistoleiro matou Renato do Posto – vítima ainda foi amarrada
- Filho de vereador autuado por desacato na baixada: Homem foi detido em *blitz* da Lei Seca em Caxias
- Polícia prende 38 no interior do Estado por tráfico de drogas **(Itaperuna)**
- PM detido por prostituição **(Quinta da Boa Vista – bairro de São Cristóvão. A única notícia relacionada à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. A notícia é mal escrita, talvez propositalmente, pois insinua que o policial estaria se prostituindo. Na**

verdade, o acusado, sargento PM Ailton de Lima Neto, lotado no 4º Batalhão da PM, “Foi preso ontem sob a acusação de aliciar e explorar sexualmente adolescentes”. Aqui mais um caso de etiquetamento e de desrespeito dos direitos do acusado).

- 50% da página: publicidade supermercados Guanabara e plano de saúde Amil

P 14 (**caderno economia**)

- Reforma urbana no centro: Minha casa, minha vida (sobre programa da prefeitura que visa recuperar imóveis ocupados irregularmente no centro da cidade)

* No texto da capa: “O repórter cinematográfico Eduardo Torres, da TV Globo, registrou ontem uma cena que, imaginava-se estava limitada aos livros de História: pessoas sendo chicotadas no Rio de Janeiro [...]”

** A frase, comumente usada por candidatos a cargos políticos, leva à idéia de que o boneco é quem realiza, ou manda realizar as obras na cidade.

*** Algumas coisas não fazem sentido nesta matéria: Primeiro a existência de uma “feira” destinada a mostrar armamentos e equipamentos “de Guerra e Segurança Pública”. O cidadão comum é proibido de adquirir tais equipamentos, e mesmo seu uso em área urbana densamente povoada é contestável; Segundo, a divulgação em detalhes destes artefatos, como se máquinas de matar fossem “brinquedos”, objetos desejáveis. Como nos filmes policiais e de guerra. A vida (ou a mídia, mesmo em noticiário), imita a arte. Nossa argumentação sobre a “Economia do Medo” tem aqui uma clara demonstração de sua existência.

**** A capa do jornal, de maneira extravagante e sensacionalista, tenta traçar um paralelo inexistente entre as punições aplicadas aos escravos no século XIX e a agressão dos funcionários dos trens. Utiliza para tal fim, principalmente uma reprodução de um quadro de Debret, onde se vê um capataz chicoteando um escravo amarrado.

***** A notícia não é sobre o Rio de Janeiro ou o Brasil, porém, como o narcotráfico e as representações sobre a cidade incluem essa vertente, o destaque dado à prisão na Colômbia nos pareceu digno de nota.

Extra, [segunda - feira, 03/08/2009](#)

Uma exposição de tudo o que foi publicado sobre a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro nesta edição:

CAPA:

- Silêncio no morro: Robocop é preso após *blitz* em baile *funk*

- Eita Joguinho Жك٧Ⓢ٧٤#!!! : Fla empata com lanterna, é vaiado e Léo Moura faz de penico o ouvido da torcida
 - Voluntários da pátria (sobre João Buracão)
 - Imóveis da Caixa são vendidos e alugados ilegalmente no Rio*
- A cidade (Rio) só é citada diretamente nesta notícia, porém em todas as 5 notícias de capa relacionadas à cidade, percebe-se que são criticando, reclamando, depredando. Continuemos:

Página 2:

- Descaso na rua soldado José Costa (sobre visita de João Buracão a uma rua do bairro de Curicica, Jacarépaguá)

Página 3: (ocupa toda a página)

- Vivendas da desilusão: Mercado imobiliário ilegal aquecido no PAR (**sobre irregularidades em condomínio da zona oeste da cidade**)

Página 4: (toda a página)

- CREA vai fiscalizar condomínios (**continuação da notícia anterior**)

Página 5:

(Aqui começa o “caderno Geral”, onde se inserem as notícias sobre o Rio de Janeiro)

- Buracão: João Papelão é o cara em Botafogo

Página 6: “Retratos da vida” (Fofocas – toda a página)

Página 7: Gripe Suína:

- Epidemia Global
- Morte suspeita
- Epidemiologista que processar a União
- Mais vítimas no Sul

Página 7:

- Explosão de elevatória fere um e compromete abastecimento de água (**no centro do Rio**)
- Treze casas são derrubadas na Niemeyer. Em protesto, um tiro (**favela da Rocinha, São Conrado**)

Página 8:

(a mídia que resolve seu problemas: Um informe publicitário sob o título “RJTV e você, vivendo e pensando o Rio”, fala sobre problemas de saneamento básico em favelas e periferias)

- Prisão de traficante: Esconderijo nada seguro leva robocop para cadeia (**Morro do Borel, periferia da Tijuca. Mais uma notícia de um bandido “famoso”. Meia página com fotos**)
- Revolta em enterro de estudante: menino de 13 anos foi morto por seguranças quando brincava em

feira da Tijuca

(O título diz 13, mas o corpo da reportagem fala 12 anos: “O motivo banal que culminou no assassinato do estudante Leonardo Dias de Souza, 12 anos, causou revolta [...]”)

- Ambulância sequestrada (**morro da providência – periferia da cidade nova**)
- Menina vítima de bala perdida no Andaraí continua internada (**periferia da zona norte**)
- Ladrão preso em Ipanema

Extra, [segunda – feira, 17/08/2009](#)

Rio nesta edição

CAPA:

- Fla derrapa feio e Flu se afunda (**esportes**)
- Estado distribuirá Tamiflu líquido para crianças (**gripe suína**)*
- Jovem morre em acidente com bondinho (**acidente em Santa Teresa**)
- PM é morto em arrastão em Caxias (**na falta de violência na cidade do Rio de Janeiro**)
- Verão chegando: Piscinão cheio... Só de crianças (**sobre o piscinão de Ramos sem água**)

P 2: João Buracão

- Buracão “engole” plantas em Parque Anchieta (**periferia da zona norte da cidade**)

P 4

- Segurança ameaçada: Obras provocam rachaduras (**Manguinhos**)
- Esgoto deixa asfalto destruído (**Guadalupe – Buracão**)
- Piscinão de Ramos vazio atrai banhistas (**Ramos – periferia da zona norte**)

P 5

- Passeio termina em tragédia: Professora morre no bondinho
- Veículo bate em ônibus depois de perder freio em Santa Teresa

P 6

Toda dedicada à ficção e fofocas

P 7

- Estado vai fazer Tamiflu líquido para crianças (**gripe suína**)

P 8

- Informe publicitário RJ E Você (**A imprensa que resolve seus problemas**)
- Pânico na madrugada: Família fica no meio do tiroteio em Santa Teresa
- Policial morre na Washington Luís: Assaltantes queriam roubar moto (**Duque de Caxias**)
- Fuzil apreendido (**na favela da Coréia – Senador Camará – periferia na zona oeste da cidade**)
- Tumulto no Arpoador assusta banhistas: Quinze pessoas teriam causado confusão
- Brasileiro e três estrangeiros são detidos na Rocinha (**flagrados com drogas na favela**)
- Granadas apreendidas (**morro da providência – periferia da Cidade Nova**)

P 12

- Medidas que previnem o contato (**Gripe Suína**)

* Na foto, um médico assiste uma criança no Hospital Miguel Couto

Como se Percebe, toda a edição, no que tange à cidade de São Sebastião, está repleta de casos ligados ao medo: seja medo do bondinho desgovernado que matou uma professora

ou dos tiroteios, ambos em Santa Teresa, ou dos armamentos em poder dos traficantes das favelas de Senador Camará (zona oeste) ou do morro da Providência (Centro)

Caso o leitor não se aventure nas proximidades desses morros, mesmo assim não está a salvo: a Gripe Suína pode lhe alcançar, sendo o portador sem face todos os transeuntes. Depois não pode-se dizer que não foi prevenido pela mídia.

Extra, [sexta – feira, 21/08/2009](#)

Rio na edição

CAPA:

- Flamengo perde de virada em dia que artilheiro é convocado para a seleção (esportes)
- Vento arrasta painel: A bióloga Karen Dinucci caiu ao ser atingida por um galhardete de propaganda no Humaitá (acidente)
- Diversão: Um festival de ingressos grátis para peças de teatro e *shows* no Rio (utilidade)
- Indústria da multa: Secretaria esconde informação: Prefeitura não diz o que aconteceu com pardais que tiveram tempo do sinal alterado (violência simbólica)
- Mapa leva polícia a paiol do tráfico em Acari (violência)
- “Pai” de João Buracão receberá medalha (borracheiro que criou boneco é condecorado na ALERJ)
- Enfermeiros sem máscaras (gripe suína)
- Léo Moura fica sem carro por dívida de IPVA (fofoca)

P 2

- Fotos mostram a operação de policiais na favela de Acari. Um homem foi preso (violência Rio)
- Muita lama na Mathias Albuquerque (João Buracão - Duque de Caxias)

Seção de cartas: várias reclamações de moradores, nenhuma envolvendo segurança ou violência.

P 3: Toda a página dedicada ao denunciamento sobre as condições do sistema de saúde pública

P 4

- Família de professora recorre à Justiça: Parentes e amigos de vítima de acidente no bondinho preparam manifestação em Santa Teresa *
- Medalha ao “pai” do Buracão (Deputados dão ao borracheiro a mais alta condecoração do Estado!)

P 5

Toda a página: publicidade FIAT automóveis

P 6

- Carnaval 2010: Seguro para o sambista: Planos de R\$5 vão cobrir, por um ano, mortes por acidente **

P 7

- O golpe do amarelo: Caixa preta continua fechada – Secretaria não vai divulgar dados sobre pardais com tempo de alerta ampliado para 4 segundos ***

P 8

- Ficção e fofocas

P 9

- Toda a página dedicada à publicidade. Anunciante: Ricardo Eletro

P 10

- No muque (Divulgação de ação da companhia elétrica Light, que doara 600 refrigeradores a moradores da favela Santa Marta, em Botafogo)
- Lateral do Flamengo leva cartão vermelho em blitz (Sobre jogador que teve o carro apreendido)
- Mulher ferida em queda de painel: Vendaval causou acidente no Humaitá

P 11

- Favela de Acari: Denúncia leva PM a dois paióis – Morador indicou com mapas onde estavam armas e drogas
- Homem se passava por inspetor morto: preso tinha 4 distintivos em casa
- Mulher morre no Urubu: (sobre mulher baleada em favela de Pilares)
- Casal é baleado em tentativa de assalto na linha amarela: Tentativa de assalto deixa vítimas no Cachambi
- Estado terá de pagar R\$50 mil a viúva de vítima do “anjo da morte” (sobre enfermeiro que praticava a eutanásia em pacientes terminais)
- Lindo Olhar na Cadeia (Sobre prisão de homem acusado de tráfico em morro da Tijuca)

* **Nesta matéria** fica explícita a imagem que a cidade tem, sendo que a própria história de vida da professora morta no **acidente** desmente a imagem de cidade violenta (grifos nossos):

“Minha filha morava no Rio desde os 18 anos. [eu]Tinha medo de assalto, bala perdida, mas não imaginava perdê-la em um acidente desses”. “O depoimento emocionado vem da pacata cidade de Paraty, onde mora a família da professora Andréa de Jesus Resende, morta no domingo passado em Santa Teresa, depois que o bondinho perdeu o freio e bateu em um ônibus.” [...] “Ela foi para o Rio muito nova. A gente tinha medo de assalto e bala perdida, **porquê eu tenho medo do Rio**”

** Interessante encontrar uma notícia sobre seguro contra morte por acidente imediatamente após ler o sobre a morte da professora que morreu ao se atirar do bondinho prestes a colidir. Coincidência?

*** A reportagem, parte de uma série sobre a “indústria da multa” deixa implícita a idéia de que há esquemas propositadamente feitos pelas autoridades municipais para aumentar a arrecadação através de golpes e “pegadinhas”, aplicando mais multas de trânsito. Como dados, o jornal traz a informação de que a cidade de São Paulo emite menos multas que a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, mesmo São Paulo tendo “mais carros e mais pardais”.

Rio nesta edição

CAPA:

- Prefeitura não fez a sua parte nos oito meses deste ano: A matemática da indústria da multa
- Rio arrecadou 70 milhões com infrações, mas só investiu R\$ 44 mil em educação no trânsito
- Terror na via expressa: bandidos armados sequestram, roubam e incendiam ônibus.
- Prédio do INSS vai ao chão e vira garimpo
- Lei Seca: Dois mil acidentes a menos no Rio

P 2

(Nesta página o jornal faz a divulgação de sua edição virtual na rede mundial de computadores)

- Um ônibus foi incendiado ontem na Vila dos Pinheiros, depois de sequestrado na linha amarela: Assista ao vídeo
- Vídeo mostra como foi a implosão de um prédio inacabado do INSS em Padre Miguel
- Já estão escolhidas as finalistas do concurso de rainha do carnaval 2010. Veja no *site* as fotos que mostram a simpatia das belas
- Opinião * : Multas de trânsito no Rio (5 cartas), João Buracão – Abandono na praia do Barão

P 3 (aqui começa o caderno “Geral” - equivalente ao caderno “cidade” em outros veículos)

- Debandada nas escolas do Rio: Estado convoca 1118 professores para assumir novas turmas a 3 meses do fim do ano letivo **(toda a página)**

P 4 (40% da página dedicada à publicidade: vários anunciantes)

- Mais trens e ônibus no Dia Mundial Sem Carro
- Buracão pesca a valer em Sepetiba

P 5 (50% publicidade Wal-Mart supermercados)

- O golpe do amarelo: Arrecadação sem educação (sobre multas de trânsito na cidade)
- Mais 1336 ônibus na frota
- Lei Seca reduz os acidentes no estado

P 6 (70% publicidade Casas Bahia)

- Ninguém sabe, ninguém viu: Fuzil desaparece do BPCChoque
- Mulher é assassinada no Lins de Vasconcelos (Violência Rio)
- Motorista baleado na cabeça na Avenida Brasil (Violência Rio)

P 7 (70% publicidade Casas Bahia)

- Bandidos sequestram, roubam e incendiam ônibus na Maré: Área marcada por ataques e mortes (roubo em favela na zona norte)
- Trancados na lixeira (assalto em prédio de Copacabana)
- Assalto na linha 2 (roubo no metrô, na estação de Acari)

P 8 (90% do espaço dedicado a fofocas e ficção + 10% publicidade vários planos de saúde)

P 9 (50% da página publicidade: planos de saúde)

- Atrás das grades: Só dormindo para aguentar **

P 12

- Prédio abandonado do INSS é implodido: Local dará lugar a um espaço cultural ***
- Programa ganha 12 imóveis da previdência **(Prefeitura recebeu terrenos abandonados do INSS)**
- Sai gabarito de concursos (*sic*) (Foto de operação policial em favela ilustra matéria sobre concurso para delegado da polícia civil.

- Curso gratuito para deficiente (Prefeitura oferece 600 vagas em cursos)

* O jornal possui duas seções de cartas: “opinião” e “carta branca”. Este espaço, “opinião”, está relacionado aos destaques do próprio jornal, neste caso, as multas de trânsito na cidade

** Matéria sobre presídio de segurança máxima localizado em “Campo Grande”, onde estão presos os condenados “Joãozinho Beira-Mar” e “Jerominho”. A matéria, assinada por Bruno Rohde, só esquece de dizer onde fica Campo Grande, já que existem pelo menos dois lugares com esse nome: Há uma cidade, capital do Mato Grosso do Sul, e um bairro da zona oeste da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. É prática corrente das secretarias de Segurança dos Estados transferirem presos de um Estado para outro, supostamente para evitar a corrupção dos agentes.

*** Nenhuma palavra sobre o motivo do abandono da obra, nem dos milhões de reais do dinheiro público desperdiçados em mão de obra e material como concreto armado.

Nesta edição: a prefeitura da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro age de maneira desonesta, roubando os contribuintes. Trafegar pelas ruas é perigoso: roubam e incendeiam ônibus.



Figura 14. Rio de Janeiro

5 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das primeiras constatações a que esta pesquisa levou foi a de que há ainda um grande consumo do produto jornal impresso, mesmo diante das novas possibilidades e da concorrência direta com diversos outros formatos, notadamente com as versões eletrônicas dos mesmos veículos. Ao que parece, os consumidores optam ainda pelo formato papel, pela comodidade que este oferece, podendo ser lido a qualquer momento, inclusive na própria banca de jornal, sem comprar o produto. Mesmo com a disponibilidade das notícias na rede mundial de computadores, o formato antigo, “das árvores mortas”, ainda se sustenta e terá, tudo indica, vida longa.

Outra constatação foi a importância da publicidade para a sobrevivência destes veículos. A análise de conteúdo deixou claro que a esmagadora maioria do conteúdo dos jornais impressos é dedicada à veiculação de anúncios, e, percebam, estamos falando **apenas de cadernos de notícias**, uma vez que os classificados foram descartados de nossa análise. Assim, paga-se para consumir “informação”, mas o que acontece, ao contrário, é que se “é consumido”, pela propaganda e publicidade. Foi com certa surpresa que concluímos que mais de trinta por cento, algumas vezes chegando a quarenta por cento do espaço dos jornais é ocupado por anunciantes.

Através da análise da circulação chegamos a preocupante conclusão de que os grupos editoriais O Globo e O Dia detêm praticamente um oligopólio no que tange à propriedade dos jornais impressos veiculados no Rio de Janeiro. Somando 71,22% (IVC – 2008) do total de jornais vendidos no estado do RJ, as famílias que os controlam estão dizendo ao público o que comprar, que assuntos devem ser debatidos. E essa pesquisa nem incluiu os outros meios de que esses grupos dispõem, como Televisão (Globo), rádios (Globo e O Dia), bem como outros veículos impressos. Aqui as teorias do agendamento (*agenda - setting*) e do *gatekeeper* podem ter um grande emprego, para se entender o papel destes conglomerados na formação das representações sociais.

A segmentação que os grupos editoriais estão fazendo em sua linha de produtos também foi outro fato encontrado, a cuja análise essa pesquisa dedicou bastante espaço, analisando o lançamento do que chamamos de “*penny press carioca*”. Visando atingir um maior recorte social, O Globo, O Dia e Lance! colocaram em circulação veículos mais baratos e de consumo rápido, projetados para serem lidos “em trânsito”. Tais veículos estão

conseguindo manter suas vendas e se sustentam no mercado. A tática está funcionando. Dentro dessa segmentação reconhecemos o que outros autores que pesquisaram mídia impressa (como Danilo Angrimani e Antônio Serra) e teóricos como Martin Barbero já haviam delineado: Os jornais “populares” se dirigem aos instintos mais básicos dos leitores. Assim, o crescimento desses jornais está conectado a uma forma de melodrama que estes transmitem aos seus consumidores, com o qual estes se identificam. Têm em seu “*mix*” de produtos, assuntos que falam ao mais básico dos seres: competição, desejo, sexo. Esses fatores podem ser encontrados em fartas doses nos folhetins mais recentemente lançados, como o “Meia Hora de Notícias”, o “Expresso da Informação” e o “Vencer”. Nesse ponto, diferem muito pouco de jornais bem mais antigos, seguindo a mesma fórmula de veículos como “Notícias Populares” (SP, 1963-2001), “Última Hora” (RJ, 1951-1971) e “O Povo do Rio” (RJ, ainda em circulação) e da chamada “imprensa marrom”.

Sobre a tentativa de reposicionamento do jornal “O Dia”, não tão bem sucedida, principalmente pelo lançamento do rival “Extra”, constatamos que o perfil apelativo pouco mudou. As notícias de crimes estão lá, com grande destaque. Durante a pesquisa houve a oportunidade de acompanhar a auto proclamada transição para o que os editores chamaram de “o jornal da família”, porém essa tentativa durou pouco, e logo novamente lá estavam as notícias policiais e apelativas.

O que houve de fato foi uma tentativa de “limpar” a capa, com o noticiário policial sendo mais explícito e destacado apenas no interior da edição; porém, no ardor da competição com o rival global por uma fatia maior de mercado, essa capa mais higiênica, “sem sangue”, sustentou-se por pouco tempo. O que observamos foi que há uma mudança da capa de acordo com o dia da semana, sendo o domingo (dia de maior circulação de todos os jornais impressos - IVC), o dia em que as capas analisadas apresentavam menos notícias policiais.

Ainda que não tenha sido nossa proposta inicial, foi inevitável percebermos as diferenças de enfoques entre os veículos, especialmente no que tange às matérias destacadas na capa. O jornal O Globo, que tem como público alvo uma camada social diferenciada, evitou, durante o período coberto pela amostragem, evitar o sensacionalismo e a “baixaria” em suas capas, ao contrário dos demais veículos analisados. O que não significa que a imagem da cidade seja menos maltratada naquele veículo. Se não apelou para o sangue e o sexo em suas capas, as notícias policiais foram encontradas em profusão no interior do jornal. O Globo preferiu destacar a *violência simbólica*.

Chegamos ainda às mesmas conclusões que Pierre Bourdieu aponta em seu livro “Sobre a Televisão”¹⁰²:

- “Os produtos jornalísticos são muito mais homogêneos do que se acredita”.

- Há uma linearidade dos assuntos destacados: “Comparem as capas dos semanários franceses com quinze dias de intervalo: São mais ou menos as mesmas manchetes. [...] No melhor dos casos, ou no pior, só a ordem das informações muda”. Nos jornais cariocas pesquisados, o resultado foi o mesmo que o autor aponta. Isso remete ainda ao *blank boxes method*, de Sanders, jornalista por nós citado, e ao artigo de Jack Katz “What makes crime news?”.

- Remediação: Os jornais “se lêem” e citam uns aos outros. “Ninguém lê tantos jornais quanto os jornalistas, que, de resto, tendem a pensar que todo mundo lê todos os jornais”.

- A profusão de *fait divers* e *assuntos-omnibus* (ou informação – ônibus): fatos que atraem o interesse de um grupo mais amplo e que, por sua natureza, não causam discussão. A nosso ver, a violência, ou as criminalizações, da forma em que vêm sendo relatadas, encaixam-se nesta categoria: atraem o interesse e chocam a todos indistintamente. As causas e reflexões sobre o fato ficam em segundo plano. Sobre os *assuntos omnibus*, os que tiveram maior cobertura no período de nossa amostragem foram: Operação Choque de Ordem (Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro), jornalistas (O Dia) torturados em favela, queda de avião da *Air France* (Pernambuco), João Buracão (Extra), crise econômica e gripe suína.

Também nos parece que a sensação de “violência generalizada” pode estar relacionada ao fato de que os jornalistas convivem com os atos violentos diariamente, com um contato mais direto (não apenas no município do Rio de Janeiro, mas principalmente, pois aqui estão as redações e as sedes dos jornais), e têm como uma de suas fontes os policiais, que também acompanham de perto as “mazelas” da sociedade. Quem passa tanto tempo em contato com os efeitos da violência, certamente tem uma impressão diferente daqueles que vivem suas rotinas diárias sem “procurar” pela violência. A confirmação ou não dessa assertiva fica, portanto, como sugestão para estudos futuros.

Identificamos dentro da amostragem, muitos traços de propaganda. A Propaganda (*pro – pagare – andus*), entendida semanticamente, pode ser definida como “o que deve ser ajustado em favor de alguém”. São fatores importantes no campo da Propaganda: a identidade (tentativa de mostrar proximidade com o público – alvo), as representações e a sugestão. A presença maciça do fator sexo é outro indício que nos remete à propaganda, desta vez de

102 (BOURDIEU, 1997, p. 30, 31 e 62).

cunho freudiano (apelando para os instintos básicos). Também encontramos amostras de alguns conceitos - chave da propaganda, como o uso de hipérboles (exageros), da simplificação e do inimigo comum, além da orquestração (repetição). A exploração sentimental de fatos passíveis de causar comoção também foi observada em vários momentos. Além de todos esses indícios citados, foi recorrente o uso da “simplificação dos fatos” e do “certificado de idoneidade” (quando, para confirmar suas palavras, o emissor da mensagem traz a opinião de algum “especialista” ou “autoridade” no assunto). Todos esses fatores são de uso recorrente em técnicas de Publicidade e Propaganda e estiveram presentes na amostragem analisada.

Encontramos ainda, nessa amostragem, a existência do que Pamela Shoemaker e Stephen Reese¹⁰³ destacaram: A mídia prefere falar de quem já é famoso. Vimos uma enorme quantidade de matérias sobre a intimidade de indivíduos famosos, especialmente artistas de televisão. Também, como destacado por esses autores, houve a mistura entre ficção e fatos, com ambos os assuntos sendo apresentados concomitantemente e no mesmo formato. No quesito ficção, as novelas da Rede Globo de televisão e o programa “Big Brother”, da mesma emissora, receberam um destaque expressivo, em detrimento de fatos.

Sobre a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, o que lemos nos jornais no período coberto pela amostragem, de fevereiro de 2007 a 2009, um período propositalmente longo, foram notícias predominantemente “ruins”, “negativas”. Confirmamos, de certa forma, nossos pressupostos de que a cidade midiática construída nos jornais cariocas é um lugar “ruim” e acima de tudo, perigoso para se viver. Aqui nada funciona direito: desde o calçamento das ruas à segurança pública e atuação dos governantes, tudo apresenta problemas. A única coisa que parece perfeita na cidade são os jornais, a julgar por sua crescente circulação, principalmente do veículo “Extra”, o jornal mais vendido do Brasil. Houve, em certo momento, uma tentativa de resgate dessa imagem, quando do acirramento da candidatura brasileira para a Copa do Mundo de Futebol da FIFA – 2014 e da tentativa carioca de sediar os Jogos Olímpicos de 2016. Nessa ocasião verificamos uma exaltação das cores verde e amarela, dos símbolos do Brasil no exterior (Cristo Redentor, Pão de Açúcar, Maracanã, praias, mulheres bonitas) e da cidade do Rio de Janeiro, palco principal da Copa do Mundo. Algumas empresas chegaram a se identificar textualmente com a cidade, como a alemã Volkswagen, por exemplo, que publicou um anúncio de 11X 30 cm, no jornal O Globo, edição de sábado, 24/05/2008, pg 16, no qual se diz “Apaixonada pelo Rio, como você”.

103 SHOEMAKER & REESE, 1996, p. 2

Logo, porém, passou a euforia momentânea pela conquista da Copa e das Olimpíadas. Voltaram a dar um grande destaque aos problemas da cidade, deixando em segundo plano ou mesmo ignorando o que a cidade tem de “bom”, de “positivo”. O medo da cidade de São Sebastião, conforme exposto explicitamente por uma entrevistada que reside no interior do Estado do Rio de Janeiro ¹⁰⁴, encontra ressonância, em nosso entendimento, na forma como são tratados e divulgado os fatos que aqui ocorrem.

Fica a esperança de que a cobertura jornalística venha a ser menos tendenciosa, apocalíptica e sensacionalista, principalmente em relação à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro que, conforme exposto nos diversos dados estatísticos trazidos à consideração por este estudo nas páginas anteriores, se vista de uma forma abrangente, e não apenas focando em aspectos particulares, não merece a má fama que lhe vem sendo atribuída.

104 Jornal Extra, sexta – feira, 21/08/2009, p. 4. Detalhes à página 212 desta dissertação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA DA SILVA, Edílson Márcio. **Jornalismo e construção social da realidade**. In revista praia vermelha, nº13, 2005.

ALTHEIDE, L. David. **Moral Panic: From sociological concept to public discourse**. In Crime Media & Culture vol 5, 2009. disponível em:
<http://cmc.sagepub.com/cgi/content/abstract/5/1/79>

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue: Um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: ed. Summus, 1985. Disponível em:
<http://books.google.com.br/books?id=YODWbhZWBRIC&dq>

ARISTÓTELES, **A política**, 14ª edição. Editora Ediouro, Rio de Janeiro, 1999.

ARPAN, M. Laura & RANEY, A. Arthur. **An Experimental Investigation of News-Source and the Hostile Media Effect**, Journalism and Mass Communication Quarterly, 80(2): 265-281. 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-estar Na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1998.

_____. **Medo Líquido**. Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2008.

BARATTA, Alessandro. **Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal**. 2. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999.

BARBOSA, Lívia. **O Jeitinho brasileiro**, Rio de Janeiro, ed. Campus, 1992.

BARREIROS, Eliane Pedreira. **As Representações Sociais da “Cidade Maravilhosa”: O Rio de Janeiro do Turismo**. Dissertação de Mestrado em Psicologia. UERJ, 2005.

BARTHES, Roland. **A câmara Clara**. Rio de Janeiro: ed. Nova fronteira, 1984.

BATISTA, Nilo. **Mídia e Sistema Penal no Capitalismo Tardio**. In Revista Brasileira de Ciências Criminais, nº43, São Paulo, 2003.

BENTLEY, Clyde, H. **Make my day: Ritual, dependency and Habit of Newspaper reading**. Doctorate Dissertation, School of Journalism and Communication. University of Oregon, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. Editora Papyrus, Campinas, 1996.

_____. **Structures, habits, practices**. In P. Bourdieu, The logic of practice (pp. 52-79). Stanford, CA: Stanford University Press, 1990.

_____. **Sobre a Televisão**. Jorge Zahar editor, Rio de Janeiro, 1997.

BRANDÃO, Luiz Eduardo T. **O dia: A volta por cima de um diário popular**. PUC, 1997. Disponível em <http://www.iag.puc-rio.br/~brandao/Pesquisa/O%20DIA%20case%20published.pdf>.

BREMAEKER, François, E.J. de. **O índice de Desenvolvimento Humano dos Municípios Brasileiros em 2000**. IBAM – Instituto Brasileiro de Administração Municipal. Rio de Janeiro, 2004.

CALDAS, Álvaro (Org). **Deu no Jornal – O Jornalismo Impresso na Era da Internet**. Rio de Janeiro, Ed. PUC Rio; São Paulo, Ed. Loyola, 2002.

CALDEIRA, Teresa P. **Cidade de Muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. Ed. 34/EDUSP. 2000. Disponível em: <http://books.google.com/books?id=NZyjOmbHseEC&dq=Cidade+de+Muros>

CANO, I; SENTO-SÉ, T.; RIBEIRO, E; SOUZA, F. **O impacto da violência no Rio de Janeiro**. Laboratório de Análise da Violência, UERJ, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em http://www.lav.uerj.br/docs/rel/2004/impacto_vio_rio_2004.pdf

CASTELLS, Manuel. **A Questão Urbana**. Rio de Janeiro, ed. Paz e Terra, 2000.

CERQUEIRA, Daniel *et al.* **Análise dos custos e conseqüências da violência no Brasil**. IPEA, 2007.

CHAUÍ, Marilena de S. **O que é ideologia**, 39ª edição, São Paulo: ed. Brasiliense, 1995.

CHOMSKY, Noam. **The Culture of Fear**. in Javier Giraldo, *Colombia: The Genocidal Democracy*. Common Courage Press, July, 1996. Disponível em <http://www.chomsky.info/articles/199607--.htm>

COHEN, Stanley. **Folk Devils and Moral Panics: The Criation of the Mods and Rockers**. M Robertson, Oxford, 1980.

DAEMON, Flora. **O jornalismo atrás das grades: uma história do presídio Evaristo de Moraes**. CONECO, UERJ. Rio de Janeiro, 2008.

DA MATTA, Roberto. **As raízes da violência no Brasil: reflexões de um antropólogo social**. in A violência brasileira. PINHEIRO, Paulo Sérgio (org). São Paulo, ed. Brasiliense, 1982.

DIDEROT, Denis. **Carta sobre os cegos endereçada àqueles que enxergam**. São Paulo: ed. Escala 2001.

_____. **Considerações sobre o belo**. Editora São José, Rio de Janeiro, 1950.

DEBORD, Guy. **Comentários sobre a sociedade do espetáculo**, Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 1997.

DOWDNEY, Luke. **Crianças do Tráfico: Um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro**. Ed. 7 Letras, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em <http://books.google.com.br/books?id=Fed10aDKXTsC>

DUMONT, Louis. **O individualismo**. Rio de Janeiro: ed. Rocco, 1993.

ELIAS, Norbert. **Civilização e violência. Sobre o monopólio estatal da violência física e sua transgressão**. In: Os alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro, ed. Jorge Zahar, 1997.

ELIPSEWEB comunicação. **Jornal O Dia – Campanha Um real**. Disponível em http://www.elipseweb.com.br/campanhas/camp_odia_real.html .

ESTEVIÃO, Gabriela Almeida. **Medo, exclusão e controle social**. Monografia de conclusão de curso. Faculdade de Direito, PUC-Rio, 2008.

FREITAS, Ricardo. **Simmel e a cidade moderna: uma contribuição aos estudos da comunicação e do consumo**. In Comunicação, Mídia e Consumo. Vol 4, nº 10. São Paulo, 2007.

FÓRUM de Segurança Pública. Anuário 2007. Disponível em http://www.forumseguranca.org.br/pdf/anuario_web.pdf

GALLO, Alex Eduardo. **Estudos da violência e suas intervenções**. VI semana de psicologia da UEM: Subjetividade e arte. Maringá, 2004.

GERBNER, George. **The Analysis of Communication Content: Developments in Scientific Theories and Computer Techniques**. University of Pennsylvania. 1969.

GIACOMELLI, Ivan. **Crêterios de noticiabilidade e o fotojornalismo**. In Discursos Fotográficos. Vol 4, nº 5, Universidade Estadual de Londrina, 2008.

GLASSNER, Barry. **The Culture of Fear: Why americans are afraid of the wrong things**. Basic Books, New York, 2000.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana**. 2ª edição, Petrópolis: ed. Vozes, 1983.

GOLDING, William. **The Lord of the Flies**, New York: Penguin books, 1999.

GUARESCHI, Pedrinho A. **O medo do crime, sensação de insegurança e o papel da mídia**. In Assembléia Legislativa do RS, Comissão de Cidadania e Direitos Humanos. (Org.). Relatório Azul 2006: Garantias e violações dos Direitos humanos do RS. Porto Alegre: CORAG, 2007.

GUNTHER, A.C., CHRISTEN, C. T., LIEBHART, J., & CHIA, C.-Y. S. **Congenial public, contrary press, and biased estimates of the climate of opinion**. *Public Opinion Quarterly*, n. 65, 2001. pgs 295-320.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: ed. Tempo Brasileiro, 1989.

HALL, Stuart. **Policing the crisis: Mugging, the State and law and order**. New York: Holmes & Meier, 1978.

HARDT, Michael. & NEGRI, Antônio. **Império**. 8ª ed. Record, Rio de Janeiro, 2006.

HARVEY, David. **The Condition of Posmodernity**. 1ª ed. Malden: Blackwell Publishing, 1990.

HELAL, Ronaldo & GORDON, César. **A Crise do Futebol Brasileiro**. Revista ECO-Pós, vol 5, nº1, pg 42. UFRJ, 2002.

HELVÉTIUS, Claude, Adrien. **De l'esprit; or Essays on the mind and its several faculties**. M. Jones & Paternoster-How, London, 1807. Digitalizado por *Google Books*, disponível em: <http://books.google.com/books?id=5UAAAAAAAAQAAJ>

HOLSTI, Ole R. **Content analysis for the social science and humanities**. Reading MA: Addison-Wesley. (1969).

HRYNIEWICZ, Severo. **Para filosofar: introdução à filosofia**. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1997.

HUXLEY, Aldous. **Retorno ao admirável mundo novo**. Ed. Hemus, São Paulo, 1959.

JODELET, Denise (org). **As Representações Sociais**. Ed. Eduerj, Rio de Janeiro, 2001.

KATZ, Jack. **What makes crime news?** *In: Media, Culture and Society* (SAGE, London, Beverly Hills, Newbury Park, and New Dhelli) vol. 9, 1987.

KAYSER-BRIL, Nicolas. **The world according to newspapers**. Media and Politics, March 2008. disponível em: <http://www.observatoiredesmedias.com/images/articles/cartogram/TheWorldAccordingTo3Newspapers.pdf> .

KELLING, George & COLE, Catherine. **Fixing Broken Windows: Restoring Order and Reducing the Crime in our communities**. Martin Kellers Books, 1996.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Cultura da violência e o medo do outro: observações sobre medos, violência e juventude no Brasil atual**. *In Revista de antropologia experimental*. Nº 4, 2004.

LYNCH, Stacy & Peer, Limor. **Analyzing newspaper content. A how-to guide**. Readership Institute, Northwestern University press, Chicago, 2002.

LORENZ, Konrad. **A agressão: Uma história natural do mal**. Moraes editores. Lisboa, 1974.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. **Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 19, n. 1, p. 53-84, jan./jun. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v19n1/v19n1a04.pdf>

MAFFESOLI, Michel. **O Ritmo da vida: Variações sobre o imaginário pós-moderno**. Ed. Record, Rio de Janeiro, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001

_____. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Ed. Unicamp, Campinas, 1989.

MALAGUTI BATISTA, Vera. **O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história**. 2ª edição, ed. Revan, Rio de Janeiro, 2003.

MARRAFON, M. A. **Uma crítica a três certezas Juspositivas e a busca de outro paradigma hermenêutico**. in Revista da Faculdade de Direito da UFPR, vol 36, 2001.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

_____. **Comunicação e Cidade: entre Medos e Meios**. Revista Novos Olhares, ECA/USP, São Paulo, 1998.

MARX, Karl & Engels, Friedrich. **A ideologia Alemã**. 11ª ed., ed. Hucitec, São paulo 1999.

MARX, Karl. **Pré-capitalist Economic Formations**. Disponível em <http://marx.eserver.org/1858-pre.capitalist.ec/>

MENDES, Andréia Almeida. **Pão de Açúcar: Uma ou várias motivações?** Anais do I Simpósio Internacional de Letras e Linguística. Pg 371. UFU, 2006

MENDONÇA, Kléber dos Santos. **Discurso e mídia: de tramas, imagens e sentidos: um estudo do Linha Direta**. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social. UFF, Niterói, 2001.

MISSE, Michel. **Sobre a construção social do crime no Brasil. Esboços de uma interpretação**. 1999. Biblioteca Virtual Comunidade Segura. Disponível em www.comunidadesegura.org

MOYER, KE. **Kinds of aggression and their physiological basis**. Communications in Behavioral Biology. *New York, 1968*.

MORAIS, Marcelo, A. **O Medo da (na) Metrópole: Uma breve análise da violência urbana à luz do filme “A Vila”, de Night Shyamalan**. Anais do 2º Simpósio o Rural e o Urbano no Brasil. Uerj, Rio de Janeiro, 2009.

MOSCOVICI, Serge. **Das Representações Coletivas às Representações Sociais: Elementos para uma História.** In JODELET, D. (org). *As Representações Sociais*. Eduerj, Rio de Janeiro, 2001.

_____. **Social Representations Theory and Social Constructionism.** 1997.
Disponível em <http://psyberlink.flogiston.ru/internet/bits/mosc1.htm>

PARK, Robert Ezra. **A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano.** In *O fenômeno Urbano. Textos básicos de ciências sociais*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1967.

ODALIA, Nilo. **O que é a violência.** Coleção primeiros passos, 1ª edição, brasiliense, São Paulo, 1983.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à Vista! Discurso do confronto.** Ed. Unicamp, São Paulo, 1990.

_____. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos.** Ed. Pontes, Campinas, 1999.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A produção do discurso de informação num jornal sensacionalista.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1983. Disponível em:
<http://books.google.com.br/books?id=KOzZjWY1NNMC&dq>

PINTO, M. J. **Discurso e violência.** ed. Semiosfera, v. Esp., Rio de Janeiro, 2003.

PINKER, Steven. **A tabula rasa: a negação contemporânea da natureza humana.** São Paulo: ed.Cia. das Letras, 2004.

POTTER, James W. **The problem of indexing risk of viewing television aggression.** in *Critical Mass Communication* vol 14, nº 3, september, 1997.

O QUARTO PODER (*Mad City*) Direção de Costa-Gravas. Com Dustin Hofman e John Travolta. Título Original: *Mad City*. Warner Brothers, EUA, 1997.

RAMOS, Silvia. **Mídia e violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil.** Rio de Janeiro, IUPERJ, 2007. Disponível em:
http://www.ucamcesec.com.br/pb_lvr_texto.php?cod_proj=18

RAMOS, Fabiana Pinheiro & NOVO, Helerina Aparecida. **Mídia, Violência e Alteridade: Um estudo de caso.** In *Estudos de Psicologia* 2003 8(3) p.491-497. Disponível em:
<http://www.bvsde.paho.org/bvsacd/cd26/fulltexts/0161.pdf>

REIMAN, Jeffrey. **The richer get richer & the poor get prison: Ideology, Crime and Criminal Justice.** Allin & Bacon, Boston, 1995. Disponível em:
<http://paulsjusticepage.com/reiman.htm>

RIFFE, D. & LACY, S. & FICO, F. **Analyzing Media Messages: Using Quantitative Content Analysis in Research.** Lawrence Erlbaum Associates. Mahwah, NJ. 1998.

- RONDELLI, Elizabeth. **Imagens da violência e práticas discursivas**. *in* Linguagens da violência. ed Rocco, Rio de Janeiro, 2000.
- ROSS, Edward A. **Principles of Sociology**. 3 ed. Appleton-Century, New York, 1938.
- SAMUELSON & NORDHAUS. **Economia**. ed. Macgraw-Hill, 12.edição, Lisboa, 1988.
- SANCHÉZ, Beatriz Adriana Komavli de. **Criminalização na notícia policial: uma abordagem discursiva do processo designativo**. Mestrado em Letras. UERJ, 2006.
- SCHUDSON, Michael. **Discovering the news: a social history of american newspapers**. Basic Books, New York, 1978.
- _____. **The Power of News**. Harvard university Press. Cambridge, 1995.
- SEMINÁRIO INTERNACIONAL MÍDIA E VIOLÊNCIA. Escola de Comunicação, UFRJ, Rio de Janeiro, 26 e 27 de março de 2009.
- SERNAU, Scott. **Worlds Apart; social inequalities in global economy**. Pine Forge Press, 2006.
- SERRA, Antônio. **O desvio nosso de cada dia**. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 1980.
- SHAW, E. F. **Agenda-setting and mass communication theory**. *Gazette*, 25(2), 1979.
- SHOEMAKER, Pamela & REESE, Stephen. **Mediating the message: Theories of influences on mass media content**. Second edition, Longman group, New York, 1996.
- SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Estudos em Jornalismo e Mídia. Florianópolis, v.2, n.1, pg 95-107. 2005.
- SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**. 1ª ed, editora Martins Fontes, Rio de Janeiro, 2003
- SOARES, Luis Eduardo. **Uma interpretação do Brasil para contextualizar a violência**. *in* Linguagens da violência. ed Rocco, Rio de Janeiro, 2000.
- SODRÉ, Muniz; **A comunicação do grotesco: um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: ed. Vozes, 7ª Edição, 1978.
- SOUZA, Tânia C. C. **A análise do não-verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação**. Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP, Campinas, SP, v. 7, 2001.
- SOARES, Ismar de Oliveira. (Org). **Para uma leitura crítica dos jornais**. São Paulo, Ed. Paulinas, 1989.
- _____. **Para uma leitura crítica da publicidade**. 2ª ed., São Paulo, Ed. Paulinas, 1988.
- STOICA, Dan. **Publicity and Advertising. Are they at war?** Paper. 2005. disponível em: <http://www.labcom.ubi.pt/~boce/pag/stoica-dan-publicity-and-advertising.pdf>

THOMPSON, John, B. **The media and the modernity: a social theory of the media.** Stanford University Press, Stanford, CA, 1996.

TOZI, Renzo, **Dicionário de sentenças latinas e gregas.** ed. Martins Fontes, São Paulo, 1996.

TSE - TUNG, Mao. **On the Chungking Negotiations.** In Selected Works of Mao Tse – Tung. Foreign Language Press, Peking, 1969.

VAZ, Paulo ; CAVALCANTI, Mariana ; SÁ-CARVALHO, Carolina ; JULIÃO, Luciana. **Pobreza e risco: a imagem da favela no noticiário do crime.** Revista Fronteiras: Estudos midiáticos. v.7 nº 2, UNISINOS, São Leopoldo, 2005.

VELHO, Gilberto. **Estudo do comportamento desviante.** in Desvio e Divergência: Uma crítica da patologia social. 7ª edição, Jorge Zahar editor, Rio de Janeiro, 1985.

VELHO, Gilberto, **Individualismo e cultura,** ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1997.

_____. **Desvio e divergência: uma crítica da patologia social.** 7ª ed. Jorge Zahar editor, 1985.

VERÓN, Eliseo. **A análise do contrato de leitura: um novo método para os estudos de posicionamento de suportes impressos.** UFES, Vitória, 1999.

A VILA (*The Village*). Direção: Night Shyamalan. *Touchstone Pictures*, EUA, 2004.

WACQUANT, Loïc. **Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos:** Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 2001.

WILSON, James Q. & KELLING, George L. **Broken Windows: the police and neighborhood safety.** Disponível em: http://www.manhattan-institute.org/pdf/atlantic_monthly-broken_windows.pdf

WORLD SOCIAL SUMMIT. **Fear in the mega-cities: research synthesis report.** Rome, 24-26 september, 2008. *available on* <http://www2.worldsocialsummit.org/eng/pdf/enresearch.pdf>

ZALUAR, Alba. **Youth, violence and drug trafficking in Rio de Janeiro,** 2008. Disponível em: http://www.epi2008.com.br/programacao/arquivos_download_22.php